



ANDREA CREMER

DUELO AO LUAR

Nightshade – vol.3





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Obras da autora publicadas pela Galera Record

Série Nightshade

Sob a luz da lua

Lua de sangue

Duelo ao luar

ANDREA CREMER

DUELO AO LUAR

Tradução de
Flávia Neves

1ª edição



G A L E R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Cremer, Andrea R.

C937d

Duelo ao luar / Andrea Cremer; tradução Flávia Neves. – 1ª. ed. –
Rio de Janeiro: Galera Record, 2014.

(Nightshade; 3)

Tradução de: Bloodrose

Sequência de: Lua de sangue

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso:
World Wide Web

ISBN 978-85-01-05032-8 (recurso eletrônico)

1. Literatura americana. 2. Romance americano. I. Neves, Flávia.
II. Título. III. Série.

13-05132

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original em inglês:

BLOODROSE

Copyright © 2012 by Broken Foot Productions, Inc.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de
quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System Design de capa: Renata
Vidal

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000, que se

reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-05032-8

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para os meus pais.

Estou prestes a realizar minha última viagem, um grande salto na escuridão.

— Thomas Hobbes

AR
PARTE I

UM



Dava para ouvir cada uma das batidas pesadas do meu coração. O som parecia ecoar a partir das veias para fora do corpo e viajar pelo espaço vazio entre o portal reluzente e a casa escura.

Ele estava lá. Eu não tinha dúvidas. Embora não pudesse vê-lo ou sequer sentir o mais leve vestígio de seu cheiro quente e misterioso, sabia que ele estava lá. Esperando por mim. Mas por quê? Por que Ren viria a este lugar solitário?

Percorri os olhos pelas sombras que se retorciam feito nuvens deslizando sobre a lua e que me faziam lembrar muito dos espectros. Fitei o céu para não ter de olhar para as casas nem para as fachadas esqueléticas daquelas cujas construções ainda estavam inacabadas. O tempo ali havia congelado. O cume da montanha, desmatado para dar lugar ao anel de casas e à rua sem saída, sussurrava um passado irrecuperável. O extenso condomínio Haldis — ou o que teria sido o condomínio Haldis — estava à minha frente, composto de casas luxuosas, construídas exclusivamente para a matilha que Ren e eu lideraríamos juntos. O refúgio de nossa matilha. Nosso lar.

Virei-me para olhar Adne, tentando disfarçar minha tremedeira.

— Fique escondida. Você vai me ouvir se surgir algum problema e se eu aparecer correndo é bom abrir o portal rapidamente. Não importa o que aconteça, não venha atrás de mim.

— Combinado — respondeu ela, já recuando em direção à floresta. — Obrigada, Calla.

Assenti com a cabeça antes de me transformar em lobo. Adne desapareceu nas sombras. Quando tive certeza de que ninguém conseguiria detectá-la, comecei a espreitar a casa. As janelas estavam escuras, o local silencioso. Para todos os efeitos, a casa estava vazia, mas eu sabia que não estava.

Deixei o focinho baixo, testando o ar. Tínhamos chegado ao condomínio pela direção contrária ao vento, o que me fez sentir vulnerável. Eu não seria capaz de captar o cheiro de alguém escondido pelo véu da escuridão até estar praticamente em cima da pessoa. Minhas orelhas moviam-se para frente e para trás, alertas,

atentas a qualquer sinal de vida. Não havia nada. Nenhum coelho correndo para se esconder sob um arbusto, nem tampouco pássaros noturnos voando no céu. Esse lugar não estava apenas abandonado, parecia amaldiçoado, como se nada se atrevesse a por os pés nos limites daquela clareira.

Aumentei a velocidade, diminuindo a distância até a casa, saltando montes de neve, as garras raspando em rios de gelo que congelaram sobre a calçada. Quando cheguei aos degraus da frente da casa parei e cheirei o solo. Meus olhos seguiram marcas recentes de patas, que se tornaram pegadas de botas ao chegarem aos degraus. O cheiro de Ren era pungente, fresco. Ele havia chegado um pouco antes de nós. Fui lentamente em direção à varanda, mudando de volta para a forma humana para poder abrir a porta de tela. Girei a maçaneta com cuidado. A casa não estava trancada. Abri a porta e fez-se um leve rangido, nada mais. Entrei com cuidado, fechei a porta e passei a tranca. Se alguém viesse atrás de mim, queria ser alertada de sua chegada.

Voltei à forma de lobo e cruzei o hall de entrada, farejando o cheiro de Ren até a escada principal. Tentei não me encolher ao passar pela entrada da sala de jantar. Uma linda mesa de carvalho, provavelmente antiga, rodeada de cadeiras. Quatro de cada lado e uma em cada cabeceira. Dez. Era fácil demais imaginar nossas refeições ali. Nossa matilha unida, às gargalhadas, brincando, sentindo a afinidade.

Subi a escada lentamente, torcendo para que as unhas não estivessem fazendo barulho sobre a madeira. Ao chegar ao segundo andar, fiz uma pausa e ouvi o ambiente. A casa respondia apenas com o silêncio. Ainda trilhando o caminho de Ren, passei por três quartos e um banheiro até chegar a uma porta no fim do corredor. Meu coração batia contra o peito quando entrei na suíte master.

Tendo dado só alguns passos para dentro, parei. Fios de luar enrolavam-se para dentro do quarto, iluminavam a cama imponente, cheia de travesseiros de cetim, drapeada com roupa de cama *jacquard*, pilares de ébano altos e chamativos em cada um dos quatro cantos. Dois armários iguais repousavam contra uma das paredes. Ao lado, uma penteadeira espelhada e um sofá estavam posicionados de frente para a cama.

O cheiro de Ren estava por toda parte. O aroma de madeira antiga pairava no céu frio de outono, uma essência suave da defumação de couro gasto, a fragrância sedutora de sândalo. Fechei os olhos, deixando o perfume de Ren me invadir, me preenchendo assim como as lembranças. A sensação durou alguns instantes até que eu fosse capaz de sacudir o pescoço, afugentando o passado ao tentar me focar no presente.

A luz de fora era filtrada por amplas janelas salientes com assento acoplado. Encolhido debaixo das janelas, parcialmente encoberto pela sombra, estava Ren. Muito quieto, cabeça apoiada nas patas. E me encarando.

Ficamos assim, imóveis, observando um ao outro, por um tempo que pareceu uma eternidade. Finalmente me forcei a dar um passo à frente. Ele ergueu a cabeça em um estalo e os pelos de seu pescoço ficaram eriçados. Ouvi seu rosnado baixo e ameaçador. Parei e controlei o impulso de rosnar também.

Ele se levantou, ainda rosnando, e começou a andar para frente e para trás debaixo da janela. Dei outro passo à frente. Seus caninos brilharam quando ele deu um latido de advertência. Baixei a cabeça para descartar qualquer sinal de agressividade. Não adiantou.

Os músculos de Ren retesaram-se, e ele saltou para cima de mim, me acertando na lateral do corpo. Soltei um ganido enquanto deslizávamos pelo piso de madeira. As presas dele fecharam com força só um pouquinho acima do meu ombro e girei para longe dele. Levantei com dificuldade e desviei quando ele avançou novamente. Senti o calor do seu hálito e seus dentes afiados roçarem em meus quadris. Fiz um giro, rosnei e o encarei, me preparando para o próximo ataque. Quando ele se lançou na terceira investida, mas seus dentes não cortaram minha carne, percebi o que estava acontecendo. Ren não queria me machucar. Estava apenas querendo me afugentar.

Endireitando os ombros, lati para ele.

Pare!

Fitei seus olhos escuros, que estavam em chamas.

Por que não me encara? Ele arreganhou os dentes.

Não tirei os olhos dele, fazendo lentamente um círculo enquanto ele me cercava.

Não vim aqui para lutar.

Desta vez, quando ele investiu contra mim, não me movi. Seu focinho estava a centímetros de distância do meu e ele rosnou, mas não me encolhi.

Não deveria ter vindo aqui se não está pronta para lutar.

Estou sempre pronta para lutar. Mostrei os dentes para ele. *Mas isso não significa que eu queira lutar.*

O rosnado barulhento de Ren foi desvanecendo. Ele baixou a cabeça, dando as costas para mim e voltando para a janela, onde ficou fitando o céu.

Você não deveria estar aqui.

Eu sei. Andei levemente na direção dele. *Nem você.*

Quando ele se virou para me encarar, mudei para a forma humana.

O lobo acinzentado piscou e então Ren estava de pé diante de mim, fitando meu rosto.

— Porque você está aqui? — perguntou.

— Faço a mesma pergunta — disse, mordendo o lábio. Não estava lá pelo fato de Ren passar o tempo em uma casa vazia construída para nós dois. Mas era difícil não pensar nisso. Estar neste quarto, nesta montanha, nesta casa, tudo parecia dizer respeito a nós dois. Mal conseguia me lembrar do mundo exterior. Dos Inquisidores.

Da guerra.

Os olhos de Ren brilharam, mas logo se tornaram sem vida.

— É um bom lugar para ficar sozinho — disse.

— Sinto muito — falei. As palavras parecendo gelo em minha garganta.

— Pelo quê, exatamente? — O sorriso dele era afiado feito uma navalha e me intimidei.

— Por tudo. — Não conseguia encará-lo, então andei pelo quarto, sem olhar para nada em particular, passando por um móvel com gavetas vazias. Por uma cama onde ninguém dormiria.

— Tudo — repetiu ele.

Eu tinha atravessado o quarto e estava de pé, do outro lado da cama, quando me virei e o encarei.

— Ren, vim para ajudar você. As coisas não precisam ser assim.

— Não precisam? — perguntou ele.

— Você não precisa ficar aqui.

— Por que eu iria embora? — perguntou. — Esta é minha casa. — Os dedos dele roçaram a superfície acetinada da roupa de cama. — Nossa casa.

— Não, não é. — Agarrei um dos pilares da cama. — Não escolhemos isso. Escolheram por nós.

— Você não escolheu isso. — Ele foi para a outra ponta da cama. — Achei que fôssemos ter uma vida boa aqui.

— Talvez. — Minhas unhas cravaram na madeira envernizada. — Mas não foi uma escolha de verdade. Mesmo que tivesse sido bom.

— Você nunca quis isso. Quis? — Os punhos dele estavam fechados nas laterais do corpo.

— Não sei — respondi. Meu coração batia rápido demais. — Nunca me perguntei o que queria.

— Então por que você fugiu? — perguntou Ren.

— Você sabe por quê — respondi delicadamente.

— Por causa dele — vociferou Ren, agarrando um travesseiro e o arremessando para o outro lado do quarto. Dei um passo para trás, esforçando-me para manter a calma.

— Não é tão simples assim — respondi. No momento em que ele mencionou Shay, algo dentro de mim se agitou. Eu ainda estava triste, só que mais fortalecida. Shay não havia apenas mudado a trajetória da minha vida. Ele havia me transformado. Não, transformado não. Ele havia me ajudado a lutar por minha verdadeira identidade. Agora cabia a mim ajudar Ren a fazer o mesmo.

— Não é? — Ele me encarou.

— Você teria sido capaz de matá-lo? — perguntei, sustentando o olhar dele. —

Era assim que planejava começar uma vida comigo?

Parte de mim não queria saber a resposta. Será que ele realmente desejava ver Shay morto? Se eu estivesse equivocada a respeito de Ren, ter vindo aqui foi um erro terrível. Lutaríamos, e eu precisaria matá-lo. Ou ele me mataria.

Ele mostrou seus caninos afiados e então suspirou.

— Claro que não.

Fui lentamente para o outro lado da cama.

— Essa era a única vida que eles teriam oferecido para a gente. Matar as pessoas que precisam ser ajudadas.

Imóvel feito uma estátua, ele observou minha aproximação.

— Os Defensores são os inimigos, Ren — disse a ele. — A gente estava lutando do lado errado desta guerra.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Agora conheço os Inquisidores — respondi. — Confio neles. Eles me ajudaram a resgatar nossa matilha.

O sorriso dele era amargo.

— Alguns deles — disse Ren.

— Os demais fizeram suas escolhas.

— E eu não fiz? — Seus olhos estavam negros feito uma pedra obsidiana, com raiva. Mas não achei que a raiva estivesse direcionada para mim.

Quando fechei os olhos por um instante, incapaz de aguentar a torrente de arrependimento que transbordava do olhar de Ren, estava de volta à Vail, em uma cela muito abaixo da Eden. Me lembrei do desespero na voz de Ren e do medo na minha própria voz.

“Eles disseram que preciso fazer isso.”

“Fazer o quê?”

“Domar você.”

Estremeci com a lembrança que me invadiu, de meu corpo chocando-se contra a parede, do gosto de sangue na boca. Me forcei a voltar para o quarto e ao ver a expressão de mal-estar em Ren, soube que mentalmente ele tinha ido ao mesmo lugar que eu fui.

Engoli a saliva e entrelacei as mãos para que não tremessem.

— Espero que não.

Ele não respondeu, mas me fitou.

— Não acredito que você quisesse me machucar — falei. — E não acredito que teria feito isso, mesmo que Monroe não tivesse...

As palavras secaram em minha garganta. Era verdade, mas isso não afugentava a lembrança. O horror daqueles momentos estava marcado em meus ossos.

— Não teria — sussurrou Ren.

Fiz que sim com a cabeça, mesmo sem ter certeza se acreditava naquilo. O que importava agora era tirá-lo dali e afastá-lo do mundo que o corrompia e o transformava em alguém capaz de me fazer mal. Ele começou a erguer uma das mãos, como se fosse tocar em meu rosto, mas então a deixou cair novamente.

— Os Inquisidores mandaram você vir atrás de mim?

— Mais ou menos.

Ele arqueou uma das sobrancelhas.

— Monroe queria encontrá-lo — contei.

Ren trincou os dentes.

— O homem que meu... O homem que Emile matou.

Notei a maneira como Ren se interrompeu. Ele não queria chamar Emile de pai.

— Ren. — Avancei e peguei na mão dele. — Você sabe?

Os dedos dele apertaram os meus.

— É verdade? Emile matou minha mãe?

Confirmei com a cabeça e senti as lágrimas brotarem dos olhos.

Ele puxou a mão da minha e enfiou os dedos pelos cabelos pretos, pressionando as têmporas. Os ombros de Ren começaram a tremer.

— Eu sinto tanto.

— Aquele homem. — A voz de Ren falhou. — Aquele homem, Monroe. Ele era o meu verdadeiro pai, não era?

Olhei para Ren, me perguntando como ele havia conseguido juntar todas as peças.

— Como você sabe?

Não muito tempo havia se passado entre a luta nas profundezas da Eden e aquele momento de tensão em que nos encontrávamos, quando eu olhava para Ren. Conhecia-o desde que éramos filhotinhos, mas sentia que nas últimas 24 horas havíamos envelhecido décadas.

Emile começou a rir. Ren continuava agachado entre o pai e o Inquisidor, com seus olhos cor de carvão em chamas, enquanto observava Monroe baixar as espadas.

— Não vou machucar o garoto — disse Monroe. — Você sabe disso.

— Eu imaginei — disse Emile, com olhos brilhantes, para os jovens lobos que rosnavam. — Quero ter certeza de que ele não vai escapar. Chegou a hora de Ren vingar a mãe.

— Ren, não! Ele está mentindo. É tudo mentira! — gritei. — Venha com a gente!

— Ela não é mais uma de nós — vociferou Emile. — Lembre-se de como o tratou, de como virou as costas para todos nós. Fareje o ar, garoto. Ela fede a Inquisidor. É uma traidora e uma vadia.

Ele me encarou e cambaleei para trás ao me deparar com o fogo, cheio de cólera, em seus olhos.

— Não se preocupe, bonitinha. O seu dia está chegando. Mais cedo do que imagina.

Dei um puxão para o lado quando Connor me agarrou pelo braço e me puxou com força até a porta agora já sem segurança.

— Não podemos deixá-lo — gritei.

— Precisamos ir. — Connor se chocou contra mim enquanto eu lutava para tentar me libertar, mas ele recobrou o equilíbrio rapidamente e me prendeu com os braços.

— Me deixa lutar! — protestei, desesperada para voltar, mas sem querer machucar o Inquisidor que me arrastava pelo braço.

— Não! — O rosto de Connor estava como pedra. — Você o ouviu. Vamos embora. E se virar lobo para cima de mim, juro que dou um murro em você.

— Por favor. — Meus olhos arderam quando vi os dentes afiados de Ren brilharem e preendi a respiração quando Monroe soltou as espadas.

— O que ele está fazendo? — exclamei, desviando quando Connor tentou me agarrar novamente.

— Esta luta é dele agora — respondeu ele entredentes. — Não é nossa.

Ren deu um salto para trás quando as espadas tombaram no chão à sua frente. Seus pelos continuavam arrepiados, mas seu rosnado cessou.

— Me escute, Ren — pediu Monroe, agachando-se para que pudesse encarar Ren olho a olho, ignorando os outros lobos que se aproximavam com uma lentidão cruel. — Você ainda tem escolha. Venha comigo e descubra quem você realmente é. Deixe tudo isto para trás.

O latido curto e agudo de Ren se transformou em um ganido confuso. Os outros três lobos continuaram espreitando o Inquisidor, indiferentes ao fato de que o inimigo havia baixado os braços abruptamente.

Connor me envolveu pelo pescoço, dando uma gravata dolorosa.

— Não posso assistir a isso — protestou ele, me arrastando lentamente para fora da cela.

— Ren, por favor! — gritei. — Não escolha eles! Escolha a mim!

Ren se virou ao ouvir o desespero em minha voz e observou Connor me puxando para a porta da saída. Mudou de forma, olhando com espanto para as mãos estendidas de Monroe, dando um passo na direção dele.

— Quem é você?

Monroe falou com voz trêmula:

— Sou...

— Chega! Você é um idiota, garoto — vociferou Emile para Ren antes de sorrir para Monroe. — Igual ao seu pai.

E então ele deu um salto e se transformou em lobo — pelos grossos e espessos

com garras e presas afiadas. Vi quando se chocou contra Monroe, com suas presas ao redor da garganta do homem desarmado, um segundo antes de me virarem bruscamente de costas.

Ren não me olhou quando falou, libertando-me daquele borrão de lembranças.

— Quando ele baixou as espadas, achei que estivesse louco. Talvez fosse um suicida. Mas havia algo no cheiro dele. Era familiar, como se já o conhecesse.

Notei o esforço dele para falar.

— Mas o que Emile disse. Não entendi a princípio. Até ele... até Monroe começar a sangrar. O cheiro do sangue. Soube ali que havia uma conexão.

— Ele amava sua mãe. — Minhas lágrimas corriam tão quentes que poderia jurar que estavam deixando a face marcada. — Tentou ajudá-la a escapar. Um grupo de Bane queria se rebelar.

— Quando eu tinha 1 ano — comentou ele.

— É.

Ren se sentou na cama, o rosto enterrado nas mãos.

— Monroe deixou uma carta. — Ajoelhei na frente dele. — Ele queria que a gente trouxesse você conosco.

— Já não importa mais — retrucou Ren.

— Como pode dizer isso?

Ele ergueu o rosto. Sua expressão destroçada me atingiu como unhas no peito.

— Onde eu me encaixaria, Calla? Não tenho um lugar naquele mundo. Mesmo que minha mãe tenha tentado ir para lá e que meu pai fosse de lá. Os dois se foram. Estão mortos. Mortos por causa da vida a que pertencço. Não tem nada que me ligue aos Inquisidores. Eu seria apenas um inimigo para eles.

Eu o entendia perfeitamente. Ambos havíamos perdido tanto. Nossa matilha fora despedaçada. Nossas famílias destruídas. Mas ainda havia esperança. Os próprios Inquisidores provaram isso quando lutei ao lado deles. Não eram muito diferentes dos Guardiões. Éramos todos guerreiros e derramaríamos sangue uns pelos outros. Nossos inimigos haviam tornado-se nossos amigos, e os lobos poderiam encontrar um novo lar entre os Inquisidores. Eu acreditava nisso, mas precisava que Ren também acreditasse.

Peguei suas mãos e apertei seus dedos com força.

— Você tem, sim, uma ligação com os Inquisidores.

— O quê? — Ele se surpreendeu com a ferocidade das minhas palavras.

— Monroe tem uma filha. Chama-se Ariadne.

— Ele tem uma filha? — perguntou Ren.

— Você tem uma irmã. Meia-irmã.

— Quem é a mãe dela? — Ele ficou paralisado e um turbilhão de emoções agitava-se em seus olhos.

— Uma mulher que ajudou Monroe quando ele estava de luto por Corrine. Mas a mãe de Adne também morreu.

Baixei a cabeça, pensando em quantas pessoas essa guerra havia destruído. Afugentei essa dor e tentei me concentrar em Ren.

— Ela é dois anos mais nova que a gente. E é o motivo pelo qual estou aqui.

— Ela é o motivo — repetiu ele.

— É — respondi e franzi a testa quando ele fez uma careta. — Precisamos ir embora.

— Você precisa ir embora — murmurou Ren. — Eles querem você e Shay. Mesmo com uma irmã, não me encaixo nesta equação.

As palavras de Ren foram como um tapa na cara.

— Não é suficiente. — Ele me fitou com tristeza. — Ela é uma Inquisidora. Eu sou um Guardião. O que eu sou sem uma matilha?

Meu estômago embrulhou. Quantas vezes eu havia feito essa mesma pergunta a mim mesma? A matilha era a essência de um alfa. Havíamos nascido para liderar, para viver entre os nossos. Desse ponto de vista, a vida realmente perdia o sentido.

Os olhos dele estavam sobre mim.

— O que você quer?

— O quê? — Olhei para ele, confusa.

— Pode me dar um motivo para eu ir com você?

— Já dei — respondi, estremecendo ao assimilar as palavras de Ren.

— Não — retrucou ele, inclinando-se sobre mim. — Você me deu motivos, mas não o seu motivo.

— Mas... — falei hesitante, rouca.

Ele passou os dedos pelo caminho que minhas lágrimas haviam percorrido. Foi um toque leve, mal roçou minha face. Mas pareciam que labaredas perseguiam-se em minha pele.

— Me dê um motivo, Calla — sussurrou ele.

Fitei Ren. O sangue trovoava em meus ouvidos. Minhas veias estavam em chamas.

Não tinha nenhuma dúvida do que ele realmente queria. Mas eu não poderia dar isso a ele.

Os olhos escuros de Ren estavam cheios de dor, uma dor para qual ele acreditava que eu fosse o único alívio.

— Ren — sussurrei. — Quero...

E então eu estava me inclinando sobre ele, meu cabelo repicado tocando seu rosto quando me curvei e o beijei. Nossos lábios se encontraram, e senti que mergulhava no esquecimento. O beijo tornou-se mais intenso, urgente, faminto. Ele me ergueu e prendi minhas pernas ao redor de sua cintura, moldando meu corpo no dele. Nossos

beijos eram tão carentes, longos e selvagens, que eu mal conseguia respirar. Ele me deitou na cama. Nossa cama.

As mãos dele escorregaram por debaixo da minha camisa, acariciando meu estômago, subindo, empurrando o sutiã para o lado. Gemi e mordi o lábio dele, deleitando-me com todo o peso dele sobre mim enquanto nossos corpos começavam a se mover conjuntamente.

Minha pele ganhava vida a cada toque de seus dedos, crepitando como madeira seca em contato com a chama de um fósforo. Purgando o medo. Purgando a tristeza. Purgando as perdas.

Ouvi meu próprio gemido de prazer quando a boca de Ren percorreu o mesmo percurso das mãos e me esforcei para recobrar a razão em face aquela sensação tórrida.

Não devia estar fazendo isso. Não posso estar fazendo isso.

Vacilei ao evocar a imagem de Shay. Foi ele quem abriu este mundo para mim. As mãos dele, o corpo dele foi o que ateou fogo em minha alma pela primeira vez. Eu o desejara terrivelmente e no momento em que tive certeza de que Ren estava perdido, que havia escolhido o caminho dos Defensores, suprimi minha dor ao me deixar levar pela corrente do desejo que sentia por Shay.

Mas e se Ren ainda não tivesse feito sua escolha? E se o tivéssemos deixado para trás cedo demais? E se Monroe estivesse certo?

No passado, quando estive diante de momentos como este com Ren, eu teria me reprimido por causa das Leis dos Defensores, com medo de ceder à paixão que queimava dentro de mim.

Eu amava Shay. Sobre isso, não tinha dúvidas. Mas não podia negar o sentimento poderoso que tinha por Ren, ao desejo tão intenso que ele sentia por mim. Me perguntei se não haveria uma ligação entre nós que não poderia ser quebrada, vinda de nossos passados em comum, nascida da dor de nossas vidas como Guardiões. Essa ligação seria mais forte que o novo amor que havia nascido entre mim e Shay?

As mãos de Ren deslizaram por entre minhas coxas e estremeci. Meu corpo sabia o que estava por vir e suplicava por mais. Se eu tinha alguma noção de que estar com Shay havia apaziguado meu desejo pelas carícias de Ren, tal ideia tinha sido varrida da cabeça naquele instante. Na noite no jardim com Shay, eu havia experimentado pela primeira vez os segredos dos amantes e agora estava intoxicada pela vontade de descobrir as formas com as quais Ren daria vida ao meu corpo. E me perguntei se dar a ele esse prazer talvez afugentasse de alguma maneira os horrores que ele tinha enfrentado por minha causa. Seu toque me fez viajar no tempo, para um passado em que estávamos juntos como sempre quis o destino. Quando minha mãe ainda estava viva e meu irmão não tinha sido desfeito.

Os lábios dele estavam sobre os meus outra vez. Entrelacei meus dedos em seus

cabelos escuros.

— Amo você — murmurou ele, interrompendo o beijo por um instante. — Sempre te amei.

Meu coração pareceu falhar por um instante.

— Eu...

Parecia que Shay estava lá, sussurrando em meu ouvido.

— *Você o amava.*

— *Amava.*

— *Mas não do jeito que me ama.*

— *Eu te amo.*

Shay. Eu só havia pronunciado essas palavras para Shay. Não queria que isso mudasse.

Que diabos estou fazendo? Eu amei Ren. Ainda o amava. Mas este lugar, esses fantasmas íntimos que me mantinham neste quarto, nesta cama, murmúrios de promessas passadas e sonhos roubados, nada disso fazia mais parte de minha vida. Permanecer ali, não importando quais fossem meus sentimentos, apenas nos impedia de fugir de um destino que não havíamos escolhido para nós.

Minha pulsação estava acelerada. Ren voltou a me beijar, mas agora eu me sentia nos braços de um espírito inquieto que me assombrava e não do amante que eu desejava.

— Espera — sussurrei. — Por favor, espera.

— Não faz isso — disse ele, beijando meu pescoço. — Não faz isso, Calla. Não tenta fugir. Fica aqui. Fica comigo.

Será que ele não enxergava? Não existia o aqui. O lugar estava vazio, cheio de nada além de tristeza e — se ali permanecêssemos — morte.

— Ren — disse delicadamente, porém com firmeza. Eu estava começando a entrar em pânico, mas não queria deixar transparecer. Era preciso medir cada palavra, cada movimento com o máximo de cuidado. Se dissesse algo errado, faria Ren correr de volta para os Defensores. Mesmo que eu não fosse capaz de estar com ele do jeito que ele queria, não ali, não naquele momento — talvez nunca — também não iria perdê-lo.

— Não é seguro.

— O quê? — Ele endireitou a postura, piscando confuso para mim. — Ah. Ah, é claro. Olha, Calla, sinto muito pelas outras garotas. Sei que deve ser estranho para você, e não foi legal, mas juro que sempre tomei cuidado. Sou totalmente saudável. Não tem perigo.

Olhei para ele e então caí na risada.

— Não estou mentindo — afirmou, parecendo levemente ofendido com meu acesso de riso.

— Não — respondi, tentando recuperar o fôlego. — Acredito em você.

— Que bom. — Ele sorriu e se inclinou para mais um beijo. Contudo, me desvencilhei. O desejo que havia me deixado desprevenida assim que encontrei Ren não me pegaria novamente. Este lugar era perigoso para nós dois.

— Não — repeti. — Quis dizer que não é seguro, porque as pessoas que construíram esta casa me querem morta. Estamos usando um tempo do qual não dispomos. Precisamos ir.

— Ainda não. — Ele veio para mim. — Não estamos em perigo. Ninguém vem aqui. Nunca.

Suas palavras me deixaram arrepiada ao imaginar quantas vezes Ren teria vindo até aqui. Quantas vezes tinha sido forçado a ser mais um lobo solitário do que o alfa da matilha?

— É, mas ainda assim. — Dei um passo para o lado para me esquivar de suas mãos. — Adne está me esperando lá fora. Sua irmã. — A expressão no rosto de Ren se alterou, desejo e frustração dando lugar ao assombro.

— Minha irmã — murmurou ele. Gravei essa reação na memória, pois talvez fosse precisar dela outra vez. Os instintos de alfa de Ren, a necessidade dele de me reivindicar, poderiam ser desviados com a alusão a Adne. Ela era a família de que ele *verdadeiramente* precisava. A irmã era sua única ligação com o passado que lhe oferecia salvação da brutalidade de Emile. Da dor de saber que sua mãe tinha sido morta pelos Defensores e de que nunca chegou a conhecer o verdadeiro pai.

— Podemos falar sobre isso quando estivermos de volta à Academia. — Apressei-me em ajeitar a roupa, tentando ignorar a culpa que me arrasava. Ela me açoitava duplamente — não saberia o que dizer a Ren depois que tivéssemos saído de Vail e não saberia o que dizer a Shay sobre o que havia ocorrido ali. Meus pensamentos emaranhavam-se em um caos aparentemente impossível de desenredar.

— Você não vai se safar dessa — grunhiu ele, me agarrando. — Não vou deixar você escapar. De novo, não.

— Eu sei. — Não resisti quando ele me beijou novamente e me questionei quão fundo seria o buraco que estava cavando para mim mesma. Mas tinha medo de dizer qualquer coisa que frustrasse as esperanças de Ren vir comigo. Não podia deixar que isso acontecesse.

— Que bom.

Senti Ren sorrir enquanto me beijava.

Deixamos o quarto e descemos correndo as escadas. Quando chegamos à porta da frente, ele parou e se virou para olhar em volta.

— É uma pena — comentou. — É uma casa muito boa.

— Têm coisas mais importantes na vida do que casas — retruquei, pegando na maçaneta.

Ele pôs a mão sobre a minha.

— Tem mais uma coisa que preciso lhe dizer antes de irmos — acrescentou.

— O quê? — perguntei com uma voz suprimida, querendo voltar para um lugar seguro e longe dos espíritos sedutores que ali pairavam.

Ele se inclinou na minha direção e roçou os lábios no meu rosto enquanto eu abria a porta.

— Gostei do seu cabelo.

DOIS



De volta à forma de lobo, guiei Ren rapidamente para fora do cemitério de casas. Ao nos aproximarmos dos pinheiros altíssimos que circundavam o local, derrapei ao frear bruscamente. Ergui o focinho e testei o ar para ter certeza de que não estávamos sendo observados ou seguidos.

Já disse que ninguém vem aqui. Ren lambeu meu pescoço. *Nunca.*

Olhei para ele, minha pele arrepiando sob o pelo ao novamente imaginar a frequência com que Ren vinha a esse lugar. A vida dele tinha mais momentos de solidão do que eu poderia ter imaginado. Eu esperava estar prestes a consertar isso.

Ela está logo à frente.

Corri em direção à floresta.

Adne apareceu para nos encontrar, aproximando-se com cautela. Arregalou os olhos ao ver Ren.

— Tudo legal? — perguntou ela em tom descontraído, mas sua voz falhou um pouco.

Mudei de forma

— Tudo bem.

Ren inclinou a cabeça, olhando para Adne. Ele foi andando na direção dela e cheirou o dorso de sua mão quando ela a estendeu. Não soube dizer o que ele reconheceu ali, mas abanou o rabo. Em seguida, Ren mudou para a forma humana.

— Ariadne, este é Renier Laroche. — Dei um passo para o lado para que pudessem ficar frente a frente sem eu entre eles.

Ela sorriu e disse:

— Adne.

Ao mesmo tempo, ele disse:

— Ren.

Eles piscaram um para o outro e riram. Olhei de um para o outro. A estatura e os músculos de Ren não tinham nada a ver com a estrutura de Adne. Ela era delicada e magra, com uma estatura que contradizia sua ferocidade. Mas eles tinham algo em comum. Meu peito ardeu quando percebi que ambos pareciam-se com Monroe. No curto período que passara com o Guia de Haldis, ele havia provado ser o melhor líder que eu conheci na vida. Todos sentiríamos falta dele na luta que estava por vir.

— Fico feliz por Calla ter conseguido convencer você de que nós somos os mocinhos — disse Adne, agora com a voz soando mais confiante.

Ren fez que sim com a cabeça

— Sinto muito pelo seu pai.

— Nosso pai. — Ela hesitou e então deu um passo à frente erguendo as mãos para ele.

Ele segurou os dedos dela, pequenos e magros. Ficaram assim por um momento. Então, Adne se inclinou sobre ele e pousou a cabeça no peito do irmão.

Ren ficou atônito, mas rapidamente envolveu os braços ao redor dela.

Ele precisou pigarrear antes de dizer:

— Sabe, sempre achei que seria legal ter uma irmã mais nova.

— Cuidado com o que deseja. — Adne o fitou e sorriu. — Sou meio cri-cri.

Ren riu.

Não consegui me segurar.

— Ela não está de brincadeira.

— Obrigada, Lily. — Adne me encarou, mas também estava rindo. — Que tal continuarmos trocando insultos em algum lugar onde não estejamos correndo tanto risco de morrer?

— Ela chama você de Lily? — Ren olhava para ela, perplexo.

Com um suspiro, respondi:

— Chama.

— Mentres maravilhosas — Ele me lançou um sorriso malicioso antes de piscar

para ela.

Talvez essa união não fosse uma boa ideia, afinal. Mas uma parte de mim que sentia-se vazia desde o ataque em Vail começava a dar lugar a algo reconfortante e acolhedor. Esperança.

— Então, como vamos sair daqui? — perguntou Ren. — Vocês têm um carro? Ou alguma moto de neve?

Adne tirou suas adagas escocesas do cinto, jogando-as para o alto e as agarrando novamente.

— Espere e verá as habilidades malucas da sua irmã.

Quando Adne começou a tecer, Ren voltou à forma de lobo, orelhas arqueadas, rosnando para as luzes que faiscavam no ar. Ela fez uma pausa e olhou de relance para ele.

— Isso fica bem mais difícil se você ficar interrompendo. Não quero que a gente acabe aterrissando na Grécia em vez da Itália.

O latido de Ren era de pura surpresa. Sorri para ele, que então mudou de forma outra vez.

— Itália? — Ele me encarou. — É uma piada, não é?

— Piada nenhuma — respondi. — Não vi muito ainda, mas do pouco que vi achei lindo. Fica na costa do Mediterrâneo.

— Nunca vi o mar — murmurou Ren.

Entrelacei meus dedos nos dele.

— Eu sei.

Adne deixou de admirar o portal já finalizado e nos fitou. Ela revirou os olhos ao ver nossas mãos dadas e me lançou um olhar questionador. Desviei os olhos. Não tinha condições de dar uma resposta para aquilo.

— Está pronta?

Esta pergunta dava para responder.

— Vamos.

— Tem certeza de que é seguro? — perguntou Ren enquanto eu o puxava para frente. Não sabia se ele estava arrastando os pés para implicar comigo ou se o portal realmente o deixava nervoso.

— Perdemos apenas um a cada cinco viajantes — disse Adne, fazendo piada. Ela caminhava atrás de nós e nos empurrava em direção à luz.

Do outro lado do portal, Ren agarrava minha mão com tanta força que doía. Sacudi os dedos e os soltei para esticá-los.

— Desculpa. — Um rubor invadiu as faces de Ren. — Onde estamos?

— No meu quarto — respondeu Adne, fechando o portal.

— Esta é a Academia — expliquei. — É aqui que os Inquisidores vivem e treinam.

— Os Inquisidores moram na Itália? — Ren franziu a testa.

— Às vezes. — Adne cruzou o braço no de Ren.

— Aonde vamos? — perguntei, me apressando em segui-la pela porta.

Ela respondeu sem se virar para mim.

— Precisamos contar isso tudo para Anika agora mesmo.

— Jura? — Já estava nervosa só de pensar em apresentar Ren aos Inquisidores. A ideia de ir até Anika primeiro me pareceu mais interessante.

— Confie em mim — disse Adne, notando minha ansiedade. — Quanto mais rápido falarmos com Anika, em menos confusão vamos nos meter. Assim espero.

— Ótimo — murmurei.

Ren olhava as paredes da Academia da mesma forma que eu havia olhado quando cheguei. O corpo dele estava tenso, dava para ver seus ombros e costas retesados. O que era compreensível. O lugar fedia a Inquisidores — e havíamos sido treinados para reconhecer o cheiro deles como sinal de ameaça.

Quando alcançamos o portal do centro tático de Haldis, Adne ergueu os ombros, respirou fundo e bateu.

Ouvi vozes abafadas do outro lado das portas. Um segundo depois uma delas se abriu e uma Inquisidora que eu não conhecia apareceu. Ela nos encarou desconfiada.

— Precisamos falar com Anika — disse Adne antes que a mulher pudesse nos perguntar.

— Estamos no meio do Conselho — respondeu ela, rispidamente.

— Estou ciente disso. — Adne ficou o mais ereta possível, o que não era assim tão alta, mas conseguiu mostrar uma postura intimidante. — É uma emergência. Do contrário, não estaria aqui.

A mulher contraiu os lábios.

— Vou perguntar a ela se vai receber vocês.

— Ela vai nos receber. — Adne passou pela mulher que agora gaguejava. Lancei a ela um olhar de desculpas e corri atrás de Adne, dando as mãos para Ren e o puxando para dentro junto comigo.

Anika e cerca de uma dúzia de Inquisidores estavam reunidos ao redor de uma mesa. Não conhecia a maioria deles. Connor estava lá, assim como Ethan e Silas. Todos observavam Logan. O Defensor estava inclinado sobre a mesa e parecia à vontade demais para o meu gosto.

— Como disse... — Logan deu um trago do cigarro. — Não posso revelar a localização dos pais de Shay sem ter mais garantias quanto a minha própria segurança.

Anika massageava as têmporas.

— Quer, por favor, apagar isso? Não quero ter que pedir novamente.

— Estou simplesmente agindo de acordo com minha atual situação. — Logan

soltou um anel de fumaça, impregnando o ar com o cheiro de tabaco e cravo. — Achei que todo prisioneiro tivesse o direito a um cigarro antes de sua execução. E já que todos aqui insistem em ameaçar me matar, acredito que devo ter acesso a este pequeno luxo enquanto minha vida estiver em perigo. Não acham?

Ren e eu rosnamos ao mesmo tempo quando Logan nos fitou, um sorriso preguiçoso no canto da boca. Ele começou a rir e balançou a cabeça ao dar outra tragada do cigarro. Silas nos olhou boquiaberto. Connor ficou de pé quando Adne se aproximou da mesa. Ele franziu a testa para ela, mas então seus olhos avistaram Ren e a mim.

— Cacete — sussurrou ele antes de se virar para Adne, e seu tom de voz transformou-se rapidamente em um grito. — Que merda você fez?!

Adne empacou, mas lançou um olhar severo para ele.

— Fiz o que tinha que fazer — respondeu ela.

— Ariadne, o que significa isso? — Anika já estava de pé.

Adne abriu a boca para responder, mas antes que pudesse falar, um grunhido indignado soou no ambiente. Ouvi um estrondo quando uma das cadeiras foi jogada para trás, chocando-se contra uma estante atrás da mesa.

— O que ele está fazendo aqui? — O rosto de Shay parecia uma nuvem carregada. Ele não se deu ao trabalho de circundar a mesa. Subiu nela em um único salto, sem me dar tempo de explicar.

O ar ao redor de Shay encrespou, colorido com o tom enferrujado de sua ira. Identifiquei o cheiro de fúria em Ren também, súbito e violento, quando ele deu um passo e se posicionou na minha frente, impedindo a aproximação de Shay. Era uma atitude possessiva, tão inequívoca quanto se ele tivesse jogado uma luva sobre os pés de Shay. Ren era um alfa e reivindicava seu lugar.

Ele atirou-se no chão, um enorme lobo cinza-carvão rosnando para o lobo dourado, que também arreganhava as presas, pelos eriçados, músculos tensos, preparados para o ataque.

Tentei falar, mas uma espécie de mão invisível parecia me estrangular, as palavras ficando engasgadas pelo horror crescente.

O que eu tinha feito?

Os Inquisidores estavam puxando suas armas. Espadas deslizaram dos cinturões, adagas brilharam sob a luz do sol. Flechas estavam em riste. Apontadas para Ren.

Shay saltou à frente, chocando-se contra Ren. Os dois lobos rolaram pelo chão, uma confusão de dentes e garras surgindo dos corpos dourado e cinza. A briga furiosa movia-se em ritmo tão acelerado entre os alfas rivais dilacerando um ao outro que suas imagens estavam borradas, tornando-se uma cena de luz e sombra. Por sorte, para o bem de Ren, como os dois estavam atracados, era impossível para qualquer guerreiro Inquisidor ter um alvo certo.

Farejei sangue mesmo antes de vê-lo. Metálico e forte, o cheiro invadiu o ambiente. Shay se contorceu e enfiou os dentes no ombro de Ren. Ren rosnou e fechou os dentes ao redor da perna de Shay. Deslizaram pelo piso, um rastro carmesim manchando o mármore abaixo deles. Então separaram-se novamente, num esforço para recuperar o fôlego, preparando-se para o próximo ataque. Ren soltou um ganido, e Shay se curvou, pronto para voltar para a briga. O grupo de Inquisidores voltou a mirar suas armas em Ren.

— Não! — O grito de Adne irrompeu em meio os rosnados. Ela se jogou entre os dois lobos e protegeu Ren com o corpo. Perplexo, ele uivou, mas parou de rosnar para ela.

Shay ficou igualmente surpreso com o surgimento de Adne. E recuou, ainda rosnando, mas encarando-a. Ele espreitou Ren pelos lados, buscando um novo ângulo para o ataque. Adne abraçou Ren como uma capa. O lobo escuro rosnou exasperado, tentando afugentá-la.

— Calla! — Adne me encarou com olhos arregalados. — Você precisa pôr um fim nisso!

Connor cruzou o salão até ficar ao lado de Adne. Pensei que fosse arrancá-la de lá, mas em vez disso ele pôs o próprio corpo como escudo entre ela e os Inquisidores. Sacou as espadas.

— Sugiro que todos abaixem suas armas. Agora.

Logan sorria, dando tragadas lentas no cigarro.

Anika semicerrou os olhos.

— Acredito que haja uma explicação razoável para este caos. — Ela me olhava.

Fiz que sim e caminhei até estar entre os dois lobos.

— Shay, Ren. — Encarei-os com um olhar gélido. — Mudem de forma. Agora.

Ambos hesitaram, pelos arrepiados, olhares que iam de mim para o rival alternadamente.

— Agora — ordenei, mostrando os caninos.

Ren mudou primeiro. Adne caiu para o lado quando o jovem alto chocou-se contra ela. Connor a agarrou pelos braços, parecendo que ia sacudi-la de tão frustrado que estava. Em vez disso, ela apenas a abraçou, com olhos vívidos de ansiedade.

Shay ainda estava encarando Ren quando mudou de forma.

Ambos estavam ofegantes. Manchas escureciam o tecido rasgado na altura do ombro de Ren, enquanto Shay pressionava com força o antebraço ensanguentado.

O salão estava impregnado do cheiro de sangue deles e fedor pungente do medo dos Inquisidores. Os guerreiros haviam baixado as armas, mas eu sabia que bastava a mais leve provocação para incitá-los ao ataque. Shay era a única esperança dos Inquisidores de vencerem a guerra. Se Ren representasse uma ameaça à vida do progênito, eles não hesitariam em matar o alfa. Eu precisava convencê-los de que

precisávamos da ajuda de Ren.

Respirei fundo, dando a maior ênfase que consegui às palavras:

— Anika, peço desculpas pela intromissão. Adne e eu precisávamos resolver um problema. Um resgate vital para que esta aliança tenha sucesso.

Fiquei agradecida por Adne não ter ficado embasbacada.

Anika arqueou a sobrancelha.

— Você levou a cabo uma operação clandestina?

Um sorriso lento surgiu em meus lábios.

— Peço desculpas pela surpresa. Não achei seguro partilhar meu plano com uma criatura tão pouco confiável entre nós. — Lancei um olhar de relance para Logan, cujo sorriso desapareceu. Minha autoconfiança aflorou.

— Um resgate, você disse? — A desconfiança no olhar de Anika estava menos evidente, mas ainda estava lá.

Adne pigarreou

— Sim, Anika. Um resgate justificado pelo sacrifício de meu pai — disse ela.

A menção à morte de Monroe provocou murmúrios entre os Inquisidores. Olhares preocupados, movimentos de desconforto agitando os corpos.

— Seu pai foi morto em combate — disse Anika. — Uma perda terrível, mas as baixas fazem parte do nosso modo de vida.

— Foi mais que isso. — Adne pegou a mão de Ren. Ele parecia surpreso, mas sorriu para ela. Shay uniu as sobrancelhas ao observar Adne levando Ren até Anika.

— Anika, quero que conheça Renier Laroche. Meu irmão.

Sons de assombro ecoaram pelo salão. Shay ficou tenso e me olhou com olhos arregalados. Confirmei com a cabeça. A fúria em seus olhos espiralava junto com a curiosidade, o que me deu um suspiro de esperança. Shay gostava de Monroe e o respeitava. Além disso, tinha nutrido rapidamente uma amizade com Adne, que estava desesperada em garantir a segurança do irmão. Talvez os sentimentos que tinha pelos dois pudessem apaziguar o ódio que sentia por Ren. Eu precisava deixá-lo seguro. Estava me rasgando por dentro a ideia de que Shay pudesse acreditar que eu o havia traído ao resgatar Ren. Quando me lembrei de como consegui persuadir Ren a ir embora de Vail, me senti ainda pior.

— Ren, esta é Anika. — Adne ignorou a onda de sussurros e olhares incrédulos.

— Anika é a Seta. Ela lidera os Inquisidores.

— Desculpe ter dado uma de penetra — disse Ren, olhando desconfiado para os Inquisidores.

Anika franziu a testa e então fitou Connor.

— A carta. — A mão dela repousava sobre o bolso do sobretudo.

A expressão no rosto de Connor era de tristeza.

— Sim — disse ele.

Anika encarou Ren, então fitou Adne com um suspiro.

— Foi uma missão idiota.

Fiquei arrepiada e disse:

— Não, não foi.

A Seta virou-se para mim.

— O filho do alfa Bane está aqui. A presença dele representa um perigo para todos. A primeira coisa que ele fez foi atacar o progênito e...

Interrompi suas palavras com indignação.

— Ele não é filho de Emile. Ele não tem nada a ver com Emile.

Desta vez as armas estavam apontadas para mim. Shay e Ren rosnaram ao mesmo tempo e vieram para perto de mim. Por sorte, ignoraram um ao outro, com as atenções voltadas para os Inquisidores.

Anika ergueu a mão e disse:

— Diga o que está pensando, Calla.

Meu coração estava disparado no peito. Era agora ou nunca. Este era o momento do vai ou racha, que tiraria os Guardiões de seu passado e nos levaria rumo ao futuro. E estava tudo sobre meus ombros. Será que eu conseguiria suportar esse peso? Será que conseguiria ser, verdadeiramente, a alfa que sempre quis ser?

— Ele é filho de Monroe. — Apontei para Ren. — E é nossa maior esperança de ganhar esta guerra.

— Ele é o quê? — A voz de Shay estava terrivelmente baixa.

— Sou o quê? — A voz de Ren era quase um suspiro, mas o olhar que me lançou expressava leve preocupação.

Droga. Esse era o problema de fazer as coisas de improviso. Não dava tempo de medir as consequências.

Eu os ignorei, mesmo sabendo que teria de lidar com o ciúme de Shay mais tarde e que ainda tinha muito o que explicar a Ren, e me concentrei em Anika.

— O progênito é sua arma — prossegui, tocando o braço não ferido de Shay. Sua pele estava quente e senti sua pulsação intensa. Queria puxá-lo para junto de mim, mas não me atrevi. Ainda não. — Mas vocês ainda precisam de um exército.

— Sua matilha renegada sequer pode ser chamada de exército — disse Logan. — E o bastardo de Emile certamente não provou ser um líder.

Fui forçada a largar Shay para agarrar a mão de Ren e segurá-lo quando ele rosnou para Logan.

— E por que você está aqui, Logan? — Encarei-o — Porque estava à altura das expectativas do seu pai?

Ele afastou o olhar, eu sorri, pois sabia ter acertado o ponto fraco dele.

— Perdeu sua herança, não foi? Fracassou na sua obrigação? Por isso precisou fugir. Seu pequeno reino desabou, não é mesmo?

Logan não me encarou e acendeu outro cigarro.

— O argumento dele é válido, Calla — interveio Anika, embora sua expressão demonstrasse que também não morria de amores pelo Defensor. — Sua matilha não é um exército.

— Mas podemos formar um — argumentei.

— Como? — Um dos Inquisidores que eu não conhecia deu um passo adiante. A cabeça raspada e o nariz torto davam a ele aparência de gavião. Quando falou, notei traços de um sotaque francês. — Monroe está morto. As chances de uma aliança morreram com ele.

Olhei feio para o Inquisidor de expressão amarga, fui até Logan e agarrei a blusa do Defensor. — Diga, Logan. Quantos Bane seu pai matou quando a traição de Corrine foi descoberta?

Logan arregalou os olhos.

— Como vou saber? Eu era uma criança! — Ele olhou para mim boquiaberto, incrédulo por uma de suas servas agora o ameaçar.

Meu sangue fervia à medida que o cheiro apimentado do medo de Logan impregnava o ar.

— É difícil acreditar que Efron Bane deixaria seu único filho tão mal preparado a ponto de não ter informações sobre a verdadeira história de sua futura matilha.

O rosto de Logan foi ficando cada vez mais pálido.

— Mas... Eu...

— Responda Calla. — Ethan veio para perto de mim. Ouvi sua adaga deslizar para fora do cinturão.

— Vinte e cinco — respondeu Logan. — Vinte e cinco traidores foram mortos.

— Viu, não foi tão difícil, foi? — Ethan sorriu.

Rosnei e Logan recuou na cadeira.

— Quantos lobos sabem que Emile não é pai de Ren? — perguntei.

— Nenhum. — Logan trincou os dentes. Joguei-o contra a mesa.

— De que soubéssemos, nenhum — gemeu ele. — Mas houve rumores desde a revolta. Não era segredo que Corrine desprezava o companheiro. Meu pai ocultou a verdade, mas o temperamento de Emile às vezes passa dos limites. Ele queria matar a criança, mas lhe ordenaram que não o fizesse.

Fitei Ren, cujo rosto estava desfalecido. Desejei poder poupá-lo dessas verdades, mas precisava extrair essas respostas de Logan.

— Diria que a matilha Bane está satisfeita sob a liderança de Emile?

Logan engoliu em seco.

— Talvez não.

Larguei-o e me virei para Anika.

— O que aconteceu em Vail deixou as matilhas em um caos. Os Nightshade não são leais a Emile Laroche. São leais a meu pai. A minha família.

Connor assentiu com a cabeça e disse:

— Boa garota.

— O que você está sugerindo? — perguntou Anika.

— Guardiões precisam de líderes alfas. Os vínculos existentes entre os membros de uma matilha são o que nos fazem lutar tão bem. Os Defensores cometeram um grave erro ao matar minha mãe e destituir meu pai. Vamos tirar proveito desse erro.

— Eles não conhecem as próprias matilhas o suficiente para evitarem esse tipo de erro? — perguntou o homem com cara de gavião.

Ren foi quem respondeu:

— O orgulho deles os faz acreditar que suas regras são absolutas.

Anika se virou para Logan, que havia se levantado desastradamente. Ele me encarou, mas concordou com relutância.

— E acredita que você e esse rapaz poderão ser os novos alfas? — O olhar severo de Anika estava focado em mim. — As duas matilhas seguirão vocês?

— Nós somos os alfas. Um Bane, uma Nightshade. As matilhas vão nos seguir. Podemos uni-los contra os Defensores. — Na verdade não tinha tanta certeza de que conseguiríamos, mas foi a única coisa que me passou pela cabeça na hora para tentar convencer os Inquisidores a aceitarem Ren.

— Alguns ainda são fieis a Emile — retrucou Logan, massageando a garganta onde o aperto que eu dei tinha deixado marcas. — Não vai conseguir fazer com que todos mudem de ideia.

Continuei com as atenções voltadas para a Seta.

— Mas conseguiremos o suficiente. O suficiente para fazer a diferença.

— Este era o plano de Monroe, Anika — explicou Connor. — Era esta a revolta que ele queria incitar desde o início.

— Eu sei — respondeu ela. — Muito bem.

Ela cruzou o salão e se posicionou na frente de Ren.

— Seja bem-vindo, Renier. Seu pai era um homem bom.

— Não. — Os olhos de Shay estavam alucinados. As juntas dos dedos estavam brancas tamanha força ao fechar as mãos.

— Shay, por favor — pediu Adne. — Este sempre foi o plano que Monroe desejou.

— Não posso concordar com isso — retrucou ele. — Este não é o plano de Monroe. Isto é o que os Defensores queriam, forçando os dois a ficarem juntos. Calla não pertence a Ren.

Ren arreganhou os dentes para Shay.

— Ela pertence, sim. Sempre pertenceu — disse ele.

— Mato você antes de deixar que toque nela. — O ar ao redor de Shay voltou a encrespar. — Você não é o único alfa e sabe disso.

Minha respiração ficou presa na garganta. Shay entendia tudo. Seus instintos de lobo o instruíam com uma rapidez que eu jamais poderia ter previsto. Ele era o intruso e estava pronto a desafiar Ren pela disputa da liderança da matilha.

— Dê o seu melhor. — Ren sorriu, igualmente pronto a aceitar o desafio. Shay deu um passo à frente e hesitou apenas quando Anika empunhou sua espada e impediu sua passagem.

— Alguém jogue um balde de água fria nestes dois — disse Connor.

— Calla — disse Adne. — Faça-os parar.

A verdade em suas palavras me atingiu como um tapa na cara. Eu poderia fazê-los parar.

Passando por Anika, que guardou a espada, me coloquei entre Shay e Ren.

— Me escutem vocês dois. — Pus as mãos no peito de cada um. Seus corações

tamborilavam sob meus dedos. — Isso tem que acabar agora.

— Claro que tem — disse Shay. — Você vai ter que escolher.

— Ele tem razão — disse Ren, desviando o olhar de mim para encarar Shay. — Escolha, Calla.

— Não vou escolher — respondi. — Ainda não.

As batidas de ambos pareceram sair do ritmo por um segundo, revelando a insegurança que compartilhavam. Uma onda de vertigem me invadiu. Eu era a alfa e não tinha que me submeter a ninguém. Finalmente estava sendo capaz de seguir meu próprio rumo, rumo este que eu iria descobrir por conta própria.

— Não preciso de um parceiro — continuei, medindo as palavras. — Preciso de soldados. Vocês dois são os melhores que conheço. Preciso de vocês. Dos dois. Lutarão por mim?

Nenhum deles respondeu. Entreolharam-se, à espera que o outro desse o primeiro passo. Deixei as palavras caírem no silêncio como pedras em queda livre em um poço profundo.

— Você lutará por mim?

Shay franziu a testa.

— Sempre, mas...

— Nada de “mas” — rebati e me virei para Ren. — E você?

— Sabe que vou. — Os olhos dele evidenciavam desconfiança.

— Ren lidera a matilha. Ele é a chave para cimentar a aliança com os lobos que ainda estão em Vail — sentenciei. — Shay se encarrega de pôr as mãos na Cruz Elementar e lidera os Defensores na batalha.

Fitei Anika, que concordou com a cabeça.

— E você? — perguntou Shay.

Sorri.

— Eu ficarei responsável por garantir que todos se entendam.

— Boa sorte — resmungou Ren.

Com uma risada baixa, tirei as mãos de seus peitos e agarrei seus pulsos.

— Não preciso de sorte — respondi. — Vocês vão jurar para mim que vão ajudar e não machucarão um ao outro. Estão prestes a fazer um pacto de sangue.

— Hã... o quê? — Shay me olhou confuso.

— Até esta guerra acabar, vencê-la é só o que importa. — Puxei-os para que ficassem frente a frente, a centímetros de distância. Senti a tensão transpirar de cada um dos alfas. O cheiro de raios de sol e tempestades misturava-se com o das fogueiras de outono e sândalo.

— Cicatrizem o ferimento um do outro — disse.

— Não — disse Ren.

— Preciso dos meus guerreiros em perfeitas condições. — Ignorei a expressão de

perplexidade de Ren. — Agora desfaçam o estrago.

— Você só pode estar brincando comigo — disse Shay, fazendo uma careta.

— Não vou nem começar a explicar o quanto não estou brincando. — Dei um passo atrás e cruzei os braços. — Enquanto não escolher um parceiro, eu sou o único alfa aqui. Já deixei claro que não estou fazendo uma escolha agora. Os dois respondem a mim. Provem sua lealdade. Curem um ao outro.

— Não acredito nisso — resmungou Ren, mas mordeu o braço e o ofereceu a Shay.

— De jeito nenhum. — Shay iniciou um movimento de recuo, mas rosnei para ele.

— Agora.

— Droga, Cal. Você não tem coração — queixou-se e depois mordeu o próprio pulso.

— Sei disso — retruquei.

Shay e Ren se entreolharam e assim permaneceram ao beber o sangue um do outro, o que os ligava como integrantes de uma mesma matilha ainda que se desprezassem.

— Bom trabalho, alfa — murmurou Logan.

Por mais que quisesse lançar um olhar severo para o Defensor, não pude evitar um sorriso. Algo dentro de mim corria livre, selvagem e uivava de alegria.

TRÊS



— Já que esta questão está resolvida, podemos discutir sobre como ganhar a guerra?
— disse Connor, guardando as espadas.

Pelo jeito com que Ren e Shay continuavam a se encarar, soube que a rivalidade entre os dois estava longe de ser resolvida. Mas a parceria desconfortável era o melhor que poderia esperar para o momento. Pelo menos, não estavam mais rasgando um a carne do outro.

Virei-me para Anika.

— Chega de reuniões secretas para as quais não sou convidada. Se quiserem a ajuda de guerreiros lobos, vão precisar incluir a gente em todas as etapas. Estratégia e execução.

O homem com semblante de gavião bufou, mas se manteve calado quando Anika o repreendeu com um aceno da cabeça.

— Tudo bem, Calla — respondeu ela. — Shay já havia insistido neste ponto antes de você chegar.

Sorri para Shay, mas ele ainda encarava Ren furiosamente. Desejei que me olhasse. Se pudesse olhar nos meus olhos, veria como tudo isso estava sendo difícil para mim. O quanto queria levá-lo dali, estar sozinha com ele e explicar tudo.

Anika voltou para a mesa. Grandes mapas cobriam sua superfície.

— Logan nos informou que os Defensores já estão na ofensiva — declarou ela. — O Purgatório foi só o começo. Nosso tempo está se esgotando.

— Em relação a quê? — perguntei.

— Tempo para pegar as peças — respondeu Logan. — Estaremos esperando por vocês, obviamente.

Ele acendeu outro cigarro e recuperou a atitude indiferente.

— Se estiverem esperando por nós nestes locais, não teremos nenhuma chance — comentou Anika. — Qualquer elemento surpresa do qual pudermos dispor é vital. Precisamos ir a cada um desses lugares rapidamente, um ataque seguido imediatamente do outro. Nada de esperar. Nada de atrasos.

— Você precisa de alguém para causar interferência. — Virei-me, surpresa ao escutar a voz de Ren.

Anika ergueu as sobrancelhas.

Ren deu de ombros e prosseguiu:

— Como disse Calla. Shay lidera os Inquisidores. Eu lidero os lobos. Deixe a gente fazer o que fazemos de melhor: lutar.

Connor assoviou.

— Você quer abrir outra frente?

— Não, não outra frente — respondeu Ren. — Duas equipes. Uma para servir de isca e outra para agir logo em seguida.

— Desviaria a atenção dos locais. — Adne sorriu para o irmão. — O grupo que faria o saque entraria para recuperar as peças, enquanto o grupo do ataque se encarregaria de lutar.

Ethan fez que sim com a cabeça.

— Pode funcionar.

— Seja qual for o time responsável por esse tipo de ataque sofreria muitas perdas — objetou o homem com cara de gavião.

— Quem é você? — resmunguei, frustrada com suas constantes intromissões.

— Pascal é o guia de Tordis — disse Anika. — Seu grupo participaria do ataque que Ren propôs.

Ela gesticulava pelo salão.

— O grupo reunido aqui representa as equipes de cada um dos postos avançados. Você já conhece a equipe de Haldis, mas as de Tordis, Eydis e Pyralis estão aqui reunidas a meu pedido para ajudar a planejar nossa estratégia. Para que esta missão tenha êxito, precisamos trabalhar juntos.

Fitei os Inquisidores. Reunidos no centro tático de Haldis, os membros dos núcleos das equipes pareciam cansados, porém alertas. Fazia sentido: estavam diante da morte. Todos nós. Me deparei com o olhar desdenhoso de Pascal, e meu coração doeu por Monroe. O Guia de Tordis claramente não sentia a mesma empatia pelos Guardiões que Monroe um dia encorajou.

— Pascal tem razão — interveio Ethan. — O grupo que serviria de isca sofreria perdas severas. Mas, na minha opinião, não vamos sair desta guerra sem grandes perdas independente de qualquer coisa.

— Precisamos dessas peças — ressaltou Anika. — Não podemos terminar isso sem elas.

Pascal afinou os lábios, mas curvou a cabeça.

Shay pigarreou.

— Ren tem razão. Acho que duas equipes são a solução.

— De acordo — disse Anika.

— Mas tenho uma condição — prosseguiu Shay, lançando um olhar frio na direção de Ren.

— E qual é, Progênito? — A Seta o observava, com olhos semicerrados.

— O grupo reserva vai me cobrir, certo? — perguntou.

— Claro — interveio Silas. — Sabemos que você é o único capaz de remover as peças que restam.

O Escriba se encolheu quando Connor lhe lançou um olhar duro feito pedra.

Shay fez um aceno positivo com a cabeça e disse:

— Então quero escolher minha equipe.

— Como é? — Anika franziu a testa.

— Preciso lutar ao lado de pessoas em quem confio — contestou ele. — Não vou entrar nesses locais com estranhos.

— Estamos travando esta guerra há muito mais tempo que você, garoto. — O rosto de Pascal estava cheio de raiva. — Como ousa presumir que...

— Ah, eu pararia por aí, Pascal — disse Ethan. — Já vi o rapaz lutando. Você não vai querer se meter com ele. Deixa o garoto escolher o próprio grupo.

— Faz sentido que selecione seus próprios parceiros, Shay — declarou Anika. — Mas você se oporia a que os Guias de cada posto também opinassem? Eles terão muitas baixas protegendo o seu grupo.

— Se quiserem — respondeu Shay prontamente. — Mas estou falando apenas do grupo que vai entrar para resgatar as peças. E meus companheiros são de Haldis... Que não tem mais Guia. — Ele olhou de relance para Adne, a tristeza estampada em seu rosto.

Fiquei um pouco surpresa ao ver Ren pôr o braço ao redor de Adne quando Shay se pronunciou. Ela o fitou com um sorriso leve, porém agradecido.

— Acha mesmo que tem capacidade para tomar essas decisões? — perguntou Pascal, encarando Shay.

— Calla e eu recuperamos Haldis sozinhos. — Shay mostrou os dentes para o Guia. — Então, sim, acho que tenho capacidade.

Pascal gaguejou diante das palavras de Shay. Ele e eu compartilhamos um breve e cúmplice sorriso. Era inacreditável como quase termos sido mortos por uma aranha gigante acabou se tornando uma boa lembrança. E se tornou mesmo. Não apenas porque matamos o bicho e recuperamos Haldis. Neste dia, Shay havia se tornado lobo para salvar minha vida. Dei-me conta de que guardava com carinho essa lembrança e valorizava essa intimidade, assim como as alegrias de nossos primeiros dias correndo livremente pela floresta nos arredores de Vail. Antes de o nosso mundo desabar e nossas corridas por diversão transformarem-se em fugas para salvar nossas vidas. Depois de tudo que havia acontecido, era estranho pensar que Shay já fora apenas humano — embora o Progênito nunca tivesse sido uma pessoa

comum.

Shay me flagrou olhando para ele e arqueou a sobrancelha. Fiquei surpresa com o rubor que esquentou minhas faces, mas respondi seu olhar incrédulo com um sorriso antes de desviar os olhos. Nunca fui muito de sonhar acordada, mas pensar em Shay — principalmente nos momentos que havíamos passado juntos — me invadia os pensamentos com muita facilidade.

Connor riu.

— Bom trabalho, garoto. Nunca vi Pascal perder a fala antes.

— Acredito que este assunto já está resolvido — concluiu Anika. — Pascal vai reunir a equipe da emboscada para partir amanhã de manhã. Qual o plano para a equipe do saque, Shay?

— Deve ser pequena — respondeu Shay, passando uma das mãos pelos cabelos. — Adne tece o portal, nos colocando de frente à entrada da caverna. Imagino que seja outra caverna, certo?

Silas confirmou que sim com a cabeça.

— Connor e Ethan como Combatentes. Calla, Nev e Mason fazendo a cobertura.

— Vamos incluir os Guardiões tão cedo assim? — perguntou Pascal. — Não sabemos se podemos confiar neles.

— Podemos confiar neles — interpelou Ethan. Fitei-o, quase sem acreditar em meus ouvidos.

— Você também vai confiar na gente — disse Ren, com um sorriso frio.

Pascal o encarou, mas não se incomodou em discutir com Ren.

— A equipe de fachada foi ideia minha — prosseguiu Ren. — Não vou perder a estreia.

O medo arranhou minha pele. O plano de Ren era bom, mas os Inquisidores estavam certos. O grupo que serviria de isca seria brutalmente atacado. Não conseguiriam sair da luta sem mortes. Não queria que Ren fosse uma delas.

— E Sabine, uma das minhas companheiras de matilha que está aqui — disse Ren. — Suponho que ela também queira entrar nessa.

— Ela ainda está se recuperando das feridas — interveio Ethan. — Acho melhor que ela fique fora dessa.

Ren riu.

— Já viu como nos curamos? Não sei o que aconteceu a ela, mas se receber sangue de alguém da matilha, ficará bem. Vai estar mais do que pronta para a briga. — Ele olhou de relance para Logan. — Além disso, se vamos lutar contra os Defensores, gostaria de vê-los tentando convencê-la a não ir.

Logan estremeceu.

Ethan não respondeu, mas seus lábios estavam tensos.

Surpreendeu-me a rapidez com que Ren havia incorporado seu papel ali.

Estávamos cercados por inimigos de toda a vida, mas ele assumiu o comando sem hesitar. Era um líder nato, confiante e forte. Dava para ver o quanto isso afetava Shay. Sempre que Ren falava, Shay se arrepiava.

Ele também era um líder; tomava o controle dessa guerra na qual desempenhava um papel vital. E não iria ceder a liderança da matilha para Ren. Ao escolher alguns dos companheiros lobos, incluindo a mim, para acompanhá-lo no resgate de Tordis, Shay havia deixado claro que também lideraria lobos, não apenas Inquisidores.

Como a matilha responderia ao retorno de Ren? Qualquer sinal da nova lealdade que haviam nutrido por Shay se dissolveria? Nev e Sabine adoravam Ren. Ansel e Bryn haviam aprendido que ele era um bom alfa. Mas também me lembrei do que Sabine tinha dito. *Ren cometeu um erro. Se quisesse tanto você, deveria ter vindo. Deveria ter estado aqui para lutar por você.* Ele estava aqui agora, mas seria tarde demais? Me perguntei se ela permaneceria leal ao seu antigo alfa.

Ao pensar na matilha, em nossos vínculos, me lembrei do lobo que mais me preocupava.

— E o meu irmão? — perguntei a Anika. — O que decidiram sobre ele?

— Nada foi decidido ainda — respondeu Anika com cautela.

— Não foi culpa dele.

— De acordo com Logan, seu irmão entregou nossa localização para os Defensores por vontade própria. Não foi forçado a isso — disse a Seta.

— Você não entende o que fizeram com ele. Destruíram seu lobo. Desfizeram-no. Prometeram que o recomporiam. Ele não teve escolha!

Por mais que eu não quisesse pensar nisso, me perguntei se teria feito a mesma coisa no lugar de Ansel. Não conseguia imaginar a vida sem a habilidade de mudar de formas. O lobo era minha essência. Sem esta parte de mim, eu me sentiria nula. Assim como Ansel.

— Estamos levando isso em consideração — respondeu Anika.

— Como Ansel poderia ter contado aos Defensores sobre o esconderijo de Denver? — protestei, cada vez mais desesperada. Não seria capaz de transformar meu irmão em lobo novamente, mas poderia tentar lhe garantir a liberdade. Lancei um olhar suplicante a Connor. — Você viu como ele estava. Não tinha mais nenhuma força.

Connor encarou Logan, que me lançou um sorriso cruel.

— Ele não precisava de força — retrucou Logan. — Tudo o que precisava era de uma simples invocação. Um feitiço que revelasse a localização do suplicante. A única coisa que seu irmão precisava fazer era recitar as palavras em voz alta.

Minha garganta fechou-se ao me recordar da noite em que tentei refazer Ansel. Tentei e falhei.

Ele pôs a mão no bolso e tirou um papel amassado.

— *Ansel, o que é isso?* — perguntei, tentando ver melhor o que era.

— *Me deixa em paz.* — *Seus olhos se detiveram no bilhete sujo por alguns segundos, e então ele o amassou com força contra o peito.* — *É da Bryn, tá bom? Consegui guardar enquanto os Defensores nos separavam.*

Ele tinha mentido para mim. Nunca houve um poema. Nada de últimas palavras de amor de Bryn. Apenas traição rascunhada em um pedaço de papel. Logan me observava, ainda sorria enquanto a verdade torcia meu estômago como uma faca.

Shay pousou a mão sobre meu ombro. Inclinei-me sobre ele, deixando que seu toque reconfortante apaziguasse o medo que tinha do destino de Ansel.

— Não vão machucá-lo, eu os fiz prometer.

Um rosnado soou atrás de nós.

— Poderia não tocar nela? — As palavras de Ren não soaram como uma pergunta.

— Vem me morder — debochou Shay.

— Parem. Os dois. — Massageei as têmporas latejantes e me afastei de Shay, mesmo desejando envolver seus braços ao meu redor e me consolar neles. Se quisesse ser o juiz desse jogo, precisava permanecer neutra. Agora me dava conta de que se por um lado essa situação me fazia sentir poderosa, às vezes, me fazia sentir péssima.

— Demos, sim, nossa palavra de honra, Calla — confirmou Anika. — Ninguém fará mal ao seu irmão. Mas também não podemos correr o risco de soltá-lo.

— Mas deixam ele ir e vir livremente? — disse, apontando para Logan.

— Se ainda não notou, todos neste salão estão armados — respondeu Anika friamente. — Logan foi escoltado da cela até aqui. E para lá será escoltado novamente. Não se engane. Ele é um prisioneiro, não um convidado.

— Obrigado, isso é muito amável — comentou Logan, soltando anéis de fumaça pelo ar.

Encarei Logan, com vontade de arrancar aqueles dedos com as presas e vê-lo tentar segurar aquele cigarro sem eles. Por mais que quisesse convencer os Inquisidores de que não deveriam confiar nele, sabia que estava certa sobre Logan. Ele estava ali porque havia perdido sua posição entre os Defensores. Logan era igual ao pai: sempre esteve interessado somente no poder. De alguma forma, ele acreditava que os Inquisidores eram sua chave para recuperá-lo. Eu só não havia conseguido descobrir qual era a estratégia dele.

Anika examinou o mapa sobre a mesa. Sabia que a conversa sobre Ansel estava encerrada. A fúria borbulhava dentro de mim. Se não poderia lutar por ele, pelo menos poderia lutar. Aproximei-me para espiar o mapa e vi um terreno montanhoso.

— É para lá que vamos?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Mürren, Suíça. De madrugada. Vamos enviar a equipe de isca primeiro. A caverna fica aqui. Vamos atrair os Guardiões para fora da entrada e então mandamos o grupo do resgate.

— Está animado para emboscar os ursos amanhã cedinho, Pascal? — Connor riu. Pela primeira vez, Pascal soltou uma risada.

— Óbvio, *mon frère*. Essa é nossa especialidade.

— Hã? — Franzi a testa para Connor.

Connor inclinou a cabeça para mim e então arregalou os olhos.

— Você não sabe? — perguntou ele.

— Do quê?

— Ai, não. — Shay olhou para mim e para Ren. — Os outros Guardiões são ursos?

— O quê?! — Eu e Ren exclamamos ao mesmo tempo. Olhei para ele. O outro alfa expressava o mesmo assombro que eu.

— Somente os Guardiões de Tordis — explicou Silas. — Vocês realmente não sabiam sobre as outras formas dos Guardiões?

Fiquei completamente arrepiada. Quis mudar de forma e sair correndo dali.

Ren conseguiu dar uma resposta.

— Não, não sabíamos.

— O urso que me atacou quando nos conhecemos era um Guardião? — perguntou-me Shay.

— Não — respondi, ainda trêmula —, era só um urso pardo.

Nem uma única vez em toda minha vida havia considerado a hipótese de que outras formas de Guardiões pudessem existir. Nossas matilhas eram intimamente ligadas. Tínhamos orgulho da nossa ferocidade e de nossas habilidades de guerreiros. Os Defensores nos fizeram acreditar que tínhamos sido os escolhidos. Que sozinhos poderíamos servi-los na guerra. Mais mentiras.

Ren me olhou atônito.

— Você o salvou de um urso? — perguntou ele para mim.

— Não quero falar sobre isso — respondi, cruzando os braços. — Quero saber mais sobre esses outros Guardiões.

Silas estufou o peito.

— Na verdade, a ideia é bem genial. Os Defensores criaram Guardiões que fossem naturalmente adaptados ao ambiente que iriam proteger. Lobos no Colorado. Ursos na Suíça.

Um Inquisidor, baixinho, robusto e de cabelo escuro, de um grupo que ainda não havia me apresentado, sorriu sombriamente.

— *Y los jaguares en Tulúm.*

— *Sí. Los jaguares.* — Silas estremeceu. — *La muerte en las sombras.*

Não falava espanhol, mas entendi que ele se referia a uma outra forma de Guardião. Meu estômago virou do avesso. Sempre acreditei que, de alguma forma, éramos especiais. Mesmo sendo servos, sentia-me privilegiada por termos uma vida marcada pela singularidade. Agora, descobria que apenas éramos convenientes.

O choque de saber que os lobos não eram os únicos Guardiões criados pelos Defensores não era a única coisa que me incomodava. Tudo envolvendo esse enredo — os estrategistas, as equipes de ataque. O centro tático de Haldis era o lugar onde Inquisidores planejavam seus ataques. Onde haviam planejado seus ataques em Vail. Não tinha dúvidas de que lado devia estar, mas me perguntei se algum dia conseguiria me sentir à vontade ali.

Silas continuava falando:

— Seria um sistema perfeito, exceto por...

— Se chamá-los de pecado contra a natureza outra vez, acabo com você — disse Ethan, que estava com a mão no cabo da adaga.

— Olha quem se tornou um evangelista dos Guardiões. — Connor deu uma gargalhada. — O que houve?

Um rubor subiu pelo pescoço de Ethan.

— Nada. Eles são nossos aliados. Só isso.

— Claro — disse Connor.

Ethan praguejou e deu as costas para Connor.

QUATRO



Bryn estava certa sobre o alojamento de Ansel. Não parecia realmente uma cela, mas um quarto com poucos móveis. Entretanto, bastava olhar para Ansel e a sensação era de que ele estava de volta na masmorra dos Defensores. Encolhido no assento abaixo da janela, rosto pressionado contra o vidro.

Ao longe, via-se o mar lambendo a costa, mas a paisagem idílica não surtia nenhum efeito sobre o olhar vazio de Ansel. Agora eu entendia por que os Inquisidores posicionados do lado de fora estavam tão tranquilos. Seu prisioneiro parecia não ter qualquer pretensão de escapar e, mesmo que o fizesse, tinha a força de um macarrão cozido. Tudo em mim doía ao observá-lo. Por que tinha que ser Ansel quem sofria?

Bryn estava sentada ao lado dele, acariciando-lhe os cabelos. Fiquei surpresa ao ver Tess sentada do outro lado, com uma bandeja de biscoitos de aveia no colo. Assim, uma de frente para a outra, Tess quase parecia ser a irmã mais velha de Bryn. Cachos bem definidos preenchiam as cabeças de ambas. As mechas bronzeadas de Bryn brilhavam na luz do sol, enquanto os cachos azul-escuros de Tess ganhavam tom violeta. A antiga Ceifeira de Haldis que havia se transformado na cuidadora maternal do meu irmão observava-o com expressão doce, porém preocupada. Mason estava próximo dela e mastigava um biscoito. Nev e Sabine conversavam em voz baixa.

Nev nos viu primeiro. Abriu a boca e então a fechou, mas em vez de falar, fez um movimento com o queixo para Sabine. Ela se virou. Assoviou ao ver Ren.

— Você.

Ren não se moveu quando ela voou para cima dele. Os punhos dela golpearam o peito de Ren.

— Como pôde?! Como deixou isso acontecer com a gente?!

Com considerável esforço, Nev desvencilhou Sabine de Ren. Ela se debateu e então afundou o rosto no ombro de Nev, aos prantos.

— Foi mal, cara — disse Nev, acariciando os cabelos cor de ébano de Sabine.

Ren balançou a cabeça.

— Eu mereço.

Não sabia se concordava com ele ou não. Quando Nev e Sabine deixaram a matilha Bane, Ren ficou para trás. Ele era seu alfa. A obrigação dele era guiá-los e protegê-los, mas ele havia preferido ficar com Dax, Cosette e minha antiga parceira de matilha, Fey. A traição deles doía. Será que Sabine culpava Ren pelo tanto que ela havia sofrido? Será que achava que era culpa de Ren o fato de Dax e Cosette ainda estarem com os Defensores?

Bryn não saiu do lado de Ansel, mas ficou boquiaberta.

— Meu Deus. Ren.

Mason hesitou antes de se aproximar de Ren e lhe dar um breve abraço.

— Bom ver você, cara. Inteiro, sem nenhum arranhão.

— Você também, Mason.

— Como assim? — Sabine fungava, ainda dependurada em Nev. — Por que você está aqui? Achei que tivesse nos abandonado.

Ren olhou para o chão. Precisava ajudá-lo. Mesmo que eu ainda me sentisse desconfortável com o fato de Ren ter preferido, mesmo que por pouco tempo, os Defensores a nós, ele estava aqui agora e precisávamos dele. Um alfa magoado e atormentado de nada serviria a nossa causa.

— Ele foi manipulado — declarei, e ele sorriu sem graça, mantendo os olhos fixos no chão. — Ren está aqui porque tem uma irmã que quis salvá-lo.

— Tudo bem — disse Bryn. — Agora você não está falando coisa com coisa.

— Adne — murmurou Nev, estudando Ren. — Não é? Sabia que tinha alguma coisa com aquela menina.

Fiz que sim com a cabeça.

— Monroe era o pai dela, o Inquisidor que nos liderou na missão de resgate. Ele também era o pai de Ren, não Emile.

— Sinistro — disse Mason.

— Pode crer — disse Ren.

O som de cerâmica espatifando-se no chão fez todos olharmos para a janela. Tess havia se levantado. Cacos do prato espalhavam-se aos pés dela. Ela cruzou o quarto e tomou o rosto de Ren nas mãos.

— Você é o filho de Monroe? — Os olhos dela lacrimejaram. — Filho de Corrine e Monroe?

Ren fez que sim com a cabeça.

— Graças aos céus Adne não está sozinha. — Tess riu apesar das lágrimas e envolveu seus braços ao redor de Ren, que parecia perplexo, mas não aborrecido com o gesto. — Monroe ficaria tão feliz, mas tão feliz em tê-lo aqui.

— Obrigado — disse Ren com a voz embargada. — Sinto muito por não tê-lo conhecido.

— Eu também, meu anjo — disse ela, enxugando as lágrimas.

Bryn ainda estava franzindo a testa.

— Monroe e Corrine? Não entendo. Como isso pode ser possível?

— É meio complicado, mas possível. Porém vamos ter que deixar esse assunto para depois — expliquei. — Temos outras coisas a fazer agora que Ren está conosco.

— Que outras coisas? — perguntou Mason. — Por favor, diga que essas outras coisas têm a ver com chutar os traseiros de Defensores.

Sorri.

— São exatamente esse tipo de coisas.

— Espere aí — interveio Bryn. — Acho ótimo lutar contra os Defensores, mas os Inquisidores querem nossa ajuda?

— Eles resgataram a gente, não resgataram? — Mason pôs o peso do corpo sobre os calcanhares.

— Acho que sim. — Bryn fitou Ansel, que permanecia com os olhos fixos no horizonte. Eu nem estava contando com ela na luta. Bryn só queria saber de ajudar meu irmão e por mim não tinha problema.

Tess se pronunciou.

— Monroe e Corrine se encontraram, porque um grupo de Bane planejou se rebelar contra seus mestres. Nós íamos ajudá-los. Infelizmente, o plano foi descoberto.

— Os Defensores mataram minha mãe. — completou Ren. Seus olhos ficaram vazios.

— Que merda. — Nev chutou a borda do tapete. — Eles são uns merdas completos.

— Nem me fale — disse Mason.

Não queria que o nosso ódio contra os Defensores nos distraísse.

— Já houve outras alianças, alianças mais antigas, entre Guardiões e os Inquisidores, mas nenhuma delas sobreviveu.

— Porque ninguém pode derrotar os Defensores. — Sabine encarou Tess.

— Até agora. — Tess não se intimidou com o olhar frio de Sabine.

— Shay pode detê-los — comentei em voz baixa. — Por isso queriam matá-lo.

— Quem disse? — rebateu Sabine. — A profecia estúpida sobre a qual Connor e aquele conselheiro nerd Punk Rock, Silas, falavam? E se for tudo um monte de mentiras? Nada do que ouvimos até agora sobre nosso passado é verdade.

— Para com isso, Sabine — disse Nev, apertando o ombro dela. — Esses são os mocinhos da história. Eles salvaram a gente, lembra?

Os lábios de Sabine tremeram.

— Vai pro Inferno. — Ela empurrou Nev e saiu correndo do quarto.

Mason balançou a cabeça negativamente.

— Ela ainda não viu a luz no fim do túnel, não é? — perguntou ele.

— Ela vai ficar bem — respondeu Nev, ao ver a porta se fechar novamente. — É muita coisa para digerir.

Ren concordou, mas seu maxilar tensionado deixou clara para mim a preocupação que tinha com Sabine.

— Talvez tenhamos que repensar nossos grupos — comentei.

— É — concordou ele. — Parece que sim.

Mason puxou a gola da camisa. Olhei meus companheiros de matilha e me dei conta de que estavam todos vestidos com uniformes dos Inquisidores. Senti uma vontade súbita de rir.

Mason me lançou um olhar perplexo, e eu balancei a cabeça.

— Onde está Shay?

— Continua com os Inquisidores no centro tático de Haldis — respondi. — Eles o têm mantido bem ocupado.

Mason demonstrou nervosismo e tossiu antes de voltar a falar.

— Então, bem, Ren está aqui... e Shay também?

— É — respondi.

Apreensiva, Bryn olhou de relance para Ren e depois para mim.

— Quem é nosso alfa? — perguntou ela.

— Eu sou — respondi. Esperei que Ren retrucasse, mas não o fez.

Ela mordeu o lábio inferior.

— E Shay e Ren?

— Vão me dar cobertura.

Ren suspirou, mas fez que sim com a cabeça.

— Vamos dar cobertura para ela.

Mason sorriu.

— *She is a woman, hear her roar...* “Ela é mulher, escute-a gritar”.

Bryn deu uma risadinha.

— Incrível.

Respondi com um sorriso tão largo que doeu um pouco a boca.

A porta se abriu e Anika entrou, seguida de Adne. Momentos depois, Shay também. Tão logo se uniu a nós, o ar crepitou como se estivesse carregado de ozônio. Ren foi para o outro lado do quarto, tentando ficar o mais distante possível de Shay. Fiquei grata pela consideração e me forcei a permanecer onde estava em vez de ir até Shay, como gostaria. Nev e Mason trocaram olhares e não conseguiram disfarçar as risadinhas a tempo.

— Se fizerem alguma aposta, eu *vou* descobrir — avisei. — E vão se arrepender.

Mason conseguiu parecer constrangido. Nev desviou os olhos do meu olhar

severo e deu um sorriso dissimulado.

Adne seguiu Ren, de braços dados com ele em um gesto casual. Contudo, vi quando ela segurou com força o braço do irmão, enquanto ele encarava Shay.

O rosto de Anika estava sério ao percorrer os olhos pela matilha de Guardiões.

— Acredito que já estejam a par da mudança de circunstâncias.

Todos concordamos com a cabeça. Anika sorriu e se virou para Tess.

— Me disseram que vocês têm uma proposta para me fazer? — perguntou ela para Tess, que endireitou a postura e respondeu:

— É sobre nós, os órfãos.

— Nós, órfãos? — Anika arqueou a sobrancelha.

Meu peito comprimiu-se ao ver Tess e Ansel. Ela tinha razão. Tess e Isaac haviam sido alocados em Denver, no esconderijo dos Inquisidores. Agora que o Purgatório havia se transformado em cinzas, Tess não podia mais exercer a função de Ceifeira de contrabandear mercadorias debaixo dos narizes dos Defensores. Ela havia perdido a casa, o trabalho, o parceiro, Isaac, e seu amor, Lydia. Tudo porque tínhamos aparecido e virado seu mundo de cabeça para baixo. Se alguém deveria nos odiar, essa pessoa era Tess, mas até agora ela havia nos tratado somente com delicadeza, principalmente meu irmão.

— Ele e eu. — Tess fez um gesto para Ansel. — Nós dois perdemos nosso lugar neste mundo.

— Ainda estamos estudando a situação dele, Tess — disse Anika. — Você sabe disso.

— Claro — disse Tess. — Mas acho que seria bom para todo mundo se ele pudesse mostrar que tem alguma utilidade.

Observei-a, a desconfiança arrepiando-me a espinha. Ansel não seria explorado de forma alguma enquanto eu pudesse opinar sobre as decisões.

— O que você tem em mente? — perguntou Anika.

— Meu posto avançado já era — lembrou Tess. — Mas ainda tenho treinamento para tarefas básicas da Academia. Posso ajudar no jardim e no Santuário de Eydis. Gostaria de levar o menino comigo. Ensiná-lo um pouco sobre nossos costumes.

— Acha mesmo prudente? — perguntou Anika, que caminhava de um lado para o outro.

— Acho que seria imprudente deixá-lo desocupado. — Tess percorreu os olhos pelo braço de Ansel. A pele dele estava entrecortada com marcas em carne viva. Cortes mais antigos cicatrizavam. Arranhões mais recentes começavam a formar casca.

— Ele não ficará sem supervisão nunca — prometeu Tess. — Assumo todas as responsabilidades pelo paradeiro dele.

— Enviarei um Combatente para acompanhar vocês — informou Anika.

Tess fez que sim com a cabeça.

— Se acha que é mesmo necessário. — Ela voltou a olhar Ansel, sua expressão deixando evidente que não o considerava uma ameaça para ninguém. Fitei meu irmão, ou melhor, a casca da pessoa que ele parecia ser agora e me perguntei como alguém poderia considerá-lo perigoso. E, no entanto, ele fora convencido a nos trair. A força bruta não era a única ameaça preocupante.

— Vou pensar no assunto — disse Anika.

— Não precisa — disse Ansel sem desviar o rosto da janela.

Tess não reagiu à voz apagada do meu irmão, mas Bryn entrelaçou os dedos nos dele.

— Vamos, An. Deveria ir com a Tess. Fazer coisas que distraiam a mente... — A voz de Bryn dissipou-se.

— É melhor eu ficar aqui mesmo — declarou Ansel, desvencilhando sua mão da mão de Bryn.

Os lábios de Bryn tremeram. Tive vontade de agarrar meu irmão e sacudi-lo por tratá-la com tanta indiferença. Anika franziu a testa e o observou.

— Prefere ficar confinado aqui? — perguntou ela.

— Estou onde mereço estar — declarou.

Anika chamou Tess com um gesto.

— Vamos discutir isso em outro lugar.

As duas deixaram o quarto. Bryn ainda tentava convencer Ansel a conversar com ela. Após várias tentativas, ele finalmente a empurrou, ao que Bryn levantou-se e foi para os braços abertos de Mason. Ele a abraçou, enquanto ela chorava baixinho.

Ren veio para perto de mim, e Shay grunhiu, mas logo se calou quando lhe lancei um olhar de advertência. Desejei poder fazer mais. Ainda não tinha tido tempo de conversar com Shay a sós, desde a chegada de Ren, e quanto mais precisava esperar até sumir com ele, mais preocupada ficava de que ele pudesse mal interpretar tudo.

— Talvez eu possa ajudar — murmurou Ren em voz baixa para que apenas eu o escutasse.

— Como? — perguntei.

— Ele precisa saber que pode tomar a decisão errada e ainda ter uma segunda chance. — Um nó doloroso formou-se em minha garganta ao ouvir as palavras de Ren. O alfa era o único ali capaz de se identificar com a traição de Ansel. Talvez ele pudesse fazer a diferença.

Concordei com a cabeça e ergui a voz para falar com os demais.

— Vamos dar a Ansel tempo para pensar.

— Na verdade, seria ótimo — comentou Adne, sorrindo para mim. — Porque estou aqui para oferecer a vocês um tour oficial por nossas acomodações. Ainda não viram como o lugar é incrível. Até agora, vocês só viram o refeitório e seus

alojamentos, certo?

— Estive no local dos curandeiros com Ethan e Sabine — disse Nev. — O Santuário?

Adne fez que sim com a cabeça.

— Então Nev sabe onde achar os band-aids, não muito mais que isso. Afinal, querem conhecer o lugar para não acabarem se perdendo?

— Eu aceitaria — opinou Shay, me olhando nos olhos. — Se considerarmos a luta que provocaremos amanhã de manhã, talvez esta seja a última chance.

CINCO



Tendo visto partes do interior e o lado de fora, já fazia ideia de que a Academia era grande. Mesmo assim, sua enormidade era opressora ao seguirmos Adne pelos corredores brilhantes. Ela começou pelo topo, o andar onde havíamos passado a maior parte do tempo desde nossa chegada. No terceiro andar da Academia, ficava a maioria das residências, além dos locais específicos de cada ala: centro tático de Haldis, os arquivos de Tordis, o Santuário de Eydis e o Boticário de Pyralis. Felizmente, Adne tinha se lembrado de que era melhor descrever o Boticário aos meus companheiros de matilha do que sujeitá-los ao desconforto que ele causava em nós.

O segundo andar era destinado aos locais de treinamento: intelectual, místico e de combate, além de mais algumas residências. O primeiro andar oferecia um amplo espaço para armazenagem de armamento e ferramentas. Ali também ficava o refeitório, cozinhas e chuveiros para cada ala da Academia.

— Por que ficam tão distantes dos quartos? — perguntou Bryn.

Ela sempre se preocupava com o acesso a banheiros. Fazia sentido, já que passava mais tempo dentro deles do que qualquer outra pessoa que eu conhecia “dando um trato no rosto” como costumava dizer. Cheguei a pensar se Bryn não estaria passando por uma crise de ansiedade por ter se separado de sua extensa coleção de maquiagens.

Quando retornamos ao refeitório para o jantar, Adne ainda explicava que as cozinhas e os banheiros ficavam no andar mais baixo por causa da facilidade de acesso à água e à energia geotérmica. O amplo salão já fervilhava com atividades. Avistei Tess, Connor e Sabine sentados à mesa. Ren também estava com eles, mas notei que tinha deixado duas cadeiras vazias entre ele e Sabine. Aparentemente, ainda não havia baixado a poeira em relação aos acontecimentos em Vail. Parei de repente ao ver que Ansel estava sentado ao lado dele.

— Ah! — Bryn levou a mão até a boca quando percebeu para quem eu olhava. Os olhos dela ficaram cheios d’água. Lágrimas ameaçaram sair dos cantos dos meus olhos. Ren estivera certo. Ansel estava inquieto, mas o rosto estava menos pálido

desde sua aparição em Denver.

Tess nos avistou e acenou. Meu estômago roncava quando nos sentamos à mesa. Em poucos minutos, sopeiras com caldos de peixe apimentados e tigelas transbordando de macarrão chegavam à mesa, bem como uma garrafa de licor de limão que Connor ofereceu com um gesto floreado. Apenas um gole da preparação amarelada possuía o suficiente de limão fresco para fazer arder a língua e, em seguida, causar uma onda que quase me fez cair da cadeira.

— O que é isto? — O rosto de Mason estava retorcido.

— *Limoncello* — disse Connor, rindo. — Especialidade do lugar.

— Uau — Sabine lambeu os lábios e estremeceu. — Isto é... de outro mundo.

— De um mundo bom — disse Nev, servindo-se de mais um prato de massa.

— Já está corrompendo as crianças? — perguntou Ethan, que havia se aproximado da mesa.

Olhei para ele, surpresa. Estivera tão ocupada comendo que nem notei sua ausência no grupo.

— É a minha especialidade — disse Connor, passando a garrafa pela mesa novamente. — Quer puxar uma cadeira? A comida está muito boa esta noite. Deveríamos reivindicar uma estada mais longa na Itália.

A inclusão dos Guardiões ao grupo de Haldis fez a mesa ficar lotada, mesmo sem os Inquisidores que havíamos perdido nos últimos dias.

— Espero mesmo que a comida esteja boa, levando-se em consideração o que está por vir — disse Ethan. — Toda refeição pode ser a última.

— Obrigada por arruinar meu apetite. — Bryn mostrou a língua para ele e então sorriu para Ansel.

Vê-lo sorrir brevemente para ela teve um efeito mais poderoso do que o limoncello. Cruzei os dedos e desejei com todas as forças que Ansel estivesse voltando de verdade para nós.

Sabine arrastou a cadeira para abrir espaço para Ethan sentar-se ao lado dela.

— Aqui está.

Ethan olhou para ela e depois desviou os olhos.

— Na verdade, não estou com fome. Só passei para dar um oi — disse ele.

Sem dizer mais nenhuma palavra, ele se virou e deixou o refeitório.

— Ele é sempre mal-humorado assim? — perguntou Mason com fios de macarrão escapulindo do canto da boca.

Nev deu uma cotovelada nele e soltou uma risadinha.

— Você não tem modos, mesmo, hein?

— Sou uma fera voraz, cara — argumentou Mason, enxugando molho de tomate do queixo. — O que posso fazer?

— Ethan ainda se sente um pouco desconfortável entre Guardiões — explicou

Adne. — Não é nada pessoal. — Ela tomava a sopa ruidosamente e sem moderação. Aparentemente, estavam enjoados do que quer que estivesse no cardápio anterior, de Iowa. O que ela disse sobre Ethan não fazia muito sentido para mim. Com certeza, Ethan tinha mostrado seu ódio abertamente quando eu apareci pela primeira vez, mas muita coisa havia mudado desde então — inclusive, a atitude dela. Nessa manhã mesmo, ele havia nos defendido das palavras de Silas. Então por que diria aquilo e se recusaria a comer conosco? Não fazia o menor sentido. Minhas perguntas sumiram quando Bryn passou uma tigela com frutas frescas e saborosas.

Enquanto a maioria de nós continuava a se empanturrar de comida, Sabine ciscava o prato. Passou uns dez minutos fazendo desenhos com o macarrão e então se levantou, murmurando algo sobre estar cansada, e saiu apressada.

Observando-a sair, Connor riu e balançou a cabeça.

— O que foi? — perguntou Adne, franzindo a testa.

— Nada — respondeu Connor, que sorria feito bobo.

A desconfiança zumbiu em meu ouvido como mosquito. Incapaz de controlar a curiosidade, pedi licença para me retirar da mesa. Não sabia ao certo por que a seguia, mas uma força irresistível me fez ir atrás do cheiro de jasmim de Sabine. Além disso, se desse mais uma garfada da comida acabaria desmaiando.

Sabine havia percorrido o corredor em curva até a entrada do jardim no primeiro andar. Tive uma sensação de *déjà-vu* assustadora, tendo feito esse mesmo percurso na noite anterior. Espiei pela porta de vidro, mas o jardim tinha florescido em toda sua magnitude e exuberância nos dois dias desde que os Tecelões haviam transportado a Academia para a Itália. Trepadeiras de videiras, árvores frutíferas e densas cercas vivas bloqueavam minha visão.

Entrei sorrateiramente pelo jardim em forma de lobo para poder me embrenhar silenciosamente pelas trilhas. A culpa mordiscou meus calcanhares, mas não conseguia afugentar a suspeita de que alguma coisa importante estava prestes a acontecer no jardim — algo que afetaria minha matilha. Como alfa, precisava saber o que era.

Segui uma das trilhas, rente às trepadeiras para que não fosse descoberta, e fui atrás do que pareciam ser vozes. Baixas, porém contínuas, como o som borbulhante de um riacho distante. Havia quase alcançado o centro do jardim, quando avistei duas pessoas. As silhuetas tinham um brilho prateado fantasmagórico sob o véu iluminado da lua quase cheia. Me escondi atrás do tronco de árvore mais próximo, deixando que as sombras me acobertassem.

Sabine parou à frente de um banco de pedra, onde Ethan estava sentado. Ele continuou a afiar sua adaga. Não ergueu os olhos para fitá-la.

— Não pode fazer isso para sempre, você sabe disso — disse ela.

— Fazer o quê? — Ele manteve os olhos fixos no chão. A lâmina de sua adaga

parecia brilhar sob a luz do luar.

— Me ignorar — respondeu ela.

— Não é nada pessoal.

— Claro que é.

Ele curvou os ombros levemente ao ouvir as palavras, mas não disse nada.

O farfalhar de folhas nos arbustos do outro lado da árvore chamou minha atenção. Precisei morder a língua para não latir quando um lobo marrom surgiu furtivamente da vegetação rasteira.

Calla?

Mostrei as presas para Shay.

O que está fazendo aqui? Por mais que quisesse um tempo sozinho com Shay, não era assim que eu tinha imaginado esse momento.

Ia perguntar a mesma coisa. Quando você saiu do refeitório, achei que talvez estivesse passando mal e quis ter certeza de que estava bem. Foi quando a vi se transformando em lobo na entrada do jardim e me perguntei o que estava acontecendo.

Minhas orelhas arquearam.

Nada. Saia daqui.

Ele virou a cabeça peluda e castanha para mim, olhos verdes curiosos e atentos.

— Só quero conversar com você. — A voz de Sabine cortou o ar noturno.

Ethan não se moveu; Sabine ficou de pé em silêncio. Esperando.

As orelhas de Shay moveram-se quando a voz dela chegou até nós.

É a Sabine? Ele deu um passo adiante. *E o Ethan?*

Abaixa! Mordisquei o ombro dele.

Ei! Ele mostrou as presas, mas um segundo depois sua língua saltou para a fora. *Você está espionando eles?*

Revelei os caninos.

Não seja ridículo.

Esta é uma tentativa bastante patética de me convencer do contrário, Cal. Ele se virou e voltou para o arbusto. *Além disso, tem um esconderijo bem melhor aqui. Vai ser flagrada com certeza se ficar aí onde está.*

Fiquei observando o corpo amarronzado de Shay desaparecer entre a vegetação escura. Segundos depois, afundei para ficar rente ao chão e fui atrás dele.

Nossos corpos ficaram pressionados um no outro entre os grossos troncos. Aconcheguei-me em seu pelo e desfrutei a forma como nossos cheiros misturavam-se no ar noturno. Me fez lembrar das nossas primeiras aventuras juntos, como lobos. Longas noites caçando, saciando-nos com nossa caça em seguida e depois nos aninhando um no outro para um cochilo sob a sombra de um pinheiro ou sob um enorme tronco de árvore caída. Observei o lobo dourado ao meu lado e meu coração

sentiu uma pontada, desejoso dessa liberdade. Das horas ininterruptas, quando a natureza e o mundo pertenciam apenas a nós.

Chega um pouco para lá. Não dá para ver nada. Empurrei o ombro dele com o focinho, como desculpa para ficar ainda mais perto.

Sabia que você estava espionando. Ele avançou pouco a pouco na sombra e mordiscou meu maxilar afetuosamente.

Fique quieto. Quero saber o que está acontecendo. Mas enquanto espiava as pálidas silhuetas de Ethan e Sabine, descansei a cabeça sobre as patas de Shay. Ele apoiou o queixo em minha nuca e me deu uma lambida provocativa na orelha.

Afinal, por que você está interessada no que eles estão fazendo?

Porque são Sabine e Ethan.

Boa resposta.

Ethan finalmente tinha erguido o rosto para fitar Sabine, cujas mãos estavam na cintura ao encará-lo. Ele guardou a adaga e suspirou.

— Tudo bem. Do que quer falar? — perguntou Ethan.

— Quero que pare de me evitar.

— Não estou evitando você. — Ele se sentou um pouco mais ereto.

— É mesmo? — Sabine deu um sorriso sutil. — Você quase conseguiu me enganar. — Ethan se levantou e começou a se distanciar dela. A risada com som de sino de Sabine ecoou pelo ambiente. — Viu, está fazendo isso agora mesmo.

Ele se virou, balançando a cabeça.

— Não curto muito socializar. Muito menos com lobos.

— Entendo. — Ela seguiu os passos dele na direção das roseiras, carregada de botões vermelhos, que agora pareciam pretos por causa das sombras. — Então é por isso que está se esforçando tanto.

Ele se deteve e a encarou com as sobrancelhas franzidas.

— Como é?

— Está fazendo tudo que pode para ficar longe de mim, mesmo não sendo isso que você quer.

A risada que ele soltou era sarcástica, mas as palavras de Ethan tinham um vestígio de insegurança.

— Desde quando você sabe o que quero? — perguntou ele.

— Sempre que você me olha.

Uau. Shay se moveu um pouco para fora das folhagens.

Shhhh! Mordi o ombro dele, mas um segundo depois me aproximei mais.

Ethan ficou imóvel. Sabine deu mais um passo na direção dele.

— Ficar em minha presença não é trair seu irmão — comentou ela.

Ele deu um salto para trás.

— Como você...

— Tess me contou — interrompeu ela. — Acho que ela está preocupada com você.

— Isso não é problema dela — retrucou ele, com voz trêmula. — Ela não tem que se meter.

— Não acho que ela queira se meter. — A voz de Sabine era envolvente como fumaça no ar da noite. — É aí que entro na história.

Ele a encarou, olhos arregalados, parecendo um coelho preso em uma armadilha. Ela avançou e colocou a palma da mão no centro do peito de Ethan.

— Não sou tão diferente de você, Ethan. Não importa o que pense. Está vendo como o seu coração está acelerado?

Ele olhou os dedos finos de Sabine e concordou com a cabeça.

Com a outra mão, ela pegou a mão dele e pressionou-a contra o próprio peito.

Ela não tirou os olhos do rosto dele.

— O meu também está.

Um som nasceu da garganta de Ethan, um gemido agudo, algo entre a dor e o prazer. As silhuetas de seus corpos se tornaram um emaranhado escuro de membros quando ele puxou Sabine contra si e a beijou.

Uma risadinha invadiu minha mente.

Esta é a nossa deixa. Vamos.

Mas... Eu observava o casal enroscado um no outro, hipnotizada pela cena, embora soubesse que já não devia continuar ali olhando para ele.

Vamos, Cal. Os dentes de Shay seguraram meu pescoço gentilmente. *Suas perguntas já foram respondidas. Gostaria que alguém tivesse ficado espiando nossa noite no jardim?*

Controlei o impulso de rosnar para ele.

Já estou indo, está bem, pare de me puxar. Não sou um filhotinho.

Atrás de nós, ouvi o gemido baixinho de Ethan e corei sob o pelo.

Viu? Shay saiu engatinhando do arbusto em direção à saída do jardim.

Caminhamos cuidadosamente com patas silenciosas. Quando já estávamos na soleira da porta, sem perigo de sermos vistos, mudamos de forma e entramos na Academia.

— A guerra produz estranhos aliados. — Shay sorriu. — Que bom para eles.

— Pelo visto.

— Você não aprova? — perguntou Shay.

— É meio estranho. — Franzi a testa. — Um Inquisidor e um Guardião?

— Não é a primeira vez — lembrou ele. — Monroe e Corrine...

— Ambos mortos — interrompi, ainda aflita com o que tinha acabado de ver. Queria ficar feliz por eles, mas todos os amores que eu havia testemunhado ali terminaram com perdas terríveis. E a batalha de nossas vidas estava próxima. Temia

por Sabine e Ethan. Temia por todos nós.

— É diferente — contestou ele. — Sabine não é refém dos Defensores. Ela está aqui, segura e livre para fazer o que quiser. Provavelmente, pela primeira vez na vida.

Fiz que sim lentamente com a cabeça.

— Ainda está preocupada? — Ele enrugou a boca ao me ver franzir a testa.

— Não consigo evitar. — Lembrei-me de Tess aos prantos quando Lydia morreu.

Ele deslizou os braços ao redor da minha cintura. Levei as mãos contra o seu peito, não para afastá-lo, só para que ficassem perto do seu coração. Agarrei a camisa dele e o puxei para mais perto de mim.

— O que você está fazendo? — perguntei ao notar a expressão maliciosa no rosto dele.

— Tranquilizando sua mente — murmurou ele, inclinando-se para me beijar.

— Espera. — Empurrando-o mesmo desta vez. — É melhor a gente ir...

Ele ficou muito quieto e o convite para ir ao meu quarto morreu em meus lábios. Os braços de Shay continuavam ao meu redor, mas poderia jurar que ele tinha prendido a respiração.

O som que parecia a mistura de tosse com grunhido vibrava das paredes do corredor atrás de mim. Os dedos de Shay cravaram em minha cintura. Eu sabia quem estava lá, nos observando.

— Não interrompam nada por mim. — Ren veio até nós lentamente, cercando-nos. — Não importa. Eu gosto de interromper.

O grunhido de Shay vibrava em meu corpo. Ainda embriagada pelo nosso encontro secreto no jardim, meu impulso foi abraçá-lo e afastar Ren com um rosnado. Mas eram instintos que deveriam ser ignorados. Me virei, desvencilhando-me de seus braços e me posicionando entre os dois.

— Trégua, lembram? — Mostrei as presas para os dois.

— Ele não parece estar jogando limpo — disse Ren.

— Não estou jogando nada. — Shay riu. — Isto não é um jogo para mim.

Ren se eriçou.

— Sabe que não foi isso que eu quis dizer.

— Parem. — Levantei as mãos, para ter certeza de que nenhum dos alfas daria sequer mais um passo na direção do outro. — Não façam isso.

— Só queria entender o que você estava fazendo sozinha com ele. — Ren não tirava os olhos de Shay.

— Nada — respondi. Por esse motivo, queria ter saído dali e ido para o meu quarto, onde não seríamos vistos. — Estávamos conversando, Ren. Ainda posso conversar a sós com Shay.

— Não parecia que ele estava a fim de conversar — disse Ren.

— Ele tem razão. — Shay deu um sorriso maldoso.

— Vamos ver o que posso fazer com esse belo sorriso. — Ren avançou para cima de Shay.

Girei o corpo e soquei o peito de Ren. Ele vacilou, olhando surpreso para mim. O lobo dentro de mim uivou frustrado. Como conseguiria evitar que esses dois acabassem se matando?

— Estou falando sério. Vocês não vão machucar um ao outro — rosnei. — Não me provoquem.

Shay riu.

— Bom cruzado, Cal.

Me virei e chutei o estômago de Shay, jogando-o contra a parede.

— Que merda é essa?! — gritou ele, massageando o abdômen.

— Estou falando com os dois! — Minha cabeça latejava. — Como posso ser mais clara? Parem de tentar tirar vantagem um do outro. Os dois estão sendo completos idiotas. Não suporto isso.

Shay se encolheu e me arrependi de minhas palavras. Minha frustração aumentou devido à incapacidade de satisfazer meus próprios desejos tanto quanto a de cumprir a tarefa de regular tanta testosterona junta.

— Ela tem razão — disse Ren.

Shay o encarou antes de me fixar. Quando meus olhos encontraram os dele, dei um passo atrás, vacilante pela dor que vi.

— E agora, então? — perguntou ele. — Nada do que aconteceu entre nós tem mais importância? Ele está aqui e tudo o que vivemos está acabado?

— Não, Shay... — Era difícil colocar as palavras para fora enquanto o coração se rebelava contra a razão. Vi flashes da nossa noite no jardim, voltei a ser embebida pela paixão guiada pela luz do luar. Senti o calor da pele de Shay na minha. Lembrei de ter acordado em seus braços e de ter ficado cheia de desejo só em vê-lo dormindo ao meu lado. O sangue retumbava em meus ouvidos. — Não foi isso que eu quis dizer.

— O que aconteceu? — A pergunta de Ren foi como uma represa contra a inundação de lembranças.

Shay abriu a boca para responder, mas meu olhar severo para ele o calou. Ele me encarou por alguns segundos. Meu sangue gelou ao perceber como esse episódio o havia magoado.

— Nada — respondeu Shay, que deu as costas e se afastou. — Boa noite.

Observei-o retirar-se com um nó no estômago cada vez maior até que a dor ficou quase insuportável.

— Do que ele estava falando, Calla? — perguntou Ren.

Esforcei-me para encará-lo. Quando me deparei com seus olhos escuros e

preocupados, balancei a cabeça.

— Deixa pra lá — disse em voz baixa. — Por favor, simplesmente deixa pra lá.

A boca de Ren retesou-se em uma linha, mas ele concordou com a cabeça.

— Posso pelo menos acompanhar você até o quarto?

— Não — respondi com voz trêmula. — Melhor não.

Eu me sentia vazia, e Ren era muito bom em interpretar minhas emoções. Parte de mim ainda custava a acreditar que ele estivesse ali. Que apesar de tudo que havíamos perdido, ele havia se salvado. Queria ser capaz de lhe dizer o quanto significava para mim tê-lo por perto, do ânimo que senti por saber que outro alfa estaria nesta luta conosco. Mas se expusesse esses pensamentos acabaria em uma baita confusão. Se o deixasse assumir o papel do ombro amigo num momento em que me sentia tão vulnerável, acabaria fazendo uma besteira.

— Tudo bem. — Vi a raiva brilhar em seus olhos antes que Ren fosse na direção oposta à de Shay. — Bons sonhos, Lily.

Quando estavam ambos longe de vista, caminhei de volta para as escadas, levemente aturdida, e subi bem devagar até o terceiro andar para o meu quarto. Fiquei na dúvida se o sono viria. Apesar de todo o cansaço depois do caos das batalhas e das missões de resgate clandestinas, minha mente estava a mil por hora.

Ao não escolher um parceiro, fui forçada a liderar sozinha. Será que eu era forte o suficiente para fazer isso? A liberdade da solidão borbulhava em minhas veias, dividida em partes iguais de alegria e pânico. Quando cheguei ao meu quarto me detive e fiquei olhando para porta por vários segundos, fingindo não relancear os olhos a todo o instante para a porta ao lado, ao longo do corredor. A porta de Shay.

Praguejei entre sussurros e desisti de tentar ignorar o impulso de ir ao quarto dele. Hesitei ao chegar diante da porta. O episódio com Ren tinha sido a pior das mancadas. Havia sido hostil com ambos, mas estava mais preocupada com o quanto poderia ter magoado Shay. Ele ainda estaria com raiva? Será que sabia que eu desejava estar com ele a sós desde o momento em que Adne e eu tínhamos voltado de Vail? Será que ele ainda me queria, mesmo ciente de que eu tentava manter um equilíbrio de forças entre os dois alfas machos?

Bati na porta e me amaldiçoei pela falta de convicção.

— Quem é?

— Sou eu, Calla.

Ele me fez esperar do lado de fora por pelo menos dois minutos antes de abrir a porta. Vestia uma camisa simples com decote em V, oferecendo um panorama provocador dos músculos do tórax, e uma calça de algodão azul-marinho. Eu tinha um pijama parecido no armário, embora um pouco mais feminino. Aparentemente, era o uniforme padrão de dormir dos Inquisidores.

— O quê é? — O tom nada amigável evidenciava que ele não tinha perdoado o

ocorrido lá embaixo.

— Posso entrar? — perguntei.

Ele se afastou, deixando a porta aberta. Eu o segui para dentro do quarto e a fechei. Meu coração acelerou ao me dar conta de que estava sozinha com ele ali dentro. Havia ansiado por este momento durante o dia todo, mas agora que estava ali me sentia insegura. Os nervos me faziam tremer até os ossos. Se Shay perdesse a confiança em mim, tudo pelo que eu tinha lutado poderia ruir.

Ele se esticou na cama. Tinha um livro muito velho apoiado sobre o peito.

— O que é isso? — perguntei.

— Aprendizados do Progenito — respondeu ele. — Aparentemente, ser o Escolhido significa que eu tenho dever de casa.

— Dever de casa do Silas? — perguntei.

— Isso aí.

Fiquei alguns passos distante da cama, observando-o. A forma esbelta dele recostada sobre os travesseiros deixou minha pele eletrizada. Desejei que ele me olhasse e erguesse os braços para mim. Shay continuou concentrado no livro.

— Então, por quanto tempo vai ficar bravo? — perguntei.

Ele não respondeu. Suspirei.

— Shay, não estou tentando magoar você. Apenas achei que seria má ideia esfregar na cara do Ren o que está rolando entre a gente. Isso poderia arruinar tudo.

Shay deu uma risada.

— Uma metáfora e tanto.

— Você sabe o que quero dizer.

Eu sabia que se tratava de algo além de controlar o temperamento de Ren, mas não tinha certeza de que Shay saberia lidar com essa informação. Salvar Ren tinha sido necessário. Não queria admitir a alegria de tê-lo de volta, de estar próxima dele novamente. Mas a onda constante de esperança que acompanhava o retorno de Ren fazia eu me sentir pior quando pensava no mal que aquilo devia estar fazendo a Shay. A malícia que se agitava nos olhos dos alfas sempre que se encaravam era quase explosiva. Shay precisava saber que eu não tinha lhe abandonado, por mais que quisesse Ren ao meu lado. Eu não tinha ideia de como equilibrar os poderes entre os dois machos sem que Shay se sentisse rejeitado. Eu tinha feito um estrago tremendo. Shay estava com raiva de mim, e meu impulso natural era ficar na defensiva, mas isso não resolveria nada.

Ele jogou o livro para o lado e me encarou.

— Olhe, sei que estou sendo um imbecil. Me desculpa. Ele provoca em mim o que tenho de pior. Sempre foi assim.

— O primeiro passo para a recuperação é admitir que você tem um problema. — Sorri.

Ele riu, mas um segundo depois uma expressão sombria retornou ao seu rosto.

— Não consigo parar o redemoinho que está na minha cabeça — disse ele. — Estou tentando compreender o que significa ser o Progênito, mas tudo o que quero é descobrir onde estão meus pais.

— Logan não disse nada ainda? — Vi o peito de Shay subir e descer em um suspiro profundo.

— Ele está bancando o durão... ou coisa assim — ponderou. — Nem sei se acredito que estejam vivos. Não consigo parar de pensar neles... E sei que não deveria me concentrar nisso agora.

— Ninguém vai culpá-lo por isso, Shay — exclamei. — Claro que você quer encontrar seus pais.

— Contanto que eu salve o mundo primeiro — completou.

— Acho que as duas coisas têm condições — comentei com um sorriso.

— Condições e tanto — acrescentou ele. — E por falar nisso, cada um tem seu próprio fardo e acho que o seu fardo está pronto para arrastá-la ao altar.

— Shay. — Um resmungo suave saiu de mim quando falei.

— Você sabe que eu tenho razão. Ren acha que você pertence a ele. Sempre achou.

— Ele é um alfa — respondi, sem querer defender muito Ren, porém tentando explicar a situação para Shay. — Ele ainda me vê como parceira.

— E você se vê assim?

— É complicado. — Olhei para o chão. *Que resposta esfarrapada, Calla, horrível.*

— Talvez seja por isso que, com ele por perto novamente, eu sinta que você não precisa mais de mim — disse Shay.

— Como pode sequer cogitar isso? — perguntei, tentando evitar uma resposta direta. — Você é o Progênito. É a única pessoa capaz de fazer com que os Inquisidores consigam derrotar os Defensores.

— Achei que Ren fosse a maior esperança de ganhar esta guerra.

— Nós precisamos, sim, do Ren — contestei, ignorando o olhar zangado dele. — Ele é capaz de fazer ou romper uma aliança com os Guardiões. Mas todos os Guardiões do mundo não podem fazer nada contra espectros. Você pode.

— E, ainda assim, isso não parece me ajudar em nada em relação a você — continuou ele. — Você se importa com os lobos. Mais do que tudo.

— Claro que sim — concordei. — Sou uma alfa.

— E eu também — disse ele. — Tanto quanto Ren. Apenas sou novo na matilha... Só isso.

— Sei disso, Shay. — Franzi a testa. — Mas acho que você não está conseguindo enxergar o mais importante.

— É você quem não está conseguindo enxergar, Calla. — O sorriso dele era sombrio. — Acha que ser o Progenito tem alguma importância para mim se eu perder você? Porque não tem. Nada disso importa. Você é o motivo pelo qual preciso ganhar esta guerra. Estou lutando por você. Não pelos Inquisidores. Ou por qualquer outra pessoa. É tudo por você.

Minha pulsação trovejava, pesada como um bumbo.

Ele voltou a se deitar na cama, olhando fixamente para a luz cintilante das estrelas acima de nós. Observei-o, sem saber o que fazer. Não precisava dele. Não queria precisar dele. Para ser capaz de liderar e guerrear nesta batalha, eu não poderia me dar ao luxo de precisar de alguém. Mas isso não queria dizer que...

Ao me dar conta do que deveria acontecer, do que eu *queria* que acontecesse, minha boca secou. E então meu coração ficou ainda mais acelerado, entrando em sintonia com o incêndio que queimava meu sangue.

— Não preciso de você, Shay. — Não consegui disfarçar a rouquidão carregada de desejo em minha voz.

Shay resmungou sem me olhar. Não viu quando tirei a blusa.

— Mas desejo você — continuei. O coração parecia sair pela boca. Uma vulnerabilidade pura, como nunca havia sentido antes, me agitou por inteiro e então eu soube que isso era amor verdadeiro. O que era aterrorizante.

Ele finalmente se virou para mim, tirando os cabelos dos olhos.

— Você quer... Uau. — Ele se sentou e tirou as pernas da cama, mas não se levantou.

Fui até ele lentamente.

— Se precisasse de você, não seria eu.

Ele não respondeu, mas vi seu pomo de adão subir e descer quando engoliu saliva.

— Você entende? — perguntei. Minhas mãos tremiam.

A sedução era um terreno novo para mim. Vinha me preocupando com Shay se sentir rejeitado, mas agora era eu quem estava nervosa com a ideia de que ele estivesse zangado demais para me aceitar em seus braços. E se ele me jogasse para fora do quarto? As restrições impostas às alfas fêmeas não me permitiam ser uma mulher atirada. Podia apenas ser cortejada. As misteriosas investidas das relações amorosas ainda eram uma zona desconhecida para mim. E não ajudava em nada minha pulsação estar tão acelerada que parecia capaz de romper a barreira do som.

— Sim. — Shay precisou pigarrear para conseguir falar. Ele girou os ombros, recompondo-se, e se inclinou sobre os cotovelos em uma cuidadosa pose casual, embora superficial. — Acho que sim.

— Você acha? — Eu estava a um passo de distância dele.

Um sorriso lento estampou-se em seu rosto.

— Ficaria mais fácil se você me mostrasse.

Congelei. *Mostrar a ele? Aquilo era demais para mim.*

— A não ser que... — Ele ainda sorria. — Não queira mostrar.

Não havia nenhum indício de medo ou dúvida na voz dele, apenas um brilho nos olhos que os tornava vibrantes. Vi o desafio ali dentro. O lobo em mim grunhiu em resposta à provocação de outro alfa. Não se tratava de fazer uma escolha. Puro instinto me impulsionou adiante. Fiquei na frente dele e pressionei as palmas das mãos na lateral do corpo dele, forçando-o a se deitar. Ergui o lábio superior e mostrei os caninos pontiagudos. Suspirei fundo, me perguntando se ele estaria com medo de mim. Mas não havia nenhum cheiro ácido de medo pairando no ar. Apenas o aroma de Shay, de nuvens carregadas de raios, envolvendo-me. Misturando-se com o âmbar inebriante de nosso desejo mútuo.

— Não é uma escolha — disse eu com voz rouca. *Equilíbrio. Devo alcançar o equilíbrio. Droga.* Seria muito, mas muito mais difícil do que eu tinha imaginado. Eu o desejava tanto.

Por mais que lutasse contra a paixão, num esforço para me convencer de que não estava autorizada a estar ali — no quarto de Shay, na cama dele — minha determinação se evaporou. Ele estava próximo demais e a pele dele era muito quente e convidativa. E eu o amava. O lobo em mim uivava por um parceiro. A atração que seu corpo produzia era magnética. Não conseguia me afastar.

— Não? — Shay sorriu. — O que é então?

— Um lapso de juízo — respondi, mas não soei convincente.

— Por mim, tudo bem. — Os caninos de Shay estavam afiados também. Seus braços me envolveram e me puxaram para a cama. Ele girou e me prendeu debaixo dele.

— Amo você — murmurou ele antes de me beijar. Retribuí o beijo, ansiosa por ficar ainda mais imersa nele. — Sei que não precisa de mim, Cal — disse ele, enquanto me beijava pelo pescoço. — É por isso que amo você. Mas quero que saiba que o meu lugar é ao seu lado, com você. Posso não ter sido o escolhido para você, mas quero ser seu parceiro. Seu alfa.

As palavras de Shay me abalaram, produzindo uma corrente elétrica de desejo. Ele compreendia tanto o meu jeito de ser. O que eu queria. A forma como eu vivia e amava. Calor subiu por meu corpo. Deslizei as mãos por debaixo da camisa dele e percorri os dedos por suas costas musculosas. Ele arrancou a camisa. Meu coração vacilou com a visão do torso talhado, o abdômen definido e o restante do corpo apenas coberto por uma calça de pijama presa por um cordão amarrado na cintura. Segundos depois eu estava tirando-a também.

Quando o resto das minhas roupas foi ao chão, ignorei qualquer dúvida ainda pendente. Uma noite em que eu quebrasse regras impostas por mim mesma a fim de

deixar Shay mais seguro não faria mal a ninguém. Faria?

Quaisquer que fossem as consequências, quando Shay começou a explorar meu corpo com as mãos e os lábios, me dei conta de quão idiota tinha sido minha pergunta. Não havia entrado no quarto de Shay no meio da noite para livrá-lo de dúvidas sobre os meus sentimentos. Estava ali para satisfazer a mim mesma.

Entrelacei os dedos nos cabelos dele e trouxe seu rosto para perto do meu.

— Eu te amo, Shay — disse. — Para sempre.

SEIS



Não é à toa que se fala tanto do tal dia seguinte. Acordei antes do amanhecer com o coração querendo sair pela boca. Uma luz cinza penetrava o quarto. Nuvens haviam surgido durante a noite, deixando o céu acima de nós monótono, cor de ardósia.

Enquanto me apressava em vestir a roupa e sair do quarto antes que Shay acordasse, repreendi-me em silêncio. Não apenas me sentia uma vadia total por deixar Shay sozinho, não uma, mas duas vezes, como também previa as consequências da decisão de dormir com ele, que começavam a pesar em meus ombros feito pedregulhos.

Dúvidas iam e vinham na cabeça enquanto apanhava roupas limpas em meu quarto e corria para o chuveiro. Será que Ren perceberia? Será que Shay iria se vangloriar e provocar uma briga? Imaginei incontáveis piores cenários no caminho para o banho e todos terminavam comigo, Shay ou Ren ferido e a aliança desfeita. Neste momento, encarar Guardiões em forma de urso ou mesmo espectros parecia menos assustador do que ter de lidar com os efeitos colaterais da minha vida amorosa. Esfreguei a pele bem além da esfoliação, e a culpa permanecia, me perseguindo como uma sombra. Não queria fingir que a noite passada com Shay não havia acontecido. Cada beijo, cada carícia que trocamos fez sentido, me fez desejá-lo ainda mais. Entretanto, revelar minha intimidade ao grupo poderia pôr a missão em risco. Lembranças recentes de ter passado a noite nos braços de Shay provocaram um arrepio quente em minha pele, mas sabia que precisava expulsá-las da cabeça.

Como já havia acontecido muitas vezes antes, eu me via encurralada entre a paixão e o dever. Havia muito em jogo para permitir que meu coração assumisse o controle. A cabeça é quem deveria dar as cartas de agora em diante. Se escolhesse meu parceiro, nossa estremecida aliança acabaria desmoronando.

Quando cheguei ao centro tático de Haldis, Anika e Pascal já estavam lá. Ao redor do Guia de Tordis havia um grupo de Inquisidores que eu não conhecia. Para minha surpresa, Ren se achava entre eles e parecia dar instruções. Supus se tratar do

grupo da emboscada de Pascal e estremeci. O plano de Ren era bom, mas o colocava em perigo cedo demais.

Ren ergueu a cabeça, quase como se tivesse lido meus pensamentos. Assentiu bruscamente e voltou as atenções para o grupo. Controlei o desejo de me unir a eles e de liderar a missão ao lado de meu parceiro alfa. Mas essa não era minha luta. Não hoje.

Ethan e Sabine entraram juntos no salão. Fiz de tudo para não ficar olhando muito. Eles não conversavam ou se tocavam, mas bastou dar uma olhada para saber que seria necessária uma força da natureza para conseguir separá-los um centímetro sequer. Vê-los me deu uma onda de alívio. Pelo menos eu não era a única a enfrentar complicações românticas.

Tentei me mostrar o mais natural possível ao me aproximar deles.

— Bom dia.

— Ei, Calla. — Sabine me olhou desconfiada. Pelo visto fingir naturalidade não era meu forte.

Ethan apenas acenou com a cabeça.

— Perdemos o barco? — perguntou Connor, entrando descontraidamente com Adne logo atrás de si.

— Na verdade, chegaram bem na hora — disse Anika.

— Droga.

Adne acenou para mim rapidamente enquanto Connor continuava a conversa com Anika.

— Ei. — Dei um salto ao sentir a mão de alguém tocar meu ombro.

— Dormiu bem? — perguntou Ren.

— Hum... Sim. — *Por enquanto, tudo bem.*

Deixa para lá. Shay entrou com Mason e Nev. Eles mastigavam pãozinhos e frutas. O cheiro de pão recém-assado fez meu estômago roncar.

— Está com fome? — Ren sorriu.

— Não tomei café da manhã.

— Tem o bastante pra dividir — disse Mason, me atirando um pãozinho. Ataquei-o, fingindo ser a fome e não o nervosismo que me impedia de olhar para Shay. Ele estava bem ao lado de Ren. Fiquei esperando que algo acontecesse. Um sorriso afetado, um olhar presunçoso, algum movimento que indicasse a Ren onde eu tinha passado a noite. Apesar do cheiro e do gosto delicioso do pãozinho, a sensação que tive ao engolir um pedaço foi de ter uma pedra aterrissando no intestino.

Como havia esfregado a pele com tanta força no chuveiro a ponto de deixá-la vermelha e ardendo por vários minutos, torci para que tivesse eliminado qualquer vestígio do cheiro de Shay em mim, mas não ousei encará-lo. Agora que ele estava perto, podia sentir o aroma de folhas encharcadas pela chuva e de trovão, o que me

deixou arrepiada. O calor me subiu pelas bochechas.

Desesperada por uma distração, me concentrei em Ren.

— E você? Dormiu bem?

— Não muito. — Ele fez uma careta.

Tentei manter o tom de voz casual ao imaginar Ren passando pela porta de Shay e ouvindo o que ficamos fazendo durante toda a noite.

— Seu quarto não é confortável?

Ele riu.

— O problema não é esse.

Minha pulsação batia agora em ritmo frenético. Ele devia ter descoberto de alguma forma.

Ren massageou as têmporas.

— Tive companhia.

— Oi? — Minha voz saiu esganiçada, de um jeito que detestei.

Silas cambaleou salão adentro, ofegante. Não fosse pelos cabelos pretos e cor de cobalto, não o teria reconhecido. Ele havia trocado as roupas de aspirante a roqueiro por um traje convencional dos Inquisidores. Tinha até mesmo uma espada embainhada pendurada na cintura.

— Perdi a viagem? Cheguei tarde demais?!

Anika franziu a testa.

— Se considerarmos que lhe concedi uma dispensa especial para esta missão, certamente você poderia ter sido mais pontual.

— Desculpe, Anika. — Silas arrancou os cabelos bagunçadíssimos do rosto. — Não conseguia decidir quais ferramentas de escrita serviriam melhor para a viagem. Acabei optando pela caneta e o lápis. Um de cada e um caderno de notas. — Ele segurava tudo com muito orgulho. — Além disso, passei quase a noite toda acordado ensinando nosso novo recruta.

Ren suspirou alto o suficiente para chamar a atenção de Silas.

O Escriba fez uma cara feia.

— Ele foi um aluno um tanto quanto voluntarioso.

— Silas? — Olhei para Ren e em seguida para o estudioso de cabelos revoltos. — Foi ele a sua companhia?

— Ainda está com ciúme? — Ren piscou para mim.

— Não estava com ciúme — respondi.

— Tem certeza? — provocou Ren. — Então você sempre fala com essa voz estridente?

Minhas bochechas queimaram novamente, mas desta vez não teve nada a ver com minha noite clandestina com Shay.

— Cara, se quer mudar de time, seja bem-vindo. — Mason sorriu. — Mas podia

ter conseguido coisa bem melhor que esse Bozo versão punk.

Silas ficou vermelho como tomate e começou a gaguejar:

— Eu estava repassando a ele informações vitais para nossa missão.

Mason deu de ombros.

— Tudo o que acontece dentro de um quarto é vital.

— Ele tem razão. — Nev jogou os braços ao redor dos ombros de Mason.

Silas abria e fechava a boca, mas nenhum som saía lá de dentro.

Ren ficou com pena dele.

— Ele me contou sobre como você é especial — explicou ao lançar um sorriso inamistoso para Shay. — Por causa da sua tatatatara cem vezes avó, Eira, que nos colocou nesta roubada quando virou a amante do demônio.

— Obrigado por me lembrar — retrucou Shay. — Então agora já sabe porque você e Calla deveriam ter cortado a minha garganta em vez do bolo na cerimônia de casamento. Uma pena que isso não aconteceu.

Ren ficou tenso.

— Não fiquei desapontado por você ter saído de Vail vivo. Já o que aconteceu depois... Vamos ver como isso termina, não é?

Shay sorriu lentamente.

— Certamente veremos.

Prendi a respiração, esperando que ele revidasse com uma indireta sobre minha visita ao seu quarto. Mas ele apenas olhou feio para o outro alfa. Para nossa sorte, o cérebro de Shay não parecia estar completamente dominado por seu ego masculino.

— Não dei todo o histórico que precisava. — Silas havia se recomposto um pouco à medida que suas lições foram comentadas. — Ele não parou de rosnar para mim.

— Você me chamou de aberração. — Os dentes de Ren ficaram afiados. — O que esperava? Um beijo?

Mason tossiu.

— Você poderia fazer coisa melhor.

Silas o ignorou.

— Estou meramente enunciando fatos. Guardiões foram criados em uma violação das leis da natureza. Vocês são uma...

Ren pegou Silas pela garganta e o levantou até que ficasse na ponta dos pés e engasgando as palavras.

— Diga isso de novo e vai se arrepender muito.

Adne pegou no braço de Ren e o sacudiu para que soltasse o Escriba.

— Ele não faz por mal — disse.

Ren sorriu para ela e largou Silas.

— Estava apenas me certificando disso.

Adne retribuiu o gesto, rindo.

— Todo mundo sabe que não deve se meter a besta com você, irmão, não precisa provar isso para ninguém.

— Ele teve sorte por você ter vindo socorrê-lo. — Ren a envolveu pelo ombro. — Esta já é a segunda vez.

— Segunda vez? — perguntei.

— Ontem à noite e agora — explicou Ren.

— Fiquei acordada até tarde — disse Adne. — Ouvi Silas discursando quando passei pela porta do quarto de Ren e achei melhor entrar antes que as coisas ficassem feias.

— As coisas já estavam mais do que feias — disse Ren. — Eu só não tinha partido para a violência até então. Sua entrada no quarto não poderia ter sido mais oportuna.

— Eu sou incrível assim mesmo. — Adne sorriu com malícia. — Além disso, você e eu ainda temos muita coisa para pôr em dia.

Ren sorriu para Adne com uma ternura que nunca o vira demonstrar antes. Connor também observava a dupla. Um sorriso disfarçado, ambíguo, apareceu brevemente em seu rosto e imaginei que ele desejava ter Monroe ali para ver os filhos juntos.

— O que o rato de biblioteca está fazendo aqui, afinal? — Connor tirou os olhos de Ren e Adne para fitar Anika.

— Vou com vocês. — Silas enfiou o caderno e os utensílios de escrita de volta na mochila pendurada no ombro.

— De jeito nenhum!

Silas estufou o peito e disse:

— Estamos falando dos momentos finais. Os eventos prestes a ocorrer precisam ser registrados.

Connor lançou um olhar de súplica para Anika.

— Por favor, digam que é uma piada — falou ele.

— Ele tem razão. — Anika deu um sorriso sutil. — E há precedentes. Escribas fazem parte das equipes centrais em missões que qualificamos como “históricas”.

— O professor pode acabar arruinando nosso esquema — interveio Ethan.

Anika balançou a cabeça e disse:

— Apesar da implicância pessoal de vocês, Silas está inteiramente treinado para operações e combates como todos os Inquisidores devem estar. Ele vai.

— Em vez disso, não podem simplesmente dar para a gente um ditafone e registramos o passo a passo para a posteridade? — perguntou Connor.

— Não seja ridículo — disse Silas. — Você não seria capaz formar uma oração, muito menos observar as nuances do que vai marcar a era do progênito.

— Era? — Shay riu. — Agora eu também defino um período histórico?

Silas o fulminou com os olhos.

— Tudo bem. — Connor se afastou de Anika e se dirigiu para perto de Adne. — Só não atravanque o caminho.

— As equipes já estão formadas? — perguntou Anika.

— Quase — respondeu Ren. — Sabine, pensei em você na equipe que servirá de isca.

Ela ergueu uma das sobrancelhas.

— Você está liderando o grupo?

Ele fez que sim com a cabeça.

Ela olhou de relance para Ethan, que balançou a cabeça.

— Eu vou entrar em Tordis com o Progênito — disse ela.

Sabine cruzou os braços e apontou com o queixo para Ethan.

— Aonde ele for eu vou.

— O Inquisidor? — Ren inclinou a cabeça e a olhou com curiosidade. — Sério?

— Mais uma pergunta e arranco sua orelha com uma mordida, Ren — ameaçou Sabine, sorrindo. As presas dela brilhavam.

Ethan permaneceu em silêncio, mas vi o canto de sua boca tentando ensaiar um sorriso. Ao lado de Ren, Adne lhe deu uma cotovelada quando ele tentou protestar novamente. O alfa olhou a irmã. Ela balançou a cabeça, e ele deu de ombros.

— Se é isso o que você realmente quer — comentou.

— Eu substituo Sabine no grupo de isca — disse Nev, que piscou para ela. — Sabine pode ir a Tordis e acompanhar seu homem.

— Vai encarar? — Sabine rosnou e se moveu um centímetro para mais perto de Ethan, que parecia não saber se ria ou se saía correndo dali.

— Onde está, Bryn? — perguntei, embora já soubesse a resposta.

— Ela vai ficar com Ansel — respondeu Mason. — Tess ganhou permissão para fazer alguma coisa no jardim com ele hoje. Bryn não vai sair de perto dele.

Fiz que sim com a cabeça, já esperando algo do tipo. Saber que Bryn ficaria com Ansel foi um alívio. Por mais útil que pudesse ser ter minha Beta lutando ao meu lado, ainda assim era melhor ter a esperança de que sua devoção inabalável ao meu irmão poderia tirá-lo daquele ciclo de autoflagelo.

— É melhor assim — opinei. — Ela está onde deve estar.

Meus olhos encontraram os de Shay por um segundo e meu coração vacilou. Além de um brilho sutil em seus olhos verde musgo, ele não deixou transparecer nada. Não importava a intensidade do amor, da luxúria e do ciúme que circulavam entre nós três, nesta manhã tínhamos outra batalha para enfrentar.

— Tudo bem, Nev — disse Ren. — Por que você não vem conhecer a equipe? Estamos um pouco atrasados. Você não fala francês, fala?

— O conhecimento de idiomas virou requisito agora? — Nev riu, enquanto se

afastavam. — Cara, você devia ter mencionado isso antes que eu me voluntariasse.

Nossa equipe menor aproximou-se de Anika e dos outros Inquisidores à espera de ordens.

— Quando quiser, Pascal. — Anika fez um gesto para o Guia de Tordis.

Pascal fez um gesto para um dos membros da equipe, que tirou as adagas escocesas do cinturão e começou a tecer um portal.

— Como vamos saber que os Guardiões morderam a isca? — perguntei.

— Pascal só vai precisar de cinco minutos — respondeu Anika.

Connor deu uma risada e disse:

— Ele é bom em fazer cenas.

— *Merci* — agradeceu Pascal, sorrindo para ele.

Anika ergueu a mão para se despedir de Pascal, Ren e seu time que, um a um, atravessavam o portal tremeluzente.

De onde eu estava, não dava para ver muito mais do que branco cintilante e azul extremo. A neve e o céu. Um nó formou-se em minha garganta ao ver Nev se transformar em lobo e atravessar o portal correndo. Ren, ainda na forma humana, virou-se para nós. Trocamos olhares e ele sorriu para mim. Em seguida um lobo cor de carvão correu atrás da equipe.

Instantes depois, o portal desapareceu.

— E agora? — perguntei. Fechei os punhos. Uma luta estava prestes a começar e eu não estava lá. Minha pele estava retesada demais. Queria ser um lobo em combate. Era quem eu era. Quem sempre havia sido.

— Esperamos — disse Anika, que me lançou um sorriso solidário. Trocamos olhares e me dei conta de que a Seta dava ordens, mas raramente participava das lutas. Um brilho cortante em suas íris me dizia que ela odiava perder esse momento tanto quanto eu. Não havia relógio no local, mas meu pulso parecia tiquetaquear cada minuto desde que eles haviam partido. Anika, que andava de um lado para o outro no salão, de repente parou.

— Agora, Adne.

Adne já havia começado a se mover, imediatamente perdida na dança intrincada de sua tecedura. Fios de luz reluzentes e multicoloridos surgiam de suas adagas escocesas, que giravam e trançavam, formando lentamente o esboço do que seria nosso portal.

Um portal para onde?

Tordis estava adiante. Se tivéssemos êxito, Shay teria a primeira espada da Cruz Elementar. Lembrei-me da criação horrorosa de Logan que nos havia recepcionado nas entranhas de Haldis e estremeci. O que se esconderia em Tordis?

— Tudo pronto. — Adne respirava com dificuldade. Quando Connor pôs um braço ao redor dela, ela se apoiou nele.

— Você está bem? — perguntou ele.

Ela respondeu positivamente com a cabeça.

— Só queria garantir que estaríamos bem no topo da montanha — disse ela.

Ethan correu na direção do portal. Sabine, em forma de lobo, não saiu de perto dele. Ele acenou para Anika antes de cruzar o portal.

Espiei para dentro da porta. Pela passagem tremeluzente dava para ver o branco ofuscante da neve, ocasionalmente interrompido por pedras escuras e dentadas.

Um leve toque na altura da lombar me fez dar um salto.

— Desculpe. — Shay sorria para mim. — Está pronta?

— Estou — respondi e sorri provocativamente de volta. — Está nervoso?

— Não. — Ele girou os ombros para trás. — Sou o Escolhido, esqueceu?

Caí na risada quando ele se virou para mostrar um dos picadores de gelo que levava amarrado a ele.

— Para dar sorte — disse ele. — E porque estamos indo para outra montanha.

— Vamos torcer para que desta vez tenhamos mais do que sorte. — Connor riu, esbarrando em nós ao entrar no portal. Ele lançou um olhar de desgosto para Silas, que havia tirado o caderno da mochila e já tomava notas. — Não digam nada constrangedor, crianças, porque aparentemente tudo será registrado daqui por diante.

Adne começou a bater o pé.

— Gente, será que dá para vocês se adiantarem, por favor? A outra equipe ficará grata se acabarmos logo com isso.

— Sim, senhor! — disse Shay e depois sorriu, malicioso. Ele pegou na minha mão e a apertou antes de se virar e seguir Connor. Em vez de deixá-lo ir, eu o puxei, fiquei nas pontas dos pés e lhe dei um beijo de leve nos lábios.

— Você não precisa de sorte — falei. — Mas mesmo assim fico feliz por ter trazido o picador de gelo.

Ele me embalou em um beijo mais longo até que Connor assoviou. Shay sacudiu a cabeça e finalmente me soltou, seguindo o Inquisidor pelo portal.

O calor do abraço de Shay foi substituído por uma rajada de frio. Olhei para baixo e vi Mason, em forma de lobo olhando para mim. Mudei de forma e fui recebida com sua voz em minha mente.

Siga a líder. Primeiro as damas.

Não sou uma dama e nunca se esqueça disso. Mordisquei o ombro dele.

Você tem razão. Mason pôs a língua para fora. *Acho que damas decentes não se deixam ser beijadas desse jeito.*

Cala a boca, Mason.

Mas me conta uma coisa. Ele ganiu e balançou o rabo. *Você deixaria seu namoradinho chegar assim em você se Ren estivesse por perto?*

Eu disse cala a boca.

Só preciso saber que tipo de apostas devo fazer com Nev. Ele latiu quando mordeu sua lateral e o persegui através do portal brilhante.

Quando atingi o solo do outro lado do portal, duas ideias me invadiram. Que o ar que entrava em meus pulmões era o mais frio e fresco que eu já havia respirado.

Traguei o ar gelado. Em que altitude estávamos?

Olhando em volta, obtive a resposta. O pé da montanha abaixo de mim mostrava-se em um ângulo que parecia impossível. Se eu desse um passo para baixo, tinha certeza de que não conseguiria parar até descer tudo. Virando-me para o outro lado era possível ver o céu azul ao longe, parcialmente encoberto por uma nuvem passageira. Uma nuvem na altura dos olhos.

Shay caminhava em círculos com cautela para não perder o equilíbrio.

— Onde estamos? — perguntou ele.

— Cerca de quatro mil e quinhentos metros de altura — disse Silas de uma tacada só. — Sete graus de latitude e quarenta e seis de longitude.

— Nos Alpes suíços — disse Adne, simplificando a resposta enquanto fechava o portal. — Não muito longe de Mürren. — Ela apontou com as adagas escocesas para a rocha obsidiana a alguns metros a nossa frente. — Esta é a passagem para Tordis.

Confuso, Shay ficou olhando o paredão preto e verbalizou o pensamento que passou por minha cabeça.

— Mas não tem entrada — disse ele.

— Tem uma entrada — disse Adne, guardando as afiadas adagas no cinturão. — Só é difícil ver.

Ethan já se encaminhava para a superfície escura. Ao chegar lá, ergueu as mãos e começou a andar de lado, enquanto deslizava as palmas pela rocha. Ele parou, deu um grito breve e desapareceu.

Sabine gemeu e correu para o paredão. Ela farejou as extremidades, tateando as patas na pedra áspera e preta. De repente, surgiu a mão de alguém tentando tocá-la. Ela ganiu e cambaleou para trás. Saltei em um impulso para frente, apavorada com a ideia de que ela começasse a longa e infinita queda montanha abaixo. Minha mandíbula abocanhava seu pescoço enquanto me apoiava nas patas traseiras e as afundava na neve.

Me solta, Calla. Ela rosnou.

Não até que a lei da gravidade pare de agir contra nós. Rosnei de volta.

A voz de Mason chegou até nós.

Pare de resistir, Sabine. Você não quer cair deste abismo. Não vai virar uma panqueca atraente.

Ela rosnou, mas parou de resistir.

Obrigada, Mason. Continuei segurando-a e provavelmente mordendo-a com mais

força do que seria necessário, mas ela quase nos havia lançado para um salto indesejado, em queda livre. Eu estava irritada.

Quando já tinha certeza de que estávamos fora de perigo, soltei-a. Ela me lançou um olhar de desdém antes de se voltar para o paredão preto.

A cabeça de Ethan, que parecia estar solta e flutuando sobre a superfície preta, apareceu, assim como havia sido com a mão.

— Desculpa! Só estava tentando mostrar o caminho — disse ele.

Sabine e eu fomos até a cabeça sem corpo de Ethan. Estudei a parede de pedra e ainda assim não consegui ver onde o restante de Ethan estava escondido. Só percebi quando já estava quase em cima dele. Uma fenda torta como um corte na pele da montanha. Atrás de Ethan via-se apenas escuridão. Quis uivar, mas abafei o som com um rosnado.

Shay estava bem atrás de mim.

— Que convidativo.

Ethan se afastou, acenando para nós e dizendo:

— Vamos.

Um urro, cheio de dor e raiva, me fez olhar em volta. A toda velocidade pelo declive íngreme, agitando neve e gelo por onde passava, vinha um urso. Mas este era maior do que qualquer urso que eu tinha visto na vida. Sua cintura tinha o dobro do tamanho da cintura do urso que havia atacado Shay nas proximidades de Haldis. A criatura parecia um remanescente da Era do Gelo.

— Ethan! — gritou Connor. — Parece que um deles passou pelo outro grupo.

O arco e flecha de Ethan surgiu na fenda da rocha antes do corpo dele. Quando ele apareceu por inteiro, já havia atirado.

Sabine, Mason e eu fomos logo atrás das flechas voadoras.

Nosso alvo lá embaixo, auxiliado pela gravidade, estava rápido demais. Não tivemos como controlar o golpe que demos no urso, o que significava que a primeira pancada devia ter sido certa. Quando nos aproximamos, senti cheiro de cobre e sal. O urso já estava ferido.

Ele está fugindo do outro grupo de ataque. Lancei esse pensamento para os meus companheiros. Tentem encontrar a ferida.

Entendido, chefe. Mason saltou no ar. Ele foi até as costas do urso e enfiou as presas no ombro do animal para evitar tropeçar sobre ele. Enquanto Mason subiu, Sabine desceu. Agachou-se e ficou rente à neve enquanto descia pelo declive para ficar abaixo do urso. Quando ele estava praticamente sobre ela, Sabine atacou. Cravou os dentes na parte inferior da barriga do animal.

O urso rugiu. Virou em círculos e se sacudiu tentando desvencilhar-se dos lobos. Enquanto se movia, vi a ferida em uma de suas laterais. Dei um salto e investi o mais forte que pude contra o machucado cheio de sangue. Mordi com tudo até meus

dentes tocarem o osso. O urso se levantou sobre as patas traseiras e bradou furioso. Mason e eu saímos voando pelos ares, nossos corpos chocando-se no aclave coberto de neve.

Mas o desespero do urso em se livrar de nossos dentes dilacerantes fez a fera perder o equilíbrio. Ele pendeu para trás. Sabine, ainda pendurada na barriga do urso, aterrissou por cima dele, agora deitado de costas no chão. Sem perder um segundo sequer, Sabine atacou o urso a dentadas, rasgando seu abdômen. O urso investiu contra ela, mas Sabine escapou com um salto.

O urso esforçou-se para se virar, mas o ataque de Sabine fora fatal. O sangue formava poças sobre a neve, até criar um rio cor de carmim que verteu pela encosta do penhasco. O urso gemeu uma única vez antes de ficar imóvel.

Têm mais? Mason ergueu o focinho ao vento.

Pelo visto, não. Virei-me para Sabine. *Bom trabalho.*

Ela fungou.

É.

Subimos correndo o declive.

— Tudo limpo? — perguntou Ethan.

Mudei de forma.

— Só havia aquele.

— Que bom. — Ele pendurou o arco no ombro. — Embora não esteja surpreso. O grupo de Pascal não é descuidado. Vai ficar furioso em saber que um escapou.

— Eles devem ter achado que o urso não iria longe — ponderei. — Ele já estava ferido. Sabine só terminou o serviço.

— E como terminou — comentou Connor e em seguida sussurrou alto para Ethan: — Ei, cara, sua namorada é meio assustadora.

Ethan olhou furioso para ele, e Sabine rosnou, ao que Connor apontou para os dentes arreganhados dela.

— Viu. Olha só isso.

— Você está pedindo para levar uma mordida — alertou Adne, agarrando a roupa dele por trás e o puxando para longe do alcance do focinho de Sabine. — Vamos logo ao que interessa.

Ethan riu e entrou de volta na caverna. Sabine seguiu o Inquisidor e Mason se posicionou ao lado dela. Fiquei alguns passos atrás de Sabine e senti que Shay vinha logo ao meu lado. Atrás de mim avistei Connor, Silas e Adne, na retaguarda do grupo.

A escuridão foi substituída por um brilho vermelho, quando Ethan acendeu uma centelha, banhando de carmim as paredes de modo que parecia que a rocha havia começado a sangrar. O túnel era estreito. Tivemos que nos espremer por uma passagem por onde Ethan mal conseguiu passar. Prendi a respiração ao ouvi-lo

grunhir e se esforçar para avançar. Fomos obrigados a voltar à forma humana para conseguirmos retorcer o corpo e passar lateralmente entre as paredes ásperas da caverna.

Um som de vento constante circulava pela caverna, triste e perturbador. O sinal luminoso de Ethan apagou, mas em vez de voltarmos para a escuridão, a passagem continuou iluminada. A luz já não era vermelha, as paredes agora tinham ganhado um tom suave opalescente. Ouvi quando Ethan prendeu a respiração e olhou de relance para trás.

— Não estamos sozinhos — disse ele.

— Guardiões? — perguntou Connor.

Ethan fez que sim com a cabeça e disse:

— Três deles. Ainda em forma humana.

Me arrastei até ele, espiando por onde vinha a luz. O túnel abria-se em uma clareira coberta de neve, quase um círculo perfeito cortado fora da montanha. O local estava escondido do mundo externo, acessível apenas pela passagem estreita que havíamos acabado de atravessar. Do outro lado, uma imensa parede de gelo cobria uma das faces da montanha. A luz do sol tocava a superfície, criando vários tons de azul que brilhavam como pedras preciosas. O reflexo iluminado tornava praticamente impossível enxergar o contorno de uma fenda no gelo, mas eu sabia que Tordis estava dentro da geleira.

Mas entre Tordis e nosso grupo, havia uma fumaça queimando em direção ao céu. Três pessoas estavam reunidas em volta de uma fogueira. Vestiam equipamentos pesados de neve, suficientes para ajudá-los a resistir a mudanças abruptas de temperatura na montanha.

— É melhor atacarmos enquanto temos o elemento surpresa — sugeriu Connor.

— Não acho — disse Ethan. — Aposto que estão só esperando a gente aparecer. Já estivemos aqui antes e nunca havíamos encontrado Guardiões além da primeira passagem. Este grupo é novo.

— Os Defensores intensificaram a vigilância nos locais — disse Shay. — Eles sabem que estamos atrás das peças.

— Não há muito o que fazer agora, há? — disse Connor, empunhando as espadas.

— Espere. — Pus a mão no braço dele.

— Esperar pelo quê? — perguntou Connor.

— Eles são Guardiões — comentei. — Como nós.

— Mais ou menos. — Ethan tinha o cenho franzido.

— Me deixem falar com eles.

— Você está maluca? — perguntou Ethan, depois tirou o arco do ombro.

— Não está, não — disse Shay. — Quanto mais aliados tivermos, melhor. Talvez os ursos também sejam empregados insatisfeitos.

Ethan lançou um olhar fulminante para Shay.

— Vocês ficam bem atrás de mim — orientei. — Se alguma coisa der errado, vocês atacam. Vou ficar bem.

Connor olhou para Ethan, que deu de ombros.

— Ela é a alfa.

— Tudo bem, Calla — disse Connor. — Se acha que vale a pena tentar, vá em frente. Mas não se esqueça de que os ursos são animais teimosos e mal-humorados.

— E eles fedem — completou Ethan.

— Quer que eu vá com você? — perguntou Mason.

— Não — respondi. — Vou ser menos ameaçadora se for sozinha.

— Boa sorte — disse Shay, enquanto eu saía da estreita passagem em direção à luz do sol.

No momento que pisei na clareira, os três Guardiões já estavam de pé, observando minha aproximação. Ergui a mão e acenei, avançando gradualmente. Eles não mudaram de forma e quis acreditar que isso era um sinal positivo. O cheiro inconfundível de urso me invadiu e torci o nariz. Ethan estava certo sobre o cheiro deles. Nada agradável.

Um dos Guardiões deu um passo à frente e tirou o capuz preso à parca. Uma mulher de olhos escuros e cabelos cor de cobre me encarava com um olhar feio.

Pourquoi vous êtes ici, le loup? O que queria dizer: *Por que está aqui, loba?*

Meus três anos e meio de aula de francês serviram para isso. Loba. Ela sabia o que eu era, mas não tinha a menor condição de responder em francês.

— Meus amigos e eu estamos procurando uma coisa — respondi, torcendo para que ela falasse inglês.

Ela sorriu.

— Você tem amigos que fazem inquisições. — O sotaque francês carregado não mascarou a ênfase desdenhosa que deu na palavra inquisições.

— Os Inquisidores são amigos da nossa espécie. — Continuei avançando e os outros dois Guardiões posicionaram-se ao lado da mulher. — Nossos mestres nos fizeram acreditar ao contrário, em nosso detrimento.

— São afirmações fortes demais vindas de uma criança — comentou ela. — Talvez você tenha se desvirtuado por ser jovem demais.

— Descobri a verdade sobre a guerra — insisti. — E estivemos lutando do lado errado.

Ela riu e olhou de relance para os companheiros, que sorriram com malícia.

— Não, *petite loup*, seus amigos estão apenas mais desesperados em enganá-la, pois sabem que vão perder esta batalha.

Não sabia se tremia devido a rajada fria de vento que me atingiu ou pela aspereza no tom da mulher.

— Os lobos podem ser uns tolos. — Ela ergueu a mão, e vi suas unhas crescerem e se transformarem em garras. — Mais *nous ne craignons pas la guerre*. — Segundos depois, a sombra de uma enorme fera bloqueou o sol. Recuei cambaleante.

— Calla! — Ouvi Shay gritar quando a imensa ursa investiu contra mim, mas eu já havia rolado pela neve e me transformado em lobo ao me jogar. Quando consegui levantar aos tropeços, a ursa bramiu, atacando com suas garras os dardos da balestra que sobressaíam de seu pelo escuro. A fúria do urso intensificou os rugidos ensurdecedores.

Dardos de balestra zuniram pelo ar. A ursa os ignorou, preferindo me atacar. Me preparei para o ataque e vi de relance que Mason e Sabine passavam a toda velocidade para enfrentarem os outros Guardiões.

Avistei o borrão de uma pelagem marrom dourada e então soube que não estava sozinha na luta. Shay investiu contra a lateral da ursa pouco antes de ela me alcançar. O golpe a pegou de surpresa. Ela virou a cabeça, e eu então saltei, cravando as presas em seu pescoço. Meus dentes rasgaram grossos tendões, mas não consegui aplicar força suficiente para esmagar sua traqueia.

Ela se levantou sobre as patas traseiras. Ainda pendurada na fera, balancei em seu pescoço como uma boneca de pano. Ouvi Shay latir abaixo de mim. A ursa grunhiu de dor, e eu sabia que atacaria novamente. Chutei-a com as patas traseiras e impulsionei um salto para longe, voando no ar. Apesar de não ter sido estiloso, o giro permitiu que eu caísse sobre as quatro patas.

A ursa sangrava profusamente no local da ferida que lhe fizera no pescoço e das outras ocasionadas pelas mordidas de Shay na lateral do corpo. Connor estava bem ao meu lado agora, com uma espada em uma das mãos e, na outra, segurava um punhal katara curto com a lâmina larga. Enquanto Shay mantinha a atenção da ursa, Connor a cercou. Com velocidade incrível, ele retalhou a ferida no pescoço da ursa e a abriu ainda mais, enfiando então a katara no peito da fera. A ursa estremeceu. Connor teve apenas tempo de girar para longe e liberar a arma antes do animal tombar.

— Vamos — disse Connor, correndo na direção dos demais.

Alcançamos Sabine exatamente no momento em que ela saltava para o lado, enquanto dois ursos, um preto e outro marrom-escuro, moviam-se desajeitadamente atrás dela. A ursa preta, e agora desgrenhada, urrou e caiu sem vida no chão. Uma das flechas de Ethan estava enterrada no olho esquerdo da fera.

O urso marrom deu o que pareceu ser um tapinha com a pata, mas o golpe lançou Sabine pelos ares. Ethan deu um grito e correu para ela. O urso grunhiu e foi atrás do lobo amedrontado. Mason se posicionou entre o urso e Sabine.

Uma espada passou girando por entre mim e Shay. O aço afiado da espada de

Connor cravou na lateral do urso, que esbravejou sem vacilar. Connor soltou um palavrão. Me atirei contra as patas traseiras do animal e tentei morder um de seus tendões, mas não o acertei e caí no chão. Shay abocanhou a pata traseira esquerda do bicho, que deu um chute violento, livrando-se do lobo e o jogando no chão ao meu lado.

De repente o urso tropeçou, a pata dianteira direita agitando-se em um ângulo esquisito. Uma corda prateada estava presa no ombro do urso e lhe tirava o equilíbrio. Demorei um minuto para reconhecer o chicote de correntes de Adne. Silas a segurava pela cintura. Os dois agarravam o chicote, arrastando o urso pela lateral. O animal urrou de dor, golpeando o chicote.

— Connor! — Os punhos de Adne estavam sem circulação de sangue, tamanha a força com que ela segurava a outra ponta do chicote. O rosto de Silas estava pálido como as mãos dela.

Connor se jogou para frente, com o braço direito para trás. Enquanto o urso encarava Adne e Silas, Connor investiu a katara contra a ferida do pescoço da fera, afundando a arma em sua garganta. O bramido que ela deu tornou-se um gorgolejo e então o urso desmoronou, imóvel.

Connor resmungou, enquanto tirava a faca da garganta do urso e em seguida a limpou na neve.

— Que luta — disse ele.

— Chega desse papo de tentar fazer alianças — disse Ethan. Sabine havia se transformado em humana. Ele a ajudou a se levantar, enquanto a fitava.

— Estou bem — disse ela. — Não é minha primeira luta.

— Aquele urso atingiu você com força — disse ele, tocando no rosto de Sabine.

— Eu aguento.

Ethan sorriu.

— Preferiria que não precisasse.

Shay pressionou o focinho em meu maxilar. *Você está bem?*

Estou. Encostei meu ombro nele. *Obrigada pela ajuda.*

Foi um prazer. Seus olhos verdes brilharam cheios de malícia. *Estava esperando a desforra desde o último ataque que sofri por um urso.*

Balancei o rabo e ri mentalmente para ele.

— Hora da atração principal. — Connor estava ao nosso lado e olhou para Shay.

— Acho que você vai precisar das suas mãos.

Pelo visto, acabou a diversão. Shay lambeu meu focinho, e eu ri novamente.

Diversão?

É claro. Você não se divertiu?

Ele continuou me olhando quando mudou para a forma humana. Repousei o queixo na palma da mão dele e lhe lambi os dedos. Lutar com Shay ao meu lado era

mais do que divertido. Era tudo.

SETE



— Então isto é Tordis — murmurou Shay como se tivéssemos entrado em um lugar sagrado.

Haldis sempre fora imponente. Sua entrada parecida uma mandíbula escancarada assustadora e nada convidativa a exploração. Tordis não poderia ser mais diferente. A passagem claustrofóbica e escura da montanha guardava o segredo cravado na parede azul glacial à nossa frente. Um segredo que talvez fosse o lugar mais extraordinário que eu já tinha visto. A caverna feita de gelo não era apenas linda, era de tirar o fôlego. Cada uma das superfícies cobertas de neve capturava luz, refletindo-a de volta ao local. O túnel era iluminado, coberto por uma rede reluzente de raios de sol, delicados como renda, porém bem mais fascinantes. A teia dançante de luz era interrompida apenas por uma fenda pequena e escura na extremidade oposta da caverna.

Shay apontou para uma cavidade na montanha e disse:

— Parece que é para lá que devemos ir.

— Como você sabe? — perguntou Ethan.

— Haldis é uma antecâmara anexa à caverna principal — respondeu Shay. — Imagino que Tordis também seja assim.

— Faz sentido — concordou Connor, apesar da testa de Ethan enrugar cada vez mais profundamente. — Vamos.

Ergui o focinho e abri a boca para que o ar frio tocasse minha língua. Nada. Nenhum cheiro alarmante. Nenhum gosto desconcertante que me indicasse perigo.

Shay me observava.

— Algum sinal de aranhas gigantes, Cal? — perguntou ele.

Lati e abanei o rabo.

Ele franziu a testa.

— Mesmo? Tem certeza?

Parece terrivelmente apropriado para um covil de Defensores. A voz de Sabine demonstrava uma leve preocupação.

Eu sei. Fitei-a e então olhei novamente para a caverna. *Mas não consegui detectar nada.*

E agora?, perguntou Mason, batendo a pata no gelo.

Continuamos. Avancei correndo.

— Não gosto disso — murmurou Ethan. — Tem alguma coisa aí. Só pode ter.

— É... — Connor deu um longo suspiro. — Mas se não houver uma horrível criatura esperando...

Virei a cabeça, impaciente com a hesitação deles. Queria pegar Tordis e ir embora dali. Se os Defensores não haviam deixado algo horrendo para cuidar do lugar, tinha quase certeza de que nossa chegada havia ativado algum tipo de alarme e logo o lugar estaria infestado de criaturas repugnantes. Exatamente como tinha sido quando resgatamos nossos companheiros de matilha da masmorra abaixo de Eden. Mas em Tordis eu não via ou sentia qualquer sinal que indicasse que tínhamos companhia. Além do urso, não havia detectado sentinelas ou gárgulas de pedra escondidos nas fissuras da rocha, aguardando para avisar seus mestres de nossa invasão ao local sagrado. Ainda assim, não queria me demorar ali — a melhor estratégia era que Shay agarrasse logo a peça da Cruz Elementar escondida e que voltássemos para a Academia o mais rápido possível.

Estava prestes a rosnar para meus lerdos companheiros quando os olhos de Connor, que estiveram espreitando o túnel, arregalaram-se.

— Calla, pare! — avisou.

Meu rosnado tornou-se um gemido, pois o sinal de alerta dele chegou um segundo tarde demais. Minhas patas dianteiras caíram e encontraram... Nada. Já não havia um piso de gelo abaixo de mim. A gravidade e meu próprio impulso para frente empurravam-me para o vazio. Um buraco cujo fim eu não enxergava, embora já estivesse caindo nele.

Minhas patas traseiras, arranhando desesperadamente o gelo, de nada serviram. Meu corpo pendia para a plataforma invisível.

Uivei, mas meu chamado de pânico transformou-se em um guincho de dor, que começou do rabo e percorreu minha espinha.

Fiquei suspensa no ar, me debatendo e rosnando.

— Droga, garota! — gritou Ethan. — Fica quieta.

Finalmente registrei a informação de que não estava caindo. A dor que sentia era por que Ethan me agarrava... Pelo rabo.

Meu coração estava a mil, a pulsação ensurdecadora corria pelas veias. Mesmo sabendo que Ethan me segurava, cada segundo era agonizante com ele puxando meu pelo e tendões, e eu não conseguia ver aonde terminava o piso e começava o buraco.

E então estava de volta em solo firme. Meu peso tombou sobre o piso de gelo da caverna. Ethan soltou meu rabo, caiu de joelhos e exalou com força.

Fiquei de pé e o mordi.

— Que merda é essa? — Ele me encarou.

Ao mudar de forma, retribuí seu olhar feroz.

— Aquele era o meu *rabo*.

— Ah, desculpe — retrucou. — Pelo visto, deveria ter deixado você cair.

Lancei um olhar feio para ele, mas um sorriso envergonhado finalmente saiu vitorioso frente a minha humilhação.

Ethan balançou a cabeça, riu e perguntou:

— Rola um obrigado?

— Sim — respondi e sabia que lhe devia um pedido de desculpas, mas minha bunda continuava doendo. — Te devo uma.

Connor estudou a caverna.

— E a bela matou a fera.

— O quê? — Franzi a testa.

— A caverna. — Shay olhou na direção do olhar de Connor e balançou a cabeça, frustrado. — É uma armadilha mortal. Por isso, não há uma aranha mutante.

— Fascinante. — O som do lápis no papel do caderno de Silas ecoava pela caverna.

Connor o encarou zangado e disse:

— Sabe, tudo ficaria muito melhor se você não falasse.

Silas o ignorou, absorto em fazer suas anotações furiosamente. Ele se aproximou alguns centímetros da boca invisível do buraco e ficou observando sua profundidade.

— Impressionante! — exclamou.

Ethan acendeu outro sinal luminoso e o atirou no espaço onde eu caíra. Por um segundo, mal consegui visualizar o formato do abismo. Um círculo perfeito, provavelmente um metro e meio de diâmetro. O sinal luminoso caiu, caiu e continuou caindo. Seu brilho vermelho finalmente desapareceu, mas não se ouviu nenhum som de algo se chocando em qualquer superfície. Apenas um silêncio que se acomodou em meus ossos e me fez estremecer.

— Ai, Deus — suspirei, tentando afugentar a imagem da minha queda. Olhei para Ethan e engoli em seco.

Ele apenas fez que sim com a cabeça. Acendeu outro sinal luminoso e o atirou uns três metros à nossa frente. O artefato quicou uma vez no piso e então sumiu novamente em outro abismo invisível.

— Droga.

Ele repetiu a ação. Desta vez, arremessando o sinal luminoso uns seis metros a nossa frente. Não bateu em nada, sumindo de nossa visão quase que instantaneamente.

Mason gemeu. Ele e Sabine cercavam-me inquietos, seus pelos roçavam minha pele.

— Fantástico — comentou Connor, agachando-se. Ele virava a cabeça para frente e para trás. — Como vamos passar?

— Quantas fendas você acha que há? — perguntou Shay.

— Não há como saber — respondeu Ethan. — Os sinais luminosos mal conseguem iluminar os buracos. Esta caverna foi construída para enganar o olhar. Mesmo com a mudança de luz fica difícil saber como podemos marcar os buracos.

— Vamos jogar Silas em mais uma fenda — disse Connor. — Talvez não sejam tão profundas.

— Ei! — Silas se afastou da beirada do abismo.

Shay se ajoelhou próximo a Connor.

— Vocês trouxeram cordas, mosquetão e pítons, certo?

— Para o caso de termos que escalar... — comentou Connor. — Tem um plano?

Shay começou a tirar as machadinhas das costas.

— Vou ter que escalar, OK, mas deitado — disse Shay.

— Como assim, você? — perguntou Ethan, e Shay lhe entregou um picador de gelo.

— Com que frequência vocês escalam? — perguntou Shay. Ele havia pego uma corda com Connor e agora a amarrava ao redor do corpo.

— Quando é preciso... — respondeu Connor com as sobrancelhas erguidas.

Shay fez uma careta e disse:

— Foi o que pensei. Isso quer dizer que sou o mais experiente aqui. Vou mostrando o caminho.

— De jeito nenhum — disse Ethan. — Você até pode ser o mais experiente, mas também é um carregamento precioso. Não podemos arriscar perdê-lo.

Shay sorriu. Seus caninos estavam afiados.

— Quantos amigos seus e meus vocês querem perder porque ficamos presos aqui? Você ou Connor vão demorar uma eternidade até chegar do outro lado. Sei como fazer isso. Serei rápido.

Comecei a tremer ao pensar em Shay se arrastando entre fendas que nenhum de nós conseguia enxergar. Também me perguntei se ele tinha percebido que havia incluído Ren entre seus amigos.

Nervoso, Connor passou uma das mãos pelo cabelo.

— Como pode ter certeza disso? Não sabemos até onde vai esta armadilha — disse ele.

— Vê como a caverna fica estreita depois de uns 15 metros adiante, dando bem naquela câmara? — Shay apontou para o outro lado do local reluzente. — Aposto dinheiro que a armadilha termina ali. Tordis está do outro lado da próxima

passagem.

— Não tem como saber — rebateu Connor.

— Tenho, sim. — Shay olhou para baixo e ficou quieto de repente. — Posso sentir.

Connor bufou e disse:

— Bem, pelo menos a força está com você.

— Cala a boca — resmungou Shay. — Vamos começar logo isso. Me deem os pítons.

Adne jogou uma mochila para ele.

— Não deveríamos colocar o Progênito em perigo — disse Silas, que se virou para Adne. — E se abrissemos um portal?

— Um portal para onde? — disse Adne, fazendo um gesto para as armadilhas invisíveis. — Mesmo se encontrarmos uma plataforma, como saber quão ampla é? Alguém pode sair do portal e cair direto no buraco.

— Motivo pelo qual eu vou sozinho — disse Shay. — Preciso chegar ao abismo do outro lado da câmara. Se essa configuração espacial for a mesma de Haldis, essa é a armadilha. O outro lado deve estar livre e seguro.

— Se você cair antes de chegar lá... — começou a falar Ethan.

— O píton vai me segurar, e vocês podem me arrastar de volta — interrompeu-o Shay, pregando um dos pítons no chão com a parte sem lâmina da machadinha e prendendo a corda com um nó ao redor dele. — Vou fazer meu caminho fixando os outros pítons e prendendo a corda do outro lado. Então vocês podem prender cordas de segurança em cada um e atravessar rapidamente. Ninguém vai cair. E se cair, será por alguns centímetros antes da corda segurá-los.

— Não sei... — Connor parecia incomodado.

Adne suspirou e se ajoelhou para ajudar Shay com os cames e os mosquetões restantes.

— É um bom plano, Shay. — Ela enfrentou o olhar de advertência de Connor e disse a ele: — Você sabe que o plano é bom. E é o único. Pascal está contando com a gente, e já passamos muito do tempo. Não esperávamos esse segundo grupo de Guardiões.

— Tudo bem — Connor entregou outra corda para Shay. — Amarre esta também. Vamos ficar segurando-a para o caso do píton ceder.

Shay lançou um olhar severo para ele e rebateu:

— Meu píton não vai ceder. Não sou um idiota.

— Apenas pegue a segunda corda.

Shay conseguiu se conter e não partir para cima de Connor e, em vez disso, prendeu a segunda corda ao corpo e avançou um dos pés até o local onde eu tinha escorregado. Agachou-se e ficou de joelhos. Quis pedir para que ele tomasse

cuidado, mas temi que se o fizesse poderia enfraquecer sua autoconfiança.

Quinze metros não era aparentemente uma distância muito grande, mas ver o progresso constante de Shay pela caverna era quase doloroso. Ele levava um picador de gelos em uma das mãos e cravava o objeto no chão a sua frente ao avançar pouco a pouco. Posicionou os comes em intervalos regulares, entrelaçando a corda por entre elas. Um caminho em zigue-zague começou a surgir à medida que ele cruzava a caverna. Mesmo com a corda delineando a trajetória, as fendas permaneciam impossíveis de serem vistas. A olho nu, parecia que um alpinista demente ou muito bêbado havia traçado tal rota sem sentido sobre uma superfície plana. Apenas a memória do chão caindo sob minhas patas me lembrava que eu não podia acreditar no que os olhos viam.

De repente, Shay praguejou, o som ecoando pela câmara coberta de gelo.

Dei um grito. Shay estava caindo. E de repente não estava mais. Ele havia oscilado o picador de gelo para cima e o enterrado na fenda que não tinha achado a tempo antes. Estava pendurado por um dos braços, mas a corda de segurança que ele havia armado já estava esticada. Como tinha imaginado, ele caiu apenas alguns centímetros. Mas isso não impediu que meu coração tentasse sair pela boca.

— Você está bem? — A pergunta de Connor soou abafada.

— Estou — gritou Shay, soando um pouco ofegante. — Esta parte vai ser problemática. Estes dois buracos estão separados por no máximo três centímetros.

— Droga — disse Adne. — É mais estreito que uma trave de equilíbrio.

— E eu não sou nenhum ginasta. — A risada de Mason saiu seca. Ele e Sabine haviam retornado à forma humana quando Shay iniciou o trajeto.

Lobos tinham bons reflexos, mas se iríamos usar equipamentos de escalada precisávamos estar na forma humana.

Shay fixou um pítón, prendendo-se na lateral da fenda.

— Vou talhar uns buracos aqui — gritou ele. — Teremos que escalar pelas laterais neste ponto.

— Escalar? — perguntei, sentindo como se um chumaço de algodão tivesse sido enfiado em minha goela.

Arrastar-se pelas beiradas de buracos era uma coisa, cair voluntariamente em um abismo era outra bem diferente.

Mason se inclinou para mim, me cutucando com o cotovelo.

— Aquilo foi muito sexy... Viu o que ele consegue fazer com os ombros? Shay é um lobo vencedor. Vou ter que melhorar minhas apostas com Nev.

Rosnei para meu companheiro de matilha, mas Mason apenas riu.

Como prometido, Shay estava quebrando a parede com a machadinha, criando fissuras na rocha, grandes o suficiente para que um pé ou uma mão se encaixasse nelas.

Ele avançou, fixando mais um pítón, fazendo mais buracos. Havia quase alcançado a fenda escura na parede cintilante de gelo. Finalmente, ele achou o outro lado da fissura e subiu até lá, fixando um pítón

E arrastando-se até a boca da brecha, empurrou o corpo com força suficiente para ser propellido diretamente para o espaço da câmara. E então desapareceu.

— Shay! — gritou Connor. — Você está bem?

Prendi a respiração até ver a cabeça dele surgir da escuridão.

— Estou bem! — Ele estava de quatro e, mesmo ajoelhado, tocava a cabeça no teto da entrada. — O teto é baixo, mas dá para nos espremermos e entrarmos. E há luz do outro lado. Tenho quase certeza de que acharemos o cabo no lugar de onde vem o brilho.

— Bom trabalho! — exclamou Connor. Ele começou a amarrar uma corda na cintura de Adne. — Você vai primeiro — disse a ela. — Se alguma coisa atacar o Progênito naquela pequena caverna enquanto a maioria de nós estiver cruzando a passagem, você tira ele de lá.

Ela concordou com a cabeça e mordeu o lábio.

— A corda está segura aqui — gritou Shay, acenando e apontando para o último came que ele tinha fixado na parede ao longe. — Podem começar!

Adne se moveu rigidamente como se precisasse obrigar a si mesma a ir na direção da beirada do abismo. Não a culpava por isso. Eu também não queria ter que passar nem perto dali. Silas pegou a corda e já a amarrava à cintura, mas Connor a arrancou dele.

— Você é o último — informou.

— O quê? — Silas arregalou os olhos.

Connor deu um sorriso maldoso e entregou a corda a Sabine, que foi logo atrás de Adne.

— Parece que esse é o episódio mais emocionante da sua incrível história, não? Acho que nossa cruzada merece o melhor do seu empenho literário.

Silas o encarou com olhar fulminante antes de se esgueirar para trás, mas imediatamente recomeçou a escrever. Contudo, não dava para saber se ele estava descrevendo a caverna ou fazendo mais uma reclamação formal contra Connor.

Fui para perto de Silas, não porque desejasse a companhia dele, mas porque preferia esperar até que não pudesse mais adiar a travessia.

Adne já estava do outro lado, espremendo-se atrás de Shay pelo túnel estreito. Meu estômago embrulhou ao observar Sabine se mover pela fissura. Seu físico ágil parecia ter sido feito para escaladas e ela facilmente encontrou o auxílio de Shay. Ethan estava atrás dela, seguido por Mason.

— Sua vez — disse Connor, que prendeu um mosquetão em meu cinturão e passava a corda de segurança por ele.

Consegui acenar com a cabeça. Palavras, até mesmo pensamentos, não saíam, enquanto eu me movia para pegar a corda de Shay. Nunca achei que tivesse medo de altura, sobretudo considerando que vivia nas montanhas. De alguma forma, aquilo era diferente. Os declives de Haldis eram de terra e pedras. Mesmo quando cobertos de neve, eram familiares. Esta caverna, escondida entre as montanhas dos Alpes, cheia de gelo e de uma luz que tecia uma rede perversamente bela para capturar sua presa, fazia meu sangue ficar gelado como o ar da montanha que respirava. As armadilhas da caverna me deixavam de um jeito como nunca antes havia experimentado. Não queria seguir adiante em suas profundezas. Queria ir embora dali.

Agarrei a corda, criando coragem para iniciar a travessia. Olhei para o outro extremo da caverna e me deparei com os olhos de Shay. Ele esperava por mim, na boca da câmara. Ergueu a mão.

Vá até Shay. Vá até Shay.

Afugentei todos os outros pensamentos. A única coisa que desejava mais do que escapar daquela armadilha mortal era estar com ele. Se conseguisse estabelecer como meta alcançá-lo, eu conseguiria fazer aquilo. Um vento gélido rodopiou pela passagem, seu som ecoando pelas paredes em milhões de sussurros, murmurando em meus ouvidos que eu iria escorregar, que iria cair. Me prendi à corda com força e tentei calar aquelas vozes, sabendo que se tratavam de sortilégios dos Defensores na tentativa de explorar meus medos e me manipular para que eu cometesse um erro fatal.

— Está tudo bem, Calla. — A voz de Shay soou entre os sussurros. — Falta pouco.

Mas faltar pouco significava que eu tinha alcançado a última brecha. Fiquei olhando para o que parecia ser uma superfície sólida de gelo reluzente. Soube que não era apenas porque a corda de Shay pousava bem abaixo.

— Anda logo! — Sabine se espremia ao lado de Shay na entrada da câmara. De seu ponto privilegiado do outro lado da cova, ela me olhava de cima, com um sorriso desafiador.

A raiva me queimou e me prendi a ela, descendo a fenda. Meu pé escorregou na superfície transparente, e entrei em pânico por alguns segundos. Até que um pé encontrou um dos buracos que Shay tinha feito e pude então respirar novamente.

— Você conseguiu! — A voz de Shay era ao mesmo tempo de alívio e ternura. — Só mais um pouco.

Avancei de um apoio a outro. Meus braços ardiam. Parecia que o abismo estava tentando me puxar para longe da parede, me sugando para o nada lá embaixo.

E então as mãos de Shay estavam travadas ao redor dos meus braços. Ele me arrastou para cima da plataforma da fenda e em seguida para seus braços. Me joguei

para dentro da câmara, golpeando-o para trás. O rosto de Shay ficou coberto pelos fios do meu cabelo.

— Ei. Você foi muito bem — disse ele.

Quase o empurrei, pois não queria demonstrar qualquer fraqueza ou o meu constrangimento por ele conseguir reconhecer meu medo tão facilmente. Em vez disso, controlei o impulso e me virei para beijá-lo. Quando os braços dele envolveram minha cintura, toda a ansiedade da travessia desapareceu.

— Obrigada. — Sorri, decidindo que não havia problema em me sentir melhor ao me apoiar nele. Afinal de contas, navegar por abismos da morte com equipamentos de escalada não se encaixava nas descrições de trabalho de um lobo alfa.

Silas pigarreou; estava agarrado à beirada do túnel, esperando que Shay ou eu déssemos lugar para ele subir. Imaginei que Connor tinha dado uma trégua. Shay me puxou mais para dentro da estreita caverna onde estavam reunidos Sabine, Nev e Mason.

O Escriba espiava a mim e Shay.

— Me pergunto se vocês poderiam me oferecer um ou dois comentários sobre onde acham que uma relação entre um Guardiã e um progênito vai dar? Se sobrevivermos, é claro. — Ele tinha a caneta em riste. Não sabia o que me chocava mais: a pergunta ou o fato de que ele estava com o caderno em mãos menos de cinco minutos depois daquela travessia.

Shay balançou a cabeça, deixando que eu passasse, e se virou para adentrar ainda mais na câmara. Sorri lentamente para Silas e revelei os caninos que ganharam o brilho fosco da luz que entrava no túnel vindo da caverna de gelo.

— Silas! Não sabia você que tinha criado o hábito de escrever colunas de fofocas. — Adne passou por nós e ergueu a mão para Connor, que subia pela fissura. — Achei que estava registrando fatos históricos.

Silas ficou vermelho como tomate, mas não respondeu.

— Tudo bem? — perguntou Adne a Connor.

— Tudo.

Shay, que já se encaminhava para o brilho prateado no fim do túnel, virou e nos chamou.

— Vamos acabar logo com isso.

Sabine, Mason e eu trocamos olhares e, um instante depois, três lobos estavam bem atrás de Shay. O segundo túnel era escuro como o primeiro, porém bem mais estreito. Eu testava o ar o tempo todo, mas não conseguia captar nada, assim como quando havíamos entrado na caverna. Nenhum monstro estava à espreita esperando por nós. Estávamos sozinhos.

Uma súbita chama floresceu em um brilho vívido no fim da passagem. Fechei os olhos e fiz um pedido silencioso para que não estivéssemos prestes a encontrar outro

lugar cheio de armadilhas mortais. Shay entrou no local onde se achava a luz. E sorriu.

Nós os seguimos e entramos em um lugar que era ao mesmo tempo familiar e estranho. O espaço era aberto e bem iluminado. Diferente de Haldis, que era repleto de matizes quentes de luz, ali, o ambiente brilhava em um azul-prateado e enevoadado. Senti como se já houvesse visto essas cores e então percebi que já as conhecia. As paredes da caverna eram iguais às da ala de Tordis da Academia Errante.

— Uau! — ouvi Silas exclamar atrás de mim. Sabia que ele olhava para o mesmo ponto que todos nós.

Ela estava ali, assim como estivera em Haldis. Uma mulher etérea, flutuando no centro do lugar. Mas agora eu sabia seu nome: Cian. A ancestral de Shay, morta há tempos. A guerreira que havia entregue sua vida, sacrificando-se para se transformar na única arma capaz de nos salvar.

Suas mãos estavam estendidas na direção de Shay. Mais uma vez, me vi paralisada, incapaz de mover sequer um músculo enquanto Shay se dirigia até ela, diminuindo rapidamente a distância entre eles. Quando os dedos dele tocaram os dela, a luz desapareceu e a escuridão nos engoliu. Tudo ficou em silêncio.

Esperei, ouvindo as batidas do meu coração.

Estamos mortos?, sussurrou Mason, e soube então que a magia já havia nos libertado.

Não me aguentei. Mudei de forma e comecei a rir.

— Não — respondi.

— Ai, que bom — disse Mason, que começou a rir também.

A luz foi aos poucos retornando. Cian tinha desaparecido, deixando Shay sozinho no centro do local. Uma fina lâmina jazia na palma das mãos de Shay.

Silas avançou aos tropeços, como um homem hipnotizado por uma visão religiosa.

— Tordis. — Ele correu para a lâmina, mas lembrou-se no último segundo e retraiu os dedos.

— Bom trabalho, garoto. — Ethan manteve a distância, mas olhava com admiração para a lâmina. Sabine estava ao lado dele em forma humana e notei que a mão dela estava agarrada à dele.

— É tão leve — murmurou Shay.

Connor riu debochado e perguntou:

— Feito o ar?

Ele resmungou quando Adne o acertou no queixo.

Dei um passo cauteloso para ficar mais perto de Shay e espiei o metal brilhante, embora não soubesse se era mesmo metal o que estava vendo. A superfície da lâmina brilhava a cada movimento, um entrelace de nuvens velozes de tormenta, o redemoinho incessante de uma ventania.

Shay trincou os dentes.

— Não entra nada aqui.

Ele segurava a lâmina de Tordis entre o dedo indicador e o polegar, com cuidado para não tocar no lado afiado. Com a outra mão tirou Haldis de dentro do casaco. Seus braços tremeram quando ele baixou o ponto cego da espada em direção a uma das extremidades do cabo. O encontro dos objetos não produziu nenhum som, mas quando a lâmina finalmente encaixou no cabo, uma onda de luz foi emitida da mão fechada de Shay ao redor da base, viajando até a ponta da espada.

De repente, o brilho eclodiu da ponta como um raio de sol, varrendo o ambiente com sua luz e derrubando todos no chão, com exceção de Shay. A terra abaixo de mim gemeu e a montanha estremeceu.

Então o silêncio imperou.

Silas resmungou e se virou de bruços.

— Espero que isso não tenha causado uma avalanche. Poderíamos ter sido enterrados vivos — disse ele.

— Bela atitude a sua — comentou Mason.

— Teríamos escutado a avalanche — contestou Adne rapidamente.

— Não necessariamente — retrucou Silas, com olhos brilhantes e especulativos.

— Estamos muito abaixo da terra e não sei que tipo de rocha é essa. Como saber que sons ela absorve ou ecoa?

— Você é doente — interpelou Connor. — Sabia disso?

— Estou apenas salientando...

— Cala a boca, Silas! — Adne balançava a cabeça. — Mesmo que um paredão de neve esteja bloqueando a entrada, posso abrir um portal aqui. Não estamos encurralados.

— Poderia pelo menos checar? — perguntou Silas. Não acreditei no quão desapontado ele soou.

— Não! — gritaram Mason e Connor.

Fiquei de pé e olhei para Shay. Ele estava quieto no meio da caverna, olhos fechados, ambas as mãos segurando o punho da espada. A arma era um estudo sobre o contraste. O brilho quente de Haldis irradiava entre os dedos, enquanto a lâmina brilhava fria e nítida, como um raio caindo do céu diretamente no cabo. Era a profundidade da terra unida à amplitude dos céus.

Como se sentisse que eu o observava, Shay arregalou os olhos e me ofereceu um sorriso misterioso. E deu um longo e discreto suspiro.

— Precisamos pegar a outra espada.

Algo na voz dele me fez prender a respiração — força, destemor e uma ânsia que nunca tinha ouvido antes. Parte de mim estava fascinada — o Progenito descobrindo a fonte de sua força —, mas uma voz menor, mais fraca, me dizia que eu estava com

ciúme. Não do poder dele, mas da força emocionante de suas palavras.

Ele estava descobrindo a si mesmo, seu verdadeiro eu. Na noite anterior, eu havia acreditado em Shay quando ele disse que queria estar ao meu lado. Que queria ser meu parceiro. Olhando para ele agora, a distância entre nós parecia imensa — ele já não se parecia com um Guardiã. Era apenas o Progênito. O que isso significava para mim?

Nunca duvidei do amor de Shay, mas a pergunta de Silas já não soava patética. Que futuro teriam o Progênito e uma Guardiã alfa juntos? Algo frio e oco acomodou-se em meus ossos e imaginei ser tristeza. Estaria perdendo Shay para o destino dele?

— Pegar a outra espada, hein? — Connor sorriu. — Bem, este é o plano. — Ele deu um salto a tempo de fugir de mais um chute de Adne.

— Tenho uma ideia melhor — disse Mason, pondo o braço ao redor dos ombros de Adne.

Ela ergueu as sobrancelhas para ele e perguntou:

— Qual é?

— Você abrir uma daquelas portas bacanas e tirar a gente daqui agora.

OITO



A cacofonia que transbordava em meus ouvidos ao atravessar o portal me causou arrepios. Seria pânico? Medo?

Eu tinha ficado tão surpreendida com os eventos na caverna de gelo, absorta em pensamentos sobre Tordis, a espada, Shay... Que quase me esqueci da outra equipe e uma missão diferente.

Quantos havíamos perdido para que Shay conseguisse recuperar a lâmina?

Meu medo crescente se dissipou quando ficou evidente que os ruídos mais altos em meio ao estrondo eram assovios, vaías estridentes e gargalhadas incontrolláveis. A barulheira festiva morreu quando o restante da minha equipe surgiu do portal. Quando Shay apareceu, o lugar subitamente mergulhou em completo silêncio.

Anika deu um passo à frente. Shay não disse nada. Apenas ergueu a espada. A arma ganhou vida e ouvi um vento, como asas batendo, trazendo esperança — a luz estava harmonizada pelo brilho sutil de Haldis, com o calor sólido da própria terra.

O lugar voltou a entrar em erupção. Desta vez os gritos e aplausos eram ensurdecedores. Apenas Anika permaneceu em silêncio, seus cílios úmidos graças às lágrimas contidas.

Os Inquisidores cercaram Shay, fascinados pela espada, embora tomando o cuidado de não tocá-la. Vendo o séquito recém-formado de Shay, agora admirando o poder intangível da espada, voltei a sentir o peso da perda, uma tristeza que parecia a mão invisível de alguma coisa me apertando o pescoço.

Vou perdê-lo. Fui me afastando lentamente do grupo, torcendo para que a sensação fosse embora.

Connor abriu caminho em meio ao aglomerado de gente e começou a relatar nossa aventura. Pelos trechos que consegui escutar, ele parecia aumentar um pouco nossos feitos. Confirmei minhas suspeitas quando Silas empurrou Connor, acenando com o caderno de anotações e iniciando a versão dele da história. Connor assumiu uma posição estratégica logo atrás do Escriba e começou a fazer caretas e imitações grosseiras de Silas em intervalos convenientes — ou melhor, inconvenientes.

— Vamos ver como estão nossos rapazes? — perguntou Mason, que pegou no

meu braço e apontou com o queixo na direção de Nev e Ren. Os dois conversavam com Pascal.

Me deparei com o deboche em seus olhos e me perguntei o que ele quis dizer com “nossos rapazes”. Nev era o companheiro dele, mas Mason esperava que Ren fosse o meu?

A ideia me deixou arrepiada e mal consegui disfarçar o rosnado.

— Claro.

Olhei para trás, imaginando que Sabine iria se juntar a nós. Mas ela estava isolada dos demais, ao lado de Ethan. Eles tinham as cabeças perto uma da outra, corpos frente a frente, lábios movendo-se em ligeiros sussurros. A algazarra do lugar não os atingia, como se eles fossem as únicas pessoas no centro tático.

Nev e Ren sorriam. O alfa se apoiava sobre uma enorme mesa de madeira e parecia estar totalmente à vontade, como nunca antes. Nev estava dependurado em uma cadeira, sentado no encosto e com os pés no assento. Olhei alternadamente para os dois, intrigada, mas Mason foi o primeiro a perguntar:

— Qual é a graça?

Os olhos de Nev brilhavam.

— Ursos, cara!

Mason franziu a testa e perguntou:

— Você gosta de ursos?

Ren flexionou os ombros.

— Eles são bons de briga.

— *Oui*. — Pascal riu e deu um tapinha nas costas de Ren. — *Les loups ont été trop pour les ours*.

— *Mais oui!* — disse Nev, pegando nas mãos de Mason e o puxando para um abraço. — Os lobos chutam o traseiro dos ursos. Como foram as coisas para vocês?

Mason apoiou o rosto no rosto de Nev e respondeu:

— Nenhuma perda. Pegamos a espada. Diria que foi um sucesso. E vocês?

Ren sorriu, seus caninos estavam afiados.

— Como ele disse antes. Ursos, cara! — Ele se virou para Pascal. — Além disso, tínhamos uma equipe sinistra dando cobertura pra gente.

— *Merci*. — Pascal cruzou os braços e estudou Ren com os olhos. — Mas vocês tornaram nosso trabalho... Menos difícil do que costuma ser.

— Fico feliz em ajudar — respondeu Nev.

Pascal inclinou a cabeça.

— Peço desculpas por ter duvidado de vocês. *Les loups* são nossos inimigos há tanto tempo. Mas vocês fazem *les bon guerre*. Melhor do que *les ours*.

— Não entendi — disse Mason.

Nev deu uma cotovelada nele.

— Nisso que dá ficar copiando meus exercícios de francês. Ele disse que fazemos uma boa guerra, melhor que os ursos suíços.

— Os Defensores cometeram um baita erro — declarou Ren, dirigindo-se a Pascal. — Ursos não são bons guerreiros. São solitários demais. Conseguimos deixá-los desestabilizados porque eles ficam muito preocupados em discutir entre si, em vez de trabalhar em equipe.

— É isso aí, matilha! — Nev bateu com o punho no punho de Ren.

— Acho que você tem razão — disse Pascal, coçando o queixo. — É comum encontrarmos *les ours* sozinhos. Raramente eles procuram a companhia dos semelhantes.

— Vamos torcer para que os Defensores cometam mais erros para tirarmos vantagem no futuro — disse Mason. — Certo, Cal?

Fiz que sim com a cabeça, mas ela estava em outro lugar. Vinha observando Pascal atentamente. Observando a forma como ele olhava para Ren. Seu olhar avaliativo também carregava uma forte admiração. Quando Ren falou, Pascal escutou. Não sabia se isso me surpreendia ou não. Uma das maiores qualidades de Ren era cativar as pessoas. Ele era um líder natural e tinha tanto carisma que era fácil se deixar seduzir. Senti uma pontada dolorosa no peito. Ao fitar Ren, vi o alfa que teria sido meu companheiro, e vendo-o dessa forma, vislumbrei o futuro que poderíamos ter tido. Que grande líder ele teria sido para a matilha Haldis, que força teríamos formado juntos como alfas. Será que eu havia lhe usurpado esse futuro? Ou nossa matilha poderia reunir-se novamente — nosso futuro estava à espera de ser reivindicado? A pontada aguda no peito foi superada pelas batidas selvagens do coração. Como se tivesse sentido que eu o observava, Ren me encarou e não consegui desviar o olhar, nem respirar.

Foi a voz de Anika que finalmente quebrou o feitiço. Me virei e a vi ao lado de Shay.

— O Progênito! — Ela pegou uma das mãos de Shay e a levantou bem alto. Shay ergueu a espada com a outra mão. Ela reluziu, brilhos de raio percorriam a lâmina. Minha pulsação frenética congelou ao ouvir os urros de aprovação dos Inquisidores ao novo herói.

Será que Shay agora pertencia a eles? Eu havia sido uma boba em achar que seria possível que o Progênito fosse companheiro de uma Guardiã?

Voltei os olhos para Ren, curiosa em saber o que ele achava da rápida ascensão de Shay.

Mas Ren não olhava para ele ou para a espada. Seus olhos estavam fixos em mim. Retribuí o olhar, aguardando, tentando adivinhar o que ele pensava, sentia. De repente, ele me deu um sorriso e meus joelhos ficaram bambos. E então ele mudou de forma.

Ainda com seus olhos negros em mim, o lobo cor de carvão ergueu a cabeça e uivou. O som cheio de alegria e energia preencheu o ambiente. Meu coração vacilou — esse uivo era o oposto do último que tinha ouvido dele. Na noite em que o deixei na floresta. Na noite que eu havia fugido com Shay, fugido de minha união com Ren. Naquela noite ele havia uivado, e eu achei que a dor naquele uivo me partiria ao meio. Neste momento, não havia nenhum vestígio de dor ou insegurança. Apenas o uivo de um alfa, deleitando-se com seu triunfo.

O instinto tomou conta de mim e mudei de forma, erguendo meu focinho para me juntar a ele em seu canto. Nossos clamores ressonantes cantavam nossa vitória. Nev e Mason uniram-se a nós. Sabine hesitou e ficou observando. Ela não se transformou em lobo, mas seus olhos brilharam com o som do coro.

Do canto dos olhos avistei Shay. Ele permanecia com a espada em riste, mas o relâmpago contido na lâmina agora carregava uma carga de fúria. Uma nuvem tempestuosa prestes a explodir. Como Sabine, ele não mudou de forma, mas ficou muito quieto. Seu olhar alternava de mim para Ren, olhos semicerrados.

Voltei para a forma humana e uma onda de exaustão me atingiu, sugando todas as forças do meu corpo. A adrenalina gerada pela missão havia se esgotado. Shay vinha na minha direção, e, mesmo sem olhar, eu sabia que Ren já mudava de forma para ficar ao meu lado. Os dois alfas estavam mais uma vez disputando posição. Ambos esperando por mim. Ambos se odiando. Eu não podia mais suportar isso.

Antes que qualquer um dos dois falasse ou chegasse perto, me virei e saí correndo dali. O peso de ter que manter a paz entre eles havia deixado meus nervos à flor da pele. Hoje, eu tinha testemunhado meus dois futuros companheiros marcando território neste estranho mundo que havíamos descoberto. Ren permaneceria um alfa mesmo entre seus antigos inimigos. Ele lideraria e os outros o seguiriam. Shay era o Progenito, e os Inquisidores haviam passado toda a vida e derramado o próprio sangue a sua procura. Ambos sabiam qual era o seu lugar e o que queriam.

Eu tinha escapado da vida que os Defensores haviam delineado para mim, mas mesmo aqui continuava encurralada, incapaz de decidir meu destino.

Corri pelos corredores, os pés batendo com força no piso de mármore, desejando estar na forma de lobo para correr mais rápido, mas lembrei que ainda havia alguns Inquisidores desacostumados a terem Guardiões vagando pela Academia, e que não gostariam nem um pouco de ver um lobo branco correndo a toda velocidade por suas dependências. Corri o mais rápido que pude sobre os dois pés, em vez das quatro patas, necessitando encontrar as duas pessoas que eu mais confiava, na esperança de que eles talvez tivessem algumas respostas para minhas perguntas.

Segui o cheiro deles até encontrá-los escondidos em um dos recônditos do jardim.

Tess estava ajoelhada no solo, suja de terra até os cotovelos. Ansel estava agachado ao lado dela. Só avistei Bryn quando já estava quase diante deles.

— Ei, Calla! — Ela sorria, enquanto descia do galho de uma macieira onde tinha estado descansando.

— Está fazendo teste para o papel do gato de *Alice no País das Maravilhas*? — perguntei retribuindo o abraço.

— Gato? — Ela torceu o nariz. — Eca! Nunca.

— Bom saber que ainda tem bom gosto — disse a ela.

— Então você já chegou — afirmou ela, dando um passo atrás para me olhar de cima abaixo. — Parece saudável. Pelo visto, a missão foi um sucesso.

Fiz que sim com a cabeça.

— Não houve perdas em nenhuma das equipes — afirmei.

— Nenhuma? — Tess olhou para nós. — Impressionante.

— Os ursos não são páreo para os lobos.

Bryn riu com desdém e pôs as mãos na cintura.

— É claro que não. Qualquer um de nós derrubaria um urso sem quebrar sequer uma unha — disse ela.

Sorri para Bryn.

— E Shay? — perguntou Tess. — Está com a espada?

— Está — respondi, e queria não ter estremecido ao pensar nisso. — Ele a recuperou. Estamos a meio caminho de conseguirmos um Progênito inteiramente preparado.

O rosto de Tess era solene. Ela fez que sim com a cabeça e então se voltou para seu plantio. Ansel ficou de pé, batendo as palmas das mãos para limpar a terra. Ainda assim conseguiu sujar a testa com terra escura ao puxar o cabelo para trás.

— Oi, mana. — Ele se inclinou para frente e me deu um breve abraço. Em seguida, enfiou as mãos nos bolsos e desviou os olhos.

— Oi, An. — Um nó formou-se em minha garganta imediatamente. — O que está fazendo?

Tentei manter o tom causal, pois sabia que ele interpretaria qualquer tom sentimental ou exageradamente animado como se fosse pena. E pena era a última coisa de que ele precisava.

— Aprendendo sobre ervas — respondeu ele, apontando para a cesta. Plantas de diversos formatos, em uma variedade de tons de verde, eram cuidadosamente ordenadas e amarradas em maços, enchendo os cestos de palha.

— Ervas?

— Para os Elixires — replicou ele. Como franzi a testa, ele prosseguiu. — São os curandeiros que trabalham no Santuário Eydis.

— Também colhemos ervas para os Alquimistas no Boticário de Pyralis —

acrescentou Tess. Ela manuseava uma podadeira e me encolhi ao lembrar do trabalho de porco que eu tinha feito com meu cabelo usando aquilo. — Mas serão necessárias algumas aulas sobre essas ervas. Elas são traiçoeiras e um pouco perigosas.

Ansel lançou um sorriso para Tess, e fiquei emocionada em ver um entusiasmo genuíno em suas expressões.

— Aceito qualquer desafio que vier. É só falar.

— Um passo de cada vez — disse Tess, retribuindo o sorriso e se levantando para apanhar um cesto cheio em cada uma das mãos. — Por que não tiram uma folga, enquanto levo isto para Eydis? Devem estar curiosos para ouvir a história da Calla.

— A gente ajuda você a carregá-las, Tess — propôs Bryn. — Há mais cestos.

— Não se preocupem — contestou ela. — Trago um pouco de limonada para nós na volta. Os limões foram colhidos nesta manhã, então vai ficar uma delícia.

— Parece ótimo! — Ansel sorriu e se agachou com vontade na terra.

Bryn se aninhou ao lado dele, reconfortando-se em seus braços. Ele não recuou ou tentou se desvencilhar. Minha garganta voltou a se fechar e tive que desviar os olhos, fitando as cerejas maduras que pendiam dos galhos de uma árvore próxima. O nó na garganta deu lugar a uma súbita sensação de água na boca.

— O que está fazendo aqui com os civis, Cal? — perguntou Bryn, enquanto eu me espalhava pelo banco em meio à trilha onde eles se encontravam sentados. — Você não deveria estar tramando a derrocada com os Defensores?

— Acho que sim. — Reclinei-me, deixando que o sol do Mediterrâneo invadissem minha pele.

— Você acha? — Algo na voz dele me impeliu a encará-la. Os olhos azuis de Bryn estavam semicerrados, me analisando. — O que está acontecendo?

Trinquei os dentes.

— Bem... é que... eu — gaguejei.

— Desembucha — disse ela.

— Queria tentar uma coisa. Preciso... — *Nossa, como é difícil falar sobre isso.*

— Você precisa de quê? — Ansel me fitava; preocupação franzindo a testa dele.

— Precisava falar sobre os meus sentimentos — finalmente deixei escapar e instantaneamente senti o sangue subir pelas faces. Tive a certeza de que meu rosto tinha a mesma cor vermelha do veludo amassado das rosas ali perto de nós.

Ansel e Bryn caíram na gargalhada.

— Obrigada — resmunguei. — O apoio de vocês está sendo devidamente registrado.

— Desculpa, Cal — disse Bryn, sorrindo e enxugando a lágrima na bochecha. — É que... Você é uma fofa.

— Fofa?! — Mostrei a ela minhas presas. — Preciso de ajuda!

— Vamos ajudar. — Ansel ainda ria. — Mas é hilário ver você se contorcer só porque quer conversar com a gente. É normal as pessoas se abrirem com os amigos, Calla.

— Não é normal para mim — retruquei. — Gosto de resolver as coisas por conta própria.

— A gente sabe. — Bryn parou de sorrir. — O que quer dizer que tem alguma coisa te incomodando muito.

— É verdade — concordou Ansel. — O que houve?

O calor invadiu minhas faces novamente. Fiquei olhando para o piso de pedra.

— Ô-ou — disse Bryn. Olhei para os dois e os flagrei compartilhando um olhar de cumplicidade.

— Ai, Deus. — Escondi o rosto com as mãos.

Bryn beijou Ansel na face e veio até a mim.

— Chega para lá. Preciso sentar aqui — disse ela.

Abri espaço para Bryn no banco.

— Prefere uma conversa de meninas ou seu irmão pode ficar? — perguntou ela.

— Ele fica — disse rapidamente. — Preciso da opinião dos dois.

— Sobre sua vida amorosa? — provocou Ansel.

— Sabe que sou capaz de morder você — brinquei, mas me arrependi na mesma hora de minhas palavras.

Os olhos dele ficaram anuviados por um segundo, mas ele forçou um sorriso.

— Eu simplesmente vou amordaçá-la se agir como um animal raivoso — retrucou ele.

— Chega — interrompeu Bryn. — O momento exige seriedade. O que está passando pela sua cabeça?

“Quem está na minha cabeça” seria a pergunta certa.

— Não sei — respondi. — Estou apenas... confusa.

— Sobre o quê? — Bryn baixou a voz. — Ter dormido com Shay? Acha que foi um erro?

Corei e fitei Ansel. Ele sorria como um bobo outra vez.

— Não. Não me arrependo. Mas não sei se isso realmente mudou alguma coisa.

O sorriso de Ansel desapareceu.

— Está dizendo que você quer ficar com Ren?

— Você alguma vez quis ficar com Ren? — perguntou Bryn, me fitando como se eu fosse uma partícula sob um microscópio. Minha pele estava quente, desconfortável, e não achei que fosse pelo calor do sol.

— Nunca pensei muito sobre isso — respondi, afastando-me um pouco dela, em busca de mais espaço para respirar. — É que sempre acreditei que ficaria com ele.

— Mas Shay — disse Bryn lentamente.

— Você disse que o amava. — As palavras de Ansel soaram quase como uma acusação.

— E amo. — Olhei-o nos olhos, ciente do preço que ele pagou por esse amor. — Não menti sobre isso, An. Amo Shay. Quero ficar com ele.

— Então qual é o problema? — perguntou ele.

Agarrei a lateral do banco de pedra.

— Não sei se o lugar dele é ao meu lado. — Ao dizer isso em voz alta, meu coração deu um baque desagradável, como uma pedra caindo em minha caixa torácica.

— Não entendo — comentou Bryn. — Ele te ama. É óbvio.

— Eu sei. Mas ele é o Progênito. Acho que... Acho que isso pode estar mudando Shay.

Bryn inclinou a cabeça para o lado e perguntou:

— Ele estava diferente? Depois de pegar a espada?

Fiz que sim com a cabeça. Um silêncio desconfortável pairou entre nós, interrompido apenas pelo canto dos pássaros acima de nossas cabeças e pelo farfalhar das folhas que balançavam na brisa.

— Nunca pensei nisso — disse Ansel finalmente.

Bryn não conseguiu me encarar.

— Nem eu — disse ela.

Mordi o lábio e dei um longo suspiro.

— Então o que devo fazer? — perguntei.

— Você ainda quer Ren?

Ouvi as batidas do meu coração por um instante antes de responder.

— Sim.

— Essa é uma confusão e tanto, Cal — disse Ansel, sorrindo para mim. Quase rosnei para ele antes de perceber que ele estava tentando amenizar o clima.

— Você parece Mason falando — comentei e esbocei uma risada desanimada.

— Bem, ele é meu melhor amigo — contestou Ansel.

Bryn pegou na minha mão.

— Calla, Ren é um alfa. Shay também. Faz sentido que você se sinta atraída por ambos. Você e Ren têm uma longa história juntos, o que torna tudo mais complicado.

— Tem alguma resposta aí dentro do que você disse? — Forcei uma risada e apertei os dedos dela.

— Ela está dizendo que não existe resposta — interveio Ansel, que sorriu quando Bryn lhe jogou um beijo.

— Não existe uma resposta? — Não entendia por que eles pareciam tão contentes. Era assim que achavam estar me ajudando? E então me lembrei: eles ainda viviam um amor de filhotes. Por que eu não podia ter um amor assim? Parecia

que só conseguia viver um amor do tipo “não sei se arranco sua garganta ou se beijo você”. Que nojo.

— Não existe uma resposta ainda — continuou Ansel. — Ren e Shay amam você. Os dois poderiam ser seus companheiros.

— Não quer dizer que os dois vão ser seus — disse Bryn, soltando uma risadinha.

— Não acho que sejam pervertidos... Mas, quem sabe, você consegue convencê-los.

— Bryn!!! — Empurrei-a para fora do banco.

— Essa foi boa. — Ansel intensificou a risada.

— Odeio vocês — disse, ainda mortificada. — É por isso que não falo dos meus sentimentos.

— Você não nos odeia — disse Bryn, sorrindo. — Você nos ama. E nós te amamos.

— Sempre a amaremos, Calla — disse Ansel. — Não podemos responder sua pergunta, porque você é a única que pode solucionar esse problema. Precisa fazer sua escolha.

— Mas se fosse você tentaria adiar isso até essa guerra acabar — sugeriu Bryn. — Se Ren está se entendendo com os Inquisidores, não podemos nos dar ao luxo de perdê-lo. E Shay... Bem, se ele for embora, a guerra acaba antes mesmo de começar.

— Eu sei — concordei. Pelo visto, estava presa no mesmo lugar desde a primeira vez que Shay apareceu na minha vida, presa entre dois amores, dois destinos. E, pelo visto, não conseguiria me livrar dessa configuração por algum tempo.

— Mas estaremos aqui pra você — prosseguiu Bryn. — Amamos você, não importa a escolha que faça.

— Obrigada — disse eu.

— Esses caras podem continuar brigando para sempre — declarou Ansel. — Mas você é a nossa incomparável e insubstituível Cal. Você é a alfa.

Desta vez não consegui me conter. Lágrimas escorreram dos cantos dos olhos.

— Ei, olhe. — Ansel sorriu. — Ela tem sentimentos!

— Cala a boca. — Ri, limpando as gotas salgadas que marcavam minhas faces. — E obrigada.

— De nada. — Ele se levantou. Ainda sorria, mas seu olhar tinha um brilho duro. Eu ainda estava tentando decifrar aquela expressão quando ouvi Tess gritar.

— Quem está com sede? — Ela acenou para nós e apontou para uma bandeja de ferro forjado.

— Isso não parece uma limonada — comentou Bryn. — Parece um piquenique.

— Tess é demais. — Ansel correu para a promessa de almoço e nos abandonou em prol do estômago.

Bryn me abraçou pela cintura.

— Ele está melhorando. Acho que vai ficar bem.

— Que bom — comentei e apoiei a cabeça no ombro dela.

Pela primeira vez em muito, muito tempo, meu coração relaxou, os músculos soltaram-se. Não sabia para onde o amor me levaria, mas minha matilha estaria sempre ao meu lado. Isso era mais importante do que qualquer coisa.

ÁGUA

PARTE II

NOVE



Os planos para recuperar Eydis — o cabo de água — já estavam em marcha. Os corredores da Academia Errante eram um alvoroço de empolgação. Até mesmo os filetes incandescentes nas paredes pareciam brilhar com um pouquinho mais de intensidade, como se iluminados de esperança após nossa conquista da primeira espada.

— Eydis está em Yucatán. — Ren caminhava ao meu lado após o jantar. — Eles estão arquitetando nossa chegada para o ataque com o Guia Eydis... O nome dela é Inez. O esconderijo é em Tulúm. Anika acha melhor a gente ter uma boa noite de sono antes do próximo ataque. Por isso, partimos amanhã à tarde.

— Não vai ser pela manhã? — perguntei.

Ele fez que não com a cabeça.

— Ela disse alguma coisa sobre a maré que não é a mais apropriada. Não entendi muito bem.

— Então, acho que você se tornou o Guardião de referência para os Inquisidores — comentei. — Bom trabalho, Alfa.

— Obrigado. — Ele sorriu, mas me olhou de soslaio. — Tudo bem para você?

— É quem você é — respondi, tentando manter um tom de voz neutro. — E quanto mais Inquisidores confiarem na gente, melhor.

— Concordo.

No intervalo de horas desde que havíamos voltado, era visível a mudança que fervilhava pela Academia. Antes da invasão a Tordis, a maioria dos Inquisidores olhava para mim, na melhor das hipóteses, com curiosidade, e na pior, com ódio.

Agora, o ódio havia se transformado em curiosidade e a curiosidade em admiração. Alguns Inquisidores haviam me parado pelos corredores para me agradecer por ter me juntado a eles. Estava um pouco desconcertada com tudo isso.

Ren parou. Franzi a testa e o olhei e só então me dei conta de que estávamos diante da porta do meu quarto.

— Você fica por aqui — disse ele com a voz tensa. Me perguntei como ele sabia qual era o meu quarto. Teria sentido o meu cheiro pairando neste exato local ou

havia ocupado seu tempo tentando descobrir onde eu dormia?

— Dormir, não é? — Evitei o olhar de Ren. — Bem, estou exausta, por isso vou seguir as ordens de Anika com prazer.

— Calla, preciso te perguntar uma coisa — disse Ren.

Meu coração começou a escalar minha garganta. Me forcei a encará-lo.

— O quê?

Ele me paralisou com um olhar impassível.

— Posso ir com você? Deixe-me ir com você.

— O quê? — Consegui engasgar apenas essa palavra. Ir aonde? No meu quarto? Para dormir comigo? Minhas mãos começaram a tremer.

— Amanhã — disse ele. — A missão de Anika tem apenas uma equipe, e ela me contou que você a está liderando, porque é a pessoa em quem Shay confia.

— Ah! — Comecei a rir, enquanto meu estômago se acalmava. — Acho que...

— O quê? — Ele se mostrou confuso ao me ver atônita.

Era minha vez de olhar sério para ele.

— Preciso saber se posso confiar em você — disse eu.

Ele se apoiou na minha porta. Não soube dizer se estava magoado ou zangado. Ou ambos.

— Você não confia em mim — disse ele.

— Com Shay — completei.

Ele trincou os dentes, mas não disse nada.

— Shay é o Progênito. — Mantive a voz constante. — Ele é a peça-chave da missão. Se ele ficar em apuros, preciso ter certeza de que...

Ele se afastou da porta e me olhou feio.

— Acha que eu deixaria Shay se machucar intencionalmente? Ou que faria mal a ele pessoalmente?

— Você já o ameaçou antes. — Quase não consegui evitar gritar com ele. Quando o assunto era Shay, meus instintos de defesa vinham à tona com fúria. — Tantas vezes que já perdi a conta!

— É diferente, Calla. — A voz dele ficou mais alta e chamou a atenção de alguns Inquisidores que passavam pelo corredor. — Isso foi aqui. Entre nós. As regras na guerra são distintas. Eu nunca...

Ele se calou, punhos cerrados, e respirou fundo.

— Nunca colocaria em risco a vida de alguém tão importante no campo de batalha como o Progênito. — Ele cuspiu as palavras. — Sei o que está em jogo.

Me esforcei para controlar a raiva, engolindo seu gosto ruim. Sabia que Ren estava falando a verdade.

— Tudo bem. Acredito em você. Pode vir com a gente.

Os punhos de Ren continuavam fechados; as veias em seus braços latejavam.

Tentei tocá-lo, mas ele se esquivou.

— Não. — Ren evitou meus olhos. Senti como se ele tivesse me dado um soco no estômago e parte de mim desejou que ele tivesse feito exatamente isso. Preferia brigar com Ren a ver esse sentimento de derrota estampado em seu rosto.

— Ren — sussurrei. — Fico feliz por vir com a gente. Preciso de você amanhã.

Ele se virou para me olhar e captei uma súbita chama na escuridão de seus olhos.

— Só amanhã? — perguntou.

Engoli com dificuldade, incapaz de desviar os olhos do olhar dele e também de falar.

Um dos cantos da boca de Ren transformou-se em um sorriso torto. Ele ergueu a mão e seus dedos tocaram meu queixo tão suavemente que mal os senti.

— Obrigado, Lily. — Os dedos dele subiram para os meus lábios. A outra mão de Ren pegou a minha; foi só quando o vi fitar meus dedos que me dei conta de que o polegar dele circulava a safira do anel que eu estava usando. O anel que ele havia me dado. — Boa noite.

Ele se virou e se afastou pelo corredor. Fiquei observando-o até perdê-lo de vista e me perguntei onde ficaria o quarto dele, fingindo não estar interessada em saber onde ficava o quarto dele. Me apoiei na porta, girei a maçaneta e, mais do que entrar, me deixei cair dentro do quarto. Essas missões, esse trabalho de refazer o mundo, causavam um cansaço que eu nunca antes havia sentido. Não era apenas o estresse físico, era o peso emocional que carregávamos no percurso. E Shay levava consigo o maior peso de todos. Ao tombar sobre a cama, fiquei imaginando se estaria tudo bem com ele. Ele esteve trancado com Anika e Silas durante a maior parte do dia, revisando a lenda da Cruz Elementar. Depois, havia se fechado com Ethan, Connor e Adne para mais uma prática de combate. Agora que Shay tinha uma das espadas, eles não perderam tempo em treiná-lo para se acostumar com a nova arma.

Teria terminado? Será que agora ele estaria no quarto, como eu, olhando para um céu noturno tão nublado que cobria as estrelas e até mesmo um indício de luar? Parte de mim queria ir até ele, encontrá-lo em seu quarto como havia encontrado na noite passada. Dormir com o corpo dele grudado ao meu me oferecia uma sensação de conforto como nenhuma outra, e dormir em uma cama sem ele causava em mim uma ansiedade profunda. Saí da cama e dei alguns passos em direção à porta antes de engolir a frustração e me atirar de volta para o colchão. Me enrolei nas cobertas como um casulo e cravei as unhas na manta. Não poderia ir até Shay agora, não importava quão magnético ele pudesse ser. E ele não tinha vindo me procurar, o que me incomodava mais do que eu queria admitir.

Meu coração e minha mente estavam constantemente perseguindo impulsos conflitantes. Eu não queria sair atrás de um dos dois alfas só para depois escapulir

de sua cama na manhã seguinte. A noite passada com Shay tinha sido egoísta e eu não queria mais ceder a esses caprichos. Especialmente porque Ren havia provado seu valor aos Inquisidores neste dia. Eu não tinha mentido para ele — precisava dele amanhã. Além disso... não podia ir até lá. Ainda não.

Não me lembrava de ter adormecido, mas acordei num emaranhado de lençóis que evidenciava quão inquieta tinha sido a noite. Com olhos sonolentos e bastante mal-humorada, decidi que o melhor a fazer era tomar uma longa chuveirada. A possibilidade de um omelete transbordando com as delícias abundantes do jardim dos Inquisidores me deixou um pouco mais animada.

Apesar da caminhada penosa até o vestiário, as instalações eram impressionantes. Fiquei debaixo de um cano bem largo que me encharcou de água quente e cuja pressão era comparável a de uma cachoeira. Peguei o sal de banhos que havia escolhido — um entre os muitos sabões e óleos enfileirados em recipientes de cristal esculpido, em prateleiras de teca do lado de fora dos chuveiros — e esfreguei os sais pelo corpo, tentando lavar o sono persistente. O aroma de lavanda e menta que vinha do esfoliante ajudou; havia uma variedade de cheiros nos potes e todos continham o frescor das flores e das ervas. Estava claro que os jardins da Academia forneciam bem mais do que apenas comida e insumos para propósitos medicinais aos Inquisidores. Bryn devia ter ficado radiante com essa abundância de mimos; fiquei surpresa por ela não passar o dia inteiro no banheiro.

Saí do chuveiro, enrolada na toalha, e me dirigi de volta para o trocador, onde tinha deixado arrumadas as minhas roupas. Quando saí da intensa nuvem de vapor, no local que ficava entre os chuveiros e os vestiários, congelei. Por um instante achei que estivesse sonhando, mas a água que escorria do meu cabelo nos ombros me dizia que não.

— Ei. — Meu coração quase saiu pela boca. Ren estava na minha frente, com o peito nu. Ele terminou de prender a toalha ao redor dos quadris, e uma pilha de roupas estava em uma cadeira ao lado. Ren olhou para a entrada do banheiro. — Eu... Uh... Esse é o banheiro feminino? Estive aqui ontem e não vi... Uh...

— Tem vestiários separados ali. — Ri apesar da situação embaraçosa. — Acho que os Inquisidores costumam compartilhar os mesmos chuveiros.

— Que modernos. — Ren sorriu. Seus olhos deslizaram sobre meu corpo molhado. — Você parece incrivelmente limpa, Lily.

— É. — Dei um passo na direção do vestiário. Infelizmente, isso significava me aproximar ainda mais de Ren. Podia sentir o calor da pele dele, o cheiro apimentado de suor misturado ao óleo com aroma suave de lavanda em minha pele. — Vou sair do meio do seu caminho.

— Pode ficar — disse ele, pegando meu braço e me virando de frente para ele.

Tinha um sorriso malicioso. — Lava minhas costas.

Já estava difícil não ficar olhando para o torso de Ren. Fitá-lo nos olhos tornava tudo mais difícil ainda.

— Sabe que não posso.

— Não? — contestou ele, me puxando mais para perto. — Porque tenho certeza de que não sei nada disso.

— Para. — Não confiava em mim mesma. Havia vapor demais saindo das piscinas térmicas e pano de menos cobrindo nossos corpos. Ele me soltou com um suspiro. O sorriso perverso sumiu e as feições de seu rosto repuxaram.

— Não a culpo por fazer isso — disse ele, e inclinou a cabeça contra a parede, olhando para o teto em vez de me encarar. — Eu mereço. Depois de tudo que fiz com você.

— Do que você está falando? — perguntei.

— Por tê-lo escolhido... Não a culpo.

— Não o escolhi — retruquei, dando um passo para trás, em direção à porta do vestiário. — Disse aos dois que não farei nenhuma escolha enquanto estivermos em guerra.

Ele me encarou, e foi como se lançasse uma flecha em meu peito.

— Não foi isso que quis dizer — disse Ren.

Apesar do calor do lugar, minha pele ficou arrepiada.

— Como assim?

— Não a culpo por tê-lo escolhido para ser seu primeiro. — Ele soava mais triste do que zangado.

Meu corpo tremia todo. Não falei nada, mas ele leu meus pensamentos.

— Sabine me contou.

— Ela não tinha esse direito... — disse a ele.

— Não fique com raiva dela — respondeu ele, dando uma risada sombria. — Ela estava me dando uma bronca. Disse que eu tinha perdido você. Que, basicamente, eu era um idiota e que merecia tudo que tinha ganhado. E que isso não incluía você.

Com muita dificuldade, desviei os olhos dele.

— Não é nada pessoal com você. Ela anda muito chateada desde que...

— Cosette — disse ele. — Eu sei. Depois que ela cansou de gritar comigo, acabamos conversando. Ela está arrasada por isso. Não a culpo. Queria muito que Dax e Fey estivessem aqui.

— Se não fosse triste, seria engraçado — refleti, apoiando-me na parede ao lado dele.

— O quê? — perguntou Ren.

— Fey e Dax eram nossos guerreiros mais fortes — comentei. — Mas no fim das contas, morreram de medo de lutarem por si mesmos.

Ren concordou.

— Não dormi com Shay para me vingar de você. — Minha voz saiu tão baixa que tive dúvidas se Ren havia me escutado. — Eu... Ele...

Como ele não respondeu após quase um minuto, tive certeza de que não tinha me escutado. Mas então ele pigarreou.

— Sei que você sente alguma coisa por ele. Isso é óbvio — declarou. — Mas está falando sério quanto a não fazer uma escolha até a guerra acabar?

— Eu... É. — Precisava ser assim. Se escolhesse Ren ou Shay para ser meu companheiro alfa, o outro lobo iria embora. Com os alfas as coisas são assim. Uma vez que o lugar era conquistado por um deles, o outro deveria exilar-se, incapaz de tolerar uma posição de subordinação dentro da matilha. Não poderia permitir que isso acontecesse. Também me congelava o sangue só de imaginar um dos dois partindo.

— Então preciso saber de uma coisa. — De repente ele se virou e me encarou. Os braços dele estavam apoiados na parede, em cada um dos lados dos meus ombros, me encurralando.

— Não — disse eu.

Eu não confiava em mim mesma estando assim tão perto dele. Já havia cometido um deslize com Shay, caindo em tentação mesmo tendo prometido a mim mesma manter a distância. Se me rendesse a Ren também, não conseguiria viver em paz comigo mesma. E uma parte de mim sabia que eu desejava ser tocada por Ren neste instante, depois de ter passado uma noite sozinha, com sono inquieto e interrompido, com a esperança de que Shay batesse à minha porta. O que não aconteceu. Quanto mais Shay entrava no mundo dos Inquisidores, mais escapulia para longe de mim.

— Apenas escute, Calla. — Os olhos de Ren simplesmente não me deixavam ir embora. — Se lembra de quando a gente estava na Eden?

Fiz que sim com a cabeça, desconfortável demais para falar. Nem sei se seria capaz de ouvir minhas próprias palavras acima das batidas do meu coração. Aquela noite na Eden parecia ter sido há uma eternidade; não dava para imaginar o motivo pelo qual Ren mencionava isso agora.

— Você me perguntou se eu tinha medo de alguma coisa — disse ele.

— Lembro. — Mordi o lábio inferior quando a lembrança me veio. — Você disse que tinha medo de apenas uma coisa.

— De apenas uma. — Ele se inclinou e sussurrou em meu ouvido. — Sempre tive medo de apenas uma coisa. E ainda tenho.

Meu corpo estava congelado contra a parede, paralisado por suas palavras.

— O quê? — perguntei.

A voz dele tremeu.

— De que você jamais me amasse. De verdade.

— Ren... — Minhas mãos tremiam.

— Não tinha como não notar os murmúrios — continuou ele. — A forma com que alguns Bane me olhavam. O jeito como meu pai... Quer dizer, Emile... Falava da minha mãe. Ela estava morta, mas parecia que ele ainda a odiava. Era óbvio, mesmo para mim, que enquanto eles estiveram juntos, ele a controlava, mas não havia amor nenhum.

Minha respiração ficou ofegante. Não sabia se suportaria ouvir isso, mas também não consegui impedi-lo.

Os lábios dele roçavam em minha orelha.

— A primeira vez que vi você, quando fomos prometidos um para o outro, jurei a mim mesmo que nunca forçaria você a me amar, mas que encontraria uma forma de conquistá-la.

Alguma coisa dentro de mim se revoltou.

— Se queria me conquistar, por que passou todo o ensino médio namorando outras garotas?

Havia mais rancor em minha pergunta do que eu tinha previsto. Toda esta espera, incapaz de seguir minhas próprias paixões, enquanto via Ren correndo atrás das paixões dele livremente. Eu me ressentia disso. Fazia com que a confissão dele soasse injusta, talvez até falsa.

Ele apoiou a testa contra minha têmpora.

— Achei que se você visse outras garotas me desejando, mas soubesse que eu só desejava você, que isso faria alguma diferença.

Um grunhido sutil me subiu pela garganta.

— Sabine tem razão. Você é um idiota.

— Ajudaria se concordasse com você? — Ele sorriu, mas seus olhos estavam firmes. Virei o rosto, com raiva, esperança e desejo digladiando-se dentro de mim.

— Você poderia ter dito o que sentia — disse eu.

— Eu ia dizer. Queria lhe contar quando lhe dei o anel, mas... Ficou entalado na garganta.

Olhei para Ren e vi que ele estava corado de vergonha. Eu sabia que tudo o que ele dizia era verdade.

— Eu... — as palavras não saíam. Afinal, o que eu poderia dizer?

— Tudo o que peço é uma chance. Ou talvez, um recomeço, mas preciso que saiba de onde estou vindo — prosseguiu ele. — Sei que a sorte está contra mim. Shay apareceu de repente e mudou sua vida. Ele salvou você.

— Eu o salvei e salvei a mim mesma.

— Só quis dizer que ele tem sido o herói da história. Claro que você iria querer ficar com ele. Mas a história que você e eu temos, nosso passado juntos. Nem tudo é ruim.

— Sei disso — disse.

— Não pode negar que quando estávamos na nossa casa, a sós, uma parte de você queria ficar — afirmou Ren.

Agarrei a toalha com força para que não a deixasse cair. Ele tinha razão. Pelo menos, em parte. Eu continuava atraída por ele — aquele que era tão obviamente meu igual. O parceiro com quem imaginei que passaria o resto da minha vida. Tinha medo de abandonar o passado que nos mantinha unidos. Essa estrada era familiar. Sabia como seria a vida com Ren, como me encaixaria nessa fotografia, e que tinha um enorme carinho por ele. A tentação de mantê-lo perto de mim me provocava sem trégua.

— Fomos feitos um para o outro, Calla — disse ele, e tremi, sentindo que Ren tinha acabado de ler meus pensamentos. — Deixa eu te mostrar como poderia ser. — Os lábios dele tocaram os meus levemente. Não consegui mais resistir e percorri os dedos pelos contornos do peito dele. Ele gemeu levemente, agarrando meus cabelos molhados enquanto me beijava. Meus dedos desceram, deslizando pelo abdômen dele até chegar na borda da toalha enrolada em sua cintura. Ele me beijou com mais intensidade, me deixando excitada.

A porta do banheiro escancarou-se, e Connor entrou, sem camisa, com calça de pijama e uma toalha pendurada no ombro. Ele parou e assoviou ao me avistar imprensada entre Ren e a parede e as costas nuas dele.

— Ai, meu Deus! Meus olhos! — Connor cobriu o rosto. — Minha inocência!

— Cala a boca, Connor. — retruquei, aliviada e desapontada pela interrupção. Me desvencilhei de Ren, me abaixando, e praticamente fui saltando até o vestiário, para onde me joguei. Morrendo de vergonha, vesti a roupa apressadamente e saí correndo do banheiro. Enquanto me apressava pelo corredor, passando por Inquisidores sonolentos a caminho de uma chuveirada quente, tentei me convencer de que já não ouvia mais as risadas de Connor.

DEZ



Meu estômago roncava, mas continuava abalada pelo encontro acidental com Ren no banheiro. Não poderia me arriscar a esbarrar com Shay estando com os sentimentos tão confusos... E com a possibilidade de ter o cheiro de Ren entranhado em minha pele.

Droga, Calla. Por que você não consegue ficar longe dele? Dos dois?

Eu tinha aprendido quão poderoso era o desejo, e ainda mais o amor, porém continuava frustrada por perder o controle sempre que meu sangue esquentava.

Como já estava vetada a ideia de me juntar à equipe de Haldis para o café da manhã, me encaminhei para o jardim em busca de fruta fresca. Era muito cedo e fiquei surpresa ao ver Ansel apanhando algumas laranjas em um pequeno arvoredor.

— Bom dia — disse ele, sorrindo para mim.

— Alguma chance de me arranjar uma dessas? — perguntei apontando para o cesto cheio pela metade.

— Claro. — Ele me jogou uma laranja.

— Está de pé bem cedo — comentei enquanto descascava a laranja.

Os ombros dele ficaram tensos.

— Dormir não está fácil — respondeu Ansel.

Mastiguei um gomo, desfrutando a explosão refrescante e cítrica em minha língua. A laranja estava cheia de suco, perfeita.

Ansel ficou quieto, catando laranjas dos galhos.

— Você parece estar melhor — disse suavemente.

— Pareço? — perguntou ele.

Tossi, engasgando um pouco com o sumo da laranja. A voz de Ansel continuava com o vestígio do tom que fez meus ossos doerem quando soubemos como ele havia sido punido pelos Defensores.

— Você não está... se sentindo bem? — perguntei.

Ele se virou para mim. Embora seu olhar não estivesse vazio como tinha estado em Denver, estava desesperançoso.

— Nunca vou ficar bem, Calla — disse ele, virando uma laranja na mão. — Não totalmente.

— Mas... — Olhei para ele, desejando que não dissesse esse tipo de coisa. Quis acreditar que esse comportamento era uma espécie de autopiedade... Mas sabia que não era.

— Amo Bryn — comentou. — E não aguento vê-la sofrer.

Fitei o rosto dele. Parecia mais velho do que o irmãozinho que conhecia. Mais velho e com mais raiva.

— Você está fingindo estar bem para não magoar Bryn — disse.

Ele fez que sim com a cabeça e respondeu:

— Parece que ela acredita que ainda me ama. Tentei convencê-la do contrário, mas ela não quer me ouvir.

— Você não quer ficar mais com ela? — perguntei.

— Eu sempre vou amar Bryn — respondeu Ansel. — Mas não estou à altura dela. Bryn merece coisa melhor.

— Como pode dizer isso? — Queria gritar com ele, mas com muito esforço mantive um tom neutro. — Você é a mesma pessoa.

— Não sou. — Ansel esmagou a laranja, cravando as unhas na casca. — Acredite. Não sou.

— Sim, você é. E Bryn te ama — afirmei.

— Não sou mais um igual. Um par perfeito não existe sem uma verdadeira parceria. Você sabe disso melhor do que ninguém.

— Claro que sei. — Franzi a testa. — Mas você está errado. Já disse antes, os Defensores e os Guardiões já estiveram juntos no passado. Constituíram famílias juntos.

— Eu sei. — O sorriso de Ansel era rancoroso. — Já ouvi falar. De você, da Tess. Defensores e Guardiões. Monroe e Corrine. Ele e ela, ela e ele.

— Então qual o problema? — Esmaguei o restante dos gomos da laranja em minha mão. O sumo escorreu pelos dedos. — Deu certo. Era amor verdadeiro, eram parceiros de verdade. Pessoas morreram por eles.

— Não é a mesma coisa — disse ele, olhando para baixo.

— Por quê? — perguntei.

— Porque não nasci Inquisidor. Não tenho o poder deles. — Ele me encarou novamente, com olhos acinzentados e furiosos como tempestade. — Tudo o que sou é menos do que eu era. E nunca poderei ser mais. Cedo ou tarde, Bryn vai se dar conta disso e vai me deixar. E vai ser melhor assim.

— E se ela não fizer isso? — Fiquei observando a sujeira que havia feito com a laranja na palma da mão e senti como se estivesse olhando para o coração devastado de Ansel. — E se ela quiser ficar com você e formar uma família?

— Eu bancaria o pai para uma matilha de lobinhos? — perguntou Ansel.

— É assim que funciona.

— Eu sei. Tess explicou sobre toda essa história de essência da maternidade. Mas biologia ou magia, seja lá o que for, não importa. Não se trata do que eu ou Bryn conseguimos ser juntos ou de construir uma família. A questão é se deveríamos ser.

— Dê tempo ao tempo, Ansel. — Não sabia mais o que dizer. Odiava o desespero na voz dele, como se falasse de um fim irreversível.

— Prometo que nunca vou magoar Bryn — disse ele. — Não vou dizer a ela como me sinto de verdade. Estarei ao lado dela sempre que precisar e quando ela quiser vou deixá-la ir.

Ficamos ali, olhando um para o outro. Não havia mais nada a dizer.

Ansel sorriu, com um grande vazio, e me entregou outra laranja.

— Ainda precisa comer o café da manhã. Você acabou de assassinar sua primeira laranja — disse ele.

— Obrigada. — Consegui fazer com que as palavras passassem pela garganta apertada.

— Aí estão vocês! — A voz de Bryn me fez virar. Ela vinha saltando pela vereda, sorridente. — Desculpe, tomei um banho extra longo. Puro paraíso natural! Os Inquisidores deveriam comercializar esses produtos. Vou falar com Tess sobre isso. Cheira minha pele... Rosas e tomilho!

Ele se virou para ela e então aconteceu. A máscara surgiu e transformou meu irmão arrasado no Ansel de sempre.

Eu não podia ficar ali, não naquele momento. Não queria deixar transparecer nada para Bryn. Inventei uma desculpa de que precisava ver Anika e saí de lá às pressas, tentando me distrair ao devorar minha laranja. Mas eu havia cruzado só metade do jardim quando esbarrei com outra lembrança da confusão que minha vida tinha se tornado.

Connor estava deitado em um banco de pedra próximo à vereda. A camisa estava desabotoada. O peitoral dele, com músculos talhados, era riscado por cicatrizes. Cicatrizes que eu reconhecia.

Pensei em dar meia-volta, mas percebi que precisava esclarecer as coisas ou pelo menos ficar com a consciência limpa em relação a ele.

— Quantos Guardiões você acha que já matou? — perguntei.

— Tenho tentado reduzir o número — respondeu ele sem abrir os olhos. — Mas eles são atenciosos o bastante para me deixar suvenires, como pode ver. — Ele passou a mão sobre a pele cheia de cicatrizes.

Me agachei no banco ao lado dele, deixando que os raios do sol esquentassem minha nuca e ombros. As batidas do coração pareciam galopar, mas me forcei a dizer o que havia planejado ao parar ali.

— O que você viu hoje mais cedo... — O calor suave que eu sentia se transformou em um formigamento bem mais quente à medida que o sangue subia por meu pescoço e faces.

— Ei, quem sou eu pra julgar — disse Connor. Ele cruzou os braços atrás da cabeça, erguendo o rosto para que pudesse me olhar. — Se bem que, se perdermos o Progenito porque você não consegue se controlar, você vai queimar no inferno. Literalmente.

Rosnei, e ele riu.

— Nunca pensei em perguntar sobre seu *rendez-vous* vaporoso, querida — retrucou. — Foi você quem tocou no assunto.

Abracei as canelas e apoiei o queixo nos joelhos.

— Só queria que você entendesse — disse.

Ele se levantou, um dos cantos da boca esboçando um sorriso malicioso.

— Entender o quê, exatamente?

— Que Shay, Ren e eu temos um caso complicado — expliquei.

— Complicado, é? — O sorriso de Connor se escancarou. — Para mim estava tudo bem claro. Dois caras que mexem com você. Você vai precisar escolher um dos dois.

— Não é só isso...

Connor me interrompeu com um aceno de mão.

— Claro, sempre têm os pequenos detalhes sórdidos, mas eles acabam caindo no ponto básico. Você e eles. O amor é uma droga.

— Que ótimo. — Queria poder chamá-lo de mentiroso, mas o resumo que tinha feito da minha vida era meio lógico demais.

— Olhe, querida, não estou aqui para jogar pedra em ninguém. Só estou mostrando as coisas como elas são. — Ele tirou o cabelo cor de amêndoa do rosto, que continuava úmido da chuveirada. Ele já havia começado a ganhar cor após alguns dias sob o sol do Mediterrâneo. A pele bronzeada fazia com que as marcas brancas das cicatrizes parecessem saltar de seu peito.

— Quer dizer que todas as suas incríveis cantadas são papo furado? — Sorri. — Quem diria, hein?

Ele me olhou de esguelha, mas não respondeu.

— Sabe o que acho? — perguntei.

Uma das sobrancelhas dele se ergueu e me inclinei em sua direção.

— Acho que toda essa sua tagarelice inconveniente e despojada serve para você se iludir sobre o fato de que apenas uma pessoa lhe interessa.

— Acha mesmo que sou o tipo de cara de uma mulher só? — Connor sorria, mas seus olhos estavam sérios.

Encarei-o.

— Acho que você é apaixonado pela Adne — disse.

Ele foi o primeiro a desviar os olhos e encarou uma fonte próxima com chafariz.

— Cometi um erro com Adne — disse ele em voz baixa, perdendo-se em seus próprios pensamentos. — Faz mais ou menos um ano.

— Um erro? — Franzi a testa. — Ah... Tipo, você transou com ela.

Ele deu uma risada fria e disse:

— Não.

— Não transou com ela? — perguntei, sem entender o indício irônico em seu sorriso.

— Definitivamente, não. E acho que esse foi o meu erro.

— Você me deixou confusa — disse.

Ele tirou as pernas do banco e descansou os braços nas coxas.

— Adne era apenas uma criança quando a conheci. Eu tinha 16 anos. Superarrogante.

— Ah sim, você mudou completamente desde então.

Ele sorria, mas não era para mim.

— Ela estava passando por uma fase difícil — disse Connor.

— Ela me contou — comentei, ao recordar da descrição de Adne sobre como ele tinha sido seu amigo quando ela mais precisou, após a morte da mãe.

Connor me observava com os olhos alarmados.

— O que ela te contou? — perguntou ele.

Franzi a testa ao notar que ele empalidecia.

— Apenas que você a divertiu e a ajudou quando ela perdeu a mãe.

— Ah... É — disse Connor, recobrando sua postura usual.

— Mas espero que você me conte o que achou que ela tinha dito.

Ele balançou a cabeça e falou em voz baixa:

— Ela tem 16 anos.

— Sei disso.

Ele me fitou.

— Ano passado tinha 15 anos... E eu 20. A gente sempre se encontrava por volta do solstício de inverno. Ethan, Kyle, Stuart e eu viemos do posto avançado de Denver. Adne estava de férias das aulas.

Fiz que sim com a cabeça. Até aí não havia nada de extraordinário.

— Depois da festa, com toda aquela comida, muita bebida e dança, fui para o quarto dormir. Adne perguntou se podia ficar um pouco comigo.

Minha pulsação acelerou. Sabia aonde isso iria dar e fiquei nervosa pelos dois.

Connor coçou a nuca.

— Conversar não era exatamente o que ela tinha planejado. E não hesitou em mostrar o que realmente queria.

— Ela tentou te seduzir? — Não era difícil imaginar Adne indo atrás do que queria.

— É. Exatamente.

— E você disse não? — perguntei. Esta era a parte difícil de imaginar.

— Adne tinha 15 anos — insistiu ele.

— Tudo bem. — Quinze anos era uma idade jovem, mas Adne tinha a alma velha. Eu não acreditava exatamente que se Connor houvesse dito sim teria tirado proveito dela. Também não via Adne sendo dissuadida facilmente a desistir de algo.

— E ela é a filha do Monroe.

— Ahhh... — Isso fazia sentido.

— Quando tentei explicar a ela por que achei que ‘nós’ seria uma má ideia, ela não aceitou bem.

— Posso imaginar. — Na verdade, imaginava objetos voando pelo ar, vidros quebrando e, possivelmente, Connor com um olho roxo.

— Então isso foi antes ou depois da aposta com Silas?

Ele deu um breve suspiro.

— Ela te contou sobre a aposta — disse.

— Ela falou que não teve consequências.

— A aposta veio antes, mas só algumas horas antes. A consequência dela foi que Adne e eu não podíamos dançar mais perto um do outro. No momento em que a beijei, não pude mais...

— Não pôde mais fingir que não estava apaixonado por ela — completei a frase.

Ele me lançou um olhar antipático.

— É bem óbvio — disse a ele.

— Não podia mais fingir para mim mesmo — respondeu. — Mas achei que era melhor continuar fingindo para ela.

— Acho que você está errado. — Me lembrei da confissão de Ren. Se houvesse sabido antes dos reais sentimentos dele por mim, nossa vida teria sido diferente? Pensamentos sobre Shay seguiram a pergunta. Será que eu queria que meu passado fosse diferente? Não conseguia imaginar a ausência de Shay. Meu coração doeu diante da hipótese de nunca ter me apaixonado por ele.

— Talvez. — Connor se levantou e se espreguiçou. — Certamente as coisas não aconteceram como eu tinha desejado.

— O que você tinha desejado? — perguntei. — Quer ver Adne com outra pessoa?

A olhada súbita e pungente que Connor me lançou me disse que esta era a última coisa que ele queria. Eu me mantive firme.

— Então é melhor fazer alguma coisa a respeito — falei.

— Vamos fazer um trato — propôs Connor, sorrindo lentamente. — Eu resolvo

minha história com Adne e você escolhe o seu garoto.

— Isso não é justo. — Eu estava de pé, retribuindo o olhar fixo dele.

— Tudo é justo no amor e na guerra — replicou Connor e se virou para seguir a vereda. Adivinhei que isso queria dizer que a conversa tinha chegado ao fim.

— Mas e aí? — rebati, indo atrás dele. — Não vai fazer nada?

— Estou seguindo o seu exemplo, alfa. — Ele se virou para mim e continuou andando de costas, rindo.

— Como assim? — perguntei, com as mãos na cintura.

— Quer dizer que vou ganhar esta guerra. — Ele bateu continência. — O romance terá que esperar.

Olhei feio para ele, frustrada com a conversa. Mas, pelo menos, tinha conhecido um pouco mais a história de Connor e Adne.

— Calla! — Me virei e vi Bryn acenar para mim ao lado de Ansel, na ponta dos pés, com um cesto lotado de laranjas. Mason estava com eles.

— O que foi? — perguntei quando cheguei até eles.

— Temos que ir para o cativeiro — informou ela.

— O cativeiro? — perguntei. — Por quê?

Mason me olhou e deu um suspiro.

— Logan quer uma reunião.

ONZE



As dependências de Logan eram muito parecidas às de Ansel. Fiquei um pouco satisfeita ao notar isso, mas ainda assim me arrepiei quando entrei no cubículo. Havíamos estado em silêncio no trajeto do jardim para o cativoiro.

Esses quartos, usados para receber prisioneiros, estavam localizados no subsolo da Academia — isolados das áreas mais alegres da casa dos Inquisidores. Embora Mason houvesse garantido que Anika estaria presente, o encontro não me soava bem. Era familiar demais. Logan tinha algo a dizer a sua matilha. Havíamos sido convocados, como se ele ainda fosse nosso mestre. Pela forma tensa com que Mason caminhava pelos corredores, notei que ele também não estava nada satisfeito com o desenrolar dos fatos. Não podia culpá-lo.

O que me surpreendeu um pouco foi Ansel ter insistido para ir conosco.

— Para dar apoio moral — dissera ele, após lançar um rápido olhar para Mason, quando perguntei a ele o motivo. Se havia alguém com mais razões do que Mason para odiar Logan — ou qualquer outro Defensor —, esse alguém era o meu irmão. Shay nos aguardava do lado de fora. Quando nós quatro entramos, Logan parecia excessivamente à vontade, mesmo acomodado em uma cama de solteiro com um único travesseiro e um cobertor de lã crua. Estava apoiado sobre um dos cotovelos enquanto fumava um cigarro de cravo.

Ren, Sabine e Nev já estavam no quarto. Anika e Ethan estavam bem atrás dos três lobos. Ethan observava Logan desconfiado, enquanto a expressão de Anika era mais de curiosidade.

— Maravilha. — Logan sorriu para nós, batendo a cinza em um copo vazio no chão.

— Vai encarar? — rosnei.

Logan talvez esperasse fazer as coisas do jeito dele, como costumava ser, mas eu não iria permitir isso. Ele não era mais nosso mestre, e eu faria questão de deixar isso bem claro para ele.

Bryn soltou um suspiro assustado, mas Mason sorriu. Logan arregalou os olhos

por um instante, mas logo se recompôs, pondo uma máscara de placidez no rosto.

— Calla, não espero seu afeto, mas certamente ainda podemos ser civilizados — disse ele.

— Você é um prisioneiro — rebati. — Civilidade não está em jogo aqui. Para que inventou essa reunião?

Ele pigarreou e disse:

— Por dois motivos. E obrigado por terem vindo.

— Calla tem razão — disse Ren. — Para de show, Logan. Desembucha.

— Está todo mundo de mau humor. — Logan tirou um cigarro do maço e suspirou. — Este é o último.

— Que bom — comentou Mason.

Logan o fitou e meu coração vacilou por um instante.

— Não olhe para ele. — Nev cruzou o quarto e se pôs na frente de Mason, cobrindo-o da vista de Logan. — Nunca mais olhe para ele ou arranque os seus olhos com as unhas.

— Está tudo bem — sussurrou Mason, mas tinha ficado pálido. Ansel enfiou as mãos nos bolsos da calça e ficou olhando para o chão.

Pela primeira vez, o tom de Logan perdeu a altivez e a soberba de sempre.

— Bem, vamos ao primeiro ponto... Quero oferecer a vocês um pedido de desculpas.

Ninguém falou, mas todos encararam o Defensor.

Foi Shay quem finalmente rompeu o silêncio e repetiu:

— Pedido de desculpas?

— Apesar do meu aprisionamento, aprendi a respeitar a força, a lealdade e, sobretudo, a resiliência dos laços da matilha de vocês. Tentei tirar vantagem da lealdade de vocês para os Defensores e peço desculpas por ter deixado que minha herança me subisse à cabeça.

— Subir à cabeça? — grunhiu Nev, o ar à volta dele rodopiava cada vez mais quente. — Acha que isso basta para compensar tudo o que você pretendia fazer?

Dei um passo em direção a ele. Por mais que odiássemos Logan, atacá-lo na posição de prisioneiro dos Defensores não era uma opção.

— Claro que não — prosseguiu Logan. Ele lançou um olhar de súplica para Anika, que se posicionou entre o Defensor e Nev.

— Por favor, mantenham a calma. — Ela pôs a mão no cabo da espada pendurada em sua cintura.

— Você não tem ideia... — Nev a encarou feio.

— Deixa para lá. — Mason pegou no ombro de Nev e o puxou para trás. — Ele não vale à pena.

— E quanto a mim? — Me virei, surpresa. Ansel caminhava lentamente na

direção de Logan, as mãos ainda escondidas nos bolsos. — Vou receber algum pedido de desculpas?

Logan inclinou a cabeça de lado e franziu a testa.

— Acho que sim...

— Você acha? — Ansel deu uma gargalhada. Um som agudo e horrível. — Vocês mataram minha mãe. Poderiam perfeitamente ter me matado pelo pouco que deixaram vivo em mim.

— Você me parece muito bem — disse Logan. — E quanto a sua mãe, não foi minha...

As palavras dele se tornaram um guincho depois que Ansel saltou, tirando uma tesoura de podar de um dos bolsos e investindo o braço para baixo com toda a força. Ansel foi rápido, mas os reflexos de Anika foram ainda mais.

Ela voou para cima dele e o agarrou pela cintura. Perdendo equilíbrio, o golpe de Ansel fez um corte profundo no ombro de Logan. Se não tivesse sido contido, ele teria furado a garganta do prisioneiro.

— Ethan! — Anika sacudiu Ansel e então o jogou nos braços já abertos de Ethan. — Tire ele daqui. Encontre Tess. A gente resolve isso depois.

Ethan arrastou Ansel porta afora. Sabine sequer inventou uma desculpa. Simplesmente seguiu Ethan sem dizer uma palavra.

Fiz menção de ir atrás deles, mas Bryn me pegou pelo braço.

— Eu ajudo. Você precisa ficar aqui... Está rolando alguma coisa. Não sei bem o que é, mas Logan está tramando algo sério. Eu fico com Ansel.

Parte de mim quis argumentar. Ansel estava descontrolado, perigoso e imprevisível. Queria conversar com ele e acalmá-lo. Mas também sabia que Tess e Bryn eram provavelmente as pessoas mais indicadas para fazê-lo. Ele ainda me via como parte do motivo pelo qual não era mais um Guardião.

— Também vou — disse Mason, pegando na mão de Bryn. — Simplesmente, não posso ficar aqui.

— Quer que eu vá com você? — perguntou Nev.

Mason balançou a cabeça.

— Vou ficar bem. Depois você me põe a par de tudo.

— Alguém vai me ajudar? — Logan tinha a mão pressionada contra o ombro. — Estou sangrando!

— Ficou bem em você — disse Ren.

— Tenho certeza de que Ethan vai enviar um Elixir — interveio Anika calmamente. — Você não vai se esvaír em sangue até lá.

Logan arregalou os olhos.

— O que mais você tem a dizer, Logan? — perguntei. — Porque pedir desculpas é uma perda de tempo. Suas palavras não têm muito valor para nós.

— Tudo bem. — Logan se inclinou o quanto pôde, ainda segurando o ombro ferido. — Quero ajudá-los.

— Ajudar como? — perguntou Shay.

— Estou mais interessado no porquê do que no como — declarou Ren.

Logan sorriu, recobrando um pouco de sua autoconfiança.

— Como disse antes, aprendi a respeitar seus dons e aprendi bastante sobre os Inquisidores.

— Ah, é? — Anika cruzou os braços.

— Acidentalmente — prosseguiu Logan. — O prédio inteiro está cochichando sobre as novidades da última missão.

Ele olhou para Shay. Os olhos de Logan passearam pela espada pendurada nas costas de Shay. E então ele disse:

— Parabéns.

Shay alternou o peso do corpo nos pés, observando Logan com desconfiança.

— Essa reviravolta nos acontecimentos me forçou a reconsiderar minha posição — prosseguiu Logan. — Sou um homem de apostas e apostaria que o lado de vocês vai ganhar esta guerra.

Embora não quisesse, prendi a respiração, surpreendida. Essa era a última coisa que esperaria ouvir de Logan.

— Você mal pode ser considerado um homem — debochou Nev, indiferente à gravidade da afirmação de Logan. — Você é um garoto mimado e arrogante e agora está com medo. Só isso.

— É verdade — concordou Logan. — Bem... A parte que fala que tenho medo. Vou ignorar o restante do que você disse... Pelo bem da civilidade.

— Você está com medo? — perguntei, incapaz de disfarçar o sorriso do rosto. Um Defensor com medo dos Guardiões. Talvez essa fosse a melhor coisa que eu já havia ouvido.

— Claro que estou — respondeu Logan, me fitando. Então vi que ele estava sendo sincero. — A escrita está na parede. Provavelmente foi no momento em que você interrompeu o sacrifício de Shay no Samhain. Ele tem uma das espadas. Em breve terá a Cruz Elementar.

— E não existirão mais Defensores — disse Anika.

Logan estremeceu e disse:

— A sorte parece estar a seu favor.

— Você não parece muito desapontado com sua destruição iminente. — A risada de Ren era fria.

— É porque espero alterar meu destino — respondeu Logan.

— E como pretende fazer isso? — perguntou Shay. — Seu legado não lhe ajuda em nada.

— Na verdade... — Logan sorriu lentamente. — Acho que vai ajudar sim.

Anika estava bem de frente para Logan, olhando-o de cima a baixo.

— O que você está oferecendo? — perguntou ela.

— Na batalha final, quando forem enfrentar Bosque — disse Logan. — Ela deve ocorrer na atual localização da Fenda. Correto?

Anika fez que sim com a cabeça.

— Sei onde fica — disse ele.

— Podemos simplesmente forçá-lo a nos contar — interveio Anika.

— Mas vocês sabem que isso não é o bastante. — Logan agora sorria. — Não é?

Anika não respondeu, mas os olhos dela estavam semicerrados.

— Vocês provavelmente conseguiriam descobrir a localização por conta própria. Mesmo que isso demorasse mais do que gostariam — continuou Logan. — Está na Mansão Rowan, afinal.

— Suspeitávamos que estivesse lá mesmo — replicou Anika, mas os Guardiões trocaram olhares confusos.

— O que é a Fenda? — perguntou Ren.

— O portal por onde o Precursor e seus súditos entraram neste mundo — respondeu Anika. — Foi aberto na virada do século XV, mas a besta trocou-o de lugar ao seu bel-prazer para que nunca tivéssemos certeza de sua atual localização.

— E o portal precisa ser fechado — disse Shay lentamente. — É assim que venceremos a guerra.

Anika sorriu para ele com tristeza e disse:

— É uma das condições para vencermos.

— Também é a condição para você conseguir seus pais de volta — acrescentou Logan.

— O quê? — Shay se virou e o encarou.

— A Fenda só pode permanecer aberta por meio de um ritual de sacrifício — disse Logan. — O sacrifício, até então, eram os seus pais.

Shay retesou o maxilar.

— Você disse que meus pais estavam vivos.

— Eles estão. — Logan olhou de relance para Anika. — Haveria a possibilidade de vocês me providenciarem mais cigarros?

— Vai depender do que mais você tem a nos dizer — respondeu Anika. Ela pôs a mão no ombro de Shay, puxando-o para longe de Logan. — Como é que Tristan e Sarah Doran ainda estão vivos se foram sacrificados para que a Fenda fosse aberta?

— Bosque Mar é muito criativo quando o assunto é atormentar — disse Logan. Shay fez uma careta e desejei ir até ele, mas esse não era o lugar nem o momento para isso.

— Estamos cientes disso — disse Anika.

Logan fez uma pausa e ergueu a mão para checar a ferida. O corte já não sangrava. Ele se deitou cautelosamente com a cabeça no travesseiro.

— Ele queria que Tristan sofresse por sua traição, então tramou uma punição que o forçasse a padecer perpetuamente enquanto observava a destruição que ele havia arriscado tudo para salvar.

— Você quer dizer, o filho dele — disse Anika, que se virou de costas para a cama e começou a caminhar de um lado para o outro.

Shay franziu a testa e perguntou:

— Como ele poderia ver o que estava acontecendo comigo?

Minha mente estava a mil por hora, enquanto a temperatura em meu sangue caía.

— Shay... Acho que...

Logan me interrompeu:

— Qual foi o único lugar onde você já viu seus pais?

— Que eu os vi? — Shay o fitou. — Não sei... Em meus sonhos. Nas minhas lembranças.

— Pense bem. — Logan estava prestes a dar uma risada.

— Pare. — Dei um salto na direção dele e fui parar em cima da cama, frente a frente com Logan e com o punho cerrado. — Não se atreva a fazer seus joguinhos com ele.

— Calla! — Anika veio em minha direção, mas Shay a deteve com um olhar ríspido. Lentamente ele voltou a encarar Logan.

— O retrato — disse ele, que agora olhava para mim e para Logan, alternadamente. — A pintura na biblioteca.

Fiz que sim com a cabeça, saindo da cama, e me aproximei dele. Não ousei tocá-lo. O momento estava carregado da mais pura emoção, e eu não podia arriscar provocá-la.

— Isso quer dizer que... — sussurrou Shay. — Eles estão vivos, mas... Que agora são aquelas... Criaturas?

— Que criaturas? — perguntou Logan.

— Ele se refere aos mortos-vivos — interveio Anika. — Ele está certo? Tristan e Sarah são mortos-vivos?

— Não — respondeu Logan. — Eles não são mortos-vivos. Os mortos-vivos são carniças, pouco mais do que cadáveres animados. Bosque queria Tristan e Sarah conscientes. Eles estão sendo mantidos em estado de inércia, aprisionados na pintura.

— Em que aspecto essa pintura é diferente das demais? — perguntou Shay.

— Os mortos-vivos são prisioneiros que usamos para alimentar os espectros — explicou Logan, recuando amedrontado quando Ren rosnou. — As pinturas são um espaço limiar, um calabouço para todo o tipo de coisas. Bosque se diverte

contemplando o que ele chama de sua coleção de “artes da guerra”. Ele pode ver através da parede dimensional e observar os espectros se alimentando. Os prisioneiros permanecem lá até não lhes restar nada para oferecer aos espectros. E então eles são descartados.

— Mas meus pais não foram entregues aos espectros? — perguntou Shay. — Tem certeza?

— Você os viu com seus próprios olhos, Shay — disse Logan. — Quando olhou para a pintura, como eles estavam?

— Tristes — murmurou Shay.

— Porém ilesos — disse Logan, e Shay assentiu com a cabeça.

— Quando você fechar a Fenda, Tristan e Sarah serão libertados — disse Logan. — Eles terão envelhecido, como qualquer outro humano. Mas, apesar disso, terão a mesma aparência da época em que vocês se conheceram.

— Não os conheci — replicou Shay.

— Eu os conheci — disse Anika em voz baixa. — Muitos de nós conheceram Tristan e Sarah. Considerávamos seus pais nossos amigos, Shay.

Shay a fitou, surpreso. Ela não retribuiu o olhar, submersa em seus próprios pensamentos.

— Nós os decepcionamos. Deveríamos ter garantido a segurança deles, manter você escondido, mas falhamos.

O lugar caiu no silêncio até que Logan pigarreou e disse:

— Acredito que essa informação tenha algum valor para vocês.

— Talvez — disse Anika.

— Farei o que for preciso para provar o meu valor — disse Logan. — Posso ajudá-los a vencer.

Anika assentiu com um movimento da cabeça, mas olhava para uma mulher que tinha surgido na entrada do quarto.

— Ethan disse que precisavam de um curandeiro. — A mulher olhou em volta à procura de seu paciente.

— Não é nada grave — disse Anika. — O prisioneiro tem um corte que precisa ser desinfetado, mas não acho que será necessário dar ponto.

A curandeira fez que sim com a cabeça e foi até a cama.

— Ainda temos o que discutir — disse Anika a Logan.

— Claro. — Ele fez uma careta quando a curandeira puxou a camisa para trás. — Se não vão me trazer cigarros, poderiam me dar alguma coisa para a dor?

Anika sorriu e disse:

— Acho que você consegue aguentar.

DOZE



— Podemos confiar nele? — Observei os movimentos de Adne, fios reluzentes espiralando de suas adagas escocesas, enquanto ela tecia o portal que nos levaria ao alojamento de Eydis em Tulúm. *A escrita está na parede*, Logan tinha dito. Teria razão? Tínhamos uma espada; estávamos a um passo de recuperar a segunda.

Nev deu de ombros.

— Odeio ter que admitir, mas sim. Logan seria capaz de enfiar uma faca nas *próprias* costas se achasse que dessa forma conseguiria o que quer.

— Não importa. — Mason tinha se unido a nós novamente no centro tático de Haldis, mas parecia não conseguir se livrar do humor sombrio. — Nada disso importa.

— Quer parar com isso? — Nev mostrou as presas para ele. — Tudo bem sentir raiva. Você deveria estar com raiva.

Mason desviou os olhos e disse:

— Se ele puder nos ajudar, é isso o que importa.

— Escuta. — A expressão no rosto de Nev suavizou-se. Ele apoiou a testa na de Mason. — Vamos vencer e então o matamos. Combinado?

Mason tentou se desvencilhar, mas Nev agarrou os ombros dele, que então começou a rir e disse:

— Tudo bem, combinado.

Observei Nev, intrigada.

— Por que não o fez?

— O quê? — perguntou ele, mantendo Mason em seus braços.

— Matou Logan — respondi. — Quando ele atravessou o portal conosco. Você se manteve humano. Estava estrangulando ele. Por que não se transformou em lobo e arrancou o pescoço dele?

Era uma ideia atraente — e que certamente tinha passado pela cabeça de Nev em mais de uma ocasião.

Ele me ofereceu um sorriso amarelo e disse:

— Queria que ele soubesse que era eu que o mataria. Os Defensores nunca foram

bons em nos identificar na forma de lobos.

Concordei com a cabeça.

— Justo.

— Está na hora — disse Anika, apontando para o portal recém-aberto. Tudo o que conseguíamos ver através da porta tremeluzente eram tons de rubi. Azul safira. Verde esmeralda. Cores muito vívidas, atraentes e sinistras ao mesmo tempo.

Shay veio para o meu lado.

— Diz pra mim outra vez: por que ele está aqui?

Não precisava perguntar quem era o “ele”.

— Você sabe por quê. A matilha precisa dele. E os Inquisidores confiam nele — respondi.

Ren já cruzava o portal, em forma de lobo, correndo ao lado de Sabine e Ethan.

— Tudo bem — disse Shay. Fiquei um pouco surpresa quando ele se transformou, saltando e passando por Adne para se atirar através dos tons de pedras preciosas do portal.

Mason riu e disse:

— Ele é mesmo um lobo, é isso aí.

— E não quer que Ren se esqueça disso — completou Nev. Sorrindo um para o outro, ambos mudaram de forma e foram atrás de Shay.

Ouvi Connor rindo atrás de mim.

— Olha aí a sua bagunça — disse ele quando o encarei.

— Não se esqueça de que também sei sobre os seus problemas domésticos, Inquisidor. — Arreganhei meus caninos para ele antes de mudar de forma. Aquilo varreu o sorriso malicioso do rosto dele e dei um latido de satisfação antes de seguir os demais.

As cores eram tão brilhantes que levei um minuto para perceber que havia chegado ao nosso destino. O ambiente ao redor era muito, muito exuberante. Folhas grossas curvavam-se a nossa volta, o denso dossel verde jade era ocasionalmente interrompido por lanças de raio solar. Era a mistura de odores que me dava certa noção do local... E do que estava por vir.

Embora o ar em Cinque Terre cheirava a sal e limas, ele era seco e frio. O ar ali era pesado e carregado de umidade de chuva. Enchia meus pulmões quase como água. Senti o cheiro de sal marinho e soube que estávamos perto do mar. Mas mesmo o cheiro do mar estava diferente, com um aroma enriquecido e carregado de alga marinha e salmoura que invocava a vastidão das ondas e o litoral infinito.

— Estão todos presentes? — Silas esticou o jaleco e tirou seus onipresentes caderno e caneta.

Queria muito que ele não tivesse vindo com a gente, a voz de Mason soou em minha mente.

Acho que ninguém aqui vai discordar de você, respondeu Shay, abanando o rabo.

— Ah, esperem, esqueci meu protetor solar — disse Connor. — Silas, seja um bom menino e dê um pulo lá na Academia para pegar um para mim. Vamos ficar esperando. Não vamos, gente?

— Cala a boca — disse Silas, mas ele apalpou o jaleco e eu soube que estava se certificando se tinha ele mesmo levado *o próprio* protetor solar.

— Vamos. — Ethan acenou para que o seguissemos por uma trilha que mal podia ser notada na densa vegetação, feita por patas de animais. — Eles estão esperando.

Caminhamos uns quarenta metros. A cada passo o som de algo se chocando aumentava. Ethan virou uma curva fechada na trilha. Quando alcancei o mesmo ponto, parei.

Parecia que alguém de repente havia guardado as sombras em um quarto escuro. O sol cegante nos invadiu à medida que a floresta desaparecia, revelando-nos quilômetros de praia com uma areia tão branca que se assemelhava a neve. O trovoar das ondas batendo na costa estimulou meu sangue, e aquilo pareceu ao mesmo tempo um convite e um alerta. Não queria admitir, mas o oceano era desconcertante. Os lobos não pertenciam à água. Ainda assim, o mistério e a beleza das ondas mexiam comigo. Talvez sua estranheza lhe atribuísse um apelo inexplicável.

— Vai tomar um banho de mar, Calla? — Connor me cutucou com o cotovelo. Fiquei admirando o mar por tanto tempo que acabei ficando para trás. Os outros dirigiam-se para um casebre em ruínas, feito de um amontoado de tábuas de madeira e cascalho, que parecia estar prestes a desmoronar do interior da floresta sobre a praia. Um longo estaleiro estendia-se a partir do deque da casa que adentrava o mar, onde três barcos balançavam na água, atracados à precária estrutura. Avistei a silhueta de um homem em um dos barcos. Ele não nos notou, muito ocupado em suas tarefas para perceber nossa chegada.

Uma mulher com cabelos longos e escuros acenava para nós no deque. Quando Ethan a alcançou, ele a abraçou com força. Ela sorriu para ele com animação e rapidamente se voltou para os lobos reunidos.

Shay parou defronte dela e voltou para a forma humana.

— Bom revê-lo, Progênito. — Ela sorriu, e me dei conta de que era uma dos Guias com quem Shay e Anika haviam se encontrando sem a presença dos demais. Ela olhou para a espada pendurada nas costas de Shay. — E é muito bom ver isso.

— *Bienvenidos*, lobos — disse ela, encarando a mim e aos meus companheiros de matilha. — Sou a Guia de Eydis, Inez. Por favor, digam que não mordem.

Ren mudou de forma.

— Já que perguntou de um jeito tão simpático, vamos abrir uma exceção.

O restante da matilha fez o mesmo que Ren. Tive vontade de rir enquanto

observava meus amigos esforçando-se para parecerem agradáveis, em vez de ameaçadores, ao se apresentarem.

— Guardiões têm senso de humor. Quem diria? — disse Inez, dando uma risada tão genuína e contagiante que me fez sorrir.

— Eles são cheios de surpresas — disse Ethan, mas logo ficou com as orelhas vermelhas quando Sabine arqueou a sobrancelha para ele.

— Certamente. — Inez lançou um olhar surpreendido para Sabine. — Por favor, entrem. Fizemos comida para vocês. Podemos discutir os detalhes da missão enquanto vocês se alimentam.

— Amo Eydis — disse Connor, abraçando a mulher com entusiasmo. — Inez nunca nos deixa na mão.

— Fazemos o melhor que podemos. — Ela sorriu para ele e lançou um olhar questionador para Silas. — Anika me informou que você viria. É raro ter um Escriba entre nós.

— Estou apenas fazendo o que requer a história — respondeu Silas.

Connor o empurrou para dentro da casa, dizendo:

— Por favor, vamos para a mesa e assim poderemos comer em vez de papear.

Assim como o posto avançado de Haldis em Denver, este posto tinha sido construído para servir de fachada, embora esta fachada em si tenha me surpreendido.

— É uma loja de equipamentos de mergulho? — perguntou Shay, dando um giro para ver as máscaras, pés de pato e tanques pendurados nas paredes.

— Não vendemos muito, mas é um bom disfarce. — Um jovem com cabelos pretos encaracolados e olhos brilhantes entrou no casebre. — Olha só esta espada! Você deve ser ele.

— Você não deixa escapar nada, não é, Miguel? — Rindo, Connor abraçou o recém-chegado. — Bom te ver, amigo.

— Você também, amigo — disse Miguel antes de cumprimentar Ethan. — Como vai o rabugento?

— Já estive pior — respondeu Ethan, sorrindo.

— Dá para encurtar a festa dos ex-alunos? — Adne tinha as mãos na cintura. — Estou morrendo de fome e o relógio não para.

— Festa dos ex-alunos? — perguntei.

Adne apontou para os três rapazes, que se agrupavam, sussurrando e rindo. — Os Três Amigos estudaram na mesma turma na Academia. Eles tinham uma reputação e tanto.

— Tinham? — Connor olhou para ela. — Desde quando nossa reputação virou passado?

Adne revirou os olhos, mas Inez colocou o braço ao redor dos ombros de Adne e a levou para o ambiente ao lado, acenando para que as seguissemos.

Depois das nossas refeições italianas, imaginei que nosso futuro almoço fosse desapontar. Não poderia ter estado mais equivocada. Um banquete de sopas, *panuchos* e peixes delicadamente condimentados e incrivelmente frescos. Cada mordida era uma viagem ao paraíso. Queria devorar a comida — diferente de tudo que já havia provado —, mas rapidamente meus pensamentos concentraram-se na batalha que tínhamos adiante. Inez, sentada na cabeceira da mesa, começou a falar enquanto comíamos:

— Assim que terminarem, vamos partir — disse ela. — Gabriel está preparando tudo agora.

— Que tipo de resistência devemos esperar? — perguntei. — Mais Guardiões?

— Há Guardiões lá — disse Miguel. — Jaguares.

— Jaguares? — perguntou Nev. — Quer dizer, tipo panteras?

Inez fez que sim com a cabeça. Ren e Nev se entreolharam.

— Eu bem que estava torcendo para que fossem mais ursos — comentou Nev. — Felinos vão ser um saco.

— Vamos lutar com felinos? — Mason fez uma careta de nojo. — Eca, eles têm um gosto horrível.

— Você já comeu um felino? — perguntou Shay. Meu estômago embrulhou. Imaginei o quão repugnante deveria ser a carne deles.

— Não comi — disse Mason. — Mordi... E o matei.

Todos o encaramos, chocados.

— Ei — Ele ergueu as mãos de maneira defensiva. — Ele me atacou. Felino ensandecido.

— Se tudo der certo, não precisaremos enfrentar *las sombras* — disse Inez. — Nosso plano é evitá-los. Não é fácil lutar na floresta e é lá que as sombras são mais mortíferas.

— *Las sombras* gostam das árvores — explicou Miguel. — Elas saltam lá de cima.

— Quantos são? — perguntou Ren.

— Assim como os ursos, eles preferem a solidão — respondeu Miguel. — Mas ainda assim, são mortíferos.

— Então o que devemos fazer? — perguntei. — O mesmo que em Tordis? Vocês atraem os gatinhos enquanto nós vamos direto para a caverna?

Miguel fez que não com a cabeça.

— Não é uma caverna. *Es un cenoté*.

— Ai, cara — disse Shay, estremecendo. — Sério?

Miguel confirmou com a cabeça.

— O que é um *cei-nou-té*? — Mason se atrapalhou com a palavra.

Shay, que tinha ficado levemente pálido, respondeu:

— É onde os Maias faziam sacrifícios para os seus deuses... Poços naturais profundos, correm quilômetros abaixo da terra. Às vezes levam a redes de cavernas submersas. Estão por toda a parte aqui nesta região, correto?

— *Sí* — respondeu Miguel, ficando com uma expressão taciturna.

— Os espanhóis o chamavam de Sagrados — interveio Silas. — Poços dos sacrifícios.

— Poços dos sacrifícios? — repetiu Sabine, arregalando os olhos.

— Eles jogavam as pessoas lá dentro — comentou Shay.

— E Eydis está dentro de um desses poços de sacrifícios? — perguntei.

— Está — disse Silas.

— Isso quer dizer que vamos ter que escalar poço abaixo? — perguntou Sabine. — Porque não parece nada divertido.

— *Las sombras* ficam observando dos galhos — disse Miguel. — Não teríamos tempo de fazer o rapel até a gruta sem sermos atacados.

— E aquela coisa que Adne sabe fazer? — perguntou Mason. — Ela não pode abrir um portal lá dentro do buraco? Como na Eden?

— Desculpe. Não vai dar. — Adne balançou a cabeça. — Não temos ideia do que podemos encontrar lá embaixo. Estaríamos em encrenca séria se acidentalmente eu acabasse abrindo um portal debaixo d'água. Ou do lado errado de um abismo em queda livre. Não temos nenhuma descrição para seguir. Na Eden, eu tinha a experiência de Ansel como ajuda. Usei a memória que ele tinha de lá para abrir o portal.

— Então qual é o plano? — perguntou Shay.

— Gabriel encontrou outra entrada — disse Ethan, embora não parecesse muito satisfeito com a ideia.

A boca de Inez evidenciava a mesma insatisfação.

— Ele vem explorando essa entrada há três dias. É nossa melhor opção.

— Outra entrada? — perguntou Mason. — Mas as panteras não vão estar nos esperando lá também?

— Não — respondeu Miguel, deparando-se com o olhar rígido de Ethan.

— Não? — perguntou Shay, franzindo a testa.

— Não. — Connor girou os ombros para trás. — Porque gatos odeiam água.

Fiquei arrepiada com as palavras de Connor. Os lobos não necessariamente odiavam água, mas também não éramos golfinhos.

Ele piscou para mim e disse:

— É isso aí, docinho. Vamos todos para um lindo e divertido mergulho.

— Quanto tempo? — perguntou Shay.

— Vamos entrar na maré baixa — disse Ethan. — Com sorte, não precisaremos do equipamento de mergulho por muito tempo, mas todos vão fazer um curso intensivo.

Só por prevenção.

— Irado. — Shay sorriu com entusiasmo. O restante dos lobos o olhou espantado.

— O quê? — Ele olhou para a matilha, com olhos arregalados e inocentes demais.

— Gosto de novas experiências.

— O Escolhido tem aptidão para aventura e atividades de risco — murmurou Silas enquanto escrevia. Não havia tocado no prato.

— Não dá para você ficar aqui? — perguntou Connor a Silas — Você não pode escrever debaixo d'água.

Silas levantou de uma vez só e disse:

— Devo estar em todos os eventos para registrá-los na memória e transferi-los para o papel após o meu retorno.

— Claro que sim — disse Connor, afastando-se da mesa. Ele olhou para Inez e perguntou: — Não vamos mergulhar por mais de uma hora, não é? Não quero ter câimbras.

TREZE



Gabriel, ficamos sabendo, era o homem que estava ocupado no barco quando chegamos. O mesmo barco no qual embarcávamos agora. Ele sorria, apesar de ter que persuadir seis lobos relutantes a deixarem terra firme. Com aquele emaranhado de cabelos dourados pelo sol, Gabriel mais parecia um deus do surfe do que um Inquisidor.

Pela forma com a qual manuseava o equipamento de mergulho — cilindros, reguladores, colete equilibrador, máscaras, pesos de chumbo, máscaras, nadadeiras, roupas de mergulho e lanternas — com todo o cuidado, imaginei que também tinha sido recrutado para a tarefa de nos instruir debaixo d'água.

Desengonçada, fui até o assento. O barco oscilou com uma marola e imaginei que ter comido todas aquelas sopas não tinha sido uma boa ideia no fim das contas.

O motor de popa soou e Miguel pilotou o barco para longe da doca, enquanto Inez acenava um adeus.

— Os Guerreiros de Eydis, com exceção de Miguel, vão ficar de olho no topo da gruta submarina — gritou Gabriel, mais alto que o barulho do motor.

Ele nos observava, seu sorriso aumentando quando quicávamos como peixes fora d'água no piso do barco, desconfortáveis em nossas roupas de mergulho.

— Achei que não fôssemos atacar os Guardiões — comentou Shay.

— Não vamos atacar, apenas observá-los para o caso de termos alguma surpresa — explicou Gabriel, pegando um dos cilindros. — Escutem. Só vamos ter uma chance aqui, então prestem atenção.

Era difícil prestar atenção quando a sensação era de ter um campeonato de pingue-pongue rolando dentro do estômago, mas afundar também não era uma ideia agradável, então trinquiei os dentes e fiz de tudo para conseguir me concentrar. A roupa de mergulho não ajudava em nada, apertada e grudada no corpo, grossa como uma segunda pele que eu desejava arrancar desesperadamente com as garras.

— Dá para fazer quase todo o percurso até o cenoté sem ficarmos submersos — disse Gabriel. — Mas os últimos nove metros são um túnel e teremos que atravessá-lo nadando.

— Vamos passar por um túnel submerso? — Mason, que já estava verde, pôs a mão no estômago ao ouvir a novidade. Gabriel fez que sim e prosseguiu com a explicação:

— E o túnel estreita antes do acesso à entrada do cenoté. Quando alcançarem o abismo, terão que tirar a roupa e o cilindro e os empurrar para dentro.

— Você só pode estar brincando — disse Nev, rindo.

A expressão de Gabriel não era de alguém que estivesse brincando.

Mason se inclinou sobre a borda do barco e vomitou.

— Não dá para entrar pela fenda com o cilindro — informou Gabriel. — Mas precisarão de menos de um minuto para empurrá-lo para dentro e então entrar. Não supervalorizem isso.

— Você está presumindo que só estaremos nós lá embaixo — intervim. — E se tivermos que lutar para entrar? Alguém contou a ele sobre a aranha?

— Nada de aranhas lá embaixo, *preciosa* — disse Gabriel. — Já nadei pelo túnel duas vezes e a passagem está livre. Os Defensores só estão vigiando o topo.

O sorriso dele era de ternura e reconfortante, mas eu continuava inquieta.

— Ouçam — prosseguiu ele. — Falo sério quando digo para não supervalorizarem este mergulho. Abaixo da superfície, a mistura de nitrogênio e oxigênio nos cilindros pode pregar peças na cabeça de vocês. No pior dos casos, alucinações, crises de pânico... E se entrarem em desespero vai ser difícil depois voltar ao normal. *Compreende?*

Mason secou a boca e assentiu com a cabeça.

— Além disso — acrescentou Adne —, é uma viagem apenas de ida. Não precisam ficar agitados.

— Obrigado pelo voto de confiança — disse Ren, lançando a ela um sorriso desanimado.

Ela deu um toquinho no braço dele e acrescentou:

— Não estou falando nesse sentido. Só estou querendo dizer que depois que Shay pegar Eydis, farei um portal e estaremos de volta com Inez a tempo para o jantar.

— Tacos de peixe? — perguntou Connor, se animando.

— É provável — respondeu Gabriel, dando de ombros.

O trajeto pela costa durou uma hora, durante o qual margeamos a escura e hostil linha costeira de calcário. A floresta recaía sobre a água, com folhas e caules e troncos que pareciam contorcer-se até as ondas. Quando Miguel desceu a âncora, todos, exceto os Defensores e Shay, havíamos vomitado. Aparentemente, lobos não conseguem se acostumar com o vai e vem dos barcos.

Limpei a boca com água do mar, enquanto Gabriel dava as instruções finais sobre os procedimentos de segurança para mergulho.

— Lembrem-se, se estiverem em apuros, a pessoa com um cilindro funcionando é

que assume a liderança. É assim que fazemos a respiração compartilhada. Entenderam?

Todos mostramos o polegar para cima.

Gabriel apontou para um emaranhado de folhas verde-jade e grossos troncos e disse:

— É para lá que vamos.

Espiei a praia e pude avistar um vulto escuro cortando o verde reluzente.

— Vou esperar aqui por uma hora — disse Miguel, enquanto se acomodava em um dos assentos. — Para o caso de algum dos lobos não aguentar o mergulho. Pelo visto, nenhum de vocês parece ter afinidade com o mar.

Mason lançou um sorriso antipático para ele e respirou fundo antes de se juntar a Nev para colocarem as máscaras e as nadadeiras, ajustarem os reguladores nas bocas e se jogarem na água.

— Tudo bem? — Shay segurou meu cilindro enquanto vestia o colete e fechava os cintos de segurança.

Respondi que sim com a cabeça. A bile jorrava em meu estômago novamente. Acho que falar não ajudaria.

— Você vai ficar bem — acrescentou Ren, me oferecendo uma máscara.

— Já peguei para ela — disse Shay. — Preocupe-se com seu próprio equipamento.

— Também posso ajudá-la — rosnou Ren. — Cai fora.

— Não comecem — intervim, engolindo com dificuldade. — E não preciso da ajuda de nenhum dos dois. Entrem logo na água.

Eles continuaram a se encarar, então os empurrei com meus cotovelos, fechei os olhos e dei uma cambalhota para dentro do mar.

À medida que submergia, com exceção do sangue zunindo nos ouvidos, meu mundo tornou-se silencioso. Praticamente silencioso.

Lentamente, me ajustei aos arredores. Não estava necessariamente flutuando, mas também não afundava. O ar no colete me mantinha flutuante, enquanto eu batia as nadadeiras lentamente. Equalizei a pressão nos ouvidos pressionando o nariz e aplicando uma leve pressão até ouvir um estalo e sentir que escutava melhor, como Gabriel tinha prometido. As nadadeiras me impulsionavam para frente bem mais rápido do que eu tinha imaginado. Um pico de adrenalina fez meu corpo estremecer. Girei na água, graciosa, livre de qualquer peso. Talvez lobos tivessem sido golfinhos em outra vida.

Mason e Nev também já se mostravam confortáveis respirando debaixo d'água e agora perseguiam uma tartaruga, cercando-a como faziam com um coelho. Ri e bolhas subiram ao meu redor.

Ouvi um som parecido com pequeninas explosões: eram quatro pessoas caindo na

água acima de mim. Olhei e vi que Shay, Ren, Adne e Connor haviam mergulhado. Um bum final indicou a chegada de Gabriel. Imediatamente, ele avançou em direção à costa, ágil como um leão-marinho, e fez um breve aceno para que o seguissemos.

Tinha acabado de me acostumar com o novo ambiente submerso e não me sentia pronta para deixar o mar aberto e entrar em uma caverna confinada, mas não tinha escolha.

O túnel agigantava-se à nossa frente, uma escuridão absoluta, contrastando com o verde água-marinha do mar que deixávamos para trás. À medida que nos aproximávamos da boca negra esculpida na costa, a excitação entusiasmada ia sendo substituída por uma ansiedade perturbadora.

Gabriel emergiu já dentro da boca da caverna e tirou a máscara. Tentei calcular a distância entre a superfície da água e o teto. Pouco mais de um metro, talvez um metro e meio. Contudo, a luz da minha lanterna mostrava que o teto descia mais adiante até um túnel extremamente apertado.

— Já fixei uma linha para nos guiar pelo corredor onde vamos submergir — explicou Gabriel. — Caso comecem a perder o senso de direção, concentrem-se na linha. E não se esqueçam, não supervalorizem o trajeto. Apenas respirem, desobstruam os ouvidos à medida que forem descendo e tudo vai ficar bem.

— Essa é realmente a melhor opção? — perguntou Silas. Pela primeira vez, sua arrogância tinha sido sobrepujada pelo medo. — Mergulho em caverna requer uma certificação especial. Talvez...

— Eu ensino esse curso que dá a certificação — interrompeu-o Gabriel. — Sei o que estou fazendo. Não estaríamos aqui se houvesse outra opção.

Ele balançou a cabeça. Meu coração havia começado a latejar à medida que eu imaginava o grau de perigo que estávamos prestes a encarar.

— É o único jeito. — Gabriel acendeu a lanterna presa em seu pulso. — E estamos perdendo tempo discutindo isso.

Silas tinha começado a tremer e não achei que fosse de raiva de Gabriel. Senti um pouco de pena do Escriba.

Ele pode até ser um chato, mas não precisa estar aqui. Só veio porque acredita no que faz.

Nadei até ele e mantive a voz baixa ao falar:

— Vou cuidar de você.

Ele arregalou os olhos, mas conseguiu emitir um aceno positivo com a cabeça. Fiz um gesto para que ele nadasse em nossa fileira única, atrás de Shay e na minha frente. Se ele precisasse de ajuda, imaginei que além de Gabriel, Shay e eu seríamos a melhor opção. Shay parecia desfrutar qualquer novo hobby que lhe parecesse atraente, e eu era teimosa demais para me dar mal em qualquer coisa que considerasse um desafio.

Gabriel nos guiou em um mergulho lento e regular. Quanto mais adentrávamos a caverna, mais estreita tornava-se a passagem. Tentei manter a respiração lenta, mas não consegui fazer nada para controlar a pulsação acelerada. O túnel foi se fechando a nossa volta, cada vez mais apertado. A luz do sol, que de alguma forma tinha penetrado a boca da caverna, agora desvanecia, deixando-nos apenas com a luz das lanternas presas ao pulso para nos guiar.

Gabriel parou. Ele não se virou, mas sua voz reverberou na superfície da água e pelas paredes do túnel.

— Vamos descer agora — informou. — Sigam o mergulhador que estiver na frente de vocês e a linha guia. Cerca de cinco minutos vão passar até vocês chegarem à fenda, onde terão que tirar o colete e o cilindro. Estarei do outro lado. Vocês vão empurrar o equipamento pela fenda e eu vou iluminar o caminho com a lanterna.

Um a um, submergimos. Diferente da vastidão iluminada do mar aberto, o mergulho pelo túnel nos deixou imersos em uma escuridão sufocante.

Quanto mais avançávamos, menos a passagem parecia-se com um túnel e mais com uma cavidade encrespada, com sulcos pontiagudos nas paredes e estalactites das quais precisávamos nos desvencilhar para seguir.

Cinco minutos. Cinco Minutos. Cinco Minutos.

Tão pouco tempo. Mas o mergulho parecia demorar muito mais.

Passamos por outros túneis que descendiam do caminho que seguíamos. A corrente mudava constantemente ao meu redor, me puxando e empurrando para longe da linha do restante do grupo. O sangue tamborilava em minha cabeça. Comecei a ficar tonta. As palavras flutuavam em minha mente, um coro magnetizante, porém mortífero.

Afogada. Esmagada. Perdida.

Silas parou de avançar, e as vozes transformaram-se em gritos agudos.

Perdida! Perdida! Perdida!

Por que não nos movíamos? O que estava errado?

O som do sangue correndo nas veias era estridente. Comecei a dar meia-volta. Se apenas conseguisse nadar de volta, sair desse buraco. Encontrar um caminho para fora dali. Para fora. Para fora! Estava apertado demais. Escuro demais.

Silas voltou a se mover. Seus movimentos lentos e tranquilos dissolveram meu pânico. Após alguns metros, ele fez outra pausa. Fiquei quieta, observando-o, tentando lembrar o que eu deveria fazer.

Atrás de mim, Ren tocou delicadamente a ponta das minhas nadadeiras. Torci o pescoço para olhar para ele. Ele inclinou a cabeça e me olhou intrigado, indicando que eu avançasse e então entendi.

A abertura. Havíamos alcançado a abertura. É claro que precisávamos parar para que cada mergulhador a atravessasse.

Meu coração continuava a se debater no peito, mas minha cabeça recuperou lucidez suficiente para evitar que eu tivesse um ataque histérico.

Mas não ajudou a diminuir a agonia da espera. Conforme o grupo avançava, um a um, não conseguia apagar as imagens aterrorizantes que invadiam minha mente. Eu, ficando encurralada, sendo esmagada. Me afogando na escuridão.

Agarrei o regulador com uma das mãos. Neste momento, ele parecia minha única conexão com o mundo externo — com a luz, com terra firme e o ar aos quais eu pertencia.

Silas começou a desatar o colete, tirou-o de cada um dos braços e o empurrou, junto com o cilindro, através de uma abertura que eu mal conseguia enxergar. Um vão que parecia inacreditavelmente estreito. Em seguida, o Escriba bateu as nadadeiras e deslizou para dentro do buraco negro e seu corpo bloqueou a luz da lanterna enquanto ele desaparecia pelas paredes do túnel. Quando as pontas de suas nadadeiras sumiram, achei que meu coração fosse parar.

A mão de alguém surgiu pelo buraco e vi o rosto de Gabriel aparecer. Ele me aguardava, acenando para mim. Minha consciência gritava, enquanto retirava o colete e o cilindro e os entregava para ele. Gabriel estava certo — qualquer pensamento naquele momento agiria contra mim, alimentando o medo que poderia me matar.

Forcei minha mente a esvaziar-se, o que me permitiu bater as pernas bem devagar, mecanicamente. Estiquei o corpo e me impulsionei para dentro da entrada estreita como um torpedo sendo lançado de seu tubo.

Só soube que conseguira passar para o outro lado quando Gabriel agarrou meu braço com força e me ajudou a atravessar.

Ele balançava a cabeça, me forçando a reduzir o movimento até parar. Me ajudou a vestir o colete. Vincos no canto dos olhos dele sugeriam que ele sorria. Shay estava ao lado dele, à minha espera, sorrindo também.

Quando já estava com o colete e o cilindro e tudo bem afivelado, Shay me pegou pela mão e nadamos até a superfície. Arranquei a máscara fora, arfante e trêmula. Shay tirou a máscara, cuspiu o regulador da boca e sorriu para mim.

— O quê é? — perguntei.

— Você precisava ter atravessado a entrada devagar, Calla — disse ele. — Você pegou Gabriel tão de surpresa que quase arrancou o regulador da boca dele.

— Só queria acabar logo com isso — retruquei, na defensiva. Aquele mergulho tinha se tornado o primeiro item de uma lista de atividades que nunca mais ia querer repetir. Quando Adne surgiu, quis beijá-la.

Graças a Deus que a viagem é apenas de ida.

Shay me jogou água, sem parar de rir.

Ren surgiu ao nosso lado.

— Cara, é bom poder enxergar novamente — disse ele.

Agora que não corria mais risco de me afogar, olhei ao redor. Ren tinha razão. A luz era fraca, mas não precisávamos das lanternas.

— Aquela deve ser a entrada da gruta — comentou Shay, apontando para cima.

Muito, muito acima de nós, a pelo menos uns trinta metros, havia uma abertura na caverna. Por ela a floresta filtrava a luz do sol que penetrava a escuridão. Luz essa que, por sua vez, tremeluzia em movimentos ocasionais nas proximidades da entrada, um bater de asas de pássaros que se aninhavam dentro da caverna.

— Vocês gostam tanto assim de mergulhar? — perguntou Mason. Ele e Nev estavam sentados a alguns metros de distância com Ethan e Sabine. — Tem terra seca... Tudo bem, não exatamente seca, mas terra firme e úmida, bem aqui.

— Sabia que havia uma razão para eu gostar de você — disse Ren, rindo, e nadamos para o ponto onde pedras escorregadias do piso da gruta estavam sorvidas pela água do mar. Arrastei-me para fora da água. Não fosse por meu senso de dignidade, teria me esparramado na pedra e pressionado o rosto carinhosamente no chão. O ar continuava carregado demais, espesso com salmoura e peixe morto, mas pelo menos era ar de verdade.

— Estão todos bem? — perguntou Gabriel.

— Estou um pouco tonta — respondeu Adne, torcendo os cabelos molhados.

— É normal — respondeu ele. — Mas me diga se piorar.

— Obrigada — disse ela secamente.

— Vocês todos foram muito bem — disse Gabriel. — Vamos pegar o que nos trouxe aqui.

— Para onde vamos? — perguntou Shay.

— Para uma alcova. — Gabriel começou a caminhar. — Dá para ver daqui.

— A luz — murmurou Shay.

Olhei na mesma direção que ele. Um dos cantos da caverna submarina brilhava com tons do mar, de safira jaspeada e esmeralda que contrastavam com o restante da depressão, tomado pela luz transparente do sol.

Nosso grupo começou a seguir Gabriel, exceto Silas, que observava o teto com olhos semicerrados.

Nev o fitou.

— É, acho que nossa chegada irritou os passarinhos.

Olhei para cima e entendi o que ele quis dizer. O bater de asas acima de nós aumentou. Sombras saíam em disparada para frente e para trás na clareira da caverna.

Um ruído parecido com risadinhas nervosas ecoou pela câmara.

— Não acho que sejam pássaros — disse Silas.

— O quê? — Nev franziu a testa.

O barulho aumentou. A luz do sol acima piscava e, às vezes, ficava totalmente bloqueada pelos movimentos sobre nossas cabeças.

— O que é aquilo? — perguntei.

Silas sussurrou algo, mas não entendi. A caverna amplificava o som, transformando o bater das asas em uma ventania. Era tarde demais quando entendi o que ele tinha dito:

— Voltem para a água. Agora!

QUATORZE



O teto estava se movendo, cada centímetro dele.

— A caverna está desmoronando! — gritou Mason, que correu em busca de proteção.

Gabriel já havia saltado na água, colocado o equipamento e submergido.

Como mergulhar iria nos proteger de pedras caindo?

Mason hesitou e olhou para o restante do grupo. A movimentação acima de nós não era de uma chuva mortal de pedras; era de uma horda de sombras rodopiantes, investindo contra nós. Por um segundo imaginei serem espectros, mas espectros não tinham asas. E não faziam barulho.

— Andem! — Ethan empurrou a mim e a Sabine para dentro da piscina natural. Tropecei para trás, caindo na água sem minha máscara ou a parte do regulador na boca. Emergi tossindo, esforçando-me para conseguir respirar e enxergar.

Connor e Adne já estavam na água, brigando com seus equipamentos assim como eu.

Gabriel veio à superfície, arrancou o regulador da boca e gritou:

— Que merda estão esperando?!

Mason, Nev e Silas continuavam em terra firme.

— O que é aquilo? — Nev e Mason olhavam fixamente para a nuvem escura e vívida que se movia lentamente na direção da água.

— Gabriel tem razão, entrem na água! — Silas acenou para eles freneticamente, enquanto tentava desastradamente vestir o colete e o cilindro. — Não podem ficar aqui!

Seus movimentos furiosos chamaram a atenção do enxame acima de nós. De repente, a nuvem de asas mergulhou com ímpeto, movimentando-se com seu coro trinado e estridente. Silas deu um berro e caiu de joelhos quando a nuvem o cercou.

Não consegui mais enxergá-lo, apenas ver a silhueta de seu corpo envolto na multidão pulsante de pequenos corpos peludos, de asas coriáceas e enormes orelhas que faziam suas cabeças parecerem ainda menores.

— Ai, meu Deus — disse Mason, que agarrou a mão de Nev e o arrastou para dentro d'água.

— Precisamos ajudá-lo. — Comecei a nadar em direção à terra firme, mas Gabriel, que era muito mais rápido dentro d'água, deteve-me.

— Ele já está morto.

— Não, não está. — Me desvencilhei de Gabriel, mas me deparei com Shay e Ren a minha frente. Rosnei para eles.

— O que vocês estão fazendo?

— Olhe — disse Ren, indicando com a cabeça a terra firme.

A nuvem elevava-se, afastando-se do corpo de Silas, que estava imóvel. O tanto de pele que dava para ver estava branca como papel, e o restante de Silas estava coberto de mínimas incisões vermelhas. Mesmo sua roupa de mergulhos estava toda esfiapada.

— Não há nada que a gente possa fazer — disse Ren.

— Prometi que ia cuidar dele. — Minha voz estremeceu. — Prometi...

— Não tinha como você adivinhar. — Shay olhou para o enxame, que agora vinha em nossa direção.

Eu tremia na água. Meus ossos pareciam chacoalhar sob a pele.

— Eles vão vir atrás de nós, mesmo aqui. — Gabriel observava a massa de pelos e asas. — Precisamos submergir e voltar à superfície. Assim nos livraremos deles.

Não queria ficar debaixo d'água outra vez. Já estava difícil respirar na superfície, e o que tinha acabado de acontecer com Silas foi tão abrupto e tão horrível. Depois que mergulhamos, ouvi o som de centenas de pingos caindo na água como se houvesse começado a chover. Gabriel nos guiou para o canto mais afastado da caverna.

Ele nos manteve próximos uns dos outros, amontoados, braços dados, enquanto esperávamos. Ao sinal dele, emergimos.

— Mantenham a voz baixa — sussurrou ele. — E não façam muito barulho na água ou movimentos abruptos. A água os mantém afastados, mas ainda assim eles podem vir nos perseguir.

Apontei para o local onde havíamos mergulhado. Pequenas carcaças com asas boiavam na água. Morcegos que haviam tentado nos pegar ficaram encharcados e, incapazes de voar, acabaram se afogando.

— Morcegos? — perguntou Mason. — Morcegos podem fazer isso?

— Morcegos vampiros — disse Gabriel.

— Mas morcegos vampiros não matam pessoas — interveio Nev. — Correto? É só um mito.

— Morcegos vampiros também não caçam em bando. — Gabriel olhou para o teto. — Estes morcegos aqui foram modificados. São tipo piranhas.

— Mais uma das pegadinhas dos Defensores — disse Shay.

Connor olhava para o lugar onde estava o corpo de Silas.

— Droga. Eu sabia que ele não deveria ter vindo — disse ele.

A culpa voltou a me apertar o peito. Por que eu não havia ajudado? Eu poderia tê-lo agarrado e o puxado para dentro d'água.

— O que foi agora? — perguntou Adne.

Ethan olhava para terra firme.

— Precisamos ganhar tempo para Shay.

Connor riu e disse:

— Servir de isca, você quer dizer?

— Exatamente. — Ethan sorriu com tristeza.

— Ganhar tempo para mim, por quê? — perguntou Shay. — Não vou deixá-los aqui lutando.

— É temporário, garoto — disse Connor. — Acho esta caverna tão pouco aconchegante quanto você. Estou me coçando para dizer *adiós* para este lugar. Mas precisamos daquele cabo e você não vai conseguir pegá-lo sem nós.

Lentamente, Shay fez que sim com a cabeça.

— Então vocês vão distrair os morcegos... — disse ele.

— E você vai correr para a alcova — concluiu Ethan. — Está bem afastada para o canto e se os morcegos estiverem distraídos, não vão perceber quando você for para lá.

— Precisa nos deixar distrair os morcegos — disse Sabine.

— Acho que não. — Ethan a encarou.

— Já estou bem crescidinha — rebateu ela, revelando as presas. — E lobos são mais rápidos do que os Inquisidores. Podemos pular para dentro e fora d'água. E nosso grupo correndo de um lado para o outro vai deixá-los confusos.

— Ela tem razão — disse Ren. — Deixe a matilha resolver isso.

— É — intervim, sabendo que abateria alguns morcegos no ar durante o processo. De jeito nenhum deixaria o que acontecera a Silas passar barato.

Connor deu de ombros e disse:

— Contanto que todos vocês estejam com a vacina contra raiva em dia.

— Vou fingir que você não disse isso — resmungou Sabine. — Mas só porque Ethan gosta de você.

— Pulando para dentro e fora d'água, huh? — Mason sorriu. — Espero que estejam preparados para o ver o quanto fede pelo molhado.

— Sobreviveremos — disse Adne. Notei que ela também tremia, gotas de água escorriam pelas bochechas e imaginei que não fossem resultado do mergulho. — Podemos começar logo? Não aguento ficar olhando para Silas deitado ali.

Connor fez que sim com a cabeça e disse:

— OK, Progenito, você volta correndo para cá assim que estiver com Eydis para Adne tecer o portal e nos tirar daqui.

— Serei mais rápido sem isto — disse Shay, fitando o cilindro e entregando-o a Gabriel.

— Pronta? — Ren olhava para mim. Como alfas, lideraríamos o ataque.

— Como sempre — rosnei, atijando minha raiva para afugentar qualquer vestígio de medo.

Desculpa, Silas. Tentarei me redimir.

Um a um, a matilha submergiu, nadando para longe de Shay e dos demais. Ficamos debaixo d'água o quanto deu. Quando a água tornou-se rasa demais, Ren e eu mudamos de forma ao mesmo tempo e dois lobos saltaram da água. O teto ganhou vida. Mason agora corria ao meu lado, enquanto Nev e Sabine ficaram próximos de Ren. O enxame de morcegos mergulhou. Senti o vento provocado por centenas de pequeninas asas roçando meu pelo.

Agora. Enviei a ordem telepaticamente para o grupo.

Dispersamos.

Um guincho horrível ecoou pela gruta. Eu saltava de tempos em tempos mordendo o ar. De vez em quando, meus dentes arrancavam uma asa ou destroçavam um pequeno corpo. Às vezes, mordida o nada, quando o bando prosseguia para perseguir alguém da matilha.

Um uivo me assustou e me virei para ver uma dúzia de morcegos grudados no pescoço de Nev. Seus músculos contorceram-se e ele saltou do solo, caindo na água e mandando alguns pelos ares. Outros acabaram se afogando enquanto Nev transformou-se em humano e mergulhou fundo novamente.

Estava dando certo. Os morcegos não conseguiam acompanhar tantos de nós correndo tão rápido. E quando o enxame concentrava-se em apenas um do grupo, éramos rápidos o suficiente para nos jogarmos na água antes que pudessem fazer muito estrago.

Outro barulho de água esparramando ecoou na caverna. Sabine estava na água e levava com ela alguns morcegos — o número de criaturas presas a ela era muito maior do que o de morcegos que tinham se prendido à Nev. Estavam aperfeiçoando-se em focar apenas em um de nós de cada vez. Senti outra lufada de vento. Não precisei olhar para trás para saber que um bando deles vinha em meu encalço. O primeiro morcego pousou na minha coluna e seus dentes cortaram minhas costas como leves alfinetadas, mas a sensação da pequena língua sugando meu sangue quase me fez cambalear. Outro morcego grudou em mim. E mais outro.

Calla! O grito de Ren invadiu minha mente. *Têm muitos em cima de você. Se jogue na água agora!*

Não queria saber quantos eram. Mas podia sentir o peso deles em minhas costas e

meu sangue escorrendo de dezenas de minúsculos cortes. Girei e me joguei na água. A força do meu salto fez meu peito chocar-se contra a superfície da água e tirar o ar de meus pulmões. Os morcegos lutaram para se livrar do meu pelo e voar antes da água capturá-los. Mudei de forma e tentei colocar o bocal e respirar. Meu coração estava a mil, mas me forcei a ficar imóvel, no silêncio da submersão.

Debaixo d'água, tudo estava escuro, embora eu estivesse com os olhos abertos. Me sentia como se estivesse submersa em um espaço vazio e não dentro d'água. Estava desesperada por voltar para a briga, mas precisava recuperar o equilíbrio. Quando tive certeza de já ter recobrado o fôlego, nadei para a terra firme e me transformei, correndo de volta para a luta.

Mas não havia luta. O restante da matilha estava quieto, com as orelhas movendo-se para frente e para trás, olhando para o teto.

Os morcegos sumiram.

O que aconteceu? Fui para o lado de Ren.

Foram embora. Ele batia a pata no solo, agitado. *A caverna estremeceu e os bichos fugiram voando.*

A caverna estremeceu? Não tinha sentido nada debaixo d'água.

Só um pouco. Sabine lambia uma ferida no ombro de Nev.

Mason e eu trocamos olhares. A língua dele curvou-se em um sorriso de lobo.

Ele conseguiu. *Shay está com Eydis.*

Como você sabe? As orelhas de Ren iam para frente e para trás, quando ele se virou para Mason.

A caverna estremeceu na Suíça.

Lambi o ombro de Mason contente. *É isso aí, Shay!*

Tudo bem. Ren continuou tenso. *Mas por que isso faria os morcegos irem embora?*

Fiquei arrepiada. *Vamos ver como está o restante do grupo.*

Estávamos indo na direção da alcova, quando a caverna voltou a estremecer. O chão mexeu sob minhas patas e me jogou para o lado.

A superfície da água começou a borbulhar e transbordar pela beirada da faixa de terra. Em pouco tempo ficou parecendo uma caldeira fervente.

O que está acontecendo? Mason nos chamou.

Pude ouvir os gritos dos Inquisidores, mas não entendia o que diziam, pois as palavras eram abafadas pelo ruído de água jorrando dentro da gruta. Consegui finalmente levantar e saí correndo na direção das vozes. Minhas patas estavam submersas na água. Deveria ser algo impossível. Água saindo da pequena fissura na rocha por onde havíamos nos esmagado não podia ser tão forte. Mas, de alguma forma, era. A água que antes estava na altura dos joelhos, agora batia na cintura e continuava a subir, me forçando a nadar.

A caverna voltou a tremer. Pedregulhos começaram a cair do teto.

Vi Connor acenar para nós. Adne estava ao lado dele, tentando desastradamente colocar o equipamento de mergulho, enquanto Gabriel tentava ajudá-la. Ethan começou a nadar em nossa direção.

Onde estava Shay? Não consegui vê-lo entre o restante do grupo.

— Temos que dar o fora daqui! — gritou Connor.

A água estava no meu pescoço, mas eu já estava quase alcançando os demais. Um rugido ensurdecedor invadiu a caverna, e o oceano invadiu o local, turvando a água e acertando-nos com a força de uma onda gigante. Fomos jogados e dispersados.

Bati contra uma das paredes da gruta. Meus instintos gritavam para que eu nadasse para cima em busca da superfície, mas todas as células racionais em meu corpo me fizeram parar. Não havia como submergir, não mais. A caverna estava sendo inundada em uma velocidade que só poderia se atribuir à magia. Seria a última cilada dos Defensores ou apenas uma consequência de Shay ter recuperado o cabo de água? Qualquer que fosse o motivo, eu sabia que para me salvar teria de ir com o fluxo e não nadar contra a corrente.

Mudei de forma e pus o registro na boca, ciente de que precisava encontrar Shay. Ele tinha abandonado o cilindro quando foi atrás de Eydis. Tinha afundado sem nenhuma fonte de oxigênio. Lutei contra novas correntes que criavam redemoinhos na água, resgatando uma das nadadeiras que passou por mim. Uma era melhor do que nenhuma.

Consegui percorrer o trajeto em direção aos tons reluzentes da alcova, que agora, submersos na água, ondulavam. Algo cintilante atrás de mim chamou minha atenção. Vi alguém batendo os pés. Shay estava tentando subir para a superfície.

Sem o cilindro, ele não tinha outra opção. Minha única nadadeira me deu um impulso extra atrás dele. Agarrei-o pelo tornozelo e Shay fez um movimento brusco, assustado, pronto para me atacar. Puxei-o para baixo, tirei o bocal e o coloquei em sua boca. Segurei o ombro dele, tentando lembrar as instruções de Gabriel. Eu estava com o cilindro, então era eu quem estava no comando das respirações. Fiquei de olho nos pulmões de Shay e contei: uma inspiração, duas. Ele fez que sim com a cabeça. Tirei o bocal e inspirei duas vezes.

Começamos a nadar lentamente para o local onde eu tinha visto os Inquisidores pela última vez.

Shay apontou adiante. Uma luz tremeluzia na água — dourado contrastando com o tom turquesa das correntes — em um retângulo alto e estreito de luz.

O portal de Adne. Ela tinha criado um portal debaixo d'água. Shay apertou meu braço e nadamos mais rápido. Adne rondava o portal. Estava usando o cilindro e a máscara e quando nos avistou começou a acenar freneticamente. Mas não acenava para nós, ela apontava para algo atrás de nós. Olhei em volta e, embora não

estivesse usando o bocal nem tivesse ar para desperdiçar, gritei.

Gabriel vinha nadando em nossa direção e do portal, mas não estava só. Carregava algo com ele. O corpo débil de um lobo.

Nev não relutava para se desvencilhar dos braços de Gabriel. Ele simplesmente não se movia.

Shay enfiou o bocal em meus lábios fazendo um movimento negativo com a cabeça. Gabriel passou por nós, arrastando Nev com ele pelo portal. Nadamos atrás dele, atravessando a passagem tremeluzente e caindo em uma poça de lama em plena floresta.

— Não! — Mason estava de joelhos sobre Nev. — Por favor, Nev!

— Sai da frente! — Gabriel empurrou Mason.

Mason rosnou. Mudou de forma, pronto para saltar para cima de Gabriel. Connor saltou entre os dois.

— Espere! — gritou Connor. — Dê um minuto a ele. Ele é instrutor, tem certificado de Reanimação Cardiopulmonar.

Mason andava de um lado para o outro, gemendo, enquanto Gabriel pressionava o peito de Nev e fazia respiração boca a focinho.

Respire, Nev. Respire.

Alguém pegou na minha mão. Me apoiei em Ren, mais do que grata por ele estar ali e vivo. Mas quando olhei para ele, vi como estava pálido ao observar Gabriel tentando reanimar Nev.

— Diga que o salvamos — arfou Adne, caindo no chão ao meu lado.

Enquanto ela falava, o focinho de Nev abriu e cuspiu água. Ele tossiu e balançou a cabeça, virando de bruços com um choramingo.

Mason latiu e cambaleou para perto de Nev, cobrindo sua face e focinho com lambidas. Ambos mudaram para a forma humana e se abraçaram intensamente.

Sabine soluçava, enquanto Ethan a abraçava. Ren apertou minha mão antes de ir até Nev e o abraçar.

— Graças a Deus — murmurou Connor. — Bom trabalho, Gabriel.

— Um lobo. — Gabriel sorriu. — RCP em um lobo. Foi a primeira vez.

— Só sinto gosto de peixe — resmungou Nev e tossiu, cuspiendo mais água. — Nunca mais como peixe na vida.

— Cala a boca — disse Mason. — Cala a boca. — E beijou Nev novamente.

QUINZE



Caminhamos penosamente pela floresta, encharcados e pingando. A alegria de termos conseguido salvar Nev e recuperar Eydis tinha sido apagada pela perda de Silas. Quando nos aproximamos da curva na trilha em que a floresta diminuía para dar lugar ao mar, avistamos a loja de mergulho por entre a cobertura das árvores.

— Lá está Inez esperando no deque — disse Gabriel. — Ela tem um instinto materno daqueles, tipo galinha com seus pintinhos.

Inez estava de costas para nós, sentada em uma cadeira de praia. Miguel estava sentado sob a sombra da calha da loja. Duas outras cadeiras estavam abertas entre Miguel e Inez. Uma mulher de biquíni esticava-se languidamente em uma delas. Ao lado dela, um homem vestindo uma camisa de linho aberta e short caqui ria, entrelaçando seus dedos nos da moça.

— Quem são? — perguntei.

— Não sei — disse Gabriel. — Não imaginei que tivéssemos grupos de mergulho agendados para hoje.

Ele acelerou o passo, não corria, mas avançava rapidamente na direção do deque. A mulher de biquíni o viu e acenou. O companheiro dela se levantou e tirou os óculos.

Ren torceu o nariz e perguntou:

— Espera... Estão sentindo esse cheiro?

— É... Cheiro de merda — rosnou Nev, olhando para a espessa floresta a nossa volta.

— Vocês farejam cheiro de merda? — perguntou Ethan. — Obrigado por compartilhar.

— Não — disse Nev. — Farejamos cheiro de gatos.

Cheirei o ar. Eles tinham razão. Era sutil, mas definitivamente presente. Um cheiro acre, parecido com seda queimada e sálvia ressecada. Um rosnado cresceu em minha garganta.

Gabriel arregalou os olhos e exclamou:

— *Las sombras...* Não!

— Gabriel, espera! — gritou Ethan, mas Gabriel saiu correndo em direção ao refúgio, aos gritos.

— Inez! Miguel! — Nenhum dos Inquisidores no deque se moveu.

Tudo aconteceu em um piscar de olhos. Gabriel tinha acabado de chegar ao deque quando algo se atirou em cima dele; a criatura caiu sobre Gabriel como uma capa cor de ébano. A pantera rugiu ao saltar de seu esconderijo do outro lado do telhado. Em seguida estava em cima de Gabriel, que gritou quando as garras do felino penetraram seus ombros. Seu grito foi interrompido abruptamente quando os dentes da fera cravaram em seu pescoço e o torceram, quebrando-lhe os ossos.

— Merda! — Ethan olhou irritado para a pantera, que fugiu do deque para dentro das sombras da floresta.

Esperei que a mulher no deque começasse a gritar, mas ela apenas se virou, às gargalhadas. Sua pele bronzeada, besuntada de óleo, confundia-se com uma capa brilhosa. O homem ao lado dela deu dois saltos enormes e subiu no telhado em forma de pantera. Eles desapareceram pela mata escura, como tinha feito a outra pantera. Sussurros e um ronronar perverso invadiram os galhos acima de nós, impregnando o ambiente com sons ameaçadores.

Quantos seriam?

Todos os Guardiões mudaram de forma. Nossa matilha agrupou-se, atentos para as copas das árvores. Mas os felinos pareciam ser invisíveis, esgueirando-se pelos galhos, permanecendo longe de nossas vistas.

— Precisamos sair de debaixo deles — disse Connor. — Vamos ficar todos juntos. Todos para a casa. Precisamos de uma posição defensiva, enquanto Adne tece o portal.

Ethan tomou a dianteira, Sabine e Nev ficaram ao lado dele, enquanto Mason, Shay e Ren rodearam Adne. Fiquei atrás com Connor, observando as árvores, e o grupo avançou lentamente.

Estávamos preparados quando a próxima pantera saltou. Seu rugido transformou-se em grunhido, após Ethan arremessar seu cilindro e acertar a fera com toda força bem no peito. O felino caiu no chão, lutando para recuperar o fôlego. Mason e Ren aproveitaram a desorientação momentânea dele e o atacaram. A pantera revidou, atacando-os com suas garras, mas Mason a distraiu e Ren rasgou seu flanco com os dentes. Quando ela finalmente se virou e rugiu para Ren, Mason investiu mortalmente contra ela, avançando na garganta do felino e esmagando sua traqueia.

As árvores ganharam vida com os rugidos carregados de fúria, e *las sombras* começaram a chover sobre nós em uma torrente de pelos macios, negros como a meia-noite, e garras afiadas como navalhas.

— Corram! — gritou Connor.

Ethan disparou em direção à casa, com os lobos logo atrás. Connor deu um grito quando uma delas saltou em cima dele, derrubando-o de joelhos. Rosnei e me joguei contra a pantera, forçando-a a soltar Connor para que lutasse comigo. A força do meu golpe nos fez rolar pela praia. Nossos corpos giravam, enroscados um no outro, enquanto brigávamos na areia. Uivei quando as garras da pantera cravaram-se em minhas costas, mas retribuí imediatamente com mordidas vorazes em seu peito.

O felino urrou, rolando para longe de mim. Fiquei de pé com dificuldade, colocando-me em posição de defesa enquanto tentava me firmar na areia fofa. A pantera sibilou para mim, com olhos verdes e brilhantes, cheios de ira... E inteligência.

Meu coração vacilou de leve. Era um Guardiã — os felinos eram como nós, escravos dos Defensores. Por um instante, quis ir até ele e ver se, de alguma forma, conseguiria criar uma ligação com esse inimigo que nunca quis ter. Mas essa ideia pertencia somente a mim. A pantera tomou impulso e saltou na minha direção. Agachei e rolei e a pantera passou voando. Continuei agachada até ganhar estabilidade nas patas e então me atirei contra as costas desprotegidas do felino, rasgando sua carne. O felino rugiu e corcoveou, tentando se livrar de meus dentes dilacerantes. Mas não cedi. O sangue dele — invisível em seu pelo negro — manchou de vermelho a areia da praia. Desesperada, a pantera empinou e caiu de costas. Saltei para longe, antes que ela tombasse em cima de mim. Livre do ataque, o felino não se voltou para me encarar novamente. Em vez disso, correu para dentro da floresta.

— Calla! — Connor acenava para mim. Os demais haviam conseguido alcançar o deque. Sacudi a areia do pelo e corri para o esconderijo.

Você está bem? Ren veio até mim. *Está sangrando.*

Os cortes são superficiais. Lambi o flanco dele. *Cuidamos disso depois que sairmos daqui.*

Ethan estava na soleira da porta e a escancarou. Sabine e Nev entraram correndo. Olhei para trás e em seguida corri para a choupana. A floresta ficou silenciosa. Nenhum gato nos perseguia.

Eles desistiram de lutar. Ren rosnou ao compartilhar sua inquietação.

Eu sei. Mostrei os dentes para ele. *Coisa boa não pode ser.*

Connor soltou um palavrão enquanto passávamos pelos corpos imóveis de Inez e Miguel no deque. Haviam deixado-os sentados, com as gargantas dilaceradas e agora ambos nos miravam com olhos vazios.

— Juro que vou me vingar — disse Connor, batendo a porta da entrada da loja. Os Guardiões, eriçados e rosnando ficaram andando de um lado para o outro ao redor dos Inquisidores. Algo estava muito, muito errado.

— Comece a tecer o portal, Adne — disse Connor em voz baixa. — O mais

rápido que puder.

Ela assentiu com a cabeça, entrando na casa e indo em direção à cozinha para ganhar mais espaço. Adne tinha acabado de pegar as adagas escocesas, quando senti o cheiro. Não era o cheiro de *las sombras*, mas um outro odor, bem mais acre.

Assim como o cheiro das panteras este também era chamuscado e amargo demais, só que o odor dos gatos era incomum, novo. Este cheiro era antigo. Um que eu conhecia muito bem. Cheiro azedo de resina fervente e cabelo queimado.

Já estava me movendo quando vi a criatura negra disforme avultando-se atrás de Adne.

Calla! O grito alarmado de Shay ecoou em minha mente, mas não tive escolha. Se parasse para pensar, Adne morreria. Se ela morresse, todos morreriam.

— Adne, corra! — gritei e me transformei, correndo na direção dela a toda velocidade.

Ela se virou para me encarar, surpresa. A perplexidade deixou-a paralisada.

— Connor! Ethan! — Continuei correndo. — Tirem todos daqui. Corram agora!

Estiquei os braços e agarrei Adne pela cintura. Impulsionei-me e a joguei para o outro lado do quarto, na esperança de que Connor estivesse pronto para pegá-la.

— Não! — Ouvi o grito desesperado de Shay ao mesmo tempo em que Ren rosnava.

Fechei os olhos e deixei o espectro me engolfar.

Dor.

A escuridão entranhou-se em minha pele, como se milhares de pequenos ganchos em brasa me furassem a carne. Lentamente, eles começaram a puxar, descolando a pele dos músculos. Eu gritava, mas não conseguia ouvir nada. Nem mesmo o som da minha própria agonia. Estava sendo despedaçada. Estava pegando fogo.

E então não senti mais nada.

FOGO

PARTE III

DEZESSEIS



Acordei em um sobressalto, sem fôlego e lutando para respirar.

Do lado de fora da janela, uma nevasca furiosa. Granizo e neve, afiados como dardos, caíam em disparada das nuvens em direção à terra. Fechei os olhos para tentar explorar minhas vagas lembranças. Brisa quente. Cheiro de sal com pitadas de lima.

Agora eu estava cercada de odores familiares. O cheiro de mofo de livros velhos, lápis afiado mordido, jeans recém-passado. Levantei e olhei em volta.

Estava na cama. Em meu quarto.

Meus braços ficaram arrepiados.

Estava em Vail. Um grito que tentava explodir dos meus pulmões ficou preso na garganta, como se engasgado por uma mão invisível.

Estou em casa. Estou com medo de quê?

— Bom dia, dorminhoca.

Minha mãe estava sentada na cadeira ao lado da penteadeira. Meu pai estava de pé ao lado dela e parecia estranhamente rígido.

— Mãe? — Minha voz falhou. Tentei me mexer novamente, mas meus membros formigavam. Estavam tão pesados...

— Claro que sou eu — disse ela, enquanto a encarava.

Algo dentro de mim estava em prantos. *Por que ver minha mãe me deixa triste?*

— Achemos que você fosse dormir o dia inteiro. — Os dentes dela estavam muito brancos quando sorriu. — Não é, Stephen?

Meu pai fez que sim com a cabeça. Algo em seus olhos provocou um arrepio na espinha. O alfa Nightshade estava muito alerta; eriçado e pronto para atacar.

Vozes distantes ecoaram em algum canto da minha mente:

— *Não existe um alfa Nightshade.*

— Ansel? — murmurei.

Uma pontada de dor parecia querer abrir meu crânio. Me inclinei para frente, segurando a cabeça com as mãos.

— Seu irmão está patrulhando com Mason — respondeu minha mãe. — Ele vai

voltar logo, não se preocupe.

Concordei com a cabeça. Isso fazia sentido. Por que minha cabeça doía tanto?

Meu pai franziu a testa e perguntou:

— Está sentindo dor?

— Stephen. — Minha mãe revirou os olhos para o companheiro, um sinal de alerta brilhou em seu olhar. — Não fique mimando Calla. Ela é uma alfa, afinal.

— Claro, m... Naomi — disse ele antes de agarrar o encosto da cadeira.

— Acho que estou ficando doente — comentei. — Minha cabeça está doendo.

— Já vamos providenciar uma aspirina para você, meu anjo — disse minha mãe. — Mas você apagou antes de terminar de nos contar sobre sua aventura.

— Minha aventura? — Olhei confusa para ela.

— É — disse ela. — Você estava nos contando sobre todos os lugares onde estive. Estava viajando com os amigos. Esse foi o seu presente dado pelos Defensores depois da União, lembra? Todos os lugares que você conheceu?

Ela sorriu. Uma onda de alívio me invadiu, deixando meu corpo ainda mais pesado, mas a felicidade viajou por minhas veias.

— Todos os lugares onde estive?

— Exatamente. — Os dentes dela, brancos como pérolas, brilhavam. — Queremos ouvir tudo sobre a viagem. Que lugares você conheceu?

Ela se moveu na cadeira e seu corpo ficou fora de foco por um instante. O rosto dela se contorceu e eu vi...

— Calla! — Meu pai deu um passo em minha direção.

Minha mãe ergueu a mão e ele ficou imóvel. Ela ficou de pé e deu passos muito longos até mim.

Por que estava se movendo tão devagar?

A cada passo a figura dela voltava a ficar fora de foco. A dor de cabeça me forçou a manter os olhos fechados. Não tinha como focalizar a imagem dela à medida que se aproximava.

O colchão rangeu quando ela se sentou ao meu lado. Pôs as mãos em minhas têmporas e a dor deu lugar a outra explosão de êxtase.

— Pronto — disse ela suavemente. — Não melhorou?

Fiz que sim com a cabeça, mas continuava querendo gritar. Havia algo que queria contar a ela, algo importante que minha mãe precisava saber.

Apoiei minha cabeça em seu ombro.

— Sinto muito — disse, mas não sabia por que me desculpava.

Ela acariciou meu cabelo. Seu cheiro invadiu minhas narinas — um aroma intoxicante de vinho tinto e pergaminho. Me afastei, encarando-a.

— Sente-se melhor? — perguntou ela.

Inalei, me permitindo decifrar aquele cheiro. Um cheiro que não era de Naomi Tor.

Minha mãe sempre cheirava a gardênia e samambaias.

Esses odores, antigos, fortes, misturados a um perfume embriagante eram familiares e pertenciam a outra pessoa.

— Lumine — sussurrei.

No momento em que pronunciei o nome, o feitiço dela foi desfeito.

Tudo ao meu redor crepitou e estilhaçou diante dos meus olhos. Minha mãe havia desaparecido. Apenas Lumine Nightshade estava sentada ao meu lado. Meu pai continuava de pé, em silêncio, no outro canto do quarto. Os olhos dele brilhavam de medo.

O choque me soldou à cama à medida que as ilusões partiam. Comecei a tremer e soluçar.

Lumine suspirou, esticando a jaqueta escura de seu terninho Chanel.

— Isso não é nada elegante, Calla — disse ela.

— Sua vadia — vociferei, e meus dentes ficaram afiados. Estava prestes a voar para cima dela, quando meu pai gritou.

— Calla, não! — O comando do alfa Nightshade ainda era suficiente para me deter.

Meus olhos encontraram os dele por um momento, antes que eu seguisse o olhar do meu pai na direção do armário. A porta estava entreaberta e algo se movia lá dentro. Sombras grossas como piche, ondulando na escuridão. Um espectro.

Meu estômago embrulhou com a lembrança do espectro possuindo-me. Uma onda de dor colapsou todos os membros do meu corpo e quase me deixou inconsciente.

Lumine sorriu e disse:

— Calla, você achou mesmo que eu simplesmente iria deixar a garganta à mostra para você enfiar suas presas? — Ela deu um tapinha em minha mão. — Você deveria ser mais esperta.

Violentemente afastei meus dedos de seu toque. Embora não pudesse atacá-la, não iria bancar a simpática.

— Fique longe de mim.

— Controle-se, criança — disse ela. — Você teve uma viagem e tanto e vai demorar algum tempo até se recuperar do abraço de um espectro.

Ela riu sutilmente quando estremeci.

— Só quero fazer umas perguntas para você — disse ela. — E então pode descansar.

— Não tenho nada para lhe dizer.

— Ah, tem — O sorriso dela tornou-se azedo. — Acho que tem sim.

Engoli em seco, olhando de soslaio para o espectro no armário antes de balançar a cabeça.

— É. — Ela olhou para o mesmo lugar que eu. — Esta é uma das opções. Efron

me implorou para entregar você a ele e a Emile.

Desviei os olhos dela e fitei a janela, onde a neve era açoitada pelo vento. Meu corpo sentia-se assim também: machucado e maltratado. O sol e o mar da Itália pareciam um sonho distante. E Lumine não era a única que tinha perguntas. Eu estava desesperada para saber o que havia acontecido depois que o espectro me capturou. Os outros haviam escapado do posto de Eydis? Estavam presos também?

— Mas expliquei a ele que não acreditava que você estivesse disposta a ceder — prosseguiu ela. — Não importa quanto a pressionem.

Ofereci a ela um sorriso amarelo.

— Você tem razão — confirmei.

— Claro que tenho — disse ela. — Mas temos outras opções, certo, Stephen?

— Certo, mestra. — O rosto dele estava inexpressivo, mas seus músculos moviam-se nervosamente. Meu pai estava insatisfeito. Pelo quarto, dava para sentir o cheiro de seu desalento, de sua revolta.

— Por que faria algo por você? — Encarei Lumine com um olhar fulminante. — Você matou minha mãe. Destruiu meu irmão.

— Você viu Ansel? — Meu pai deu dois passos em minha direção. — Como...

Lumine não falou, mas ficou tensa. Meu pai se deteve e se calou.

— O que aconteceu com sua mãe foi uma infelicidade — disse ela dobrando as mãos no colo. — Mas foi necessário devido às circunstâncias.

— Era necessário que você a assassinasse? — Meus olhos ardiam, mas afugentei as lágrimas o mais rápido que pude. Por nada nesse mundo Lumine me veria chorando.

Ela estalou a língua e deu uma risada suave, e tive que me segurar ao máximo para não me atirar em cima dela com garras e presas.

— Assassinar? Não é bem assim, Calla. E estou certa de que você não teria essa opinião se sua mente não tivesse sido terrivelmente corrompida... Por influências externas.

Cravei minhas unhas na colcha.

— Um dia você já acreditou em dever. Em lealdade — continuou. — Sua mãe falhou em exercer seu mais importante papel. E pagou por isso.

Olhei de relance para o meu pai, mas ele estava petrificado. Não olhava nem para mim nem para Lumine, os olhos perdidos em algum lugar distante e desconhecido.

Lumine ainda falava.

— A punição de seu irmão foi um aviso.

— Um aviso — repeti em voz baixa, um rosnado acompanhando minhas palavras.

— Para o restante de sua matilha. Traição deve ser revidada na mesma moeda.

— Ele não fez nada de errado — disse e arreganhei os dentes para ela, que sorriu.

— Não? — perguntou ela. — Você é capaz de me mostrar suas presas mortíferas

e acreditar de verdade que seu irmão, que sempre a adorou, não suspeitava que você desejava outro e não o seu pretendente?

O sangue me subiu pelas veias do pescoço e faces, enquanto o coração acelerava rápido demais.

— Não acha que ele suspeitava que você arriscaria sua própria vida e o bem-estar da sua família e de seus amigos por uma paixãoite de adolescente?

— Paixonite! — gritei. — Eu me apaixonei pelo Shay e descobri que vocês iriam sacrificá-lo! Vocês queriam que Ren e eu o matássemos!

Apesar do meu ataque, o sorriso de Lumine tornou-se mais sereno. O calor em minhas faces transformou-se em um frio absurdo.

Droga. Ela estava me provocando e eu tinha dado a informação a ela.

Não queria que ela tivesse nada de mim. Exceto algumas cicatrizes bem feias, talvez.

Lumine pareceu interpretar meu súbito silêncio como submissão em vez de frustração.

— Não posso lhe dar todo o tempo que gostaria, Calla. — A voz dela me envolvia como uma jiboia prestes a me constringir. — Mas debati esse assunto profundamente com seu pai. Escute o que ele tem a dizer. Escute a nós e tudo vai ficar bem. Até para o seu irmão. E sua matilha.

Olhei-a nos olhos em busca de uma armadilha, mas encontrei apenas um olhar ríspido e confiante.

— Vão ajudar Ansel?

Ela fez que sim com a cabeça e disse:

— Tudo poderá voltar a ser o que era.

Como era. Meu passado rompido sendo refeito.

— Se você nos ajudar — completou.

Não respondi. Não conseguiria mesmo se quisesse. Minhas mãos estavam tremendo, minha cabeça ainda latejava e a garganta estava ressecada.

— Stephen. — Lumine estendeu a mão para o meu pai, que se aproximou da cama, desconfiado. — Emile e Efron chegarão em uma hora. Utilize bem este tempo. Como combinamos.

— Claro, mestra. — Meu pai inclinou a cabeça quando Lumine se levantou. Ela saiu com o espectro logo atrás dela.

Assim que a criatura assombrada desapareceu, estremeci e desmoronei sobre os travesseiros.

— Aqui. — Meu pai pegou um copo sobre a mesinha de cabeceira. — Beba isto. Olhei para o copo e fiz que não com a cabeça.

Ele deu um sorriso cansado e disse:

— É apenas água, Calla. Eu mesmo servi.

— Obrigada — disse, com a voz rouca, e peguei o copo. Olhei para o líquido transparente a minha frente, sem saber se deveria confiar em meu pai. Sem nem saber se isso sequer importava. A água aliviou a dor na garganta a cada gole.

— Há quanto tempo estou aqui? — perguntei a ele.

— Trouxeram você na noite de anteontem — respondeu meu pai. — Você ficou inconsciente várias vezes, já que eles deixaram que o espectro continuasse a se alimentar de você. — Ele rosnou, olhando na direção da porta. — Para que estivesse fraca durante as interrogações, sugestionável.

— O que eles querem? — perguntei, devolvendo o copo para ele.

— Querem que você diga onde Shay está — disse ele de uma vez só.

Me contorci levemente enquanto o alívio varria meu corpo. Shay não estava aqui. Ele estava seguro. Já era alguma coisa.

— Não vou dizer — falei, me deparando com seu olhar inabalável. — Nunca o trairia.

— Não imaginei que o fizesse.

Ele me observava atentamente, mas eu não conseguia interpretar as emoções na sua expressão. Confusão, talvez? Preocupação?

— Seu irmão... — disse ele cautelosamente. — Ele...?

— Está a salvo.

— Ele está bem?

Voltei a tremer e algo explodiu dentro de mim. Caí em prantos e cobri o rosto com as mãos. Meu corpo estremecia enquanto eu soluçava, as recentes perdas finalmente me arrebatando. Minha mãe, meu irmão, Lydia, Silas, Sr. Selby... e talvez outros haviam sido mortos depois que desmaiei. Para que tantas perdas? Depois de tudo isso, estava de volta a Vail, de volta ao ponto de partida, sujeita aos caprichos de minha mestra. Talvez não houvesse forma de escapar do destino.

Meu pai me envolveu em seus braços. Estava consternada demais para reagir, apesar de saber que deveria estar perplexa. Não me lembrava da última vez que ele havia me abraçado. Era comum que afetuosamente brincasse de lutar comigo e com Ansel, quando estávamos na forma de lobo, mas isso também servia como um exercício de combate, além do fortalecimento dos vínculos. Como humano, meu pai sempre era reservado. Agora seus ombros sacudiam e, assim como eu, ele chorava copiosamente.

Assim ficamos, um apoiado no outro, ambos perdidos em consternação, até que me afastei. Enxuguei os olhos turvos e me virei para a janela. Embora meu quarto ficasse no segundo andar, não estava muito longe do térreo. Talvez esta fosse minha única chance. Talvez meu pai viesse comigo.

— Não, Calla — disse ele, pousando a mão em meu ombro. — Há Bane cercando todo o perímetro da casa. Talvez consiga lutar com dois ou três deles, mas cedo ou

tarde eles vão te esmagar.

Me virei para fitá-lo, nada surpreendida por ele conseguir ler meus pensamentos tão rapidamente. Afinal, ele havia me ensinado a pensar e agir como uma guerreira, sempre buscando uma forma de estar na dianteira.

— Podemos conversar? — sussurrei, estudando os olhos dele em busca de alguma indicação sobre os verdadeiros sentimentos dele sobre tudo o que estava acontecendo a nossa volta. Meu pai amava a ordem e a disciplina. Seu mundo tinha se transformado em um caos. E pela forma com que ele havia me abraçado e chorado comigo, notei que algo dentro dele havia sido destruído depois do que os Defensores fizeram com nossa família.

Ele olhou para a porta e fez que sim com a cabeça.

— Eles deixaram um espectro do lado de fora do quarto. Mas o quarto é nosso.

Meu coração acelerou. Quanto tempo teríamos? Quais eram as coisas mais importantes que eu precisava saber?

— Eles capturaram mais alguém? — perguntei. — Quando me trouxeram, havia mais prisioneiros?

— Que eu saiba, não — disse ele. — Mas não tenho sido exatamente um confidente deles nos últimos tempos.

Mordi o lábio, percebendo que este era o momento. Talvez tudo o que os Inquisidores precisavam.

— Pai — comecei a falar, tentando que a voz não soasse trêmula. — E se eu pudesse ajudá-lo?

Ele me olhou severo, e meu coração vacilou por um segundo. Meu próprio pai me considerava uma traidora? Depois de tudo o que tinha acontecido, a lealdade aos Defensores ainda era importante para ele?

— Me ajudar como?

Fiquei sem ar, mas me forcei a prosseguir.

— Salvei Shay, porque os Defensores iam matá-lo.

Ele não respondeu, mas estava me olhando enquanto eu falava.

— Ele é o Progênito — continuei. — Um descendente dos Defensores capaz de destruí-los.

— Se é um deles, por que os Defensores se voltariam contra ele? — A testa de meu pai enrugou.

— Ele não é exatamente um deles — comentei, as palavras saíam apressadas. — Sua mãe era humana.

— Não creio que isso seja possível...

— Mas é. — Peguei em suas mãos. — Tudo que contaram para nós sobre os Defensores e Inquisidores, sobre a guerra e até mesmo sobre o que somos... É tudo mentira.

As mãos dele agarraram a minha com tanta força que doía, mas continuei falando.

— Os Defensores nos manipularam, manipularam nosso mundo para que pudessem governá-lo. Os Inquisidores estão tentando mudar isso. Eles só lutam para que as coisas voltem ao normal. Shay é a chave para tudo isso — expliquei a ele.

— Como pode ter certeza? — sussurrou ele. Várias lembranças me vieram à mente. Ele não tinha visto o que eu vi. A Academia, a beleza e a graciosidade da magia dos Inquisidores, tão diferente das manipulações cruéis dos feitiços dos Defensores. Ele não havia lutado ao lado dos meus novos aliados, não tinha motivos para confiar neles como eu tinha. O que o convenceria? Sabia que precisava levá-lo comigo. A ajuda dele poderia mudar tudo para mim... Para todos nós.

— Calla. — Ele soava tão desesperado quanto eu. — O que você sabe? Não temos muito tempo. Emile...

Ele não conseguia pronunciar o nome do alfa Bane sem rosnar. Minha mente crepitou quando a compreensão recaiu sobre mim como um raio.

— Corrine — falei.

— O quê? — Ele franziu a testa.

— Corrine Laroche. — Apertei suas mãos. — Ela não foi morta por uma emboscada dos Inquisidores.

Meu pai ficou teso, mas prossegui apressada.

— Os Inquisidores estavam indo lutar ao lado dela. Corrine liderava uma revolta contra os Defensores.

Ao fitá-lo, imaginei que encontraria a descrença em seu olhar, mas ela não estava lá.

— Mas o complô foi descoberto e os Defensores mataram Corrine e todos os outros Bane que eram cúmplices dela — disse e acrescentei: — E quando os Inquisidores chegaram, os Defensores estavam lá esperando por eles.

Meu pai desvencilhou as mãos dele da minha e fechou os punhos.

— Você só tinha 1 ano de idade. Era um bebê quando aconteceu — disse ele.

— Eu sei. Aconteceu no aniversário de 1 ano de Ren e do meu.

— Sempre achei que... — ele fez uma pausa, um rosnado ressoando em seu peito. — Que alguma coisa não fazia sentido. Quando os Defensores nos reuniram para lutar, fomos atrás dos Inquisidores e os atacamos no complexo dos Bane. Perseguimos todos até Boulder, mas não encontramos corpos.

— Como assim?

— Os Bane — explicou. — Os defensores nos chamaram para uma batalha, porque os Bane haviam caído em uma emboscada dos Inquisidores. Mas quando chegamos ao complexo, não havia Bane lá, nem feridos nem mortos. Nenhuma baixa. Os Inquisidores são bons lutadores. Eles deixam mortos e feridos pelo caminho.

— Mas espectros não — sussurrei.

Os olhos dele, brilhando como aço, encontraram os meus. Meu pai fez que sim.

— Os Inquisidores contaram isso a você? — perguntou ele.

Embora suas próprias memórias lhe oferecessem pitadas de verdade, eu ainda sentia a relutância do meu pai em confiar nos inimigos de longa data.

— Os Inquisidores preencheram algumas lacunas. Mas li em um livro sobre a morte de Corrine e a cilada.

— Onde? — perguntou ele, perplexo.

— Na biblioteca de Bosque Mar — respondi com um calafrio. — Na mansão Rowan. Ele guarda um registro nos Anais de Haldis.

— Corrine era uma boa loba — comentou ele em voz baixa. — Ela não merecia a vida que lhe foi dada.

— Eu sei — concordei.

— Pelo menos, é uma dádiva que o filho dela nunca tenha descoberto nada.

Prendi a respiração, quando ele mencionou isso e disse:

— Ele agora sabe.

— Você sabe onde ele está? — Meu pai arregalou os olhos. — Os Defensores disseram que ele fugiu. Que não suportou a vergonha de ter perdido sua matilha. Como Logan.

Um sorriso formou-se em meus lábios, e contei a ele:

— Também sei onde Logan está.

— Jura? — perguntou meu pai, arqueando uma das sobrancelhas.

— Estão ambos com os Inquisidores. Ren, porque Adne quis salvá-lo... e eu também.

— Quem é Adne? — perguntou ele.

— A filha de Monroe... um dos Inquisidores. Ela é... — percebi quanta coisa eu tinha descoberto e quão pouco meu pai sabia.

— Ela é irmã de Ren.

Ele me fitou demoradamente e finalmente suspirou.

— Corrine e o Inquisidor Monroe?

— Você não parece surpreso — disse.

— Há pouco você mencionou que Shay tinha uma mãe humana. Faz sentido que relações entre humanos e a nossa espécie também tenham ocorrido. — Após um longo e profundo suspiro, ele prosseguiu: — E ninguém assume o risco que Corrine assumiu sem que algo muito importante esteja em jogo. Algo como o amor.

Afugentei as lágrimas que se acumulavam em meus olhos.

— Sei disso.

O sorriso que ele me lançou era de ternura.

— Você ama esse garoto... o Progênito? — perguntou meu pai.

Fiz que sim e levei os joelhos ao peito. Ele me fitou e franziu a testa de leve.

— Mas também voltou por Ren?

Minhas bochechas arderam, e de repente eu era uma filha que acabava de ser pega em uma conversa embaraçosa com o pai.

— É complicado.

— Suponho que seja. — Ele riu. — E agora entendo porque Renier não tem nada do pai.

— O pai dele... o verdadeiro pai... — precisei pigarrear para conseguir terminar. — Era um bom homem. Um guerreiro como nós.

— Bom saber que Corrine encontrou um pouco de felicidade na vida — disse ele, taciturno. — Mesmo que por pouco tempo.

— Acho que sim — concordei, pensando no custo disso para Corrine, Monroe, Ren e Adne. Adne agora era órfã, mas tinha salvado o irmão. Isso equilibrava as coisas? Eu não sabia responder.

— Amor — disse suavemente. — Amor verdadeiro, mesmo que dure pouco, vale mais a pena do que qualquer um de nós possa imaginar.

Encarei-o, a pureza em seus olhos transparecendo verdade aos meus.

— Quem é você e o que fez com meu pai? — sorri sutilmente.

Ele riu e disse:

— Há momentos para a guerra, muitos momentos. Mas, às vezes, é preciso falar a verdade sobre nossas próprias vulnerabilidades.

Observando-o, meu peito doeu de tristeza.

— Você... você amava a mamãe?

— Amava. — O sorriso dele sumiu. — Mais ainda depois que você e Ansel nasceram.

Queria acreditar nele, entretanto não contive o que disse em seguida.

— Mas vocês pareciam ser tão diferentes.

— Éramos muito diferentes — disse ele. — Mas ambos tentávamos ser sempre os alfas que achávamos que deveríamos ser. Para protegermos nossa matilha. Para manter você e seu irmão seguros.

Enfiei as unhas nas palmas das mãos. Minha mãe tinha tentado me proteger e minha rebeldia a tinha matado.

— Sinto muito — sussurrei.

— Não — disse ele, pondo uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Ela nunca culpou você por nada disso.

Fiz que sim com a cabeça, desejando que aquelas palavras aplacassem a culpa que me corroía como uma faca torcendo na boca do estômago.

— E sua mãe tinha um lado indomável — comentou ele. — Ninguém caçava como ela. Quando estávamos livres na floresta, correndo juntos, vivíamos nossos momentos mais felizes.

Sorri para ele, recordando da alegria sem limites que sentia nas caçadas com Shay.

— Fico feliz em saber.

— Os Inquisidores. — Ele se levantou, circulando o pé da cama para ficar mais próximo da janela. — Acha que existe alguma chance de eles ganharem esta guerra?

— Logan acredita que sim — comentei. — É por isso que está fornecendo informações a eles.

Meu pai me fitou.

— Ele traiu o pai?

— Acho que ele não usaria essas palavras — respondi, com um sorriso sombrio.

— Acho que está apenas tentando manter o próprio esconderijo em segurança.

— Deve ser isso mesmo.

— Shay tem uma arma — comentei. — Ou quase toda ela. É a Cruz Elementar.

— Uma cruz é uma arma?

— São duas espadas — expliquei. — Quando ele tiver as duas, poderá derrotar os Defensores. Será capaz de matar os espectros.

— Nada pode matar os espectros. — Ele pronunciou as palavras mais para a neve que rodopiava lá fora do que para mim.

— O Progênito pode — afirmei.

— Como eles vão atacar?

Me contrái, sem saber se deveria revelar mais. E se meu pai ainda tivesse esperanças de recuperar seu status entre os Defensores?

Os dedos dele se balançavam. Esperança e conhecimento borbulhavam dentro de mim. Ele não queria nada com os Defensores. Meu pai era um guerreiro. Queria lutar.

— Não sei como será o ataque. — E era verdade. Estávamos focados em recuperar as peças da cruz. Quem saberia o que nos aguardava no futuro depois disso? — Mas precisaremos de um exército para dar apoio a Shay.

Meu pai se virou para me encarar e inclinou a cabeça, pensativo.

— Um exército? — perguntou ele.

Respondi que sim com a cabeça.

— Os inquisidores não estão em número suficiente?

— Não — respondi. — Vão lutar até o fim, mas precisam de ajuda. É aí que nós entramos.

— Nós?

— Guardiões.

Ele riu e perguntou:

— Você espera liderar um exército de lobos contra os Defensores?

— Já aconteceu antes — respondi. — Faz parte da nossa história. O Período

Agonizante foi uma rebelião dos Guardiões.

— Mais segredos da biblioteca?

— É. Mas só posso liderar a minha matilha... E somos apenas sete. Não dá nem para chamar de exército.

Ele ficou muito quieto.

— Sou uma jovem alfa — disse eu devagar. — Precisamos de um veterano. Um líder que os lobos seguiriam.

— Calla — Havia um tom de alerta na voz dele, com um toque de dor.

— Você ainda é o alfa Nightshade.

— Me tiraram essa função — disse ele, ombros retesados pela ira.

— Ninguém pode tirar sua matilha de você — contestei, ficando de joelhos. — Os Nightshade estão contentes em chamar Emile de alfa?

Ele fez uma careta.

— Não pensei mesmo que estivessem — comentei. — Você pode liderá-los. Você precisa liderá-los.

— Quando? — A pergunta dele foi pouco mais que um sussurro.

— Em breve. — Saí da cama e peguei sua mão. — Queria saber mais.

— Se os Inquisidores vencerem o que acontecerá com os lobos?

Abri a boca para responder e me dei conta de que não sabia a resposta. O que aconteceria a nós se conseguíssemos ganhar a guerra? Qual era o lugar dos Guardiões?

A porta foi escancarada. Emile Laroche entrou como um pavão, olhou para nossas mãos dadas e sorriu.

— Um reencontro da família Tor. — Ele deu uma risadinha. — Não é comovente? Encarei-o e ele passou a língua pelos caninos afiados.

— Uma pena que não vá durar muito.

DEZESSETE



Meu pai jogou-se no chão, um lobo marrom-cinza bloqueando o caminho de Emile, que por sua vez mudou de forma, eriçando-se e rosnando. Emile começou a vir em nossa direção. Meu pai deu um latido de alerta, seus músculos protuberantes enquanto se preparava para atacar.

— Ora, ora. — Efron Bane entrou correndo no quarto com Lumine ao lado. — Não temos tempo para os rapazes ficarem de briguinhas.

Os dois alfas ainda se encaravam, com presas à mostra e pelos arrepiados.

— Basta. — A ordem de Lumine invadiu o quarto. — Mudem de forma agora.

Ambos os lobos obedeceram relutantemente, seus rosnados dando lugar a olhares raivosos ao retornarem à forma humana. Meu pai permaneceu a minha frente, seu corpo servindo de escudo ao meu.

— Teve algum sucesso, Stephen? — perguntou Lumine.

Ele balançou a cabeça.

— É uma garota terrivelmente teimosa, mestra. Não consegui dobrá-la.

— Me dê cinco minutos — bufou Emile. — Eu vou dobrá-la.

Meu pai cerrou o punho, mas Efron pôs a mão no ombro de Emile.

— Ora, ora. O mundo está mudando, as circunstâncias estão se alterando rapidamente, esqueceu? Não podemos mais lhe proporcionar o prazer de se divertir com a garota.

Emile sacudiu o ombro, desvencilhando-se da mão de Efron.

— É um erro. A vadiazinha é uma traidora e deveria morrer.

Observei a troca de olhares e minha perplexidade aumentou. O que estava acontecendo?

Lumine cruzou o quarto, me avaliando com os olhos.

— Aparentemente, você ganhou alguns amigos entre os Inquisidores, Calla — disse ele.

— E eles têm algo que queremos — acrescentou Efron.

— Seu filho foi um idiota em se deixar capturar — criticou Emile. — Devia deixá-lo apodrecer em um dos buracos dos Inquisidores.

Emile caiu para trás ao ser acertado por um safanão de Efron, que disse:

— Ponha-se no seu lugar, lobo. O filho de seu mestre merece seu respeito.

Emile olhou feio para ele, mas baixou a cabeça em reverência, submisso.

Minha cabeça entrou em parafuso. Logan? Logan estava alegando que fora sequestrado. Que diabos estava acontecendo?

— Venha comigo, Calla. — chamou-me Lumine. — Não queremos nos atrasar.

Olhei de relance para meu pai antes de ir para o lado dela, que ergueu a mão, passando os dedos pelas mechas tosquiadas dos meus cachos louros.

— Que pena o seu cabelo estar assim — lamentou Lumine. — Onde você estava com a cabeça?

Não respondi.

— Stephen, espere pelo meu retorno — disse ela, fazendo um biquinho enquanto observava meu pai. — Você e eu ainda temos assuntos a discutir.

— Claro, mestra. — Ele inclinou a cabeça.

Enquanto seguia Lumine para fora do quarto, resisti ao desejo de olhar mais uma vez para ele. Naquele momento, eu precisava bancar a durona, a rebelde que não tinha nenhum respeito pelo pai. Não podia deixar que os Defensores soubessem que apenas duas dessas afirmações eram verdadeiras.

Não conseguia enxergar nada através das janelas escuras da limusine, mas dirigimos por mais de uma hora. Meus pensamentos ainda estavam em Vail. Desejei que houvesse alguma forma de falar com meu pai. Ele nos ajudaria. Lutaria contra os Defensores. Mas como conseguiríamos estabelecer um contato entre a matilha dele e os Inquisidores?

Meu corpo estava exausto. Minha mente era um frenesi. Ainda não tinha ideia de para onde estavam me levando ou o que me aconteceria quando chegássemos ao nosso destino. Não importava quão confiante eu quisesse parecer, a curiosidade me venceu quando o carro estacionou, e perguntei:

— Onde estamos?

— Um local terrivelmente inconveniente por insistência dos seus amigos — disse Efron, deixando de lado o copo com conhaque que estivera bebericando durante o trajeto. — Deveríamos ser ovacionados por nossa cooperação.

Emile rosnou baixinho. Ele estivera me encarando durante todo o percurso. Sabia que queria me intimidar, mas isso só fez com que eu o adiasse ainda mais. Quando ele passou por mim, seguindo Efron para fora do carro, sussurrei:

— Um dia vou ver você morrer.

Ele sorriu para mim, dentes pontiagudos à mostra, e perguntou:

— Medrosa demais para tentar me matar você mesma?

Sorri para ele sem vacilar. O medo nada tinha a ver com isso, pois havia um

número grande na lista de inimigos de Emile que merecia vingar-se dele mais do que eu. Inclusive, Ren.

— Ande, Calla — ordenou Lumine, me cutucando com suas longas unhas.

Saí do carro. Emile ficou ao meu lado, bancando o carcereiro, enquanto os Defensores ocupavam seu tempo endireitando seus modelitos Chanel e Gucci. O motorista e outro homem saíram do carro. Reconheci ambos como Bane veteranos, que assumiram posições de defesa ao lado dos Defensores.

Olhei em volta, tentando descobrir onde estávamos. Estávamos na beira de um prado que interrompia a floresta de pinheiros. Ao longe, dava para ver as silhuetas dos picos das montanhas, onde nuvens carregadas de neve circulavam rochas escarpadas. O ar estava fresco demais para estarmos perto de qualquer cidade, mas também não estávamos no território ao redor de Vail.

Havíamos dirigido para longe da tempestade. Um ou outro floco de neve caía, mas quase não havia sinal de vento, e a neve chegava apenas até o tornozelo.

Captei sinais de movimentação entre as árvores do outro lado de uma clareira e pessoas surgiram da floresta vindo em nossa direção.

Ao reconhecer o chumaço de cabelo castanho e o sobretudo longo, quase gritei. Connor estava vivo. Só de vê-lo tive a esperança de que talvez a missão em Eydis não tinha terminado em tragédia. Sem pensar, dei um passo adiante. Emile agarrou meu braço. Suas unhas cravaram em minha pele o suficiente para ferir. Ignorei a dor, enquanto meus olhos percorriam o restante do grupo, mas não encontrei quem procurava. As pessoas que imaginei liderando meu resgate, Shay e Ren, não estavam em nenhum lugar à vista. Nem Bryn, Mason e Nev.

Connor guiava um indivíduo curvado, que andava aos tropeços pela neve. Logan tinha uma aparência muito pior do que da última vez que eu o vira. Quando ele se aproximou, vi seus lábios inchados e partidos e um olho roxo.

— Pai! — gritou Logan. Connor deu uma cotovelada forte na costela dele, que se curvou e começou a tossir.

— Como ousa encostar no meu filho! — gritou Efron, com olhos furiosos. Vi uma força circundando seus ombros como raios e torci para que Connor soubesse o que estava fazendo. Mesmo que houvessem acordado fazer uma troca, se houvesse um espectro no meio da história, não colocaria muita fé nas nossas chances de sair dali com vida.

Anika olhou para Connor e balançou a cabeça.

— Basta — ordenou ela.

Connor continuou com os olhos fixos em Logan e deslizou o dedo sobre o pescoço, num gesto como se fosse cortá-la. O jovem defensor agachou-se e enviou um olhar de súplica ao pai.

Um espetáculo e tanto que estão fazendo para os Defensores. Tomara que

funcione.

Mesmo não fazendo parte do plano, eu confiava que era uma boa jogada.

Uma figura orgulhosa, ereta, com algemas de metal andava ao lado de Anika. Os olhos de Sabine estavam vermelhos e seu corpo tremia no frio.

Sabine? O que ela estava fazendo aqui? E por que tinha algemas de ferro nos pulsos?

Dois outros Inquisidores, armados com balestras, faziam a retaguarda do reduzido grupo. Tinham as armas apontadas para Emile e os outros dois Bane. O grupo parou quando ficou a cerca de um metro e meio distante de nós.

— Ofereceria algo para beber, mas vocês recusaram minha oferta de hospitalidade — disse Efron a Anika, embora olhasse para Sabine. Ele parecia tão perplexo quanto eu com o estado dela. O olhar de Sabine era severo, alternando entre fúria e curiosidade enquanto fitava o chão.

— Seus escritórios não podem ser considerados um local de encontro hospitaleiro para nós, Efron — respondeu Anika, com um sorriso gélido.

Efron deu de ombros e perguntou:

— Vamos aos negócios então?

— Como havíamos concordado — disse Anika. — A loba pelo seu filho?

Efron assentiu com a cabeça.

De repente, Sabine avançou aos tropeços e se jogou aos pés de Efron.

— Espera! Vocês prometeram que me deixariam falar!

Os Bane saltaram na direção dela, transformando-se em lobos. Eles cercaram Sabine.

Efron curvou os lábios com desdém, enquanto observava Sabine de joelhos aos seus pés, trêmula.

Olhei-a intrigada. Que diabos estava fazendo?

— Por favor — disse ela. — Por favor.

— O que é isso? — perguntou Efron.

— A garota é inútil para nós — informou Anika, inflexível. — Mas diferentemente de vocês, não somos monstros. Não executamos nossos prisioneiros por motivo torpe e não podemos arriscar que ela fique a par de nossas operações. Ela é um estorvo.

Sabine chorava aos soluços e tentava arrancar os cabelos com as algemas e tudo.

— Eu não sabia. Me perdoem. Cometi um grave erro — suplicava Sabine.

— Que patético — disse Lumine. — Que alegria que não compartilhemos da sua crise de consciência. — Ela olhou para os Bane e ergueu a mão. Não consegui respirar, ciente de que ela estava prestes a ordenar que os lobos partissem Sabine ao meio.

— Não. — Efron lhe lançou um olhar severo. — Isso é problema meu.

Lumine suspirou e baixou a mão.

— Como quiser.

— Por favor, perdoe-me mestre. — Sabine olhou para ele com o rosto coberto de lágrimas. — Mostre piedade, me leve com vocês.

Fiquei nauseada, sabendo que isso não era de verdade, mas sem compreender como poderia ser parte do plano dos Inquisidores. Por que Sabine voltaria com Efron? O que isso traria de bom?

Um sorriso formou-se lentamente nos lábios de Efron.

— Querida Sabine, por que devo abrir os braços para você? A traição é cortante como o mais afiado punhal. Certamente você sabe disso.

— Sei — implorou ela. — Eu não entendia. Mas meu lugar não é ao lado deles. É ao seu lado. — Ela se virou e olhou feio para Anika, prosseguindo: — Eles são uns idiotas — sussurrou. — Quero viver. Me deixe voltar para os Bane.

Efron fez que sim.

— Você sempre foi uma sobrevivente.

Ela assentiu com um aceno de cabeça.

— Dax e Fey com certeza vão gostar do meu retorno — prosseguiu ele, passando a mão preguiçosamente pelo cabelo dourado. — Sobretudo, depois que a terceira do grupo mostrou-se uma substituição muito pouco à sua altura.

Meu sangue pareceu ficar mais frio que a temperatura ambiente. *Ah não*. Lumine sorriu cruelmente e disse:

— Eu disse que ela não duraria muito.

Efron deu de ombros.

Sabine não se movia. Manteve o olhar em Efron, mas nada falou.

Minha voz rompeu o silêncio.

— Cosette?

A pergunta me rendeu um murro de Emile na minha cabeça que me fez cair de quatro e meus ouvidos repicarem.

— Fica de boca fechada, cadela.

— Uma menina tão frágil. E também pouco tinha de lobo. — Efron balançou a cabeça devagar, fingindo pena de forma debochada. — Um dia depois de sua partida, nós a encontramos enforcada em uma árvore do lado de fora das instalações dos Bane. Apenas um dia depois.

Ele olhou Sabine de cima a baixo, com um sorriso afiado como navalha. Ela não vacilou. Em vez disso, murmurou:

— Cosette sempre foi fraca.

— É verdade. — Efron ergueu a mão para Sabine. Ela pegou na mão dele e se apoiou para levantar. — Bem-vinda de volta ao lar, minha querida.

— Obrigada. — Ela inclinou a cabeça em reverência.

— Podemos prosseguir? — vociferou Connor de repente, empurrando Logan, que caiu de joelhos. — Este aqui fede como a própria urina.

Efron o encarou.

— Se tiver machucado meu filho...

— Nenhum machucado permanente — interveio Anika. — Eu lhe garanto.

— Nos dê ele — disse Efron, sem soltar Sabine. — Agora.

— Não antes de termos a loba — replicou Anika.

— Emile — disse Efron, que fez um gesto com o queixo na direção de Connor.

Com um movimento circular, Emile me levantou e me empurrou na direção dos Inquisidores. Ao mesmo tempo, Connor chutou Logan, que começou a engatinhar na neve, com Connor logo atrás. Paramos a menos de trinta centímetros.

Emile sorriu para Connor.

— Ora, ora. Não o via desde momentos antes de fazer picadinho do seu líder.

— Não vou esquecer de agradecê-lo por isso — disse Connor.

— Aguardo ansiosamente — respondeu Emile.

Connor agarrou Logan pelos ombros e empurrou o Defensor para frente.

— Vamos logo com isso.

— Com prazer — rosnou Emile, agarrando-me com mais força pela cintura. — Desculpe não ter tido mais tempo para papear com você, Calla.

Olhei para ele e disse:

— Vai pro inferno.

Apesar da minha revolta, meu coração batia pesado quando olhei de relance para Sabine. Não podíamos deixá-la ali. Simplesmente não podíamos. E então fui impulsionada para frente e vi Logan passar aos tropeços por mim. Lancei um olhar de súplica para Connor quando Emile me soltou.

Connor gritou antes que tivesse tempo de recuperar o fôlego e momentos depois eu estava nos braços dele, enquanto corríamos pela neve em direção ao outro lado do prado. A luz tremeluzia a nossa frente enquanto um portal abria-se e ouvi vozes chamando meu nome.

Os Bane já vinham a toda velocidade atrás de nós, mas os Inquisidores já haviam antecipado a deslealdade dos Defensores. Flechas zuniam pelo ar, enquanto Connor me empurrava para dentro do portal com Anika ao nosso lado, dando ordens mesmo enquanto corríamos pelo pasto coberto de neve. Me revirei em seus braços, procurando por Sabine. Exatamente quando a luz do portal me envolveu, avistei-a e imaginei tê-la visto sorrir.

DEZOITO



— Temos que voltar! — Gritei para Connor, que se esforçava em me segurar enquanto Adne fechava a porta.

— O que eles fizeram com você? Você ficou maluca? — Connor gritou enquanto eu me debatia contra ele. — Por que diabos deveríamos voltar lá? E, a propósito, ótimo jeito de agradecer pelo resgate!

— Você abandonou Sabine! — Lágrimas escorriam pelo meu rosto, e eu não podia contê-las. Estava com muita raiva e com muito medo do que poderia acontecer a ela.

Connor revirou os olhos.

— Nós não a abandonamos. — Ele me empurrou com um grunhido.

— Faz parte do plano, Calla — disse Adne, delicadamente.

— Obrigado pelo voto de confiança. — Connor me olhava zangado.

— Plano? — Me forcei a respirar fundo, afugentando minhas emoções primitivas.

— Como eu disse. — Connor riu. — Sem a menor confiança em nós.

— Precisávamos de alguém que pudesse vigiar os Defensores e se comunicar com os Guardiões — disse Adne.

— E Sabine era a melhor opção de vocês? — Não consegui disfarçar a raiva no tom de voz. — Você sabe o que ela já passou?

— Foi ideia dela — respondeu Anika, me lançando um olhar comedido.

Mais uma vez abri e fechei a boca, incapaz de responder. Sabine bolou esse plano?

— E é um bom plano — disse Anika. — Precisamos da ajuda dela. Sabine é o melhor elo que temos entre Defensores e Guardiões.

— E se Efron não mordesse a isca, não se preocuparam com isso? — perguntei, me sentindo levemente insegura diante das informações atuais.

— Logan estava certo de que ele morderia — disse Connor. — Algo a ver com o fato de o orgulho ser a maior fraqueza de Efron, e Sabine ser o calcanhar de Aquiles dele, blá, blá, mais metáforas.

— Ótimo. — Mostrei meus caninos a Connor. — Mas como Ethan se sente em

relação a tudo isso?

— Disse que só concordaria se nós o deixássemos ir também.

— Ethan está em Vail? — perguntei, sentindo como se tivesse levado um soco no estômago.

— Aham — disse Connor. — Ele insistiu.

— Mas vão matá-lo — eu disse.

— Meu Deus, Connor. — Adne olhou para ele. — Não precisa falar desse jeito.

Connor sorriu e disse:

— Mas é tão mais divertido quando ela parece que vai vomitar.

Ela o ignorou, virando-se para mim.

— Calla, Ethan não está com os Defensores. Ele e Nev estão com Tom Shaw.

— Em Burnout? — perguntei.

— Ele praticamente construiu um *bunker* sob aquele bar — disse Connor. — De vez em quando nós o usávamos como abrigo. Nev e Ethan estão ficando lá, sistematizando as informações sobre os Guardiões através de Sabine e Logan. Logan está de olho no pai e nos outros Defensores. Sabine está reunindo aliados entre os Bane e torcemos para que ela consiga que seu pai faça o mesmo com os Nightshade. Eles estãoorquestrando tudo para a ofensiva final na Mansão Rowan.

Engoli em seco o nó que se formou em minha garganta e perguntei:

— Quando é o ataque?

— Se conseguirmos a peça final — disse Adne baixinho —, vamos atacar à meia-noite.

— Tão cedo? — perguntei.

— Bem, considerando que pulamos alguns fusos horários, na verdade, já é tarde — disse Connor, mexendo as sobrancelhas para mim.

— Não sei do que você está falando.

Supus que Connor tinha me arrastado através do portal de volta para a Academia. Mas não estávamos no edifício dos Inquisidores. Era de tarde quando deixamos o prado na montanha. Agora estávamos do lado de fora e estava escuro, mas não era noite. O ar cheirava a amanhecer. Uma luz silenciosa e rosada subia no céu cinza-escuro.

— Estamos na Nova Zelândia — informou Adne. — Onde já é amanhã de manhã.

— Mas quando voltarmos para Vail, para o ataque, ainda será meia-noite de ontem — explicou Connor.

— Você está me dando dor de cabeça — informei.

— É o que ele faz de melhor — disse Adne, sorrindo.

— Vamos em frente — disse Anika, começando a andar. — Os outros estão esperando.

— Onde eles estão? — perguntei enquanto meus pensamentos começavam a

entrar nos eixos.

— Eles estão no barco — declarou Adne.

— Outro barco? — resmunguei.

— Uma viagem diferente desta vez — disse Connor. — Nada de natação no final.

Ele nos guiou pela manhã que se iluminava e adentrou uma floresta diferente de qualquer outra que já tinha visto. O chão debaixo dos meus pés era áspero, pedras quebradas pareciam estar a meio caminho de se tornarem areia. Árvores com galhos pontiagudos e folhas grossas se estendiam sobre nós, acompanhadas por uma vegetação densa, condensada e rasteira por todo o solo da floresta.

Quando o caminho se abriu e as árvores começaram a ficar mais esparsas e em declive em direção a uma extensa praia, ouvi duas vozes familiares gritarem ao mesmo tempo:

— Calla!

Ren e Shay me olhavam fixamente. Estavam sentados de costas um para o outro. Amarrados.

Olhei para eles.

— O quê...?

Mason, que rodeava os meninos prisioneiros em forma de lobo, mudou de forma ao me ver,

— Graças a Deus! — Ele correu para mim e me deu um forte abraço. — É tão bom ver você.

— Você também. — Eu o abracei e então apontei para Ren e Shay, que se contorciam atados. — O que está acontecendo?

— Tivemos que amarrá-los — disse Adne.

— E eu tinha que vigiá-los — disse Mason —, mesmo depois de inventar os nós mais complicados que a humanidade já conheceu. Cheguei até a morder Shay uma vez.

— Eu nem estava dando tanto trabalho assim — disse Shay.

— Sim, você estava — retrucou Mason.

— Por que teve que amarrá-los? — perguntei, vendo Connor tirar uma faca e começar a cortar as cordas que mantinham Shay e Ren juntos.

— Não precisava amarrar a gente! — Shay tentava se livrar das cordas puídas.

— Sim, precisávamos. — Adne tinha as mãos na cintura. — Vocês teriam atravessado esse portal correndo para chegar até ela. Os dois estão agindo como idiotas.

— Ela tem razão — disse Ren. — Talvez tenha sido necessário nos amarrar.

Shay sorriu.

— Cala a boca. — Adne olhou para Ren. — Você ainda está na minha lista de pessoas das quais estou com raiva. Não pense que vai sair dela só por concordar

comigo.

Ren lançou um olhar de esguelha a Connor e disse:

— Ela tem uma lista, hein?

— Não se preocupe — disse Connor. — Já estou nela há anos.

— Eu escutei isso. — A voz de Adne saltou algumas oitavas.

— Tenho certeza de que sim, linda — disse Connor, que saltou para trás depois de cortar a corda, enquanto Shay e Ren saltavam e corriam em minha direção.

Recuei alguns passos, antecipando um encontrão. Mas ambos se contiveram, ofegantes, entreolhando-se e olhando para mim.

— Ei — falei, sem saber o que fazer. Só queria que me abraçassem, mas não parecia que isso fosse acontecer.

— Ei — disse Ren, cruzando os braços. — Desculpe não podermos ter ido salvá-la. — Vi a intensidade com que a veia em seu pescoço pulsava.

Shay parecia tão desconfortável quanto o outro alfa, dando um sorriso constrangido para Ren.

— Não que não quiséssemos. Visto que estávamos amarrados. — Ele passou a mão no cabelo despenteado pelo vento e perguntou: — Você está bem?

— Sim. — Enfiei as mãos nos bolsos. — O espectro era aterrorizante. Mas não durou muito. Pelo menos não sob a minha perspectiva. Depois de desmaiar, não me lembro de muito mais. Acordei no meu quarto. Lumine estava lá.

— O que aconteceu? — perguntou Ren.

— Eles fizeram perguntas que não respondi. Então veio a troca. Não fiquei lá muito tempo.

— Mas você estava em Vail? — perguntou Shay.

— Estava. — Estremeci ao me lembrar do meu quarto, de Lumine fingindo ser minha mãe. — Estive com meu pai. Acho que ele pode nos ajudar.

— É por isso que Ethan e Sabine estão atuando em Vail — comentou Connor. — Vamos torcer para que consigam fazer essa conexão.

— Enviaremos uma mensagem para Ethan e Tom — disse Anika. — Que bom que conseguiu conversar com seu pai, Calla.

Assenti com a cabeça, em dúvida se meu pai realmente poderia trazer os Nightshade para o nosso lado.

— Abra um portal, Adne — prosseguiu Anika. — É hora de eu atualizar os guias e definir o cenário para esta noite.

— Diga a eles para cruzarem os dedos das mãos e dos pés — disse Connor.

Adne começou a tecer, os fios das adagas escocesas refletindo a luz do amanhecer que transbordava da costa para a floresta onde estávamos. Ren permaneceu perto da irmã, fascinado com seu trabalho.

— Então, a Pyralis está aqui? — perguntei para Connor, afastando-o dos outros.

— Está lá. — Ele apontou para a silhueta de uma ilha ao longe. — Aquilo é Whakaari.

— E estamos indo para lá agora? — Olhei para os meus companheiros. Nosso grupo tinha encolhido. Ethan, Sabine e Nev estavam em Vail. Silas havia nos deixado. — Só a gente? Não temos reforços?

— Não sabemos o que encontraremos lá — disse Connor, pressionando a mandíbula. — Queríamos arriscar o mínimo possível.

— Que reconfortante. — Tentei rir, mas a voz falhou.

— Vamos dar um jeito — disse Shay, roçando os dedos em meu braço. O toque suave aqueceu minha pele fria.

— Espero que sim — replicou Connor. — É isso aí. Última parada da grande viagem.

— Você sabe onde a peça está na ilha? — perguntei.

— Sabemos onde fica a entrada da câmara — respondeu Connor. — Nosso palpite é que a espada esteja em algum lugar dentro do vulcão.

— Espera... Vulcão? — Senti meus olhos ficando esbugalhados.

Shay fez que sim com a cabeça e confirmou:

— Tem um monte de vulcões ativos na Nova Zelândia. Olha. — Ele apontou para o céu acima da ilha. Uma nuvem de cinzas subia incessantemente entre as nuvens.

Mason veio para o meu lado e pousou o braço em meu pescoço.

— Também não acreditei quando contaram — disse ele.

— Vamos entrar em um vulcão — pronunciei, meus ombros desmoronando. — Isso é... É simplesmente fantástico.

Não há a menor chance de sairmos dessa vivos.

— O que é um vulcão comparado a uma aranha mutante? Ou morcegos piranhas-vampiros? — Shay sorriu para nós. — Vamos lá, é uma aventura. Além disso, turistas vão até lá toda hora. O vulcão não pode ser tão perigoso assim.

— Imagino que os turistas não estejam tentando roubar um objeto proibido embaixo dos narizes de bruxos malignos.

— A não ser que paguem pelo pacote *de luxe* — respondeu Shay solenemente.

Olhei para ele por um momento antes de começar a rir.

— Você é louco, cara — disse Mason, mas ele ria também.

— O que foi que eu perdi? — perguntou Adne, enquanto ela e Ren se juntavam a nós. Me virei e vi que o portal tinha desaparecido, junto com Anika.

— Só o senso de humor distorcido de Shay — respondeu Connor. — Vamos para o barco.

Mason, Adne, Connor e eu subimos no barco, enquanto Shay e Ren o empurravam da praia para a água. Connor ligou o motor, nos lançando sobre as ondas em direção a Whakaari.

— Então, onde Logan entra neste plano? — gritei sobre o ruído do motor e o quebrar das ondas.

— Precisamos de Logan do lado de dentro. — Adne tapou os olhos quando o sol surgiu no horizonte. — Ele será essencial quando Shay chegar à Fenda.

— Por quê? — perguntei.

— Um Defensor, e somente um Defensor, pode convocar Bosque e forçá-lo a mostrar sua verdadeira forma. Shay não poderá bani-lo a menos que isso aconteça.

— Como um Defensor pode forçar Bosque a fazer qualquer coisa? — perguntei. — É ele quem os controla.

— Tem a ver com o juramento que os Defensores fazem para conseguir seus poderes, um teste de lealdade — explicou ela. — A fidelidade deles ao Precursor só pode ser selada quando ele não está mascarado por um encanto. Eles precisam se comprometer com a coisa de verdade e, pelo que ouvi falar, ela não é nada agradável.

— Verrugas e tudo mais — disse Connor.

— Acho que é muito pior do que verrugas — disse Adne.

— Com sorte, vamos ver com nossos próprios olhos — completou ele.

— E põe sorte nisso — disse Mason.

Connor deu um sorriso discreto e disse:

— Quando Logan completar a invocação, Bosque estará em sua verdadeira forma. É uma maneira de subordinar os Defensores às Trevas, mas no nosso caso, isso cria a abertura da qual precisamos para banir o Precursor.

Eu detestava a ideia de estarmos dependendo tanto de alguém tão escorregadioço como Logan.

— Será que realmente podemos acreditar que Logan manterá sua parte no acordo? — perguntei.

— Claro que não! — Connor riu. — Porém não temos escolha.

— Mas e se ele mudar de ideia? — gritei. — E se chegar à conclusão de que, na verdade, está escrito que os Defensores vão ganhar?

— Isso pode acontecer. — Connor deu de ombros. — Não há muito que possamos fazer quanto a isso.

— Mas ele sabe onde fica a Academia!

Adne balançou a cabeça e disse:

— Não tem problema. Já cuidamos disso.

— Como? — Enxuguei do rosto a água que espirrava das ondas batendo no barco.

— Desculpe! — gritou Connor. — Vou tentar achar uma rota mais calma.

— Nós o enfeitiçamos — disse Adne. — Se ele citar a Itália ou a Academia ou até mesmo tentar mostrá-la em um mapa, vai sufocar até a morte em seu próprio

vômito.

— Assim como o que aconteceu com o Sr. Selby, na aula de Grandes Ideias — disse Shay. — Anika disse que os feitiços são coisas que todos os bruxos podem remover com facilidade, sejam amadores ou profissionais como esses caras.

— Os Defensores sempre podem descobrir um modo de quebrar nosso feitiço, é claro — disse Connor.

— Não precisamos da sua opinião, Connor. — Adne deu um tapa nas costas dele. — Apenas guie o barco!

— Você está bem? — Shay inclinava-se sobre Mason, cujos olhos estavam fechados enquanto agarrava firme a borda do barco.

Mason não abriu os olhos, mas fez uma careta quando Connor bateu contra outra onda, nos encharcando.

— Desculpe! — gritou Connor, embora vibrasse ao nos ver saltar de um lado para o outro.

— Só me prometa que, se ganharmos, nunca mais vou ter que entrar em um barco — pediu Mason. — Isso é tudo que eu quero. Nada de barcos.

— Feito. — Shay colocou seu braço ao redor de Mason. — Nada de barcos.

Ren levantou-se para se sentar ao meu lado.

— Como você está? — perguntou ele, inclinando-se e deslizando a mão sobre a minha.

— Vou ficar bem — respondi, lambendo o sal nos meus lábios. — Embora ache ótimo o plano de Mason de “sem barcos”.

— É. — Ele sorriu. — Lobos e o oceano. Não é natural.

— Pode crer — concordei.

Ele se agachou, murmurando em meu ouvido.

— Eles machucaram você, Calla? Fiquei preocupado... Efron... Ou o meu... Emile...

Balancei a cabeça e disse:

— Só o espectro. — Ren apertou meus dedos e olhei para ele, acrescentando: — Eu estou muito bem, Ren. Mas Sabine...

Minha garganta se fechou. Por melhor que fosse o plano, eu odiava a ideia de Sabine ficar à mercê de Efron.

Ainda apertando meus dedos com força, ele rosnou, olhando para a ilha que assomava diante de nós.

— Não queria que ela fosse. Nenhum de nós queria. Discutimos muito sobre isso.

Fiz que sim com a cabeça. Pelo menos eu não era a única pessoa incomodada com essa estratégia. O preço parecia alto demais.

— Pensei que Ethan acabaria matando alguém — lembrou Ren. — Ele ficou louco.

— Com certeza — comentei.

Ren sorriu para mim.

— Tipo como Shay e eu ficamos quando eles te levaram.

— O que aconteceu? — perguntei, corando ao ver o carinho em seus olhos. — Depois que o espectro me atacou?

— Havia um outro espectro. — O sorriso dele desapareceu. — Dois Defensores nos aguardavam na loja de mergulho. Connor saiu com Adne para o convés. Ela correu o mais rápido que pode.

— E o espectro? — Eu tremia, odiando a lembrança do fedor dele em minhas narinas, queimando meus pulmões. Da sensação de estar sendo esfolada.

— O outro veio até nós. — Ren enrijeceu. — Pensei que pelo menos alguns morreriam antes de conseguirmos fugir.

Ele olhou para Shay, que conversava amigavelmente com Mason. Ele tinha conseguido arrancar risos do lobo mareado, o que era impressionante.

— Connor gritava para que todos ficassem para trás, mas Shay pulou na sua frente — contou Ren. — E puxou aquela espada.

Avistei o punho da espada pendurado sobre o ombro de Shay.

— A espada deteve o espectro — disse eu.

Ren confirmou com a cabeça.

— A criatura não foi destruída, mas quando Shay a golpeou, ela gritou. Nunca tinha ouvido um som como aquele. Pensei que meus ouvidos fossem explodir. O espectro não conseguia passar por ele, e Shay o segurou até Adne abrir o portal e nós escaparmos. — Ren soltou um resmungo e acrescentou: — Mas não pudemos fazer nada por você. Você tinha desaparecido.

— Estou aqui agora — respondi, tirando a mão de seu alcance.

— Eu sei — disse ele, franzindo a testa, mas em seguida se inclinou para frente e beijou minha bochecha, rápida e suavemente, apesar do meu rosnado de advertência. — Se a gente perder você... Não quero pensar nisso. Mas você está aqui e é o que importa.

Olhei para Shay. Ele nos fitava e não parecia nada satisfeito, mas também não avançou para cima de Ren, o que me pareceu estranho. Acenou com a cabeça e percebi que ele e Ren entreolhavam-se, com semblantes muito calmos e de respeito mútuo. Que diabos era aquilo?

Alguma coisa tinha mudado enquanto eu estive fora. Sabia que deveria estar feliz por eles não estarem brigando, mas em vez disso fiquei arrepiada. O que estava acontecendo com eles?

— Quase lá! — gritou Connor, reduzindo a velocidade do barco.

— Aleluia! — Mason ergueu os braços para o céu.

Shay riu e disse:

— Você sabe que está comemorando nossa chegada a um vulcão ativo, não é?

— Troco o mar por terra firme em qualquer circunstância — replicou Mason. — Mesmo a terra firme que pode explodir a qualquer momento sob os meus pés.

Enquanto nos aproximávamos de Whakaari, o oceano lambia tranquilamente a beirada da ilha localizada na Baía da Abundância, Nova Zelândia. O motor ronronava enquanto Connor navegava a costa, até ancorar o barco sobre uma faixa estreita de areia no meio de uma sombria rocha vulcânica que se expandia na paisagem. Os únicos sinais de vida eram as aves que arrebatavam no ar sobre nós. Ao pular na areia, fiquei impressionada com a estranha mistura de cores que retratavam a ilha. Pedras cinza-escuras e marrons contrastavam com os pedaços de cristais verde-limão e amarelos crescendo entre elas. Em intervalos, surgiam fios de rochas da cor de ferrugem, como se Whakaari tivesse feridas que sangravam espontaneamente.

Um vapor subia de fendas na ilha, enchendo o ar com gás nocivo.

— Retiro o que disse — comentou Mason, tapando o nariz. — A água é melhor do que este cheiro. Por que continuamos a fazer coisas que me causam ânsia de vômito?

— Já ia me esquecendo. — Connor arremessou máscaras de gás para cada um de nós. — Caso a fumaça fique mais forte.

— Para onde vamos? — perguntou Shay.

— A leste daqui — Connor saiu do barco e começou a procurar alguma coisa na jaqueta. — Subindo um pouco até o cume. Não é tão longe, no entanto.

— E não sabemos o que nos espera? — perguntou Ren.

Adne balançou a cabeça, dizendo:

— Ninguém que foi mandado para cá voltou.

— Vocês nunca têm boas notícias, gente? — retrucou Mason. — Nunca ouviram falar do poder do pensamento positivo?

— Sou sincera demais para ser positiva — respondeu Adne, lançando um sorriso malicioso para ele.

— O que você está fazendo? — Shay examinou Connor, que estava de costas para nós. — O que é isso?

Shay pegou o braço de Connor, virando-o para mostrar um pequeno caderno enfiado na palma da mão.

— Ei! — gritou Connor. — Eu estava no meio de uma frase.

— Você está... fazendo anotações? — perguntou Shay.

Connor pigarreou, coçando a nuca, inquieto.

— É só... Eu pensei que... Você sabe... Silas.

Adne se aproximou de Connor, ficou na ponta dos pés e deu um beijinho recatado em seus lábios.

— Você é um homem bom afinal de contas.

Ela sorriu com tristeza e começou a se afastar, mas Connor deslizou seus braços ao redor da cintura dela e a levantou do chão. O beijo que ele tascou nos lábios de Adne foi qualquer coisa menos recatado e durou tanto, que em dado momento todos nos viramos, constrangidos.

Quando Connor finalmente a colocou no chão, a voz dele estava rouca.

— Desisto. Eu te amo, Adne. Sou completa e loucamente apaixonado por você.

Adne entrelaçou seus dedos aos de Connor, apertando a mão dele.

— Só não morra lá dentro, OK? Nós temos muito o que conversar quando isso tudo acabar — disse ela.

— Farei o possível. — Connor quase caiu quando ela se atirou nele, beijando-o novamente. Mason assobiou e começou a aplaudir. Todos trocamos olhares: nossos sorrisos maliciosos substituindo momentaneamente a tensão de um combate iminente. Só Ren não sorria. Ele olhava para Connor, desconfiado.

— O que foi? — perguntou Connor, franzindo a testa para o alfa.

— Ela é minha irmã — murmurou Ren.

Connor olhou para ele e disse:

— Eu sei. E eu a amo.

— Muito bem — disse Ren. — Mas quais são as suas intenções?

— Minhas intenções? — Connor olhou de Ren para Adne, franzindo a testa.

Ren sorriu, mostrando a Connor seus caninos afiados.

— Quando tudo isso acabar, você e eu também temos muito o que conversar.

DEZENOVE



Connor liderou o caminho enquanto nos arrastávamos sobre pedras escarpadas que cortavam minhas patas. Não foi uma longa escalada, mas foi cansativa. Tivemos que nos desviar de buracos profundos na terra, de onde explosões de vapor ou gás venenoso eram vomitadas sem aviso. Diferentemente da floresta brilhante na costa, Whakaari era desprovida de vida, um ambiente totalmente alienígena. Apesar da paisagem de tirar o fôlego, o lugar era sinistro demais para ser bonito e sua própria aparência servia para afugentar invasores.

— É aqui! — chamou Connor, acenando para que seguissemos adiante. Havíamos alcançado um ponto onde o declive aumentava subitamente. Logo à frente, havia um rasgo na superfície da rocha. Fios de vapor fugiam da abertura, dançando como laços de seda levados pelo vento.

Ao me aproximar da fenda, vi a forma como o vapor refletia uma centelha de luz dentro da caverna. Suas cores alternavam entre o prateado, o vermelho escarlate e o dourado enquanto fugiam da escuridão para se dissipar no ambiente acima de nós.

Mason correu para a entrada, fungou o local e bateu com a pata no chão, ansioso. Connor ergueu as sobrancelhas e Mason mudou para a forma humana.

— Quer que a gente entre aí? É sério? — perguntou ele, encarando a caverna. — O lugar tem cheiro de morte. Uma morte horrível e peidorrenta.

— Existe outro tipo de morte? — perguntou Connor.

— Ele tem razão — Adne cobriu a boca e o nariz. — O cheiro é podre.

— Vamos todos fazer uns *corsages* ou acabar logo com isso? — perguntou Connor, apontando para a caverna.

— Sabe mesmo o que é um *corsage*? — Adne riu. — Estou impressionada.

— Impressionante mesmo — disse Mason. — Bem cavalheiresco da sua parte. Só não é muito másculo... *Corsage*...

Adne pôs as mãos no peito de Connor.

— Não dê ouvidos a ele, gatinho. Continuo achando você muito másculo.

Connor soltou um palavrão e se enfiou na caverna, enquanto Adne ria.

— Você não vai pegar leve com ele depois do que ele disse? — perguntei a ela.

— E, por acaso, isso seria divertido? — perguntou Adne com um sorriso malicioso.

— É melhor deixá-lo aos seus pés — disse Ren antes de seguir Connor. — Do contrário, eu ficaria desapontado.

— E eu não gostaria de desapontar meu irmão mais velho.

— Boa menina. — Ele sorriu para ela e desapareceu na caverna.

Me espremi para entrar. O ar estava quente, abafado e tinha um cheiro horrível. Comecei a suar na mesma hora. Gases nauseabundos invadiam-me a cada respiração, desagradáveis, mas não perigosos a ponto de precisarmos colocar as máscaras. O túnel era estreito, porém não muito. Podíamos nos mover sem nos curvar. Tons sutis e tremeluzentes, parecidos com luz de fogo, iluminavam o caminho. A leve subida me dizia que nos dirigíamos lentamente para o umbigo do vulcão.

Connor parou de repente, caindo de bruços e se contorcendo adiante. Ao me aproximar, entendi por quê. O túnel se abriu, revelando uma ampla saliência. Connor tinha se agachado para olhar através da abertura. Um a um, ficamos de bruços ao lado dele. Prendi a respiração pela profundidade da queda. O caminho continuava além da saliência, de onde caía repentinamente, transformando a linha reta em um espiral íngreme e apertado.

Mais de 30 metros abaixo, vi um espaço aberto, um círculo amplo cravado na rocha vulcânica. A superfície lisa era rompida apenas por saliências ocasionais, que cuspiam vapor. Uma laje de pedra levantada — uma recordação desagradável da pedra sacrificial na câmara dos abaixo da Eden — jazia no centro do lugar. Flutuando acima do altar estava a figura reluzente de uma mulher. Camadas diáfnas de vermelho e dourado circundavam seu corpo, dando a ela uma materialidade que eu sabia não estar verdadeiramente lá.

— Cian — sussurrou Shay.

Connor soltou uma lista de palavrões.

— Ela não está sozinha.

Segui o olhar impassível de Connor, que ia até três fogueiras posicionadas como sentinelas ao redor da silhueta brilhante de Cian.

— Espera aí — disse Mason, franzindo a testa. — Como o fogo pode estar se movendo?

As chamas movimentavam-se lentamente em círculos ao redor da pedra. Olhei atentamente para elas e percebi que não eram amorfas. As fogueiras douradas e escarlates que dançavam tinham um formato.

— Ai, meu Deus — sussurrei. — Isso não é possível.

Ren me encarou e fez que sim com a cabeça.

— Eu sei.

— Sim, é possível. — A boca de Adne virou uma linha fina. — Aquilo são lobos.

— Achei que fossem lendas — comentou Connor, massageando as têmporas. — Agora entendo por que ninguém sai daqui vivo.

— O que são eles? — sussurrou Mason, olhando assustado para as furiosas criaturas que rodeavam Cian, abaixo de nós.

— Lyulfs — disse Adne. — Lobos de fogo.

— Não são lobos — sussurrei, detestando o fedor de enxofre e carvão queimado que nos rodeava.

— Não são do tipo peludo — explicou Connor. — Mas são lobos, sim. Os Lyulfs são os bichos de estimação preferidos do Precursor. Ele os usou na primeira batalha entre Defensores e Inquisidores. Só ele pode invocar essas feras e...

Ele se calou de repente, quando Adne lhe lançou um olhar de alerta.

— E o quê? — perguntei.

— Não importa — respondeu Adne.

— Fala logo. — Shay passou a espada para as costas, buscando um ângulo melhor para ver os três Lyulfs.

Connor fez uma careta.

— A lenda diz que eles foram a inspiração para os Defensores criarem os Guardiões.

— Não é bem uma cópia perfeita. — Mason riu. — Eu, pelo menos, não consigo me transformar numa tocha humana... Ou num lobo tocha.

— Não importa o que inspiraram ou quando lutaram — disse Shay. — Como os matamos?

— Não podemos matá-los. — Connor virou-se e encarou o teto da caverna. — Esse é o problema. Lyulfs são poderosas criaturas das Trevas, como os espectros. Pior do que espectros, na verdade.

— Acho difícil acreditar que exista algo pior do que os espectros — comentei.

— Concordo — disse Ren.

— Você já queimou a língua? — perguntou Connor. — Gostou da sensação?

Franzia a testa.

— Do que está falando?

— Como pretende morder uma coisa feita de fogo? — Ele me encarou. — Você queimaria seus pulmões e morreria em menos de um minuto. Não podemos lutar contra eles. Não sei o que faremos.

— Consegui afugentar aquele espectro — interveio Shay. — Posso fazer o mesmo aqui.

— Não vai conseguir vencer os três ao mesmo tempo — rebateu Connor. — E precisamos que você pegue a lâmina.

— Interferência — disse Ren. — Como fizemos com os morcegos. É isso que precisamos fazer.

Connor fitou Shay e então desviou os olhos.

— Alguns não vão sobreviver.

— Não temos escolha — disse Ren. — Além disso, não é por isso que só viemos nós? Porque sabíamos que nem todos sobreviveriam.

Connor praguejou em voz baixa, suas espadas sibilando ao serem retiradas das bainhas.

— Ninguém se lembrou de trazer uma pistola d'água? Poderiam fazer toda a diferença — disse ele.

— Então o que faremos? — perguntou Shay, ignorando-o.

— Vamos atrair os Lyulfs — disse Ren. — Se conseguirmos mantê-los atrás de nós, vamos ganhar tempo para você e quem sabe evitamos lesões graves. Connor cuida da segurança de Adne para que possamos sair daqui assim que você estiver pronto.

Connor não se virou para fitá-lo, mas concordou com a cabeça.

— Vamos — Ren se agachou e virou lobo. Ele me olhou de relance. Fiz que sim com a cabeça, troquei olhares com Mason e ambos viramos lobos.

Nós três fomos descendo o caminho espiralado rumo ao umbigo do vulcão, onde os lobos em chamas cercavam Cian, em uma caçada eterna a qualquer um que ousasse transgredir seu território. Olhei para trás e Shay, Connor e Adne nos seguiam a passos lentos.

Os vapores ficaram mais intensos à medida que descíamos e embrulharam meu estômago. Sacudi o focinho, enquanto as narinas ardiam pelo desconforto.

Seria tão melhor se não tivéssemos que respirar, reclamou Mason.

O pensamento de Ren viajou até nós.

Não percam o fogo.

Mason baixou o focinho concordando. Fiquei bem próxima de Ren. Agora estávamos tão perto que dava para ouvir as feras. Os Lyulfs emitiam rosnados baixos e constantes, enquanto seguiam seu invariável e contínuo curso, com músculos tensos, fazendo movimentos similares a um anel de fogo ao redor de Pyralis.

Ren parou sob as sombras de um afloramento de rocha. Era o último lugar que restava fora da visão deles antes do fim trajeto íngreme, deixando à nossa frente apenas a ampla câmara. Poucos passos adiante e estaríamos à vista dos Lyulfs, cara a cara.

Tentem mantê-los separados e em movimento. Não se deixem encurralar.

Ele ergueu o focinho e então uivou. Os Lyulfs cessaram o percurso, virando-se na direção de onde viera o som, que agora invadia toda a caverna. Os lobos de fogo

ergueram as cabeças e responderam com mais uivos. Vapor saía de suas bocas.

Ren saltou do esconderijo e Mason foi logo atrás.

Os Lyulfs ficaram onde estavam, marcando posição, rosnando e observando enquanto nos aproximávamos. À medida que nos aproximávamos, pude ver os olhos deles, carvões em brasa ajustados na chama que eram seus corpos. Um espaço vazio para o ódio e o desejo de matar.

Ren saltou na direção deles. Um dos Lyulfs agachou-se e deu um salto na direção de Ren. No último segundo Ren pulou para o lado, girando pelo chão e o Lyulf passou a toda velocidade por ele. Ren ficou de pé novamente. Ele rosnou, balançando o rabo, provocando o lobo.

Espalhem-se. Gritei telepaticamente para Mason e Ren. Mantenham eles ocupados. Precisamos ganhar tempo para Shay.

Corri para longe de Ren e rosnei para o segundo lobo, enquanto Mason mordida o ar em direção ao terceiro. O calor que saía do Lyulf era como uma fornalha. Disparei para passar por ele, antevendo seu ataque, e pude sentir o cheiro do meu pelo chamuscado. Fui para o lado mais afastado da câmara, na esperança de manter os lobos distantes do caminho que Shay precisava tomar. Não precisei olhar para trás para saber que o Lyulf estava colado em mim. A cada impulso que eu dava podia sentir o calor da criatura, chamas lambendo minha cauda.

Ouvi Mason soltar um ganido e girei o corpo, procurando por ele, que corria e ainda estava à frente do outro Lyulf, embora saísse fumaça da lateral de seu corpo.

Não pare de correr, Mason. Consegui me desvencilhar do meu atacante. Agente firme!

Avancei, mudando de direção, fazendo tudo que estava ao meu alcance para ficar longe da fera. Minha única alternativa era correr. Lutar não era uma opção. Do canto dos olhos, vi os relances de uma ação. Um lobo marrom-dourado cruzou a câmara e chegou até a plataforma onde pairava Cian. Ele mudou de forma e se jogou para ela de braços abertos. Uma onda de calor tocou minhas patas e dei um salto. Congelei no ar.

O lugar ficou totalmente escuro. Fiquei suspensa, em pleno vazio. Nada de luz. Nenhum som. Ainda conseguia respirar, mas não queria. Todas as nossas esperanças dependiam deste momento.

E então estava em queda livre. Acertei o chão com força, meu corpo chocando-se contra a rocha.

O Lyulf ainda estava atrás de mim. Sacudiu o focinho, fumaça saindo de suas narinas. Quando seus olhos focaram-se em mim, ele rosnou e avançou. Rolei de costas, sentindo o cheiro de pelo queimado mais uma vez, mas conseguindo fugir de seu ataque.

Shay gritava:

— Adne, abra o portal!

No lado oposto da câmara, vi luzes tremeluzentes à medida que Adne começava a tecer. O Lyulf também viu. Virando-se de costas para mim, o lobo de fogo uivou, chamando a atenção do outro lobo que perseguia Mason. O outro lobo também uivou e as duas bestas em chamas saíram em disparada na direção de Adne.

Precisamos detê-los, orientei Mason. Enquanto perseguia os Lyulfs, procurei por algum sinal de Ren. Quando o avistei, fiquei arrepiada. Ele mancava, com uma das patas para cima, enquanto tentava desvencilhar-se dos ataques do lobo de fogo. Mas a fera o encurralava, empurrando-o contra uma fissura esfumaçante na rocha.

Não sabia o que fazer. Os outros dois Lyulfs corriam para Adne. Não podia bloquear o ataque e ajudar Ren ao mesmo tempo.

Calla? Mason também viu o lobo de fogo cercando Ren.

Antes que tivesse tempo de responder, ouvi Connor gritar:

— Calla! Vem logo para cá, porra!

À minha frente, vi Connor com as espadas em riste, pálido com a aproximação dos lobos. Meu coração parecia estar se partindo ao meio. Eu sabia o que tinha que fazer.

Ren tem mais chances contra o Lyulf do que Connor. Enviei um pensamento inseguro para Mason. *Adne é nossa única saída daqui.*

Eu sei, respondeu Mason, dando mais gás na corrida.

Continue correndo, Ren, enviei para ele, sem coragem de olhar na sua direção novamente. *Estaremos aí, assim que pudermos.*

Só mantenha Adne em segurança. A resposta de Ren chegou a mim quase imediatamente. *Não se preocupe comigo!*

Cala a boca, resmunguei. *E fique vivo.*

Estávamos prestes a alcançar os lobos. Dei todo o impulso que pude e, em um salto, arremessei-me por cima das criaturas em chamas, aterrissando na frente deles e derrapando até parar diante de Connor. Girei e rosnei. Minha chegada surpreendeu o Lyulf, que arreganhou as presas brancas em brasas. Avancei, provocando a fera ao me colocar praticamente ao seu alcance e então deslizando para longe de sua mordida. Do canto dos olhos vi que Mason fazia o mesmo que eu.

Parecia estar dando certo. A fúria que sentiam pela incapacidade de nos pegar desviou a atenção deles de Adne e Connor.

Vamos tentar atraí-los na direção de Ren.

Estava a ponto de sair em disparada na direção do alfa, mas quando me virei, fiquei perplexa ao ver Ren vindo em alta velocidade na nossa direção. Dava para ver a dor em cada um de seus movimentos enquanto tocava o solo com a pata ferida. O Lyulf estava bem atrás dele e corria mais rápido, agora que Ren estava machucado.

Dei um latido de alerta quando o lobo de fogo saltou, mas não havia nada que eu

pudesse fazer. A criatura em chamas subiu no ar e estava prestes a cair sobre as costas de Ren.

Gire! Gritei na esperança de que Ren me escutasse a tempo. *Gire para o lado!*

Ren jogou o corpo para longe do lobo que caía sobre ele. Mas no mesmo instante, outro lobo surgiu na frente de Ren, abaixo do Lyulf. E então não tínhamos mais outro lobo, mas Shay com uma espada em cada mão.

As espadas gêmeas talharam o lobo. A criatura guinchou e cuspiu fumaça. Em seguida, não havia nada além de cinzas, caindo suavemente feito neve nos ombros de Shay. Ele girou e me olhou nos olhos, enquanto eu, em um salto, passei por ele. Shay manuseava as espadas com tanta rapidez que eu não conseguia seguir os movimentos. Outro grito veio do Lyulf que me perseguia antes que virasse pó.

Connor gritou:

— Progêrito!

O grito de celebração foi um terrível engano. O Lyulf que havia estado concentrado em Mason girou e cerrou os olhos excessivamente ardentes, enquanto corria em direção ao Inquisidor. Mason uivou, para tentar distrair o Lyulf, mas o lobo em chamas o ignorou.

Connor ergueu suas espadas quando o lobo de fogo deu um salto.

— Adne, para trás!

Corri, mais do que certa de que não chegaria lá a tempo. Shay estava ao meu lado, em forma de lobo, suas unhas batendo no chão de pedra enquanto corríamos.

O grito de Adne ecoou pela caverna.

— Não! — Em seguida ela empurrou Connor.

A aparição dela pegou o lobo de surpresa, fazendo-o com que seu ataque sofresse uma leve alteração. Ela ergueu os braços, e o Lyulf cravou os dentes em um de seus bíceps. Ela estremeceu ao ser arremessada no chão.

Connor se levantou correndo.

— Adne!

Ele se jogou na direção do lobo, mas eu o alcancei antes, jogando-o para o lado. Shay mudou para a forma humana e acertou o Lyulf, que já estava em cima de Adne. O lobo estremeceu e foi se desfazendo, cobrindo Adne de cinzas.

— Sai de cima de mim! — Connor me empurrou, lutando para ficar de pé. Correu para Adne.

— Connor. — Shay estava ajoelhado ao lado dela. — Espera.

— Me deixa ver Adne! — Ele derrubou Shay e a envolveu em seus braços. Os olhos dela estavam cristalinos e ela não se movia.

Connor começou a chorar. Voltei para a forma humana e me agachei ao lado dele. Prendi a respiração ao ver para onde ele olhava. O braço de Adne, dos dedos da mão até o ombro estava irreconhecível. A pele estava preta de tão queimada e dava

para ver o branco dos ossos onde o lobo havia cravado em sua pele. A blusa fora parcialmente queimada, revelando bolhas vermelhas no pescoço e no peito.

Ren veio mancando para o nosso lado, gemendo. Ele mudou de forma e se ajoelhou atrás da cabeça da irmã.

— Ela está respirando? — perguntou ele

— Não sei — respondeu Connor aos prantos. — Não dá para saber.

— Me deixe vê-la — disse Ren.

Mason puxou Connor para trás e Ren esticou-se ao lado de Adne, pousando a cabeça no esterno dela. Segundos depois, deu um longo suspiro.

— Está fraquinha, mas está aí — comentou Ren. — Preciso dar sangue a ela.

— Ela está em estado de choque — disse Shay. — Não sei se vai conseguir engolir.

— Só podemos tentar — disse Ren.

Quando Ren mordeu o braço, notei que a mão dele estava extremamente queimada, a pele em carne viva e com bolhas.

— Levante a cabeça dela — instruiu ele a Shay. Quando Shay ergueu o queixo de Adne para o lado, a cabeça apoiada em suas mãos, Ren abriu a boca da irmã suavemente e deixou que o sangue escorresse. O sangue encheu a boca de Adne e o líquido vermelho gotejou por seu queixo.

— Vamos lá, Adne — murmurei. — Você é uma guerreira.

— Por favor. — Connor desvencilhou-se de Mason e caiu de joelhos ao lado dela.

— Por favor, volte para mim.

A garganta de Adne moveu-se. Ela engoliu o sangue.

— Mais — continuei. Ren pressionou o braço na boca da irmã. Ela voltou a engolir. E mais uma vez. Ela ergueu o outro braço, seus dedos seguraram o pulso de Ren, enquanto ela tomava o sangue. Lentamente, seu corpo começou a se recuperar.

A vermelhidão e as feridas sumiram do peito e do pescoço. Uma nova carne formou-se em seu braço, as partes queimadas de seus músculos cedendo enquanto o sangue de Ren a curava. Um minuto depois, todas as marcas deixadas pelo Lyulf haviam desaparecido. Ela se sentou e enxugou a boca.

— Isso foi incrível. — Ela olhou para o braço cicatrizado e esticou os dedos.

Connor ergueu-a nos braços.

— Droga, garota. — Ele a beijou, enroscando seu corpo ao dela. — Que maluquice foi aquela? Nunca mais tente me salvar.

— Você estava prestes a se sacrificar para me proteger. — Ela sorriu para ele. — De jeito nenhum eu deixaria você fugir tão facilmente da nossa relação.

VINTE



Ondas lambiam a costa a poucos metros de onde havíamos aterrissado nas rochas. Olhávamos a Cruz Elementar há vários minutos, fascinados, sem fôlego, e tentando acreditar que havíamos realmente conseguido cumprir nossa missão impossível.

— Estou me coçando para fazer uma observação engenhosa do tipo “achei que ela seria mais brilhante” — comentou Mason, pressionando a mão na ferida do braço que havia aberto para dar sangue a Ren. — Mas tenho de admitir que esse brilho parece ser a quantidade perfeita.

Shay riu, jogando as espadas para o alto e apanhando-as novamente sem nenhum esforço. Não sabia ao certo se era realmente o brilho das espadas, mas havia algo nelas que a deixava perfeitas, completas.

Era a primeira vez que via Eydis, uma vez que fui tirada da luta no México antes do previsto. De todas as peças da cruz, achava Eydis a mais linda. O cabo da segunda espada de Shay tinha o mesmo tamanho e forma da de Haldis, mas enquanto o cabo da terra brilhava com um tom de barro e de solo fértil, o cabo de água possuía um brilho azul-celeste, verde-água. As cores mudavam constantemente em sua superfície, causando a impressão de que dentro dela havia água em movimento.

A lâmina de Eydis me fez estremecer. Sua superfície soltava chamas que pareciam estar vivas, como a pele em brasa dos Lyulfs. Shay jurou que não sentia nenhum calor das chamas, mas sempre que algum de nós tentava se aproximar de Pyralis, seu fogo intenso impedia uma inspeção mais próxima.

Enquanto descansávamos, assimilando a grandiosidade dos últimos eventos, Shay praticava o uso simultâneo das espadas. Apesar de já tê-lo visto lutar com a Cruz Elementar contra os Lyulfs, ainda assim seu poder me deixava hipnotizada. Quando Shay se movimentava, as espadas tornavam-se extensões de seu corpo. Ele fluía com as investidas das lâminas. E o som. O som delas era diferente de tudo que eu já tinha ouvido. A cada ataque, a cada movimento, ouvia-se uma lufada de vento, o bater das ondas, o rugir do fogo — tudo harmonizado com a quietude da terra. O poder que percorria as lâminas, cujo alicerce era a força de cada um dos cabos, era palpável e me deixava arrepiada. Mas não eram apenas as espadas, era também o

próprio Shay. Graça, força e uma concentração inabalável transpiravam de seu corpo, enquanto ele orquestrava harmonicamente a Cruz Elementar. Ao manejar as espadas ele ficava ainda mais lindo... E terrível.

Estremeci ao observá-lo, parte de mim questionando se ele conseguiria ser isso — essa força que era o Progênito — e ainda ser o garoto que eu amava.

Olhei de relance para Ren, que estava sentado entre Mason e eu. Seus olhos acompanhavam cada movimento de Shay, semicerrados em concentração. Ele estava pensativo ao observar o Progênito. A estranheza de seu olhar me surpreendeu. Pude jurar que seus olhos escuros estavam tristes, quase arrependidos.

— É melhor voltarmos — disse Adne. — Anika precisa da gente.

— Você tem razão — concordou Connor. Ele descansava preguiçosamente no chão, com Adne deitada sobre ele. A pose dele era falsamente casual, mas eu vinha observando a forma como ele colocara um dos braços ao redor dela, segurando-a bem rente ao corpo como se nunca mais fosse soltá-la, enquanto acariciava seus cabelos com a outra mão. — Já curtimos o gosto da vitória. Hora de voltar para a batalha.

Adne beijou o queixo de Connor e ficou de pé em um pulo.

Uma sensação ambígua, boa e ruim ao mesmo tempo, subiu por minhas espinhas, enquanto Adne tecia o portal que nos levaria de volta à Academia. Havíamos atingido nosso objetivo, mas esta breve celebração significava que o perigo havia aumentado ainda mais. Em algumas horas estaríamos atacando em cheio os defensores. Tudo no meu mundo estava do avesso. Os mestres a quem um dia eu servi agora eram meus inimigos e eu estava prestes a ingressar em uma batalha na esperança de destruí-los.

— Está pronta? — perguntou Ren. Quando o olhei nos olhos, soube que estávamos pensando a mesma coisa.

Estiquei os dedos e me levantei.

— Tenho que estar. Todos nós — respondi.

— A história o aguarda — Connor disse a Shay enquanto apontava para o portal reluzente.

— Só porque está tentando fazer anotações para Silas, não quer dizer que precisa falar como ele — disse Adne.

— Tem razão — disse Connor, fazendo uma careta.

Do outro lado do portal fomos recebidos com urros dos Inquisidores reunidos. O centro tático de Haldis não havia sido construído para abrigar todos os Inquisidores ao mesmo tempo. O local estava aglomerado, alguns se espremendo contra as paredes e muitos outros tomavam o corredor logo na saída.

Quando Shay apareceu, a multidão silenciou, à espera. Quando ele ergueu a Cruz Elementar, o lugar explodiu de alegria. Anika correu para Shay e se curvou. Quando

ergueu o rosto, lágrimas escorriam de suas faces.

Ela ergueu os braços e o barulho tornou-se um burburinho.

— Temos apenas algumas horas. Estão todos cientes de suas atribuições. Estejam preparados para partir às seis horas da manhã.

Minutos depois, o lugar estava vazio. Alguns Inquisidores permaneceram olhando para as espadas e murmurando seus agradecimentos a Shay, mas logo só restavam o nosso grupo e Anika no salão.

— Estão todos bem? — perguntou a Seta. — Não vão precisar dos Elixires?

Connor deslizou o braço ao redor da cintura de Adne e disse:

— Foi por pouco, mas tivemos elixires sob medida com nossos amigos lobos.

Anika observou o jeito firme com que Connor segurava Adne. Um sorriso sutil surgiu em seu rosto e logo desapareceu.

— É — comentou ela, e se virou para os lobos. — Somo gratos por esse dom.

— Que horas são, afinal? — Mason bocejou.

— Quatro — respondeu Anika.

— Faltam duas horas — disse Ren.

— Infelizmente, terá que ser apenas uma — interveio Anika. — As equipe estão inteiramente preparadas, mas preciso que vocês se apressem. Descansem um pouco e me encontrem aqui.

— Alguma notícia de Vail? — perguntei. Nossa missão tinha sido vital, mas não era a única em ação. O perigo era alto em todas as frentes.

— Nada — respondeu ela. — Mas vamos ver se algo muda depois de informá-los que temos a Cruz.

Mordi o lábio, curiosa em saber se Sabine tinha encontrado meu pai. O que Nev e Ethan estariam fazendo? Será que Nev estava se arriscando ao tentar encontrar outros lobos no patrulhamento? Conseguiria convencê-los a vir para o meu lado?

Tanta coisa dependia que cada peça encaixasse no lugar certo. Se ficasse faltando uma, fracassaríamos.

Connor tinha se inclinado para sussurrar algo no ouvido de Adne. Ela fez que sim com a cabeça e ele então pigarreou, pronunciando-se para o restante do grupo.

— Se me dão licença, vamos descansar um pouco. A gente se vê daqui a uma hora.

Quando eles se retiraram, ouvi um rosnado baixo e ao me virar vi que Ren estava indo atrás deles.

Agarrei-o pelo braço e disse:

— Não se atreva.

— Ele está querendo se aproveitar dela. — Ren estava arrepiado, pronto para atacar.

— Não, ele não está. — Puxei Ren pelas costas. — Confie em mim.

Ele me olhou desconfiado, mas desistiu de se soltar.

— O que você vai fazer? — perguntou ele. — Descansar?

— Sem chance — respondi, sentindo o coração acelerar. — Mas vou trocar de roupa. Estou com essa mesma há dois dias. Talvez uma chuvaírada...

Ele sorriu com malícia e minhas bochechas arderam.

— Deixa para lá. — Soltei os braços dele e recuei alguns passos quando flashes de Ren vestindo apenas uma toalha passaram na cabeça.

Ele riu de leve.

— Vejo você em uma hora, Lily.

Odiei que ainda estivesse ruborizando então me conformei com apenas rosnar para ele. Isso só fez com que ele risse ainda mais.

— Eu sou o único com fome aqui? — Mason massageou o estômago.

— Bryn e Ansel estão na cozinha — disse Anika. — Tess deve estar com eles.

— Na cozinha? — Shay franziu a testa. — Por quê?

— Depois do incidente com Logan achamos por bem mantê-lo em um único local.

— Obrigações na cozinha, então? — perguntei.

— Lavar a louça é punição suficiente para alguém que passou pelo que seu irmão passou — disse Anika, com um sorriso lúgubre. — Ele não pode agir da forma como agiu e ficar solto por aí. Mas talvez todos aqui tivessem feito a mesma coisa que Ansel se estivessem no lugar dele.

— Que bom que você vê dessa forma.

— A cozinha deve mantê-lo longe de problemas — disse Anika.

— E é para lá que eu vou, então — comentou Mason. Ao passar por mim, inclinou-se e sussurrou: — Será que ela não pensou no número de facas que An pode roubar da cozinha?

Olhei para trás e vi que Anika estava absorta em uma conversa com Shay, que segurava as espadas para que ela as inspecionasse.

— Vou com você — falei, pegando no braço de Mason. Consegui evitar que meus olhos se encontrassem novamente com os de Ren. Não sabia o que encontraria em seus olhos e não estava segura o suficiente de que estava num estado mental para lidar com a descoberta.

Muitas conjecturas sobre nossas chances, nossos riscos e todas as perdas que haviam ocorrido me passavam freneticamente pela cabeça. Tipos de pensamentos que provocavam decisões impulsivas e irracionais. Eu precisava estar mais equilibrada do que isso para a batalha.

— Quer vir comigo encontrar Ansel e Bryn? — perguntou Mason, parando ao pé da escadaria.

— Já estou indo — respondi. — Mas preciso tirar essa roupa.

— Precisa, mesmo. — Mason concordou com a cabeça. — É que sou educado

demaís para comentar.

— Obrigada — respondi, dando um soco em seu braço.

— Te vejo daqui a pouco! — Ele apertou minha bochecha e desceu as escadas aos pulos.

O cansaço invadiu meu corpo quando entrei em meu quarto e fechei a porta silenciosamente. Me esforcei para trocar de roupa antes, embora a cama me chamasse. Se me deitasse talvez não conseguisse acordar antes da hora de partirmos. Usei minha camisa para esfregar o máximo possível de sujeira e fuligem da pele. Uma chuveirada seria o ideal, mas estava preocupada demais com a hora e com uma possível emboscada de Ren no vestiário.

Tinha acabado de desafivelar meu cinto quando ouvi uma leve batida na minha porta.

— Quem é? — perguntei.

— Shay.

Um nó se formou em meu estômago. Tinha me preocupado com Ren, mas o som da voz do Shay me fez esquecer de tudo. A vida dele estava tão focada na luta que estava por vir. Ele era a chave. Ele era o Progênito. E agora ele tinha a Cruz Elementar.

Mas estava batendo à minha porta e ainda era o garoto que eu amava... Não era?

— Entra.

Ele entrou no quarto, mas manteve distância.

— Podemos conversar?

O nó em meu estômago petrificou-se, tornando-se um caroço doloroso, pesado. Fiz que sim com a cabeça.

— Não quero bancar o emo pra cima de você — disse ele —, mas quero que saiba que você vai ficar bem. Não importa o que aconteça hoje à noite.

A sensação de pedra no estômago dissolveu-se dando lugar a surpresa.

— O quê? — perguntei.

— Você não vai estar sozinha. — Ele veio na minha direção.

Olhei para ele completamente perplexa.

— Não vou estar sozinha?

— Não. — Ele agarrou minhas mãos. — Ren e eu...

Arranquei minhas mãos das dele e disse, sibilando:

— Você e Ren?

— É... Nós...

— Vocês o quê? — grunhi.

— Bem... — Ele engoliu em seco e recuou ao ver que meus dentes afiavam-se.

— Tivemos a oportunidade de conversar — disse ele.

— Sobre o quê?

— Sobre você... Pensamos que...

— Quando você e Ren conversaram sobre mim? — perguntei.

— Eles deixaram a gente amarrado por um bom tempo. — Ele pegou uma poltrona e colocou-a entre nós como uma barreira. — Mason tirou uma soneca... Isso foi depois dele me morder.

Fui até ele, me ajoelhei no assento e agarrei a parte de cima.

— Estou ouvindo.

— Depois que desistimos de tentar nos desvencilhar da corda, discutimos por algum tempo.

— Que surpresa.

— Discutir sobre você acabou nos levando a uma conversa. — Ele deu mais um passo para trás, quando meus dedos furaram o estofado da poltrona.

— Prossiga.

Os olhos estavam arregalados.

— Acho melhor eu ir embora...

— Conta, Shay. — A ordem soou mais como um rosnado do que como uma frase.

— Escute, não fique brava. Odeio ter que dizer isso, mas talvez tenha me enganado em relação a Ren.

— Se enganado como?

Ele passou os dedos pelo cabelo.

— Ainda não gosto dele, mas não entendia o que ele realmente sente por você.

O fogo da minha ira corria o risco de ser substituído pelo medo que passou por minhas veias. Quanto eles teriam conversado? Aliás, que direito tinham de conversar sobre mim?

— Ele é apaixonado por vocês desde... Bem, praticamente, desde sempre.

— Você acredita nele? — Baixei os olhos, as batidas do coração rugindo em meus ouvidos. Sabia que era verdade, mas ver Shay acreditando e que agora estivesse falando sobre isso... Não entendia aonde ele queria chegar.

— Preferia não acreditar — respondeu ele em voz baixa. — Mas ele está sendo sincero, mesmo.

Não dissemos nada. O silêncio pairou entre nós, intenso como fogo. Finalmente ele suspirou e disse:

— Mas estou disposto a aceitar que isso é bom para todos nós.

Lancei-lhe um olhar sério.

— Por que está dizendo isso?

— Por que quando eu não estiver mais... — Ele deu um longo suspiro. — Sei que ele estará aqui para tomar conta de você. Ele me prometeu.

— Quando você não estiver mais?! — Olhei para ele espantada. — Do que você está falando?

— Calma, Calla — pediu ele. — Esta talvez seja nossa última chance de conversar. Não quero brigar com você.

— Ah, vamos brigar, sim. — Pulei da poltrona e mudei de forma no ar, trombando contra ele. Rolamos pelo quarto e então ele mudou de forma e, em seguida, éramos dois lobos rosnando, prestes a nos chocar contra a parede.

Que porra é essa? Rosnou ele, levantando-se.

Rosnei, agachando-me para saltar novamente.

Vou mostrar para você o quanto preciso que cuidem de mim.

Suas unhas arranharam o piso enquanto ele recuava.

Para com isso.

Não ia parar de jeito nenhum. Não me lembrava da última vez que estivera tão enfurecida como agora. Sem hesitar voei para cima dele. Giramos mais uma vez pelo chão, rosnando enquanto tentávamos tirar vantagem um do outro. Ele quase conseguiu me imobilizar, mas dei um forte impulso com as patas traseiras contra seu estômago, que o fez derrapar pelo quarto. Afobada, fiquei de pé e o persegui ao redor da cama.

Não preciso ser protegida. Gritei para ele enquanto corria. *E se decidir que quero ficar sozinha, ficarei sozinha.*

Não foi isso que quis dizer. Ele deu um pulo esquivando-se da minha mordida e subiu na cama. *Só quero que você seja feliz.*

Então não tome decisões por mim. Nunca.

Ele se agachou, agarrou a coberta com os dentes e deu um salto da cama. Uma teia de algodão opaco capturou-me.

Ei! Relutei, cega pelo tecido que me cobria. Não é justo.

Inovar não é justo?

Estávamos quites, nenhum de nós cedendo território ou ganhando uma vantagem de última hora. Tinha anos de lutas como loba a meu favor, mas Shay era menos inibido por seus instintos de lobo. Ele fazia escolhas na luta que nunca teriam me ocorrido.

Eu estava pronta quando ele me deu um encontrão. Me levantei imediatamente e me atirei contra ele, deixando-o sem equilíbrio. A frustração me possuiu e simplesmente rasguei toda a coberta em vez de tentar me livrar dela.

Shay rosnava, rondando-me. Me virei e me preparei para o ataque.

Ele batia a pata no chão, agitado.

Vem. Desafiei-o enquanto rosnava. Estava prestes a me jogar contra Shay, quando ele mudou para a forma humana e ergueu as mãos.

— Calma, Cal. Não que isto não seja divertido, mas não estou aqui para brigar com você. Só estava tentando argumentar.

Soltei um grunhido e mudei de forma.

— Argumentar sobre como desistir?

— Não estou desistindo. Estou sendo realista — disse ele. — Quais as probabilidades de eu sair dessa batalha vivo?

— As mesmas de qualquer um de nós — respondi. Embora, pensando melhor, não fosse bem assim.

— Não — contestou ele. — Não levando em consideração o que terei que fazer.

— O quê? — perguntei. — Então você é um herói, o que automaticamente quer dizer que vai precisar morrer no final?

— Provavelmente. E é por isso que Ren me prometeu que vai tomar conta de você. Até Harry Potter morreu. Bem, por alguns minutos.

Ignorei a piada e arreganhei os dentes.

— Por que você traria Ren para a história? Você odeia ele.

— Eu odeio ele porque ele é seu companheiro de matilha... Vocês fazem um par perfeito. — Ele deixou de olhar para mim e deu de ombros. De repente, riu e balançou a cabeça. — Se achasse que as coisas pudessem ser diferentes, juro que lutaria com ele até estarmos os dois em pedaços. Eu lutaria por você sempre, Calla. Não dou a mínima para o quanto ele te ama. Mas como eu disse, nós conversamos e vou aceitar o que decidimos.

— Se os dois estão tomando decisões por mim, por que ele não está aqui também? — perguntei, ainda fuzilando-o com os olhos. — Agora que vocês viraram tão amigos.

— Não iria tão longe. Chegamos a um entendimento — rebateu Shay. — Acho que ele se sente um pouco mal por mim.

Minha nuca ficou arrepiada.

— Por quê?

— Depois do que ouvimos sobre o que terei de fazer para acabar com tudo, acho que ele tem certeza de que vou morrer.

— Quer dizer, confrontar Bosque? — perguntei.

Ele fez que sim e disse:

— Vou precisar matar o único parente que conheci. E para piorar ele é o demônio-mor e tudo mais.

— Ele não é sangue do seu sangue. Não de verdade — lembrei. — Você sabe disso. E se tudo der certo, terá seus pais de volta.

— Pode ser. — Ele suspirou.

Levei minhas mãos ao seu rosto e fiz com que ele olhasse nos meus olhos.

— Você não vai morrer.

— Você parece ter tanta certeza. — Ele sorriu, mas seus olhos verde-musgo estavam tristes, como se já tivesse me perdido.

Deixei as mãos caírem.

— Você não vai morrer, porque eu sempre vou salvá-lo — argumentei. — É isso o que faço.

— Não desta vez — disse ele. — Isto é diferente. Este é o fim. Sei disso.

Rosnei e então lhe dei um tapa.

— Ei! — Ele pressionou a bochecha.

— Sempre diz isso quando te dou um tapa — comentei.

— Acho que é um problema você já saber o que vou dizer ao me dar um tapa — resmungou. — Não é esse tipo de intimidade que estou procurando.

— Você não está procurando por nenhum tipo de intimidade! — Cerrei as mãos com tanta força que os dedos ficaram brancos. — Você está fugindo disso! Você está fugindo de mim!

— Não sei do que você está falando — rebateu ele, massageando o rosto, vermelho pelo tapa. — Estava apenas tentando ser honesto.

— Honesto sobre desistir de mim? — Me recusei a chorar, então continuei gritando. — Honesto sobre não me amar?!

Desvencilhei-me dele, músculos tremendo de raiva e humilhação. Já havia previsto isso. Ele não era meu. Agora que era o Progenito, só seu destino importava. Ele não entendia que eu havia abandonado o meu destino por ele? A traição rasgava o meu peito como a fúria de uma dúzia de marimbondos e respirar era difícil.

— Calla. — Ele estava atrás de mim e me virei para encará-lo.

— Como você se atreve?! — Bati com o punho cerrado em seu peito. — Como ousa tentar me afastar de você?!

— Eu nunca...

— Você acabou de fazer isso. — Meus dentes estavam afiados e eu estava pronta para atacá-lo mais uma vez.

Ele pôs as mãos em meus ombros.

— Apenas me escute. Não estou tentando afugentar você. Estou tentando lhe oferecer o que você merece. Ren te ama.

— Pare de falar isso — grunhi. Não queria ouvir mais nada sobre o amor de Ren. Queria que Shay acabasse com o medo que crescia dentro de mim... Medo de que talvez ele nunca tivesse me amado.

— E você o ama — murmurou Shay. Fiquei muda, surpresa não apenas com suas palavras, mas também com a forma com que ele me fitava. Vi a dor incendiar seus olhos. — Não queria ter que admitir, mas é verdade. Você ama Ren, Calla.

Levei alguns segundos para recuperar a respiração. Entrelacei meus dedos nos dele, finalmente compreendendo o que Shay estava tentando fazer.

Ele estava me dando uma opção. Estava me libertando.

— Você tem razão. Eu o amo.

Suspirei, mas apertei a mão dele com mais força.

— Mas não do jeito que amo você — completei.

Inclinei-me para frente e coleí meus lábios nos dele, à espera de que ele retribuísse o beijo. Ele me abraçou forte e o beijo suave esquentou e ficou mais intenso à medida que continuava.

— Não importa o que Ren e eu já vivemos — sussurrei, com o rosto rente a sua boca. — Você é meu futuro. Você é o caminho que escolhi seguir desde o momento em que o salvei na montanha.

Ele não disse nada, mas pressionou a testa na minha.

— Você vai sair vivo dessa luta, Shay. Precisa sair. Não vou perdê-lo.

Ele riu suavemente e me beijou.

— Farei o possível. Detesto desapontar minha alfa.

— E eu não posso perder o meu alfa — falei.

Ele continuou sorrindo, mas uma luz brilhou em seus olhos.

— Está falando de mim? — perguntou ele.

— Sabe que estou. Você sempre soube o que significa para mim... Para a matilha. Mesmo antes de eu saber. Você era um lobo solitário. Até nos encontrar.

— Não sabia quem eu era, qual era o meu lugar até encontrar você — disse ele, inclinando-se e roçando os lábios em meu rosto.

— E então alfa... — Peguei a mão dele. — Está pronto para pegar os vilões?

— Já que você insiste — disse ele, dando um último beijo de leve em meus lábios. Shay fez uma pausa antes de chegarmos até a porta. — Calla, sinto muito... Eu só queria...

— Sei o que você queria, Shay — disse, erguendo os dedos dele até a minha boca e beijando-os delicadamente. — E é por isso que eu te amo.

VINTE E UM



Deixamos o quarto. Shay se transformou em lobo no corredor, assim como eu. Inquisidores que passavam na hora trocaram rápidos murmúrios ou nos lançaram olhares espantados. Mas as reações mais comuns eram acenos respeitosos ou sorrisos astutos.

Shay balançou o rabo. *É bom fazer parte do grupo.*

Ainda é meio estranho. Dei uma mordiscada em seu ombro. *Mas é... É legal mesmo.*

Notei que as orelhas de Shay moviam-se para frente e para trás e que seus olhos estavam alertas enquanto corríamos. Ele tinha se ajustado ao seu lado lupino tão naturalmente. Às vezes eu acreditava verdadeiramente que ele era um lobo solitário quando o conheci, que apenas não havia encontrado sua metade lobo ainda. Por mais que a “conversa” dele com Ren me deixasse com vontade de morder ambos com força, negociações a respeito de meus status eram tão típicas do comportamento de um alfa macho que era quase engraçado. Quase.

Corremos pelo corredor na direção do centro tático de Haldis, nossas unhas ressoando no piso de mármore. Anika estava sentada à mesa larga e redonda com Bryn, Mason, Ansel e Tess. Mason dava uma mordida no maior sanduíche que eu já tinha visto.

Ao nos avistar, levou o sanduíche rente ao peito e disse:

— Vocês não foram à cozinha. Não vou dividir nada.

Mudei de forma e ri.

— Acho que não consigo comer agora.

— Que bom. — Ele sorriu com as presas à mostra. — Estou morrendo de fome e este sanduíche é minha obra prima.

Ansel tossiu.

— Com o auxílio de Ansel, é claro. — Mason assentiu na direção de meu irmão.

— Você vai participar disso? — perguntei a Ansel.

— Ele vai, sim — respondeu Mason com a boca cheia.

Olhei para a Seta e perguntei:

— Como assim?

Tess deu um salto antes que Anika pudesse responder.

— Ele vai ficar comigo, Calla.

— Vou ajudar os Elixires a tratar dos feridos — respondeu Ansel. Estremeci com o olhar acusatório que ele me lançou. — Os Tecelões vão trazer feridos do campo de batalha o mais rápido que puderem. Eles vão precisar de colaboradores que não forem para a batalha.

— Que ótimo, An — comentei. Ele baixou os olhos à medida que sua raiva foi substituída pela humilhação.

Maravilha, Calla. Que papelão. Não queria tê-lo magoá-lo, mas a verdade era que não queria Ansel nem perto da batalha. Sem seu lado lobo, ele estaria vulnerável demais. E não era só o fato de que me preocupava com que ele não conseguisse lutar como humano. Com tudo o que Ansel tinha passado — e sabendo como ele ainda se sentia —, me afligia que ele pudesse, deliberadamente, tentar ser morto.

Anika puxou uma cadeira e me sentei ao seu lado. Bryn, em outra cadeira ao meu lado, inclinou-se e me abraçou.

— Que bom que não vou perder nenhum feito heroico desta vez — sussurrou ela. — Você está bem?

— Sobrevivendo — respondi.

Ela apertou meus ombros.

— Isso é o que a gente faz de melhor.

Agarrei os dedos dela e lhe ofereci o melhor sorriso possível naquele momento.

— Já estão todos aqui? — Connor entrou no salão, com Adne ao seu lado. — Significa que estamos atrasados?

Ambos estavam ruborizados, mas tinham feito um bom trabalho em tentar se mostrarem apresentáveis... Ou pelo menos parecendo levemente amarrotados depois de uma “soneca”. Mason deu uma risadinha assim mesmo. Connor esfregou a nuca, constrangido, mas um sorriso travesso pairou sobre os lábios de Adne.

— Na verdade, vocês chegaram bem na hora — respondeu Anika, fazendo um gesto para que se sentassem. Imaginei ter ouvido um vestígio de risada em sua voz, embora sua expressão tenha permanecido solene.

— Bom saber disso. — Ren sorriu ao entrar no salão. Seus cabelos estavam úmidos. Supus que havia decidido dar um pulo no vestiário. Estava prestes a se sentar, mas então se deteve. Torceu o nariz. Olhou para mim e então para Shay, que o observava do outro lado da mesa, com os braços cruzados. Um rosnado saiu da garganta de Ren. — Que merda é essa...

Fiquei de pé.

— Ren, não. Agora, não.

— Por que ela está impregnada com o seu cheiro? — Ele me ignorou e fuzilou Shay com os olhos. — Vocês estavam juntos? O que estavam fazendo? Achei que tivéssemos um acordo.

— Eu também achava — disse Shay. — Mas alguém me convenceu de que isso era uma estupidez e que eu estava muito, muito errado.

Ren apoiou-se na mesa, rosnando.

— Já passou da hora de eu te dar uma lição.

Shay não se moveu, mas sorriu.

— Fique à vontade para tentar.

— Para! — Empurrei Ren com toda a força, atirando-o vários passos da mesa.

— Fique fora disso, Lily! — Ele me olhou de relance por um segundo antes de voltar a fixar seu olhar revoltado para Shay.

— Nem a pau! — Posicionei-me entre ele e Shay, forçando Ren a me encarar. — É esse tipo de amor que você quer de mim? Um amor escolhido para mim e não por mim?

Ele parou de rosnar.

— Calla...

— Sei que é assim que você foi educado. Mas não é assim que eu quero viver. Entende?

— Então... É ele, afinal. — Ele baixou os olhos.

— Pare de falar dele — critiquei. — Isso tem a ver comigo. Com a minha vida. Com a minha escolha. E se você realmente parasse de pensar nisso, não iria me querer de nenhum outro jeito. Se isso for um problema pra você, vou te encher de porrada. Aqui e agora.

Ele voltou a me encarar.

— Você é de outro mundo, Lily.

— Não se esqueça disso — prossegui, aliviada quando ele começou a sorrir.

Connor tossiu.

— É, então... E quanto ao fim do mundo.

Ren riu e foi para a mesa. Ao passar por mim, inclinou a cabeça e falou em voz baixa:

— Isso não acabou.

Não respondi. Mas para mim, o assunto estava encerrado. Sabia o que sentia, sabia quem eu queria, mas compartilhar isso com Ren teria que esperar até o fim da luta.

Quando já estávamos todos sentados em volta da mesa, Anika abriu um enorme mapa. Fitei-o e prenda a respiração ao reconhecer o terreno da Mansão Rowan diante de mim.

Olhei para cima e me deparei com o olhar impassível de Anika.

— Se quisermos ter êxito — disse ela —, é assim que devemos agir.

Anika se calou, mas a estratégia de batalha ainda soava em nossos ouvidos. As mãos de Ren estavam fechadas sobre a mesa. Se não o conhecesse bem, teria pensado que estava meditando. Shay caminhava de um lado para o outro, próximo a Anika. A Cruz Elementar estava presa em duas bainhas penduradas em suas costas. Sentia o poder delas mesmo de onde eu estava, mas Shay se movia casualmente, como se mal notasse a presença das espadas. Bryn estava de mãos dadas com Ansel. Tess tinha o braço ao redor dos ombros dele.

Me perguntava se eu conseguiria fazer o que era preciso. Matar quem eu precisava matar.

— Vamos todos morrer — disse Mason, recostando na cadeira. — Com certeza.

Engoli um rosnado quando me deparei com Shay me olhando.

— Cala a boca, Mason — mandei.

— Só estou tentando deixar tudo às claras — disse ele, sorrindo. — Será uma batalha e tanto, assim mesmo. Por mim tudo bem sair com esse plano.

— Mason — Bryn rosnou para ele. — Como disse Calla, cala a boca.

— Nossas chances são remotas — explicou Anika. — Mas é o único jeito.

Ren se inclinou para frente e disse:

— O sucesso desse plano depende de Nev e Ethan.

Anika fez que sim com a cabeça.

— Alguma notícia sobre eles? — perguntou ele.

— Não — respondeu ela. — Mas não temos tempo a perder. Precisamos atacar hoje à noite antes que os Defensores tenham tempo de reunir forças quando descobrirem que estamos com a cruz. Se não pegarmos os Defensores desprevenidos, nunca conseguiremos pegar o Precursor.

— Você também está contando com Logan — lembrei. Essa era a parte do plano que me deixava um gosto amargo na boca. — E ele não é confiável.

— Ele não deveria fazer parte disso — disse Mason, rosnando.

— Não temos escolha — explicou Anika. — O juramento de sangue dele lhe permite convocar o Precursor. Sem esse ritual, o Progenito fracassará.

— Se Logan não tivesse topado fazer isso — cogitou Mason —, como faríamos para levar adiante esse ritual?

— Havíamos planejado capturar um Defensor e forçá-lo a fazer a invocação — informou Anika. — E ainda podemos forçar Logan a nos ajudar se ele realmente nos trair.

— E acha mesmo que cinco de nós será suficiente? — perguntei, olhando para meus companheiros.

— Vocês conseguiram resgatar Pyralis — respondeu Anika. — O restante de nós

estará no front enquanto vocês entram na mansão. Vamos protegê-los dos ataques.

— Exceto do ataque de Bosque — resmungou Shay.

— O que nos leva a um último problema — disse Anika.

— Tem mais um problema além do tio demônio do Shay? — perguntou Mason. — Que maravilha.

— Uma vez convocado, Bosque provavelmente vai chamar os mortos-vivos para o seu auxílio.

— Aqueles zumbis? — perguntou Shay. — Bem, pelo menos eles não são rápidos.

— Não são zumbis — disse Connor.

Anika concordou com a cabeça.

— Eles podem ser lentos, mas são as cascas de pessoas levadas à loucura pelo tormento. O ataque deles é tão mortal quanto um ataque físico.

— O ataque? — Fiquei arrepiada ao me lembrar da marcha confusa deles e do grito amargurado de Ethan ao reconhecer o próprio irmão entre os mortos-vivos.

— O toque deles produz insanidade instantânea — contou Anika. — Não podem deixar que eles toquem vocês.

— Podem ser mortos? — perguntou Ren.

— Eles são exterminados se tiverem as cabeças cortadas — disse Connor. — Mas se vocês os morderem, vão se arrepender. E provavelmente teremos que matar vocês.

— Terá que fazer o quê? — perguntou Ren, rosnando para ele.

— Um dos motivos pelos quais o Período Agonizante nos custou tão caro — o rosto de Anika empalideceu —, foi a chegada dos mortos-vivos. Temos amigos e parentes que sucumbiram a esse horror, e quando nossos aliados Guardiões tentaram enfrentá-los...

— Os Guardiões atacaram os mortos-vivos? — Cruzei os braços para não tremer.

— Sim. E as mentes deles foram invadidas pelos piores pesadelos — declarou Anika em voz baixa. — Voltaram-se contra si mesmos, contra nós. Só entendemos o que estava acontecendo quando já era tarde demais.

— Então a moral da história é: lobinhos, deixem os mortos-vivos com a gente — declarou Connor, batendo no cabo de sua espada.

— Com prazer — respondeu Mason, dando as últimas mordidas do sanduíche.

Mais Inquisidores chegavam em pequenos grupos, cabisbaixos, enquanto se reuniam no centro tático de Haldis. Um a um, os tecelões começaram a tecer portais e sabíamos que essa ação estava sendo feita por toda a Academia, à medida que o Exército dos Inquisidores posicionava-se do lado de fora da mansão Rowan.

Anika levantou-se da cadeira.

— Vamos lutar com todo o nosso empenho para você ganhar mais tempo — disse

ela e então se virou para Shay. — Todas as nossas esperanças estão depositadas em você.

Ele sorriu, desanimado.

— Obrigado.

Quando levantávamos, Tess veio até a mim e pegou na minha mão.

— Vamos trabalhar no Santuário de Eydis. É para lá que levaremos os feridos — comentou.

Um nó formou-se em minha garganta e assenti com a cabeça.

— Fique bem.

— Obrigada por me emprestar seu irmão, Calla — disse ela. — Os Elixires também estão agradecidos. Ansel tem nos ajudado muito.

— Tome conta dele — pedi.

— Claro. — Ela apertou minha mão.

Ansel tentou escapular por trás dela, mas agarrei-o pelo braço.

— Não se despeça de mim — balbuciou ele, sem me encarar. — Não quero ouvir nenhum adeus.

— Não vou dizer adeus. — Cravei meus dedos em seu braço e ele me olhou surpreso. — É um aviso, Ansel. Fique com Tess. Qualquer fuga, atitudes idiotas de heroísmo, e vou caçar você, não importa o que esteja acontecendo no campo de batalha. Você ainda é meu maninho e eu ainda sou sua alfa. Não vou deixar que se machuque.

Ele fez que sim, com os olhos ainda arregalados. Abracei-o, ciente de que estaria longe demais para rastrear seus movimentos durante o ataque. Mas tinha esperanças de que ele me ouviria e que parte de seus instintos de obediência a sua alfa ainda persistiam.

Me virei e senti que alguém estava logo atrás de mim.

— Ele vai ficar bem — disse Ren, me olhando nos olhos. — Tess não vai deixar que nada aconteça a ele.

— Eu sei — falei, forçando um sorriso.

— Então, o plano deixou você realmente chateada, não é? — perguntou Ren enquanto caminhávamos na direção de Adne, que já havia começado a tecer o portal que nosso grupo usaria para ir até Vail.

— Achou que fosse ficar feliz quando soubesse? — perguntei.

— Deveria ter apostado que Shay fosse contar para você — disse Ren. — Ele fala demais.

— Grata pela honestidade — comentei. — É uma característica de vencedor.

— Eu honestamente vou jogar sujo para ganhar esta guerra — comentou ele. — Essa é uma característica de vencedor?

— Para com isso.

Shay e Connor estavam próximos a Adne, observando o portal reluzente se formar.

Olhei para Shay. Ren acenou para ele e Shay fez um gesto obsceno de volta, mas sorriu para mim e meu coração apertou. Será que ele achava mesmo que não sobreviveria à luta?

O aperto no peito ficou tão doloroso que tive que fechar os olhos para tentar aliviá-lo. Tinha que me concentrar na luta, não importava o que estivesse machucando meu coração. Não podia me dar ao luxo de pensar no que esta guerra acabaria me custando.

Mason veio até nós, sorridente.

— Todos prontos para mandar ver?

— Você parece terrivelmente feliz. — Fitei-o, desconfiada. — Considerando as circunstâncias.

— Estou com saudade de Nev — disse ele, dando de ombros. — Claro, é uma guerra e tudo o mais, mas pelo menos ele vai estar comigo. Vou me contentar com o que tenho.

Ren deu um tapinha nas costas dele.

— Amo você, cara.

— Claro que ama. — Mason ajeitou o cabelo para trás. — Sou irresistível.

Bryn jogou seus cachos e declarou:

— Acho que essa luta vai ser divertida.

— Espero que você tenha razão — disse eu.

— Muito bem, cães do inferno. — Connor acenava para nós. — O que estão esperando para atravessar o portal?

— Não somos cães do inferno — rosnei. — Somos lobos.

— Sério? — Connor fez cara de desapontado. — Você não gostou desse novo apelido que inventei para sua matilha? Achei muito criativo e que talvez inspirasse reverência. Sabe, do tipo Hell's Angels.

— Também não somos uma gangue de motoqueiros, cara — disse Ren, transformando-se em lobo e cruzando o portal em um salto.

— As piadas dele são sempre ruins assim? — perguntou Bryn.

— Quase sempre. — Sorri para Connor. — Mas não conta para ele. Detestaria magoar seus sentimentos.

Connor balançou a cabeça.

— Ai de mim, meu talento nunca será reconhecido.

— É mesmo. — Shay sorriu. — Acho que você tem razão.

— Graças a Deus. — Sorri rapidamente para ele, mudei de forma e saltei atrás de Ren.

Minhas patas tocaram a neve que chegou quase até a metade da perna. A lua

pairava alta sobre nós, oferecendo uma iluminação considerável apesar da hora avançada. O portal de Adne abriu-se em um cume à beira da floresta. O terreno da Mansão Rowan estendia-se sobre nós. O jardim com seus caminhos cheios de curvas e sebes esculpidas estava coberto pelas sombras. Em pleno inverno, as fontes estavam secas e os canteiros de flores, vazios, desprovidos da vida que faz os jardins serem tão acolhedores.

Em intervalos ao longo da serra da floresta e de pontos próximos ao jardim, surgiam luzes piscantes. Sombras moviam-se sob o céu noturno. Os Inquisidores chegavam pouco a pouco, nossas forças reunindo-se. Conforme nossos números aumentavam, os grupos de combate começavam a avançar pelo jardim, abrindo caminho em direção à mansão. As janelas da Mansão Rowan estavam escuras. A imponente construção estava silenciosa, dando todas as indicações de estar vazia.

Batia com a pata no solo ansiosa enquanto esperávamos. Com diferentes missões em curso, éramos umas das últimas equipes a sair. Ergui o focinho, testando o ar em busca de sinais de perigo. Ou de aliados.

Onde estavam os Nightshade e a matilha Bane?

Embora nosso ataque fosse de surpresa, os Defensores deviam estar esperando nossa chegada. Anika e todos os demais Inquisidores sabiam disso. Nossos inimigos nos aguardavam, mas onde? Meu pai estaria ao lado dos lobos de Emile, pronto para se voltar contra o adversário quando chegasse o momento certo? Estariam a caminho da mansão?

— Chegou a hora. — Adne fechou o portal, guardou as adagas escocesas e tirou seu cruel chicote de correntes, o mesmo que havia usado no treino com Shay quando estávamos em Denver.

— Você deveria ficar aqui. — Connor franziu a testa. — Não gosto da ideia de você em perigo.

Adne riu.

— Desculpe, Connor. Todos os Tecelões estão na luta. Inclusive, eu. Ordens de Anika, lembra?

Ele balançou a cabeça, contrariado, mas iniciou a penosa caminhada morro abaixo, enquanto Adne sorria e tentava acompanhar os passos dele.

Ren, Mason, Bryn e eu formamos um anel de proteção ao redor de Shay e dos dois Inquisidores. Segui na dianteira, enquanto Bryn e Mason corriam nas laterais. Ren ficou atrás. Entramos no jardim e rosnei para as estátuas de mármore de Súcubos e Íncubos que se posicionavam como sentinelas a nossa volta.

— Não se preocupe, Calla — disse Shay. — Estamos de olhos neles.

— Estamos mesmo — declarou Connor. — E se saírem de suas cascas, vamos ficar sabendo que Bosque já está lá dentro.

Farejei o ar, ainda arrepiada.

A intenção dele era nos reconfortar com isso? Mason rosnou e mostrou os caninos para Connor.

Havíamos avançado alguns metros dentro da propriedade quando ouvimos os primeiros gritos dos grupos que haviam chegado antes de nós.

— Parece que alguns já entraram — comentou Connor.

Shay empunhou as espadas, semicerrando os olhos ao tentar ver à distância.

Esperei pelo som de espadas e rosnados de lobos, imaginando que nossos aliados encontrariam resistência dos Guardiões à medida que se aproximassem da Mansão Rowan. Mas os gritos dos Inquisidores não eram de batalha. Eram gritos confusos, apavorados.

— O que está acontecendo? — perguntou Adne. Ela e Connor ficaram de costas um para o outro, perscrutando o jardim.

Rosnei, querendo correr para qualquer que fosse a briga que se apresentasse adiante. Mas as ordens eram para que ficássemos de fora de qualquer confronto.

— Olhem! — Shay apontou com a espada para sebes altas que se alinhavam ao longo dos caminhos do jardim. As cercas estavam se movendo. Não, não era isso. Elas estavam crescendo.

Connor praguejou e avançou correndo, enquanto os grossos galhos enredados enxameavam pela vereda, destruindo o piso pavimentado e se retorcendo em caminhos enlouquecidos ao nosso redor. A cerca subia diante de nossos olhos, em uma velocidade impossível.

— Connor! — gritou Adne, quando uma nova cerca surgiu entre nós, bloqueando nosso contato com ele.

Eu o escutei gritar, mas não consegui ver através da parede de galhos que nos separava.

Adne corria ao longo da sebe, gritando por Connor. Ouvi um uivo atrás de mim. Ao olhar em volta, vi Mason ser atirado para trás quando novos galhos, velozes e duros como chicotadas, acertaram seu corpo. Bryn latiu e saltou atrás dele, mordendo as raízes que atacavam. Uivei, frustrada, ao ver que Bryn, Mason, Ren e Shay haviam desaparecido.

Olhei para trás e segui Adne, que continuava a correr e gritar. Ela mudou de direção quando um novo arbusto surgiu, bloqueando a passagem. Me joguei no ar e trombei com ela. Ela relutou, quando a imobilizei no chão.

Continuei a rosnar depois que mudei para a forma humana.

— Para! Para, Adne!

Ela estava arfando, mas afastou os punhos, parando de batê-los no meu peito e ombros

— Precisamos encontrá-lo!

— Não é só ele. — Levantei-me e a pus de pé. — Perdemos os outros também.

— O quê? — Ela arregalou os olhos, enquanto girava e via o labirinto que havia explodido direto da terra para nos cercar.

— Estamos isoladas. — Pressionei as mãos contra a sebe e espinhos perfuraram minha pele.

Um uivo ecoou pela noite.

Adne me olhou e ergueu uma das sobrancelhas.

— Amigos?

— Não — respondi em voz baixa.

Outro uivo soou e mais outro. Os uivos surgiram um após o outro, invadindo o ar com sua música de batalha. Girei lentamente, ouvindo, detectando seus chamados.

— Estamos cercados.

Adne soltou um palavrão abafado e disse:

— Estão separando a gente. Mantendo os grupos afastados.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eles estavam esperando por nós.

Ela caminhou ao longo das paredes do labirinto, virando esquinas, encontrando becos sem saída.

— Quer apostar quanto que os Defensores do outro lado têm um mapa deste labirinto?

— Provavelmente. — Olhei para o topo da cerca. Era alta demais para saltá-la.

— Estamos indefesas aqui — disse Adne. — Os lobos virão nos caçar, atacar os grupos um por um e nenhum de nós vai vê-los chegar.

— Precisamos encontrar uma saída — falei. — Continue andando.

Os uivos agora estavam próximos. Centenas de lobos correndo. Sentia o cheiro deles, ouvia suas patas esmagando a neve à medida que entrava no jardim por todos os lados. Os demais Inquisidores continuavam gritando enquanto tentavam fugir do emaranhado de caminhos. Homens e mulheres chamavam uns pelos outros, em busca de seus aliados.

E então os gritos começaram.

Adne fechou os olhos.

— Começou.

VINTE E DOIS



Os sons da Batalha invadiram meus ouvidos e desejei poder silenciá-los. Os zunidos de flechas no ar, rosnados e grunhidos elevavam-se até o céu. Se eu estivesse no meio da luta, não teria me incomodado. Mas aquela guerra invisível — violência e morte que poderiam estar à espreita em qualquer esquina — provocava arrepios por toda minha espinha. Ainda não havíamos nos deparado com nenhum lobo, mas era uma questão de tempo. Adne e eu conseguiríamos lutar contra três ou quatro, mas temia que o número que enfrentaríamos fosse bem maior.

E havia outros sons também, fazendo minha ansiedade aumentar. Gritos de dor muito além do que qualquer Guardiã seria capaz de causar.

— Há um espectro no labirinto — sussurrei. — Talvez mais de um.

Encontramos outra esquina sem saída, Adne e eu nos agachamos, desesperadamente à procura de um plano. O labirinto não só nos isolava, como também estava constantemente modificando-se. Sebes erguiam-se para voltar a afundar na terra. Galhos espinhosos surgiam no meio do caminho nos dando rasteiras enquanto corríamos.

— Tem certeza? — perguntou ela.

Fiz que sim, desejando não ter.

— Precisamos encontrar Shay — disse.

Voltei à forma de lobo, preparada para o ataque de qualquer inimigo Guardiã que pudesse encontrar e voltamos a correr. Desejei que estivéssemos na direção do local onde havíamos sido separados.

— Olhe! — Adne virou-se para uma nova abertura no labirinto.

— Vamos.

Senti o cheiro um pouco antes de virarmos a curva. Mudei de forma e agarrei Adne pela camisa antes de gritar:

— Pare!

Estava arrastando Adne para trás quando o avistamos. O espectro deslizou por trás das sebes curvas, movendo-se lentamente na nossa direção.

— Vamos — disse Adne, agarrando minha mão, e voltamos correndo por onde viéramos. O labirinto havia se modificado novamente, apresentando um novo caminho.

— Droga — resmunguei, quando demos em um beco sem saída. Dei meia-volta e vi a abertura na cerca por onde tínhamos acabado de passar se fechando.

— Bem, pelo menos o espectro vai ficar do outro lado — comentou Adne. As palavras mal tinham saído dos lábios dela quando o espectro surgiu através da cerca, sua forma esvaindo-se pelos troncos como piche.

— Ai, não é justo! — gritou Adne.

O espectro estava cada vez mais perto. Não tínhamos para onde correr.

— Shay! — gritei, sem saber o que fazer. — Shay! Socorro!!

Recuamos contra o paredão, meus olhos fixos nas sombras espiraladas do corpo do espectro. Seu cheiro impregnava minhas narinas e tive ânsia de vômito. Lembranças da dor que aquela coisa era capaz de provocar fizeram todo meu corpo estremecer.

— Adne, você precisa sair daqui. Crie um portal!

— Um portal para onde? Quer voltar para a Academia? Se tecer um portal para o campo de batalha posso acabar colocando a gente bem na frente de um espectro! Não tem saída. — A voz dela saiu tremida. — Não sei o que fazer. A não ser que...

— A não ser que o quê?

Ela se virou de frente para o paredão atrás de nós.

— Shay! — voltei a gritar.

— Calla! — A voz dele soou bem atrás de mim. — Onde você está?

Rodopiei, ignorando a dor dos espinhos rasgando minha pele quando pressionei as mãos contra a cerca.

— Estou aqui! Com Adne!

— Não consigo chegar até vocês — gritou ele. Ele estava bem do outro lado da parede do labirinto. — Bryn, Mason, Ren! Venham aqui! Elas estão atrás dessa sebe. Podia sentir o cheiro de Shay bem atrás da cerca.

— Calla! — gritou Ren. — Você está bem?

— Tem um espectro aqui. — Minha voz estava rouca. — Estamos encurraladas.

Ouvi o gemido de Mason e suas patas cavando a terra, tentando chegar até nós. Bryn enfiou o focinho por entre os galhos, mas ganiu quando um espinho acertou-a como um chicote.

— Vou tentar destruir a cerca — gritou ele. — Cheguem para trás.

— Não, esperem! — gritou Adne.

— Como assim, esperar? — Olhei para trás e avistei o espectro.

Adne me ignorou. Ela havia largado o chicote e segurava suas adagas escocesas. Com um grito súbito, afundou as afiadas lâminas na terra.

Tapei os ouvidos quando um som horrível invadiu todo o ambiente. O grito agudo era carregado de dor e indignação. E vinha da cerca de sebe.

— É isso aí, vaca — sibilou Adne. — Sai dessa terra e volta para o inferno de onde veio, que é o seu lugar.

Os galhos da cerca começaram a tremer. Suas folhas começaram a murchar, secando e se decompondo. O abalo da estrutura de plantas ficou ainda mais violento. Os galhos retorcidos estilhaçaram-se em pedaços frágeis. As paredes vivas tombaram como uma onda de folhas secas e pó do que antes haviam sido folhas. O labirinto desapareceu, deixando apenas pilhas rasas de entulho marcando caminho sobre a neve branca. Shay estava diante de mim, com as espadas ainda em riste.

— Que diabo é...

Adne soltou um gemido e desmoronou no chão.

Virei-me para ir até ela, mas Shay gritou:

— Calla, abaixe-se agora!

Ele saltou sobre mim e mudei de forma, agachando na neve. Rolei sobre o chão e voltei a ficar nas quatro patas. Ao girar, vi o espectro rumar para cima de Adne, e Shay avançar em pleno ar na direção da criatura.

Lati, alarmada, e corri na direção dele, mas Ren saltou na minha frente, rosnando.
Não.

Sai da frente. Arreganhei os caninos para ele.

Mas o rosnado morreu na garganta.

Shay voou para cima do espectro. A Cruz Elementar girava em suas mãos em uma velocidade ofuscante. As lâminas penetraram a massa escura do corpo da criatura com rapidez maior que as das hélices de um helicóptero.

O espectro berrou.

Nunca tinha escutado o berro de um espectro. Nunca tinha ouvido espectros emitindo nenhum tipo de som. Mas sem dúvida, a criatura berrava de agonia.

Os negros membros fatiados do espectro crepitavam como se estivessem eletrizados. A coisa voltou a berrar e então seu corpo esguichou para cima, como fumaça preta sendo lançada de um gêiser, e sumiu.

Shay aterrissou do outro lado de onde estava o espectro.

Ele deu um giro, com as espadas prontas para atacar novamente. Ao se dar conta de que o espectro havia desaparecido, ele ficou ereto e me lançou um sorriso encabulado.

Lati para ele, balançando o rabo.

— Adne! — Connor corria em nossa direção por entre a neve e os escombros do labirinto.

Adne ficou sentada e apoiou o corpo sobre as mãos.

— Vou ficar bem... Acho.

Connor ajudou-a a se levantar e sorriu para Shay.

— Bom trabalho. Não sabia que você podia fazer isso.

— Fazer o quê? — Shay franziu a testa. — Você sabia que eu podia matar espectros. Por causa disso. — Ele ergueu as espadas.

— Não falo do espectro — explicou Connor. — Apesar dessa parte também ter sido ótima também. Eu me referia ao labirinto. Se você não tivesse acabado com ele, a festa teria terminado antes de começar.

Connor se virou e fez um gesto na direção da mansão.

— Os grupos vão poder se reunir para o ataque agora.

— Não fiz nada com o labirinto — informou Shay. — As sebes desmoronaram e de repente eu estava de frente para Calla. Então vi o espectro indo até Adne.

Connor olhou para ele perplexo, testa franzida. Adne bateu a neve da roupa, evitando contato visual com o restante do grupo. Mudei de forma, observando-a atentamente.

— Ela quem fez. — Apontei para Adne. — Ela... matou o labirinto. — Não achei melhor palavra para descrever o que Adne tinha feito. De alguma forma ela havia atacado a sebe viva dos Defensores. E derrotado-a.

Connor pegou Adne pelos braços, com olhos fixos nos dela.

— Como? Como você fez isso?

— Não sei — respondeu ela. — Sabia que esse labirinto não era natural... Que não pertencia a este lugar. Então pedi a ela um favor.

— Pedi para quem? — Shay andava de um lado para o outro ao redor do nosso grupo aglomerado, atento, analisando os sinais de perigo ao redor. Pelo que eu podia dizer, o ataque dos Bane havia se concentrado nos grupos a nossa frente.

Mesmo sob a luz do luar, vi que Adne ficou corada.

— À terra.

— Você pode pedir um favor à terra? — perguntou Connor. — Isso está no seu currículo?

Ela sorriu e disse:

— É o que todos os Tecelões fazem. Eu só dei um passo adiante.

— Ninguém nunca fez isso, Adne — comentou Connor lentamente. — Ninguém.

— Eu sei — murmurou ela.

Seus olhos encontraram-se e algo importante, mas sem palavras, foi trocado entre eles. Não soube exatamente o quê.

Com o fim das paredes de galhos retorcidos, pude avistar a tempestade da batalha que ocorria à nossa frente. Lobos trombavam contra Inquisidores com a força de uma onda gigantesca. Dentes afiados rasgavam carne humana, interrompiam gritos de dor com a mesma rapidez com que haviam começado. O horror dos lamentos sem fim que se elevavam ao céu indicava que os lobos não eram os únicos inimigos à

espreita na escuridão. Espectros flutuavam pelas sombras, engolfando Inquisidores à vontade.

Meus olhos varreram o jardim. Não demorei a encontrá-los. Uns vinte Defensores em linha — nossos mestres e seus filhos, que eu reconhecia da escola — haviam tomado suas posições à beira da piscina. Estavam todos elegantemente vestidos, como se estivessem prestes a sentar-se para um jantar formal e não observando uma batalha. Eram espectadores da carnificina, como generais dirigindo sua infantaria. Com uma graça descontraída, os braços dos Defensores começaram a girar no ar, seus dedos dançando em um intrincado movimento.

Guinchos impregnaram o ambiente, e o céu acima ganhou vida com formas contorcidas e escuras. Súcubos e incubos convocados por seus mestres entravam na briga. Inquisidores davam gritos de advertência e flechas cruzavam-se com os dardos lançados pelas criaturas das Trevas. Algumas criaturas aladas tombaram no chão. Algumas se arremessaram contra os Inquisidores, arrebatando-os do campo de batalha e os erguendo a alturas impressionantes para então soltar os guerreiros em queda livre rumo à morte. Alguns inquisidores, presos pelas garras dos incubos, conseguiam dar um golpe fatal nas criaturas com uma adaga ou espada ao serem carregados para o céu, levando junto a eles os servos dos Defensores para a morte.

Observei o corpos caírem e se contraírem debaixo de pelos, garras e asas ou simplesmente desaparecerem na escuridão do corpo enfumaçado do espectro. Lobos também eram abatidos, seu sangue espalhando-se pela neve imaculada, formando poças debaixo dos corpos imóveis dos Guardiões Bane. Mas o número de Inquisidores estendidos no chão, parados, rapidamente começava a exceder o número de lobos mortos. Os Bane perseguiram e cercavam os grupos combatentes. Moviam-se em sintonia, com seus instintos guiando a caçada, permitindo que os ataques ocorressem de maneira que os Inquisidores jamais poderiam esperar.

Vi os lobos abaterem guerreiro após guerreiro. Se tivesse assistido a essa luta menos de um mês antes, teria uivado cheia de orgulho. Era assim que os Guardiões ganhavam uma guerra. Era por isso que sempre ganhávamos. E por isso que agora os Inquisidores estavam sendo derrotados.

O peso de um desespero crescente acomodou-se em meu estômago. Não conseguiríamos vencer. Mesmo se conseguíssemos entrar, mesmo que Shay de alguma forma derrotasse Bosque, a batalha do lado de fora estava perdida. Quantos Inquisidores morreriam hoje?

Connor pigarreou, seu olhar, assim como o meu, focado na cena brutal a nossa frente.

— Precisamos seguir em frente. A luta parece estar concentrada no lado leste. O que é bom. Vamos para o norte do jardim e entramos na casa.

Ele não mencionou que aparentemente nosso lado estava perdendo. Feio.

— Há mais espectros — comentou Shay. — Eu deveria ir atrás deles.

Connor balançou a cabeça e disse:

— Não faz parte do plano. Precisamos de você lá dentro.

— Eu sou o único que pode matá-los — resmungou Shay.

— Sabíamos que haveria espectros nessa batalha — declarou Connor. — Sempre há. Mas não podemos ficar detidos no fronte. Não temos tempo.

Shay ficou tenso, mas se virou na direção norte.

— Vamos, então.

Voltei à forma de lobo e me mantive bem próxima a Shay enquanto passávamos à margem da batalha. Devido à adrenalina meu pulso estava acelerado. Sentia o cheiro dos Bane e o gosto de sangue no ar.

Um rosnado baixo retumbou em meu peito.

Eu sei. A voz de Ren entrou em minha mente. *Também quero estar naquela briga. Seu desejo foi concedido.* Mason se deteve, eriçando-se.

Havíamos chegado ao norte do jardim e parte da batalha havia transbordado à nossa frente. Lobos e Inquisidores dançavam ao redor um do outro em um borrão de movimentos mortíferos. Aço brilhava quando as lâminas captavam a luz do luar. Os músculos dos lobos agitavam-se sob os pelos à medida que trombavam contra os Inquisidores. Gritos e rosnados misturavam-se em um horrível brado em meio à luta. Luta essa que bloqueava nossa passagem para a residência.

Plano B?, perguntou Bryn.

Aviso se tiver alguma ideia. Reuni minhas forças. Se fôssemos perder, não seria sem luta.

— Droga — disse Connor. — Chega de contenção.

— Vamos correndo? — perguntou Adne.

— Isso.

Percorri os olhos pelos guerreiros, em busca de algum sinal dos Nightshade, do meu pai. Mas avistei apenas Inquisidores e Bane.

— É melhor mudar de forma, Shay — sugeriu Connor. — A última coisa que queremos é que os Guardiões identifiquem o Progênito. Se o virem, eles só vão caçar você.

— Bem pensado — concordou Shay, que se transformou. O lobo dourado sacudiu o pelo. *Bem melhor.*

Ren olhou para ele. *Sério?*

Claro. Shay ergueu o focinho, sentindo o ar frio da noite. *Também não acha?*

Bem... Acho. Ren bateu com a pata na neve. *Mas... Deixa pra lá.*

— Calla, você assume a dianteira — disse Connor, alheio à nossa conversa. — Vou estar bem atrás de você. Ren e Shay fiquem perto de Adne. Mason e Bryn, fiquem nas laterais.

Ele interpretou nosso olhar fixo como concordância.

— OK. — Connor olhou para o emaranhado de corpos pelo caminho. — Todos a postos... Agora!

Meus músculos ficaram protuberantes e saltei para fora do jardim. Mantive o foco nas longas sombras formadas pelo edifício e conduzi o grupo para fora do centro da luta. Se conseguíssemos chegar até a casa, teríamos cobertura novamente.

Um latido agudo chamou minha atenção. Vários Bane haviam se retirado da batalha e agora corriam atrás de nós.

Continue correndo, Calla! O uivo de Ren ecoou atrás de mim. *Mason e eu vamos despistá-los.*

Rosnei, frustrada por estar correndo enquanto meus companheiros de matilha iam para a briga.

Outro uivo soou próximo, porém vindo do lado oeste.

Esse é?... Ren deu um giro e se dirigiu para o lado oposto da batalha.

Sem dúvida! Mason correu atrás dele.

Bryn jogou o peso do corpo sobre as ancas e uivou com alegria. Uivos retumbaram em resposta dos lobos que vinham a toda velocidade em nossa direção. O som fez a esperança pulsar em minhas veias... Mas não estava confiante o bastante para baixar a guarda ainda.

— Santo Deus! — gritou Connor. — Estão chegando!

— Eles são muitos — gritou Adne. — Não vamos conseguir passar por eles.

— Calla! Que merda você está fazendo? — gritou Connor, quando me detive e fiquei observando, fascinada, a horda maciça de presas e pelos que vinha em nossa direção.

Não conseguia acreditar.

— Calla! — Connor olhou para mim exasperado antes de agarrar Adne e a arrastar para trás dele.

O paredão de lobos se chocou contra nós, abruptamente, espremendo-se e espalhando-se a nossa volta como um rio.

— Que mer... — Connor ficou boquiaberto ao ver dúzias de lobos passarem por nós e mais lobos vindo atrás. Os Bane latiram e ganiram, alarmados, enquanto os Nightshade multiplicavam-se como enxames entre eles. Os lobos recém-chegados arrancaram os Bane para longe dos Inquisidores, jogando-os no chão e lutando em um verdadeiro caos de garras e dentes. Pouco depois o som do metal foi abafado pelo de rosnados altos como trovão, enquanto as duas matilhas de Guardiões atacavam-se ferozmente. Anos de animosidade alimentaram a fúria dos grupos conforme derramavam o sangue dos rivais sobre a neve claríssima.

Um enorme lobo marrom e cinza, com uma marca preta incomum na testa, diminuiu a velocidade ao se aproximar de nós e parou à nossa frente.

Bom ver você, Calla. A língua dele dobrou-se em um sorriso de lobo. Espero não termos deixado vocês esperando muito tempo.

Chegou bem na hora, pai. Pressionei o focinho em seu peito. E definitivamente você sabe como fazer uma entrada triunfal.

VINTE E TRÊS



— Para de se contorcer! — gritou Connor. — Estou tentando te proteger.

— Me larga, Connor! — Adne tentava se desvencilhar dos braços dele. — Obviamente, eles não estão aqui para nos atacar.

Você tem amigos interessantes, observou meu pai, observando-os brigar.

Depois algum tempo com eles você entende. Dei um latido e consegui a atenção de Adne e Connor. Revelei os caninos e eles pararam de discutir. Olhei novamente para meu pai. *O homem se chama Connor e a mulher é Adne. Juro que são bons de briga.*

Ele cheirou a mão de Connor e o Inquisidor arregalou os olhos observando a inspeção do enorme lobo. *Se você está dizendo.*

Bryn tocou a barriga no chão e balançou o rabo para meu pai. *Olá, Sr. Tor.*

Parece bem disposta, Bryn. Meu pai mordiscou a orelha dela. *Pronta para a briga?*

Ela deu um pulo. *Sempre.*

Shay correu em nossa direção e baixou o focinho em sinal de respeito. Meu pai ladeou a cabeça, curioso, mas deu um leve rosnado de advertência.

Não conheço você.

Pai, este é Shay. Também baixei o focinho, mas meu rabo balançava sem parar, tamanha minha alegria. *Shay, este é meu pai, Stephen Tor. O alfa Nightshade.*

Shay continuou com a cabeça baixa.

É uma honra conhecê-lo. Obrigado por vir nos ajudar.

Meu coração ameaçou falhar por um instante quando meu pai pôs a cabeça debaixo do focinho de Shay e a ergueu. *A honra é minha, Progênito. Você é um lobo bastante impressionante.*

Shay soltou um latido esganiçado de alegria, e rosnei para ele frustrada.

Mas, pelo que vejo, ainda guarda um pouco do filhotinho. A risada do meu pai acompanhou seus pensamentos.

Shay levou a pata ao focinho.

Estou tentando melhorar.

Eu também. Acertei a orelha dele.

É melhor nos distanciarmos desta luta. Meu pai me empurrou no ombro com o focinho. *Me atualize antes de darmos o próximo passo.*

Lati para Connor, e o puxei pela bainha da jaqueta de couro para que ele me seguisse.

— Suponho que tomaremos este caminho — disse Connor, com um olhar nervoso para Adne, enquanto eu o puxava para as longas sombras sob a mansão.

Meu pai fez uma pausa quando fomos cobertos pela escuridão, e mesmo que fôssemos identificados, a luta havia chegado a um nível de fúria tão intenso que dificilmente alguém a deixaria para tentar nos alcançar.

Connor ainda olhava meu pai com cautela quando mudei de forma e fiz um gesto para que os outros dois lobos me seguissem.

Eu havia esquecido como um alfa maduro era intimidador. Como toda minha vida fora a filha de um e crescera para ser uma alfa, encarava o comportamento majestoso e o olhar severo do meu pai como uma coisa natural e corriqueira. De sua estatura elevada aos olhos cinza feito aço, tudo nele evocava respeito. Connor não pareceu ficar mais à vontade nem mesmo depois que meu pai passou para a forma humana. Mesmo Adne espiou por detrás do ombro de Connor para ver o alfa, em vez de se aproximar.

— Connor, Adne — chamei-os. — Este é meu pai, Stephen Tor.

— O alfa Nightshade? — perguntou Adne, com olhos arregalados. — Você veio!

— Rumo à vitória! — gritou Connor, jogando o punho fechado para o alto.

Os lábios de meu pai curvaram-se em um sorriso incrédulo. Connor deixou cair a mão, constrangido.

— Err, me desculpe por isso — disse ele. — É que é realmente muito, mas muito bom que você esteja aqui.

— O prazer é meu — disse meu pai, erguendo a mão para que Connor o cumprimentasse.

Adne sorriu timidamente quando o alfa a cumprimentou, olhando de relance para mim.

— Dá para ver a semelhança.

Eu ri, e meu pai me lançou um sorriso cheio de orgulho, fazendo meu coração vibrar. Bryn deu uma risadinha, apertando minha mão.

Mais três lobos vieram correndo para se juntar a nós. Quando Ren, Mason e Nev mudaram de forma, estavam todos sorridentes.

— Quanto mais, melhor, não é mesmo? — Mason riu.

Connor deu um soco de leve no braço de Nev.

— Você podia ter avisado de alguma forma que os lobos estavam do nosso lado.

Por um segundo, achei que já estava morto.

— Pobre Connor — comentou Adne. — Uma alma tão delicada.

Ele a repreendeu com o olhar.

— Nós avisamos, sim — respondeu Nev. — Olhe aqui.

Ele mudou de forma e baixou a cabeça, revelando um símbolo preto na testa.

— Ei! — Shay sorriu. — É a minha tatuagem.

— A marca do Progênito — disse meu pai. — Achamos melhor identificar cada um do grupo. Todos os lobos que se juntaram a nós foram marcados por Ethan. A ideia foi dele.

— É. — Nev já estava de volta à forma humana. — Assim ninguém atira na gente. Principalmente Ethan.

— Ele sempre teve um dedo nervoso no gatilho. — Connor riu. — Ele está com vocês?

— Ele veio pelo lado sul — informou meu pai. — Imagino que logo virá atrás de nós.

— Quer dizer que há mais de vocês? — perguntou Adne.

— Nos dividimos em três grupos — explicou meu pai. — O meu é o maior. Flanqueamos a emboscada dos Bane e entramos atrás deles.

— Tantos lobos assim? — Ren ergueu as sobrancelhas. — Você também trouxe alguns Bane.

— Seu pai não era um alfa gentil, Renier. — Meu pai observava Ren com cautela. — Ele afastou o próprio filho, assim como muitos outros lobos. Este é o preço pela crueldade.

— Emile Laroche não é meu pai — retrucou Ren, sem hesitar. — Não devo nenhuma lealdade a ele.

— É verdade — concordou meu pai. — Procuro a paz com você, alfa.

— E eu também. — Ren inclinou a cabeça, olhando-me de relance. — Sua filha é o lobo mais corajoso que conheci. Ela é a verdadeira alfa.

— Concordo. — Meu pai sorriu para Ren e em seguida para mim.

Bryn se inclinou sobre mim e disse:

— Acho que Ren está tentando ganhar uns pontos com o seu pai.

— Shhhhhh. — Pisei nos pés dela.

Shay alternou o peso do corpo em uma das pernas, desconfortável com o diálogo. Meu pai deslizou o olhar na direção dele, seu sorriso ganhou um ar astuto.

— Deve ser desafiador ter tantos líderes em um grupo tão pequeno.

— Finalmente, alguém teve a coragem de dizer isso! — Mason sorriu e Nev deu um tapa em sua nuca.

— Fico feliz que tenha conseguido convencer Banes a se juntarem a nós — disse Connor ao meu pai, ignorando os empurrões entre Mason e Nev. — Não sabíamos se

algun deles iria.

Meu pai fez que sim com a cabeça e disse:

— Também fiquei feliz. Neville merece a maior parte dos créditos por ter conseguido convencê-los.

— Obrigado, Stephen — disse Nev, que estava dando uma gravata em Mason. — Mas tive ajuda. Sabine e Caleb, o Bane que vocês conheceram na Eden tocando comigo na Burnout, foram vitais. Tom arranhou um lugar seguro para que nos encontrássemos enquanto reuníamos aliados. Definitivamente foi um trabalho de equipe.

Mason acertou Nev nas costas.

— Peguei você!

— Vocês dois querem se comportar? — pedi exasperada. — Estamos em guerra.

— Sempre estamos em guerra, Cal — replicou Mason, mesmo imobilizando Nev no chão.

Nev riu, dando chutes para afastar Mason, e disse:

— É por isso que a gente se diverte entre uma luta e outra.

— Não dá para argumentar contra esse raciocínio — disse Bryn, transformando-se em lobo, imobilizando Mason e ensopando o rosto dele com longas lambidas empapadas de saliva.

— Eca! — gritou Mason. — Você ganhou! Você ganhou!

— Ei! — Ethan correu para nós, sem ar e sangrando em uma das faces devido a um arranhão profundo. — Aí estão vocês!

Connor apertou o braço dele.

— Bom ver você.

— Bom ver você também — disse Ethan e abraçou Adne com apenas um dos braços. Então se virou para Nev. — Ela não está na luta. Não a encontrei.

— Estava preocupado com isso — disse Nev.

— Quem? — perguntou Adne.

— Sabine — disse Ethan com o rosto pálido. — Também não está entre os Bane aqui.

Mason e Bryn pararam a brincadeira. Bryn voltou para a forma humana e sua expressão era sombria ao ouvir sobre o sumiço de Sabine.

— Emile também não — disse Stephen. — Consigo sentir o cheiro dele a um quilômetro de distância. Eles devem estar lá dentro.

Olhei para a mansão escura, sem conseguir identificar nenhum sinal de luz lá dentro.

— Na Mansão Rowan?

Ren testou o ar.

— Efron e Lumine estão próximos.

— E eles não participam da luta de verdade — comentou Mason. — Nunca.

— A informação que recebemos era a de que vocês enviariam um pequeno grupo com o Progênito para acabar com isso — disse meu pai.

Connor fez que sim com a cabeça.

— Esse grupo seríamos nós.

— Com a sua permissão, gostaria de acompanhá-los.

— Não prefere supervisionar sua matilha? — perguntou Connor.

— Eles estão em boas mãos. — Meu pai fez um gesto para Nev. — Ele e Ethan planejaram esse ataque. É ele que deveria continuar a liderá-lo.

Nev mudou de forma e deu um latido de aprovação.

— Vou ficar com Nev — disse Mason, olhando para mim. — Se estiver tudo bem para você.

— Vai com ele — consenti com a cabeça. — E fiquem de olho em Ansel e Tess.

— Você sabe que sim — respondeu Mason com uma piscadela. Segundos depois, os dois lobos uivaram e correram para luta.

Meu pai olhou para mim bruscamente.

— Seu irmão está aqui? — perguntou ele.

— Não está lutando — respondi. — Está ajudando os Inquisidores a cuidar dos feridos. Estará seguro o suficiente. *Eu espero.*

— Não o teria deixado. — Bryn fitou meu pai com um olhar de culpa. — Mas achei que precisávamos de todos os guerreiros em ação.

— Claro — disse ele. — Seu lugar é ao lado da matilha.

Meu pai lançou um olhar interrogativo para Connor.

— E então?

— Nem precisa perguntar — respondeu Connor. — Será de grande ajuda termos outro alfa conosco.

— Que bom. Estou devendo uma visita a Emile — disse meu pai. — Uma que deveria ter feito há muito tempo.

— Estas são as melhores visitas — comentou Ethan. — Pretendo fazer uma também.

Connor grunhiu:

— Então não vamos deixar ninguém esperando.

Meu pai, Ren, Bryn e eu nos transformamos em lobos e tomamos posições de sentinelas ao redor dos Inquisidores e de Shay enquanto nos dirigíamos para a face norte da mansão.

— A porta lateral nos leva à cozinha — explicou Shay. — Entraremos pelos fundos da casa. Podemos ir para a biblioteca de lá.

Meu pelo ficou arrepiado. Isso significava que iríamos cruzar furtivamente os corredores da Mansão Rowan, passando por todas aquelas pinturas horrendas e

estátuas medonhas. Qualquer uma delas podendo ganhar vida caso Bosque Mar já estivesse nos aguardando.

Ainda dava para ouvir a batalha furiosa atrás de nós, mas quando nos aproximamos dos fundos da mansão Rowan, os sons do combate pareciam ter sido engolidos pelas paredes da residência. O imenso edifício nos isolou do conflito, separando-nos tanto dos inimigos quanto dos aliados. Embora eu já soubesse que esse sempre havia sido o plano, fui invadida pelo pavor ao perceber que nosso reduzido grupo enfrentaria aqueles horrores inteiramente só.

— Ali está a porta. — Shay avançou correndo e vi uma silhueta escura surgir da escuridão.

Lati ao mesmo tempo em que Connor gritou:

— Shay! Do seu lado direito!

Shay tinha as espadas empunhadas quando o espectro atacou. Mas não era apenas o espectro que se movia. Ao redor dos fundos da casa, quatro lobos apareceram, investindo contra nós com presas vorazes e uivos furiosos.

O primeiro deles saltou e derrubou Connor. Adne girou, atirando seu chicote de aço. O lobo grunhiu quando pontas de aço afiadas cravaram em seu corpo. Voltou a gemer quando as balestras de Ethan acertaram seu flanco. O lobo contorceu-se, tentando arrancar as flechas do corpo. Seu último uivo morreu em um gorgolejo quando Connor cravou uma adaga em seu peito.

Meu pai havia investido furiosamente contra o segundo lobo. Giravam pelo chão, rosnando e mordendo-se. Alguns metros adiante, Ren encarava os outros dois lobos. Nenhum dos três havia partido para o ataque e apenas se olhavam de frente, eriçados, preenchendo o ar com rosnados baixos e ameaçadores. Bryn e eu ficamos à espreita para dar suporte a Ren.

Minha pulsação acelerou ainda mais ao descobrir por que Ren hesitava em atacar. Dax e Fey olhavam espantados para seu antigo alfa. Seus focinhos retorciam-se, produzindo rosnados furiosos e frustrados.

Não façam isso. Os pensamentos de Ren abriram-se para todos nós. *Não devemos lutar.*

Corri para o lado de Ren. *Escutem Ren. Por favor.*

Por quê? Dax me ignorou, latindo para Ren. *Para que a gente também tenha que reverenciar a sua cadela?*

Nunca mais fale assim dela. Ren deu um passo ameaçador à frente. *Você não sabe de nada do que está acontecendo aqui.*

É mesmo? Fey farejou o ar desdenhosamente. *Acho que você está é com medo de ser o alfa que deveria ser. Você é fraco.*

Você é uma idiota, Fey. Bryn rosnou.

Pelo menos não deixo Calla pensar por mim. Fey olhou para Ren e Bryn. *Vocês*

dois são uns fracos. Seus músculos tencionaram-se.

Fey, não faça isso! Preparei-me. Mas ela já havia saltado.

Estava pronta quando ela se chocou contra mim, mas a força de seu pulo nos fez rolar pela neve. Bryn correu atrás de nós e enfiou seus dentes na lateral de Fey. Sons de maxilares batendo e rosnados furiosos indicaram que Ren e Dax estavam lutando ao nosso lado.

Nossos melhores combatentes. Lembrei-me do que Ren tinha dito sobre Dax e Fey. Os semelhantes se atraem. Mas agora suas habilidades de combate funcionavam contra nós. Éramos seus alfas, mas seríamos capazes de derrotá-los?

Dei um salto. Fey foi mais rápida. Aterrissou nas minhas costas e afundou seus dentes em meu ombro. Ignorei a dor, deferindo uma pancada com as patas traseiras, e giramos, com Fey caindo no chão sobre mim. Bryn saltou para cima dela espremendo Fey contra a neve. Fey agitou-se e chutou, lançando Bryn pelos ares.

Levantei-me rapidamente, ciente do que deveria fazer. Fey continuava virada, a pele suave de sua barriga estava exposta. Duas mordidas para abrir suas vísceras seriam fatais. Mas tinha que agir rápido.

A respiração ficou presa no peito. Fey se contorcia no chão e estava prestes a se virar. Não podia esperar mais.

Algo passou zunindo por meu ouvido. O latido de dor proferido por Fey tornou-se um uivo, quando uma segunda e então uma terceira balestra entraram em seu abdômen. Ela se virou, rosnando e tentando se afastar mancando. Um rastro de sangue empapou a neve abaixo dela enquanto tentava fugir.

Ethan estava ao meu lado com a besta erguida.

— Eu cuido disso — disse ele, indicando seu lado direito com o queixo. — Vá ajudá-lo.

Afugentei o sentimento de culpa enquanto Ethan mirava e me virei para Ren e Dax, que cercavam-se mutuamente a poucos passos de distância. Ambos estavam ofegantes. O sangue escurecia seus pelos e gotejava na neve. Corri para eles e saltei no ar, cravando os dentes no pescoço de Dax. Apesar da força do meu ataque, ele era grande demais para que eu conseguisse derrubá-lo. Mordi com mais intensidade, lutando para não me deixar soltar.

Ele rosnou, girando em círculos enquanto eu me prendia a ele. Finalmente ele empinou. Sabia que se jogaria sobre mim, da mesma forma com que eu tinha feito com Fey. Não podia correr o risco de ser derrubada. Soltei Dax e saí rodopiando pelos ares enquanto ele caía para trás.

Ao se ver livre de mim, Dax girou e se levantou em um pulo. Deu um giro e rosnou para mim.

Cara, você é uma praga. Os olhos dele estavam cheios de ódio. *É hora de acabar com você de uma vez por todas.*

Estou esperando. Enterrei minhas patas na neve, preparando-me para o ataque.

Ele rosnou e latiu, e fez um movimento brusco com a cabeça quando Ren rasgou seu tendão.

Agora, Calla. O grito de Ren invadiu meus pensamentos.

Entendi o que ele quis dizer. Espantei as dúvidas e agindo por puro instinto, arremeti contra ele. Minhas presas cravaram na garganta de Dax. Mordi com força, penetrando músculos até finalmente esmagar a traqueia. Seu sangue fluíu em minha boca quando seu corpo ficou tenso e então afrouxou. Soltei o corpo sem vida e me afastei do pesado lobo agora imóvel. Meus músculos tremiam.

Ren veio até mim mancando. *Precisava ser feito.*

Choraminguei e apoiei meu focinho no ombro dele. Sabia que ele tinha razão, mas me sentia nauseada.

Você está ferida. Ele pressionou o corpo contra o meu. *Tome um pouco de sangue.*

Você primeiro. Virei meu ombro para seu focinho. Ele enfiou seu dente em mim. Fiquei imóvel, enquanto ele banhava-se em meu sangue.

Estou bem. Ele lambeu meu focinho. *Vá em frente.*

Mordi o peito dele. O gosto silvestre, doce e defumado de seu sangue escorreu por minha língua. O calor reluzente da cura invadiu-me.

Obrigada. Ergui o focinho e pressionei minhas narinas em sua cara.

Parece que agora o caminho está livre. Meu pai veio até nós. Seu focinho estava brilhante com sangue, mas não vi nenhum ferimento nele. Atrás dele, vi o corpo de um Bane veterano estendido no chão.

Ele olhou para o corpo de Dax e então para Ren. *Era da sua matilha?*

Ren baixou a cabeça. *Meu sucessor.*

Sinto muito. Pousou o focinho no ombro de Ren.

Ren choramingou suavemente, apoiando-se sobre meu pai.

Tombei no chão, pois a tristeza pesava demais em meus ossos, e olhei para o céu noturno. Bryn, coberta de neve, aninhou-se ao meu lado e soltou um gemido baixo. Descansei a cabeça em suas costas e senti o cheiro do sangue de Fey em seu pelo. A lua tinha desaparecido, encoberta por grossas camadas de nuvens. Enquanto mínimos flocos prateados caíam e repousavam em nossos corpos — dos mortos e dos vivos — imaginei que talvez a lua tivesse se escondido, dominada pela tristeza assim como nós. Mas não conseguia impedir que suas lágrimas caíssem silenciosamente em forma de neve.

VINTE E QUATRO



Connor estava diante da porta, em busca de uma ferramenta para abrir fechadura. Ethan balançou a cabeça e disse: — O combinado era Logan deixar a porta aberta.

Connor deu de ombros e tentou abri-la. A porta escancarou-se.

— Isso é um bom sinal — disse ele. — Certo?

— É sinal de que Logan está pelo menos fingindo estar do nosso lado — comentou Ethan. — É melhor não interpretar mais nada além disso.

— Concordo. — Connor tinha as espadas empunhadas e entrou lentamente na cozinha.

Nós o seguimos pelo ambiente cavernoso. Na penumbra, dava para ver panelas e frigideiras penduradas no teto. Uma longa bancada estendia-se praticamente por toda a cozinha e um enorme fogão à lenha ocupava quase uma parede inteira.

— Dá para cozinhar para toda Vail aqui — disse Adne. — Quantas festanças seu tio faz aqui? Tipo, uma por semana?

— Nenhuma — respondeu Shay. — Pelo menos, nunca vi.

— Alguém sequer usa essa cozinha? — perguntou Connor.

— Eu vinha aqui para beliscar alguma coisa — explicou Shay. — A geladeira está sempre cheia. — Ele apontou para a geladeira, tamanho família, ao lado de uma despensa igualmente enorme.

— Já encontrou corpos lá dentro? — murmurou Ethan.

Shay não respondeu, mas estremeceu. Tinha certeza de que ele nunca havia considerado essa possibilidade antes de saber a verdade sobre o tio. Perguntei-me se voltar à Mansão Rowan era tão assustador para Shay quanto para mim. Quanto mais pensava nisso, mais me convencia de que provavelmente era bem pior para ele. Ele tinha morado aqui, chamava este lugar de lar sem saber o que vivia nessas paredes, os prisioneiros torturados presos nas pinturas. Ele tinha rido das estátuas de íncubos que agora sabia que poderiam ganhar vida e atacá-lo. Deve ter tido a sensação de que o próprio piso debaixo dos pés estava em constante movimento.

Corri para ele e lambi seus dedos, desejando reconfortá-lo um pouco. Ele sorriu para mim.

— Lar doce lar — disse, mas seu olhar assombrado me disse que eu estava certa sobre seus sentimentos.

Essa deve ser a casa mais horripilante de todos os tempos. Bryn ficou bem rente a mim.

Olhei para trás. *Certamente está na lista das dez mais.*

É sério que vocês dois se pegaram aqui? Porque acho que eu ficaria nervosa demais para conseguir me concentrar.

Mostrei os caninos para ela. *Por falar em concentração, não é hora de ficar perguntando sobre minha vida amorosa.*

Quando estávamos prestes a deixar a cozinha, Shay fez uma pausa.

— Façam um favor a si mesmos e não olhem para nenhuma pintura.

Connor concordou com um aceno de cabeça e entrou em silêncio no corredor.

Estava escuro. Connor nos guiou a passos cautelosos. Sabia que era o mais sensato a fazer, mas avançar nesse ritmo me irritava profundamente. Um arquejo reprimido chegou aos meus ouvidos. Ethan estava com a cabeça baixa. Adne apoiou a mão em seu braço, inclinou-se sobre ele e lhe sussurrou algo com voz tranquila. Ao erguer a cabeça, vi que ele trincava os dentes e as veias em seu pescoço latejavam.

Shay olhou para ele.

— Eu disse para não olhar.

— Continue andando, Progênito — resmungou Ethan, mas sua voz estremeceu. — O irmão era meu, não seu.

Cometi o erro de olhar para trás para a pintura pela qual Ethan tinha acabado de passar. Um homem com roupas esfarrapadas estava deitado sobre uma mesa, a agonia talhada em seu rosto, sua boca aberta em um eterno grito de dor. Figuras escuras destacavam-se entre as sombras da pintura, observando-o. Queria não o ter reconhecido, mas soube que era o irmão de Ethan, Kyle, assim que vi a pintura e me senti mal. A culpa era minha por ele estar preso ali para sempre, sendo torturado pelos espectros. Eu achei que tivesse cumprido minha obrigação, protegendo Shay, quando matei o parceiro dele, Stuart, e entreguei Kyle aos Defensores para ser interrogado. Quantas outras escolhas que eu tinha feito como serviçal dos Defensores destruíram as vidas das pessoas que eu agora chamava de aliadas e amigas?

Senti uma mão tocar meu pelo. Virei-me e vi que Shay me observava, seus olhos brilhando de preocupação. Ele sorriu para mim, desanimado.

— Não toquei você para afagá-la. Só quero dizer que passado é passado. Você não sabia. Nenhum de nós sabia.

Empurrei meu focinho contra a palma de sua mão, enquanto tentava apagar da mente o horror da pintura.

Viramos uma esquina e entramos no corredor central da mansão. Foi quando Connor deu um grito. Suas espadas rasgaram o ar e acertaram algo sólido e, em seguida, um som agudo de metal retiniu quando o golpe foi defletido.

Ele soltou uma enxurrada de palavrões, batendo os pés e chutando a parede.

— Estátuas! Pelo amor de... — Ele voltou a proferir mais xingamentos.

— Connor, você está me deixando sem graça — disse Adne, dando um passo adiante e inspecionando o súcubo de mármore.

Lati para Shay, balançando o rabo. Ele sorriu para mim, indicando que compartilhávamos a mesma lembrança da minha primeira visita a Mansão Rowan. Compreendia perfeitamente a reação de Connor. As estátuas eram realistas demais.

— Você vai precisar ficar atento — comentou Shay. — As estátuas estão por toda parte.

— Um exército pronto para atacar — disse Connor, encarando a estátua. — Só aguardando.

— O mesmo exército que enfrentamos na nossa última visita — interveio Ethan. — Se lembra? Como é que essas coisas não estão lá fora brincando com seus amigos?

— As criaturas da Mansão Rowan ainda estão latentes. — Shay bateu com o punho fechado na testa de pedra do súcubo. — As criaturas lá fora devem ser os bichos de estimação dos Defensores da Eden. Significa que Bosque não está aqui. Ele não as convocou.

— Ou quer que a gente pense que ele não está aqui — opinou Connor.

Shay franziu a testa.

— Acho que não. Só os lobos estão lutando. Bosque tinha todas as criaturas misturadas na noite do confronto na biblioteca. Ele não está aqui. Ainda não.

— Só há uma maneira de ter certeza. — Connor fez um gesto obsceno para a estátua e então seguiu pelo corredor.

Meu coração parecia estar preso na garganta, batendo forte quando entramos na ampla antessala da mansão. Armaduras e criaturas ainda mais horrendas de mármore circulavam o local, como guardas diante da imensa escadaria.

As pisadas dos Inquisidores e o bater das unhas dos lobos ecoavam pelo enorme espaço e rebatiam nas paredes até o imenso candelabro de cristal que pendia sobre nossas cabeças.

— Vamos subir as escadas — murmurou Shay.

Connor assentiu com a cabeça e iniciamos a subida. A cada passo, meu corpo ficava mais gélido.

Ren roçou em mim. *Você realmente costumava ficar por aqui?*

É. Olhei em volta. *Bastante, na verdade.*

Ai. Ele estremeceu. *Você tem mais estômago do que eu.*

É mais tranquilo quando não se sabe que o lugar inteiro pode ganhar vida e matá-lo. Mostrei os caninos afiados rapidamente para ele.

Ah, com certeza. Ele mordiscou meu ombro.

Quando chegamos ao topo das escadas, Connor deu um longo suspiro. E então rumou para a porta da biblioteca. Ele girou a maçaneta e ouvi um leve clique.

— Aberta — murmurou. — Acho que não dá para considerar isso um bom sinal.

— E não é — disse Shay. — Mas não esperava que isso fosse correr bem. Você esperava?

— Vá em frente — disse Ethan, erguendo o queixo para Connor. — Sem descanso para os mal-intencionados.

— Este é o nosso slogan? — perguntou Connor antes de abrir a porta. — Ou deles?

— Escolha você. — Ethan ergueu a balestra.

Uma luz suave iluminava a biblioteca. O sutil brilho das lâmpadas abrigadas em meio às prateleiras tornava o lugar acolhedor e aconchegante. Se eu não conhecesse a verdade, acharia que este era um lugar tranquilo, ideal para me enrolar e ler meu livro favorito.

Meu pai retesou-se e um rosnado retumbou em seu peito. Ele enrugou o focinho.

Emile.

Bryn começou a rosnar e seu pelo ficou eriçado.

Odores familiares também captaram minha atenção. O alfa Bane estava ali, mas não estava só.

— Bem vindos. — Lumine estava de pé ao lado da estante que guardava os Anais de Haldis. Ela estendeu os braços para nós.

— Estávamos esperando vocês. — Efron sorriu. Ele estava sentado ao lado dela em uma poltrona de couro com recosto elevado. Dois lobos estavam a seus pés, com olhos fixos em nós. Os olhos de Sabine eram indecifráveis, já os de Emile estavam carregados de malícia. Logan estava bem atrás do pai, seu rosto estampando uma máscara de indiferença.

— Que pena — disse Connor. — Agora não podemos mais gritar “surpresa”!

— Quanto desembaraço. Que charme. — Lumine lhe sorriu um sorriso condescendente e arqueou uma das sobrancelhas. — Podemos lhe fazer uma oferta. Deixem o Progenito a sós conosco e suas vidas serão poupadas.

Rosnei e Ethan ergueu a balestra ainda mais.

— Isto é uma oferta? — Ele olhava Sabine, e segurava a arma com tanta força que o sangue parou de circular nas juntas de seus dedos. Ela retribuiu o olhar calmamente, permanecendo tão imóvel que poderia ser confundida com umas das estátuas do corredor.

— Não é muito tentadora, é? — O chicote de Adne sibilou pelo chão.

— Como queiram. — Lumine entreabriu os lábios, revelando os dentes brilhantes. Ergueu a mão e começou a desenhar um símbolo flamejante no ar.

— Aí vem um espectro — murmurou Connor.

— Eu cuido disso. — Shay deu um passo à frente quando o furioso símbolo transformou-se em uma criatura escura e retorcida.

— Matem-nos — mandou Lumine, acenando preguiçosamente com a mão em nossa direção.

O espectro deslizou pelo chão. Shay deu dois saltos e se jogou em pleno ar, dando um salto mortal e aterrissando em frente o espectro.

— Ele agora está se exibindo — criticou Connor.

A Cruz Elementar fатиou o vulto sombrio. O espectro soltou um guincho e seu corpo evaporou-se em fumaça.

Lumine não hesitou, mas vi quando ela engoliu a saliva com dificuldade.

— Que interessante.

— Vamos tentar novamente — disse Efron. — Só que agora com mais diversão, o que acham? Emile! Sabine!

Os dois lobos deram um salto. Emile partiu para cima de Shay, mas Sabine deu um giro e pulou em Efron. Ela avançou contra a mão que ele usava para convocar a aparição e esfaqueou os dedos dele com suas mandíbulas. Ele deu um grito agudo e caiu de joelhos à frente da cadeira. Os olhos dele estavam arregalados e incrédulos, quando Sabine soltou-lhe a mão apenas para desferir um golpe, jogando Efron para trás.

Os gritos de dor de Efron fizeram Emile se virar. Ele deu um uivo colérico e saiu em disparada até Sabine. Ela não mudou o foco. Tinha Efron imobilizado no chão. Ainda rosnando, ela o atacou várias vezes, dilacerando-lhe a garganta. Quando ele parou de agarrar o pelo dela, a loba passou para a forma humana e cuspiu nele.

— Não esperava por isso, esperava? — Ela o olhou de cima a baixo. — Desgraçado. E cuspiu nele novamente.

Logan correu para o pai, mas o Defensor veterano já estava morto. A garganta de Efron fora tão destruída que sua cabeça estava praticamente separada do corpo. Logan caiu, levando os joelhos ao peito e cobrindo o rosto. Sabine se virou para ele e rosnou, enquanto ele covardemente se esquivava ao lado do corpo de Efron.

— Sabine! — gritou Ethan.

A balestra dele passou zunindo por Emile, que se chocou contra ela. Ela foi jogada e girou pelos ares, batendo contra um amontoado de pedras na lareira. Meu pai uivou e se lançou violentamente pela biblioteca. Ren e Bryn o perseguiram, e Ethan saiu disparando flechas, enquanto todos corriam em auxílio de Sabine. Emile girou ao redor, ignorando as balestras que acertaram seu ombro e seu flanco. Seus olhos estavam fixos em meu pai.

Ethan se atirou contra Emile, que estava na forma de lobo, agachado e rosnando, e, em seguida, jogou-se de forma protetora sobre o corpo frouxo de Sabine. Enquanto o Inquisidor cuidava de Sabine, meu pai e Emile cercavam-se, indiferentes ao caos em volta deles.

Lumine arquejou e levou as mãos à garganta. Ela começou a tremer, mas rapidamente criou outro símbolo flamejante. Um espectro desabrochou diante dela.

— Me proteja! — gritou ela desesperada para a criatura.

O espectro a envolveu como uma capa, enquanto ela lançava-se afobada em direção à porta.

Rosnei, querendo lutar, mas Shay era o único capaz de enfrentar os espectros.

— Shay! — gritou Adne, enquanto o espectro envolto em Lumine se aproximou de nós, forçando-nos a tomar distância da porta.

— Fique comigo! — sussurrou Lumine para seu guarda-costas deslizante e correu para fora da biblioteca. — Não deixe eles se aproximarem! — O espectro afastou-se de nós flutuando, escoltando Lumine para fora da biblioteca.

Shay correu para nós e fez menção de ir atrás dela, mas Connor o pegou pelo braço.

— Deixe ela ir embora. Nossa luta é aqui.

Shay concordou com a cabeça, mas trincou os dentes, frustrado.

— Temos que garantir que Logan não vai fugir — disse Connor a Shay. — Precisa ficar de olho nele enquanto ajudamos os outros.

Shay fitou Logan, que balançava para frente e para trás onde estava sentado, com o rosto ainda escondido atrás dos joelhos.

— Acho que ele não vai a lugar nenhum.

— Eu diria a mesma coisa ainda que ele estivesse inconsciente — comentou Connor. — Precisamos mantê-lo aqui.

— Eu fico com Shay — disse Adne, agarrando-o pelo braço e o puxando na direção de Logan. — Vocês ajudam os demais.

Bryn! Chamei-a. Fique com Adne e Shay. Precisa protegê-los.

Ela deu meia-volta e se apressou em assumir o papel de sentinela para o progênito e nossa Tecelã. *É para já.*

Corri ao lado de Connor para o outro lado da biblioteca, onde Ethan estava ajoelhado sobre o corpo de Sabine. Ela não se movia e eu não estava perto o suficiente para saber se ela sequer estava viva. Precisava ajudá-la.

Mas meus olhos insistiam em olhar para o outro lado da biblioteca. Meu pai e Emile estavam em guarda, a centímetros de distância, rosnando um para o outro, e Ren posicionado ao lado do meu pai, ouriçado. Mas o jovem lobo estava invisível para os outros dois alfas, que se encaravam, cheios de ódio.

Meu pai ergueu o focinho e deu um uivo desafiador. Emile respondeu com um

uivo na mesma altura, seus músculos volumosos tensos enquanto ele batia as patas no chão. A luta que ambos haviam ansiado desde que se tornaram alfas rivais estava prestes a começar.

VINTE E CINCO



Meu pai rosnou, baixando o focinho enquanto espreitava de lado, observando Emile.

O alfa Bane babava pelas mandíbulas e deu um último uivo.

Os dois saltaram, chocando seus corpos um contra o outro com tanta força que achei que seus ossos fossem estilhaçar.

— Calla! — O grito de Connor desviou meus olhos da batalha entre os lobos.

— Ajude a gente!

Ethan abraçou Sabine contra o torso e escorou-a.

— Ela está respirando, mas está ferida — disse ele.

Sabine mexeu-se nos braços de Ethan e gemeu baixinho.

— É melhor prevenir do que remediar — disse Connor, olhando bem nos meus olhos.

Fiz que sim com a cabeça e mudei de forma para morder meu pulso. Peguei o queixo de Sabine e abri sua boca, depois pressionei meu braço sangrando em seus lábios.

Ela engoliu na mesma hora.

— Se ela se machucou, não é grave — comentei, enquanto ela bebia meu sangue.
— Talvez um ou dois ossos quebrados.

— E isso não é ruim? — perguntou Ethan, acariciando os cabelos de Sabine.

— Não para nós — informei.

Sabine abriu os olhos subitamente. Afastou meu braço e enxugou a boca.

— Obrigada — disse ela.

— De nada. — Estanquei a ferida em meu pulso e deixei que o furo fechasse.

Ela olhou para Ethan. O pomo de adão dele subiu e desceu à medida que ele engoliu com dificuldade, e ele passou o dedo pelo rosto dela.

— Ethan — sussurrou ela.

Ele envolveu o corpo trêmulo de Sabine em seus braços.

— Já acabou.

Ele tinha razão, em parte. Com Efron morto, um dos pesadelos de Sabine havia acabado. Mas essa tinha sido apenas uma das batalhas e estávamos no meio da

guerra.

Connor foi se juntar a Adne e Shay, que observavam Logan.

O defensor continuava em posição fetal. Bryn o cercava rosnando.

Voltei para a forma de lobo e me movi o mais silenciosamente possível em direção ao meu pai e a Emile. Estavam ambos ensopados de sangue, apesar do curto tempo em que estiveram lutando. Cortes marcavam o lado direito do corpo de meu pai e um pedaço de carne dilacerada dependurava-se no peito de Emile.

Passei sorrateira por detrás de Emile, pronta para atacá-lo. Mas a voz de meu pai entrou em minha mente de repente.

Fique fora disso, Calla. É uma ordem.

Mas... Rosnei e chamei a atenção de Emile. Ele deu um latido de alerta para mim.

Está contando com a ajuda da cria, Stephen?

Como disse, Calla. Meu pai rosnou. Fique longe. Esta briga não é sua.

Recuei, não muito longe. Meus instintos ainda estavam compelidos a acatar o desejo do meu pai, mas meu sangue clamava, gritando que eu deveria atacar.

Ren continuava atrás de meu pai e também mantinha a distância, enquanto os dois lobos se cercavam, à espera de uma abertura, à espera de um sinal de fraqueza. Ren andava para frente e para trás, agitado como eu. Imaginei que meu pai também tivesse mandado Ren ficar fora da briga.

Emile avançou, mas meu pai esquivou-se do ataque. Ele girou e acertou o flanco de Emile, arrancando outro pedaço de carne.

Emile uivou de dor quando o sangue jorrou de seu corpo. Meu pai investiu novamente contra ele, que dessa vez, estava pronto e quicou as patas traseiras para o alto com força, acertando meu pai no rosto. O golpe o fez tombar para trás. Ele aterrissou com um grande estrondo em uma mesa, seu corpo dobrando-se em meio à madeira. As beiradas da mesa se partiram com a força do impacto.

Pai! Dei um grito de alerta.

Meu pai balançou a cabeça na tentativa de clarear os sentidos abalados e se levantou. Embora ainda estivesse fora da briga, o golpe tinha deixado o alfa aturdido.

Emile não hesitou. Voou para cima dele a toda velocidade, sem desacelerar até atingi-lo. Usou o corpo do meu pai para quebrar a madeira que já estava rachada. A mesa partiu-se ao meio e Emile arrastou meu pai contra uma das paredes da biblioteca.

Eles se chocaram contra a estante de livros e foram separados pelo impacto. Emile caiu de pé, seus músculos agitando-se ao antecipar o novo ataque. Meu pai estava estendido no chão, com a cabeça baixa.

Foi quando vi que um pedaço de madeira afiado tinha penetrado fundo em suas costas. A ponta da estaca sobressaía de seu pelo.

Ele se levantou com dificuldade, torceu o pescoço e pegou entre os dentes, o pedaço de madeira que o espetava. Mas ao fazer isso, deixou exposta sua garganta para Emile.

Sem hesitação, o alfa Bane arremeteu contra meu pai. Corri, torcendo para que tivesse tempo de impedir o ataque, não me importando mais de quem era a briga. Emile Laroche não ia matar meu pai. E não podia ficar olhando sem não fazer nada.

Só que Ren estava mais perto. Eu me achava a menos de um metro de distância de meu pai, quando Ren golpeou Emile com um salto mortal e os dois saíram rolando para longe de mim e meu pai. Levantaram afobados, virando-se e se atacando novamente. Um segundo depois, estavam lutando no chão, dilacerando-se sem piedade.

Meu pai rosnava ao meu lado. Ele arrancou o enorme fragmento de madeira do peito. Sangue esguichou da ferida e ele fraquejou.

Tome o meu sangue. Ofereci meu ombro. Rápido!

Ele mordeu minha carne e eu me virei para ver o que estava acontecendo atrás de mim.

A atenção de Emile continuou focada em Ren. O focinho do veterano Bane estava ensanguentado, mas não sabia se o sangue era só do meu pai ou se Emile havia ferido Ren também.

Já é o bastante, Calla. Meu pai me afastou gentilmente. Obrigado.

Ele voltou sua atenção para Ren e ouvi seu comando. *Renier, não ataque Emile.*

Ren não se moveu, sequer olhou na direção de meu pai. Ele gritava, sua mente estava aberta para nós.

Minha vida inteira foi uma mentira. Os músculos de Ren tremiam de fúria. Minha mãe morreu por sua causa. Juro que vou matar você.

A risada de Emile ecoou em minha mente. *Isso é jeito de falar com seu velho e bom pai, garoto?* Ele acrescentou ao pensamento um rosnado ameaçador.

Você não é meu pai. Ren rosnou. *Meu pai morreu quando você quebrou o pescoço dele.*

Um dos melhores dias da minha vida. Emile agachou-se rente ao chão. *Assim como hoje também será quando eu acabar com isso.*

Ren uivou e partiu para cima de Emile.

Renier, não! Meu pai se jogou na direção dos dois lobos quando Ren atacou. *Pare!*

Vi o erro de Ren antes mesmo de ele tê-lo cometido. Em sua raiva, ele havia saltado alto demais, dando tempo para que Emile mudasse de posição abaixo dele. Emile deu um salto, posicionando o corpo para que encontrasse com Ren no ar.

O grito de Emile soou em minha mente. *Deveria ter feito isso no dia que você nasceu.* Ele cravou os maxilares no pescoço de Ren.

Ren! Gritei o nome dele quando os dois caíram no chão, seus corpos grudados um no outro.

Emile fez um movimento brusco com a cabeça. Senti como se tivesse sido partida em dois quando ouvi o som horrível de algo se rompendo, fazendo cessar o rosnado de Ren.

Quando eles se chocaram no chão, meu pai trombou contra Emile, arrancando-o para longe de Ren, horrivelmente quieto no chão da biblioteca. Uivei, derrapando ao parar bruscamente ao lado dele. Baixei o focinho e o pressionei contra ele.

Um guincho arrancou meus olhos de Ren.

Emile estava imobilizado de barriga para cima, abaixo do meu pai. O alfa Bane retorcia-se sob o peso do alfa Nightshade, chutando e relutando. Meu pai ignorou as tentativas desesperadas de Emile de se livrar. Seus dentes estavam ao redor do pescoço de Emile e foram fechando-se lentamente. Emile emitiu um som agudo, meio uivo, meio grunhido, que tornou-se um gorgolejo quando meu pai estraçalhou sua garganta.

Emile parou de resistir. Meu pai ergueu seu corpo murcho pelos dentes e com um único movimento com a cabeça jogou a carcaça do Bane para longe.

Meu pai veio até nós e mudou de forma enquanto caminhava.

Ren. Ren. Mordisquei o focinho dele suavemente. *Por favor, levante. Precisa levantar.*

Funguei seu pelo acinzentado como carvão. O cheiro dele permanecia o mesmo, sândalo e fogo embrulhado em couro.

Ren. Gemi, tocando-o com a pata. *Responde. Posso curar você, mas precisa acordar para tomar meu sangue.*

Alguém desabou no chão próximo a mim. Adne estava de joelhos, encarando-me com olhos arregalados e marejados. Bryn estava ao lado dela, gemendo baixinho.

— Por quê? — perguntou Adne. — Por que tinha que me deixar também? — Ela se dirigiu até o irmão, mas rosnei, afugentando-a. Não queria ninguém perto dele. Eles não podiam ajudá-lo. Ela me encarou perplexa, seu corpo estava trêmulo e o rosto, completamente pálido.

— Ei! — Connor continuou ao lado de Logan, mas apontou a ponta da espada em minha direção. — Afaste-se, lobinha.

Shay olhou para Connor e então para mim.

— Fique aqui. — Ele guardou a Cruz Elementar e mudou de forma.

Calla. Ele se aproximou lentamente com a cabeça baixa.

Arrepiei-me, um rosnado ameaçador e constante saindo da garganta. *Mantenha a distância, Shay.*

Deixa eu ajudar. A voz dele era reconfortante e deixou a barriga tocar o chão, arrastando-se na minha direção. *Só quero ajudar.*

Rosnei para ele novamente, mostrando as presas quando me tocou. Ele levantou o focinho e lambeu o meu delicadamente. Foi tranquilizante; seu odor, fresco e carregado de esperança, parecido com a chuva limpando o lodo do medo que turvava meus sentidos — me trouxe confiança. Parei de rosñar. Ele se levantou e apoiou a boca na minha.

Podemos ajudá-lo. Mas não assim.

Ele passou para a forma humana e então entendi. Ren era um lobo; não poderia beber enquanto estivesse inconsciente. Teríamos que fazê-lo recobrar a consciência, como Gabriel tinha feito para que Nev voltasse a respirar. Mudei de forma.

Bryn deixou-se cair no chão, ainda na forma de lobo. Um gemido baixo e constante continuava a soar de sua boca.

— Me ajude — pedi a Shay. Mas ele hesitou, sem se aproximar de Ren. Algo cintilava em seus olhos, algo que ele não queria que eu visse. — Me ajude — pedi novamente.

Shay olhou para o corpo imóvel de Ren. Ele estendeu a mão para mim. Seus dedos tremiam. Me virei de costas para ele e rosnei.

— Tudo bem. — Engatinhei para mais perto de Ren. — Vou fazer isso sem a sua ajuda.

Quando meu pai se pôs ao meu lado, não havia triunfo em seus olhos. Só perda.

— Precisamos despertá-lo para que ele consiga beber o sangue — disse eu. — Meu pai pode resolver isso. Ele sempre nos guiou. Saberá o que fazer.

Meu pai me fitou por um tempo antes de se agachar ao lado de Ren e pousar a mão no pescoço cinza escuro do lobo. Curvou-se e pôs a cabeça no peito de Ren. Deu um longo e penoso suspiro.

— O que devemos fazer? — perguntei.

Meu pai virou o rosto lentamente para mim. Eu não podia aceitar o que encontrei em seus olhos.

— Não há o que fazer... — murmurou Shay atrás de mim. Senti os dedos dele tocarem meu braço. — Calla... — A voz de Shay estava rouca e ele não conseguiu pronunciar mais nenhuma palavra.

Não olhei para ele e voltei a perguntar ao meu pai:

— O que devemos fazer?

— Emile quebrou o pescoço dele. — Meu pai ergueu a cabeça, trocando o peso de uma perna para a outra, e deu um suspiro carregado. — O coração dele não está batendo.

Já havia furado meu braço com os caninos. Quando estiquei minha carne sangrando na direção do focinho de Ren, Shay pegou nos meus ombros e me puxou para trás.

Ele não disse nada quando rosnei e virei a cabeça para encará-lo feio.

— Me deixa em paz.

Ele balançou a cabeça.

— Calla — disse meu pai, em voz baixa. — O coração de Renier não está batendo.

— Não.

— Você não pode salvá-lo. É tarde demais.

— Não.

Adne começou a chorar. Ela se levantou e se afastou de nós, indo aos tropeços até os braços de Connor.

Meu corpo estava dormente. Murchei no chão, estirada ao lado do corpo de Ren. Meus dedos perderam-se no espesso pelo cinza-carvão.

Ele não pode estar morto. Não pode.

Voltei para a forma de lobo com o que me restava de determinação, descansando o focinho sobre Ren.

Shay não tentou me tocar, mas o fitei quando ele disse com voz estremecida:

— Sinto muito, Calla — disse ele. — Não queria que acabasse dessa forma.

Chorei baixinho e desviei do rosto dele. Fechei os olhos e enviei um pensamento, como uma súplica final, tentando chegar à mente de Ren.

Amo você.

Mas ele já não estava mais lá.

VINTE E SEIS



— Deixe ela em paz. — Meu pai se posicionou entre mim e Shay. Eu continuava enroscada ao redor do corpo de Ren. Dava para ouvir o sangue latejando em minhas veias, no entanto eu não sentia nada.

—Mas... — Shay me fitou, seus traços ficando mais rígidos. — Ainda precisamos enfrentar Bosque. Precisamos dela.

Adne estava embrulhada nos braços de Connor e chorava baixinho.

— Perder o alfa parceiro é como perder uma parte de si. — Stephen revelou os caninos afiados para Shay.

— Eu entendo. — Um olhar desafiador brilhou nos olhos dele, mas ele se afastou e foi ficar ao lado de Adne e Connor. — Isso não muda o que ainda está em jogo. Não podemos parar. Isso ainda não acabou. Ainda precisamos convocar Bosque.

Sabine se aproximou lentamente. Ethan a seguiu, mas manteve distância, por respeito, quando ela se ajoelhou ao lado de Ren.

Não me movi, apenas observei-a estender a mão para tocá-lo. Ela se inclinou para frente e beijou a cabeça de Ren.

Sabine me fitou por um segundo e vi minha amargura refletida em seus olhos.

Entendi então por que Shay tinha vindo até a mim na forma de lobo. Por que havia me convencido a mudar de forma. Ele soube que não havia esperança para Ren, mas também que eu não estava preparada para encarar essa perda. Que teria atacado os intrusos que chegassem perto demais do corpo de Ren, assim como quase fiz com Adne.

Mas esse momento havia passado, me deixando entorpecida, exausta. Não atacaria ninguém agora. Não faria nada. A batalha poderia não ter acabado para Shay. Mas estava encerrada para mim. Dúvidas e arrependimentos roubaram minha vontade de lutar.

Sabine baixou a cabeça e se levantou, deixando que Ethan a cobrisse em seu abraço.

— Vamos — disse Connor, chamando Shay. — Chegou a hora de acabar com

isso.

Shay concordou com a cabeça.

— Levanta o Logan. — Ele se virou para mim. — Calla?

Ameacei morder seus dedos, sem ânimo de sair do lado de Ren. E daí se essa fosse a última batalha? Havíamos perdido Ren. Não queria lutar. Não conseguia encarar Shay.

Não conseguia parar de pensar na voz de Ren, em suas palavras quentes tocando minha pele. *Fomos feitos um para o outro, Calla.*

Ren havia me amado, mas eu encontrei minha cara-metade em outro lobo, em outro alfa. Será que eu estava impiedosa diante de tal escolha? Poderia ter feito mais para salvar Ren? Estive lutando contra outros Guardiões, provando sangues de lobo que escorreram por entre minhas presas, matando companheiros da minha própria matilha. E agora isso. O que poderia ser pior do que perder Ren?

Um rosnado de alerta ocupou o espaço entre o Progênito e eu. Tudo o que queria era estar sozinha. Shay trincou os dentes, mas se afastou de mim e foi até onde estavam Connor e Logan.

Bryn ficou onde estava, me observando, mas não tentou se aproximar.

Connor chutou o Defensor de leve, mas o suficiente para fazer com que Logan finalmente erguesse o rosto.

— Acabou?

— Está prestes a começar — disse Connor. — E você é o protagonista do primeiro ato.

Logan não se moveu. Ele examinou a biblioteca, passando os olhos pelo corpo de Emile e de Ren. Engoliu a saliva com dificuldade e começou a tremer ao encarar Connor.

— Se eu fizer isso — sussurrou ele. — Promete que vai me deixar viver?

O olhar dele recaiu sobre mim. Revelei os dentes para ele e rosnei.

— Quero sua palavra de honra! — Ele ergueu os olhos para Shay.

— Se você mantiver a sua palavra, nós manteremos a nossa — disse Shay. — Você não será ferido.

— Agora levanta — mandou Connor. — Nossos amigos continuam morrendo lá fora.

Logan ficou de pé com dificuldade e cambaleou, como se mal conseguisse fazer os músculos funcionarem. Estremeceu ao se apoiar sobre um dos joelhos diante da lareira. Ele desabotoou a camisa, sacudindo o tecido imaculado para longe do corpo. Sabine sibilou e minha respiração falhou. As costas de Logan estavam cobertas de cicatrizes.

— Pacto de sangue — murmurou Connor, olhando a pele mutilada de Logan. — É foda.

Logan iniciou o cântico, sua voz baixa e fervorosa.

— Meu Deus. — Shay deu um passo atrás enquanto as cicatrizes nas costas de Logan abriam-se, uma a uma.

O sangue fresco começou a brotar das feridas. Em seguida, começou a escorrer, descendo por suas costas e caindo no piso de madeira envernizado.

A lareira, que até então estava vazia e silenciosa, agitou-se. Começou com uma brisa suave. Como se um sopro de vento entrasse pela chaminé altíssima e o som mal chegasse até nós. O burburinho do som ganhou força. Na escuridão da lareira, algo foi ganhando forma. Um som furioso soou como um enxame de insetos.

Meu pai rosnou, andando de um lado para o outro, inquieto, entre mim e a lareira.

A massa que se formava começou a solidificar-se, ganhando o formato de um homem. Uma áurea verde pútrida rodeava o corpo em movimento que se achava de pé entre as sombras.

Connor praguejou e protegeu Adne quando a luz doentia tornou-se mais intensa. Detrás da figura escura, sombras tremeluziam do brilho verde, criaturas que permaneciam fora de vista.

— Aí está — murmurou Ethan. — A Fenda.

Sabine mudou para a forma de lobo, o pelo em seu pescoço arrepiou-se. Shay avançou, ficando bem atrás do Defensor que entoava o cântico.

A voz de Logan elevou-se até virar um grito e então desmoronou.

Bosque Mar riu ao sair de dentro da lareira. Bryn rosnou e se levantou, posicionando-se na minha frente, como se temesse que eu não fosse capaz de me defender.

— Logan, Logan. — Bosque sorriu e seus dentes brilhavam como a ponta de uma navalha. — O que você está aprontando?

— Mestre — sussurrou Logan, recuando como um caranguejo e parando apenas ao trombar contra uma estante.

Bosque observou o local e seus olhos fixaram-se no corpo de Efron.

— Que trágico.

— Que exagero — disse Shay.

— Bem vindo de volta, sobrinho. — A voz de Bosque soou quase calorosa. Ele olhou Logan de modo frio. — Suas ações acarretaram o falecimento prematuro de seu pai?

Logan balbuciou algo e pude ouvir o bater de seus dentes.

— Creio que descobrirá que o preço da traição é um tanto alto — murmurou Bosque.

Logan gemeu, pressionando o corpo com força contra a parede.

Shay se moveu, bloqueando a visão que Bosque tinha do Defensor. Ele empunhou lentamente a Cruz Elementar. O poder das lâminas causou uma reação imediata na

áurea da Fenda e fez a atmosfera ao redor de Shay crepitar como se estivesse viva com eletricidade. Aquela visão agitou algo dentro de mim. Me forcei a ficar de pé, sem tirar os olhos de Shay.

Calla? Bryn agitava as orelhas ao me olhar, desconfortável.

Estou bem. Mostrei os dentes. *Prepare-se para a luta.*

Rastejei ao encontro de Shay e mantive o corpo abaixado. Posicionando-me atrás dele, fiquei agachada, pronta para saltar em cima de qualquer criatura que Bosque viesse a convocar.

Bosque perpassou os olhos rapidamente pelas espadas de Shay.

— Que belo brinquedo você trouxe para mim.

— O melhor que há para matá-lo — interveio Connor. Ao lado dele, Ethan ergueu a balestra e Sabine rosnou.

Bosque fitou os Inquisidores.

— Olha só, trouxe soldadinhos de chumbo também. — Ele estalou os dedos e os dois homens saíram voando. Colidiram contra a parede mais distante e livros caíram sobre eles. Sabine uivou e saiu em disparada para o outro extremo da biblioteca.

Vá! Não queria deixar Shay sozinho, mas Bryn poderia ajudá-los. Sem hesitar, Bryn pulou atrás de Sabine.

— Não! — gritou Adne, correndo na direção do caos de madeira e páginas, onde Sabine já estava cavando na tentativa de tirar Ethan e Connor dos escombros.

— Mas que adorável jovem. — Bosque observou Adne se movimentar e passou a língua pelos lábios, como se testasse o ar. — E com tanto poder. Você andou brincando com meu jardim, querida. E sem minha permissão.

Ele torceu os dedos e Adne tropeçou.

— Por favor, fique aqui um pouco. Acho que você pode ser bastante útil para mim.

Ela se virou e agarrou o tapete abaixo dela, que havia começado a se desfazer. Fios soltos entrelaçaram-se em grossas cordas que envolveram os tornozelos de Adne, feito uma cobra subindo por seu corpo.

— Logan, termina logo! — gritou ela. — Faça agora! Termine o ritual!

Logan se acovardou, dirigindo o olhar apavorado para Bosque. Meu pai correu para o lado de Adne. Quando começou a morder as primeiras cordas que haviam brotado do tapete, mais cordas apareceram para amarrá-la ainda mais.

Ele me olhou e então para Bosque, que ria do esforço do meu pai em soltar Adne.

— Deixe ela em paz! — Shay avançou contra Bosque. As lâminas da Cruz moveram-se tão rapidamente que não consegui distinguir uma da outra. Parecia que Shay caminhava com a fúria de um tornado varrendo tudo pelo caminho.

Bosque riu.

— Você não pode me tocar, garoto. Largue essas coisas ou vai acabar se

machucando.

— Pare de falar — vociferou Shay. — Não quero ouvir nada que você tem a dizer.

— Mas por que não? — perguntou Bosque. — Ainda há lugar no meu coração para perdoá-lo.

Shay balançou a cabeça e se atirou com ímpeto contra ele. Bosque ergueu a mão. Shay não foi jogado para trás como Connor e Ethan, mas as espadas foram detidas, como se Bosque tivesse erguido um escudo.

Shay rosnou e investiu as espadas novamente, mas não conseguiu perfurar qualquer que fosse a força que Bosque exercia contra o ataque. A carapaça humana de Bosque o protegia. Precisávamos arrancá-la.

Ouvi gemidos e fiquei aliviada ao ver Ethan e Connor esforçando-se para se livrarem do amontoado de livros e madeira, enquanto Sabine e Bryn retiravam prateleiras quebradas e pilhas de livros.

— Covarde! — Shay trincou os dentes, segurando as espadas abaixo da cintura. — Lute comigo!

— Mas a luta não vai ser aqui, vai? — Bosque fechou os olhos e sorriu. — Parece que temos uma multidão e tanto reunida do lado de fora. — Ele ergueu os braços. — Creio que chamarei mais alguns convidados.

O som causou calafrios por todo meu corpo. Dei um latido de alerta para Connor e Ethan, quando centenas de suspiros atormentados invadiram o ambiente ao redor.

— São os mortos-vivos! — gritou Ethan.

Os sussurros transformaram-se em gemidos, só que mais ruídos repercutiram além das lamentações dos mortos-vivos. Guinchos e sibilos seguiram-se a estalos de pedras quebrando-se. As estátuas da Mansão Rowan ganhavam vida.

— Não são somente os mortos-vivos — gritou Connor. — Aí vêm eles!

— Bloqueiem a porta! — gritou Adne, que ainda contorcia-se inutilmente contra as cordas ao seu redor. Ela balançou a cabeça para o meu pai. — Vá ajudá-los. Não vai conseguir me tirar daqui!

Bosque ria. O som apertou meu coração, arrancando-me do estado de culpa e autopiedade, fazendo com que a tensão naquele ambiente estalasse como eletricidade em meu pelo. O brilho de entusiasmo nos olhos prateados e inumanos de Bosque fez meu sangue ferver. Havia tido perdas demais por um dia. Não iria perder mais nada.

Rosnei e corri até o local onde Logan estava agachado. Ele ergueu os olhos em minha direção.

— Me deixe — lamuriou ele. — Fuja para salvar sua vida, Calla. Saia daqui.

Lati para ele e revelei as presas, tão rentes ao pescoço dele que senti meu próprio hálito. Ele recuou bruscamente ao ver meus caninos, mas balançou a cabeça.

— Não vou fazer isso. Ele vai me matar.

Mudei de forma, apertando os dedos contra a garganta dele.

— É tarde demais — disse ele quase sem voz.

— Nunca é tarde demais — respondi. — O ritual. Agora.

O som de mobília pesada sendo arrastada pelo chão invadiu o ambiente, quando Connor, Ethan e meu pai começaram a construir uma barricada na porta da biblioteca. Já dava para ouvir os corpos debatendo-se contra a madeira, garras rasgando a barreira.

Agarrei-o com mais força. Logan arregalou os olhos e então grasnou:

— Pare, por favor. Eu faço.

— Agora — sussurrei.

Logan tocou as costas e untou a mão no sangue que ainda escorria das chicotadas. Usando o sangue como se fosse tinta, desenhou um símbolo no chão e começou a murmurar tão baixo que eu mal o escutava.

A risada de Bosque morreu na mesma hora. Aparentemente não importava quão baixo Logan entoasse o cântico. O Precursor sentiu que o ritual tinha começado. O fluxo dos sussurros de Logan cessou.

— Não ouse parar agora. — Arreganhei os dentes para ele. — Se parar eu mato você.

Ele prosseguiu com o sussurro fervoroso, mas seus olhos estavam arregalados olhando para mim e para Bosque.

— Não está sendo sensato, Logan. — Bosque deu um passo em nossa direção. Mas Shay estava lá, segurando a Cruz Elementar na altura dos olhos do Precursor. Bosque fez uma cara feia, mas parou.

Meu coração parecia sair pela boca. O escudo valia para ambos. Shay não era capaz de atacar Bosque, mas Bosque também não podia passar pelas espadas.

Ao perceber que a tentativa de Bosque de pegá-lo havia fracassado, Logan parou de tremer. Sua voz ficou mais regular e mais alta.

Os arranhões nas portas da biblioteca tornaram-se pancadas. Pesadas e lentas batidas indicando que os mortos-vivos haviam chegado.

— Rápido! — gritou Ethan. — Não dá mais para segurá-los.

— Não. — Bosque girou afastando-se de Shay. — Você não pode.

Ele rodopiou uma das mãos no ar e Ethan, Connor, Sabine e meu pai foram arrancados. Bosque fez um gesto brusco com o punho e as portas escancararam-se.

— Não toquem nos mortos-vivos. — Connor sacou as espadas e girou para Sabine e meu pai. — Ethan e eu vamos enfrentá-los. Vocês cuidam do resto.

O resto era composto de súcubos e incubos que entraram voando na biblioteca e seus guinchos quase perfuraram meus ouvidos. Ethan derrubou dois com suas balestras antes de empunhar suas espadas e avançar contra os mortos-vivos

lamuriantes. Os Inquisidores começaram lentamente a bloquear a horda progressiva, que por sorte havia formado um gargalo na entrada da porta. Baques começaram a suprimir o som dos guinchos à medida que Connor e Ethan iam cortando as cabeças dos mortos-vivos. Meu pai, Bryn e Sabine desviavam das lanças das criaturas aladas, atraindo-as, provocando-as até o chão antes de atacá-las.

Logan estava de pé, aos gritos. Ele ergueu as mãos para Bosque, seus dedos esticados.

— *Aperio!*

Bosque soltou um grito. Seus olhos brilharam como raios, quando se dirigiram de modo ameaçador para Logan.

— Você pagará por...

Ele se calou ao gritar novamente, curvando-se e agarrando o estômago. Quando levantou o rosto, seus olhos cor de prata alargaram-se, ganhando o formato de bolas de futebol, tão grandes quanto. Suas pupilas brilharam vermelhas ao se transformarem em orifícios reptilianos. Seus traços ficaram flácidos e então se inflaram como se alguém estivesse injetando ar entre seus músculos e a pele. Ele continuou crescendo, a pele inflando até começar a rasgar-se, começando pelo topo da cabeça e seguindo pelo centro do corpo.

A camada humana de Bosque rachou como uma casca. Uma substância amarela gelatinosa gotejou da rachadura. Um cheiro asqueroso de pele em decomposição e amônia invadiu o ar, causando ardência em meus olhos e narinas. Caí de joelhos, certa de que iria vomitar.

Shay fez um som de ânsia de vômito e cambaleou para trás, tentando não perder o equilíbrio.

Um apêndice coberto por ferrões horripilantes surgiu do que antes tinha sido o corpo de Bosque. E então outro membro. E mais outro. Ao total, seis membros segmentados rasgaram-lhe a pele ao se libertarem. A coisa que saía de sua capa humana esticou-se até o alto, elevando-se sobre todos nós. Seus olhos prateados e enormes estavam presos em um rosto quase humano que salientava o nariz de águia e a boca carnuda de Bosque. De suas bochechas brotou um conjunto de pinças, que se juntavam conforme ele abria e fechava os lábios com um silvo. Seu cabelo ensebado para trás transformara-se em duros e afiados espinhos que se agitavam ao longo da superfície do crânio até a espinha dorsal.

A pele que cobria seu corpo era malhada de cinza e preto, encharcada de gosma. Asas, iridescentes como as de uma libélula e cobertas pela mesma espessa gosma amarela do restante do corpo, projetaram-se das costas da criatura. Agitaram-se intercaladamente na tentativa de se livrar do líquido pegajoso.

O torso de Bosque ainda assemelhava-se ao de um homem, mas os músculos grossos e talhados do peito desciam não para um abdômen humano, mas para uma

massa curvada e inflamada onde a pele tinha dado lugar a um exoesqueleto preto e lustroso. A parte inferior do corpo tinha espinhas afiadas como agulhas que reluziam, e suspeitei que seu ferrão fosse venenoso.

A besta esticou os quatro membros superiores na direção do teto, sacudindo o corpo como se houvesse recém despertado de um longo repouso. Gosma salpicou em nós, e engasguei tossindo bile ao limpar as gotas de minha pele. Quatro de seus membros bateram desesperadamente, com garras estendidas para cima de forma furiosa. Ao gritar, os guinchos das criaturas das Trevas ficaram ainda mais altos. Eles cessaram o ataque aos lobos e Inquisidores, correndo na direção da lareira e então pairaram sobre a cabeça da besta.

— Meu Deus — disse Connor, observando a súbita revoadada dos súditos de Bosque, e então baixou uma das espadas ao notar que estava diante da Fenda.

Ethan o empurrou para o lado e investiu com sua espada contra um morto-vivo que estava prestes a agarrar Connor. A cabeça da criatura saiu voando.

— Vamos. — Ethan arrastou Connor para o meio da biblioteca, onde Adne continuava presa ao chão. Sabine, Bryn e meu pai os seguiram. Todos se agruparam ao redor de Adne.

Os mortos-vivos não os perseguiram, mas se mantiveram próximos às portas da biblioteca. Seus olhos vazios contemplavam a Fenda, boquiabertos, enquanto balançavam, ausentes, mantendo suas posições.

Logan caiu para trás, observando estupefato a criatura que havia tomado o lugar de Bosque Mar.

— Eis o Precursor. Mestre das Trevas e Lorde dos Defensores.

VINTE E SETE



— Irei ouvi-lo gritar por esta traição, Logan Bane — disse Bosque com a voz esganiçada.

O som da sua voz deixou-me perplexa. Era idêntica a voz do Precursor quando ainda encoberto pelo corpo humano. A única diferença era o clicar repetitivo das pinças encontrando-se diante dos lábios.

Ele agarrou o ar com um dos seus membros superiores, e Logan trombou no chão, arquejando de dor. O sangue verteu de quatro cortes profundos e simétricos no peito do Defensor.

— Não! — Shay correu.

— A Fenda! — gritou Adne. — Precisa arrastá-lo até a Fenda com a Cruz!

Bosque gritou irado para ela e ergueu o membro espinhoso.

Shay já estava avançando. As lâminas da Cruz Elementar giraram no ar, faíscas de poder já saltando das espadas. Eu já não conseguia distinguir o corpo de Shay do redemoinho de luz e som que se formou ao seu redor. A coluna de elementos que envelopavam sua forma mudava constantemente, passando do som estrepitoso de um incêndio para o estrondo de uma cachoeira, mudando para o bramido de um furacão seguido da força impactante de um terremoto.

Sabia que Shay estava lá, girando as espadas, apenas porque o membro que Bosque havia apontado para Logan saiu voando de repente. Contorceu-se ao cair sobre o chão da biblioteca.

Quando o sangue negro escorreu do cepo em seu torso, Bosque gritou:

— Defendam-me, crianças!

Em uma chuva de asas de couro e garras cortantes, a multidão de súcubos e incubos caiu sobre Shay. No momento que tocaram as pontas da esfera que rodeava o progênito, seus corpos dissolveram em inofensivas pilhas de areia sobre o chão.

— Não! — gritou Bosque e havia medo real em sua voz. Seus olhos prateados e esbugalhados fizeram uma busca desesperada pelo salão. Seu olhar frenético pairou sobre mim. Ele gargalhou descontroladamente e então sorriu para Shay, revelando as

fileiras de presas afiadas por detrás as pinças.

— Muito bem, Progênito — disse ele. — Veio reivindicar seu legado. Mas se continuar por esse caminho vai perder o que mais ama.

Ele esticou o braço e berrou uma ordem incompreensível às criaturas das Trevas que haviam sobrevivido. Um dos incubos desceu voando e soltou sua lança. Bosque agarrou a arma, usando as espinhas de seu membro superior esquerdo como dedos. Ele me lançou aquele sorriso terrível e então arremessou a lança. Desviei, mas não fui rápida o bastante.

A mira de Bosque foi certa. Graças ao meu desvio, a lança penetrou meu ombro e não meu coração. Bosque era forte. Muito forte. A lança não apenas cravou fundo em mim, como atravessou meu corpo até alojar-se na parede. Eu estava presa ali.

— Calla! — A voz de Shay estremeceu através da torrente de poder que protegia seu corpo. Notei que ele hesitou em atacar quando a tempestade de elementos ao seu redor piscou e luz começou a esvair-se.

— Não, Shay! — gritei, lutando para quebrar a lança ou pelo menos para soltá-la da parede. — Não ligue para mim. Mate-o!

Bosque gritou:

— Peguem-na! Estraçalhem-na!

O enxame de seres das Trevas guinchou em uníssono, voando para cima de mim. Pensei em mudar de forma, mas um lobo preso de costas era igual ou mais impotente que um humano.

— Mate-o, Shay! — Cobri o rosto com o braço e esperei as garras que iriam dilacerar minha carne.

Os berros da horda voadora aumentaram, mas o ataque que esperei nunca chegou. Rosnados ainda mais próximos de mim do que os gritos agudos me fizeram abrir os olhos. Bryn estava praticamente sobre mim, eriçada e encarando as criaturas das Trevas. Meu pai e Sabine estavam um pouco adiante. Um incubo já se achava morto aos seus pés. Outras criaturas mergulharam, mas se depararam com lobos que rasgaram suas asas, puxando-os para o chão e garantindo que de lá não sairiam mais.

— Vai logo, Progênito! — gritou Ethan, do meio da biblioteca, onde ele e Connor estavam tomando conta de Adne. — Sua amada está segura.

Shay ergueu as espadas novamente e avançou a passos largos. O som na biblioteca tornou-se ensurdecedor, e a casa começou a tremer. As criaturas aladas das Trevas cessaram o ataque e começaram a se amontoar sobre a lareira como vespas em pânico dentro de seu ninho agitado. Próximos da porta os gemidos dos mortos-vivos ficaram frenéticos. O embaralhamento de seus corpos tornou-se um caos quando começaram a se mover, chocando-se uns com os outros, girando desvairadamente na direção de estantes e mesas como se tivessem perdido a

orientação.

Bosque estava acuado contra a lareira. Ele esticou os três membros restantes da parte superior do corpo, agarrando-se a moldura de pedra.

— Não serei derrotado — gritou ele. — Eu sou seu mestre. Eu lhe dei tudo. Você não é ninguém sem mim.

— O Progenito não tem mestre. — A voz de Shay retumbou sobre o caos de ruídos na biblioteca. Era a sua voz, mas de alguma maneira, diferente da voz do garoto que eu conhecia. Era mais intensa, mais velha e ecoou em meus ossos e carne.

A pegada de Bosque nas pedras falhou. Ele deslizou um dos pés para trás para dentro da lareira.

A tempestade da Cruz o perseguiu, a voz que saía de dentro dela retumbando pela biblioteca.

— A terra não vai mais tolerar sua perversão.

— Não vou ceder — vociferou Bosque.

A tempestade de terra, vento, água e fogo ao redor de Shay intensificou-se ainda mais.

— Fora, demônio.

Bosque fez uma careta quando a luz da Cruz elementar o tocou.

— Não!

— Fora! — A voz que não era bem a de Shay bramou.

Bosque gritou quando a aura verde da Fenda expandiu-se, enroscando-se nele como braços que os envolviam em um abraço indesejável. Ele gritou novamente quando tentáculos grossos envolveram seu corpo.

E então vi Shay entrar na lareira. Ele deu um salto à frente e girou contra Bosque. Depois baixou as espadas com duas investidas rápidas como raios. Bosque uivou em agonia quando os três membros foram arrancados de seu torso. A aura verde na lareira atíçou-se, transformando-se em uma fogueira de imensas fagulhas, consumindo Bosque. Dava para ouvir seus guinchos embora já não o visse mais.

O bramido da Cruz Elementar tornou-se ensurdecedor e a tempestade que rodeava Shay ficou mais espessa, tornando impossível avistá-lo no meio do caos de movimentos e sons.

— Assumam o controle! — gritou Connor, jogando-se sobre Adne.

Meu pai mudou de forma, agarrou Sabine e a arrastou para perto de mim. Ele a espremeu para bem perto de mim enquanto nos protegia com seu corpo.

A Mansão Rowan sacudia. Prateleiras de livros rangiam e quebravam, causando a queda em cascata de volumes no chão. O som continuou a crescer até o ar ser invadido por ele, como se cada pedra da casa estivesse aos gritos.

Uma explosão abalou a biblioteca. Escondi o rosto no peito de meu pai e mordi o

lábio, quando movimentos violentos no solo tornaram a dor no meu ombro — por onde a lança ainda me prendia na parede — quase insuportável. Sabine mudou de forma e agarrou meu braço, distraíndo-me da ferida latejante. Olhei para ela, grata pela força que encontrei ardendo em seu olhar. Ela inclinou a testa contra a minha e entrelacei meus dedos nos dela.

Sons de colisões ecoaram a nossa volta. Imaginei ter ouvido Connor gritar. Meu pai, Sabine e eu nos abraçamos. O pelo de Bryn estava pressionado contra os nossos corpos e ela ganiu. Apesar do cabelo de Sabine esvoaçar ao redor do meu rosto, captei fragmentos do caos um pouco mais adiante de nosso grupo aglomerado. Nuvens haviam entrado na biblioteca e rodopiavam nas sombras verdes doentias da Fenda, refletindo o céu pouco antes de um tornado.

Os ventos furiosos a nossa volta me fizeram perguntar se realmente um tornado não havia tocado o chão. Formas passavam por nós girando. Súcubos e incubos berravam, tentando agarrar o ar enquanto iam sendo sugados pela Fenda, banidos da terra. Alguns tinham Defensores, horrorizados, presos em seus abraços fatais, levando consigo para o esquecimento seus mestres, gritando desesperadamente. Alguns corpos verdes passaram por nós, com peles tão ressecadas que mal dava para acreditar que não se desintegraram com a violência da tempestade. Embora sem vida, as criaturas enferrujadas não eram mortos-vivos. Não dava para ver o que eram, mas passaram por nós pelo menos umas doze criaturas, caindo na Fenda, junto com outras criaturas das Trevas.

O vento uivante cresceu até virar uma rajada abrupta e derradeira, seguida de um rumor suave. O som cresceu e finalmente ecoou pela biblioteca como a trovoadas mais alta que eu já havia escutado na vida.

Em seguida, o silêncio.

Ainda ventava, mas o que antes havia sido um sopro violento havia se tornado lufadas constantes e suaves da noite fria de inverno.

Lentamente, meu pai desenrolou o corpo da posição protetora com que havia enlaçado a mim, Bryn e Sabine. Contraí meu corpo, tentando me soltar da lança que perfurava meu ombro ao procurar por algum sinal de Shay. Meu olhar, no entanto, foi atraído para o local de onde vinha o vento gélido. A parede da biblioteca tinha sido destruída. O lugar estava aberto e o chão, coberto de neve do lado de fora. Apenas a lareira de pedra permanecia de pé, seu contorno bruto contrastando com a noite invernal.

— Vocês estão bem? — gritou Connor para nós. Ele ajudava Adne a se levantar. As cordas que a estiveram segurando caíram quando ela se levantou. Apenas fios puídos permaneceram. Ethan saltava pilhas de livros e madeira rachada na tentativa de chegar até nós. Sabine espremeu minha mão antes de sair correndo para encontrá-lo. Ele a abraçou com força e a beijou longamente. Ela envolveu seus braços ao

redor do pescoço dele, dependurando-se em seu corpo enquanto Ethan enterrava os dedos nos cabelos da amada.

— Agente firme, Calla. — Meu pai segurava a lança ainda presa em meu ombro. Bryn, agora na forma humana, pegou na minha mão. Trinquei os dentes e soltei um grito surdo quando ele deslocou a lança da parede e a arrancou de meu corpo.

— Tome. — Ele já estava com o punho ensanguentado pressionado contra meus lábios. Tentei não pensar na dor que latejava em meu ombro e me concentrei no calor tranquilizante que me invadiu ao tomar o sangue de meu pai.

Me recostei na parede e dei um suspiro longo e estremecido.

— Estou bem.

Ele sorriu para mim. Peguei sua mão e deixei que me levantasse.

— Foram todos embora. — Ethan veio até nós de mãos dadas com Sabine. — Chega de aberrações das Trevas.

— Para onde foram? — perguntei, analisando o local. Não havia sinal das criaturas que haviam nos atacado.

— Não tenho ideia — respondeu ele. — Quando o prédio começou a cair tudo que eu fiz foi cobrir a cabeça e me proteger.

— Nem todos foram embora — disse Connor. — Acho que Logan escapou.

Uma poça quase seca marcava o local onde Logan tinha caído, com as marcas dos cortes que Bosque havia feito no peito do Defensor. A poça arrastava-se por um fio de sangue até se transformar em manchas, deixando um rastro até a porta da saída.

— Já vai tarde — disse Adne.

— Preferia que ele ficasse por perto para ficar de olho nele — murmurou Ethan.

Senti um arrepio na espinha. Logan havia desaparecido. Para onde? Teria ido atrás de Lumine? Voltaria para se vingar?

— Não importa agora — comentou Connor. — Precisaremos ir atrás dele mais cedo ou mais tarde. Mas ele não é mais uma ameaça agora que Bosque foi embora. Ele não tem de onde extrair poderes.

— Se as criaturas das Trevas se foram, por que os mortos-vivos continuam aqui? — disse Sabine, olhando para trás.

— Não são mais mortos-vivos — respondeu Connor. Adne estava ao seu lado, massageando as feridas causadas pelas cordas nos braços.

Ethan fez que sim com a cabeça e disse:

— São apenas corpos.

Perscrutei além dos Inquisidores. A confusão de horrores que havia conhecido como sendo os mortos-vivos estava esparramada pelo chão. Agora eram corpos em variados estados de decomposição. Alguns pareciam ter morrido há poucas semanas, enquanto o que restava dos outros eram esqueletos.

Nossos inimigos haviam desaparecido. Isso significava que havíamos vencido?

Que a guerra tinha acabado?

Olhei para a lareira. Todos os sinais da Fenda haviam esvanecido. Nenhum brilho verde pútrido ocupava suas profundezas. A boca escancarada estava vazia e silenciosa.

Shay tinha sumido. Esperava vê-lo surgir correndo em nossa direção, com um sorriso animado brilhando no rosto. Mas ele não estava lá. Percorri os olhos pela lareira à procura de algum sinal dele e não encontrei nenhum.

Onde ele estava? Meu coração falhou.

— Shay! — Corri para a moldura de pedra austera da lareira.

Um frenesi de dúvidas horríveis martelou minha cabeça.

E se a Fenda o tivesse engolido também? E se o poder das espadas fosse forte demais e tivesse consumido Shay da mesma forma com que destruiu Bosque?

— Estou aqui. — Shay surgiu detrás da estrutura restante. A tempestade criada pela Cruz Elementar tinha se dissipado. As espadas guardadas atrás dele. O poder que havia alterado sua voz fora embora. Shay tinha voltado a ser inteiramente ele mesmo.

Mas não estava só.

Um homem alto de cabelos castanho-dourados tinha uma das mãos sobre o ombro de Shay. Uma mulher de cabelos escuros e olhos verde-claros segurava as mãos de Shay.

— Calla. — Shay sorriu para mim. — Quero que conheça meus pais: Tristan e Sarah Doran.

VINTE E OITO



A biblioteca estava uma bagunça. Neve já entrava no ambiente. E isso não era tudo.

Lobos estavam reunidos do lado de fora do prédio, observando os escombros e as ruínas da biblioteca.

— Nev! — gritou Sabine acenando para os dois lobos que avançaram correndo em meio aos demais.

Nev e Mason derraparam ao parar abruptamente, bem perto do nosso grupo. A aparição dos pais de Shay, há tanto tempo desaparecidos, tinha deixado todos em um silêncio perplexo. Ninguém ainda tinha encontrado coragem para perguntar como Tristan e Sarah haviam saído da pintura e agora se encontravam entre nós.

Não sabia se estávamos com medo de ofendê-los ou chocados demais para fazer perguntas. Só Shay parecia calmo e descontraído, com um sorriso infantil, tamanho era o entusiasmo.

Mason saiu da forma de lobo, sacudindo o punho para Connor.

— Que droga você estava pensando? — vociferou ele.

— Quê? — Connor franziu a testa.

— Tinham uma bomba e não contaram para a gente? — gritou Mason. — Ninguém avisou nada. Tem ideia do quão longe a explosão foi? Uma parte da parede esmagou o Bane com quem eu estava lutando. Quase me matou!

— Não foi uma bomba, Mason — expliquei.

— Então que merda foi aquela? — perguntou ele, ainda olhando mal-encarado para Connor.

— E por que estou levando a culpa de ter lançado uma bomba? — Connor começou a rir. — Eu lá sei alguma coisa sobre bombas?

Nev deu de ombros.

— Debatesmos sobre o assunto e chegamos à conclusão que se alguém tivesse jogado uma bomba, essa pessoa teria sido você.

Connor olhou para Adne e disse:

— O que acha? É o tipo de comentário que devo agradecer ou simplesmente encho eles de porrada?

— Cala a boca, Connor — falei. — Mason, a parede foi implodida quando Shay fechou a Fenda.

— Caraca. — Nev olhou impressionado para Shay e sorriu. — Legal.

Mason continuava com a testa franzida.

— Então a Cruz Elementar era na verdade uma bomba? — perguntou ele.

— Mason! — rosnei. — Não teve bomba!

— Só mágica — disse Adne, sorrindo para ele.

— Uma bomba mágica — resmungou Mason e se esquivou, quando parti para cima dele. — Ei! Não foi você que quase virou panqueca quando metade de uma casa caiu em cima de você.

— Acredite — interveio Ethan. — Nossa cota de problemas foi muito maior.

— Mas você conseguiu. — Nev continuava olhando para Shay. — Quer dizer que vencemos, certo?

— Acho que sim. — O sorriso de Shay esvaneceu-se. — Não sei o que vai acontecer agora.

— Por falar em vencer, e os Bane? — perguntei. — Quer dizer, aqueles que não vieram para o nosso lado.

— Quando a casa explodiu... — Nev me lançou um olhar de desculpas, quando Mason formou com os lábios a palavra “bomba” novamente. — Eles entraram em pânico. Acho que ver a fortaleza dos Defensores desmoronar os deixou em pânico.

— Estávamos ganhando assim mesmo. — sorriu Mason.

— É. Provavelmente sim — disse Nev, dando de ombros.

Ele franziu a testa e olhou ao redor do nosso grupo. Deteve o olhar sobre os pais de Shay por um instante, mas depois voltou-se para mim. Deu um longo suspiro.

— Onde está Ren?

Desviei os olhos. Bryn me abraçou pela cintura. Não tinha me esquecido de Ren. Mas precisei afastar a morte dele da cabeça para que conseguisse continuar na luta. Agora que a verdade desabava sobre mim, um buraco carcomia meu estômago. Alternei o peso do corpo sobre os pés. Bryn repousou a cabeça em meu ombro.

Meu pai respondeu:

— Ele foi abatido na batalha.

Nev cerrou os punhos.

— Como?

— Emile o matou — disse meu pai.

Mason rosnou.

— Emile está morto?

— Está — respondi.

— Vimos o corpo de Dax e Fey lá fora — comentou Nev em voz baixa. — Viram?

— Tivemos que lutar com eles para entrar na casa — contei, com um aceno positivo com a cabeça.

Ficamos em silêncio, tamanho o peso de tantas mortes que recaía sobre nós.

Trêmula, relanceei o olhar aos meus companheiros de matilha.

— Sigam-me.

Mudei de forma e guiei o grupo até o local onde estava o corpo de Ren. Para o meu alívio, ele não tinha sido encoberto pelos escombros. Restos de entulho o circundavam em forma de um anel, sem tocá-lo, como se a fúria incontrollável da Cruz Elementar tivesse servido de escudo para o seu corpo, protegendo-o do caos.

Nós nos espalhamos ao redor de Ren. Parei e contemplei o lobo que eu conhecia desde a infância, que sempre esperou estar ao meu lado, liderando a matilha.

Meu pai estava ao meu lado. Olhei para ele e aguardei.

Não, Calla. As palavras dele, ditas baixinho, entraram em minha mente. *Esta é a sua matilha.*

Voltei-me para Ren e baixe a cabeça em sinal de respeito e honra pelo falecido alfa. Os demais lobos em círculo fizeram o mesmo. Ergui o focinho e meu uivo era um canto de dor pela morte de Ren, de luto por ele. Um a um de meus companheiros de matilha foram unindo-se ao canto. Nossos uivos invadiram a biblioteca, espalhando-se pela noite de inverno. O canto fúnebre ficou mais alto, quando os uivos de outros lobos do lado de fora soaram em homenagem à perda do jovem guerreiro. O coro de prantos, repleto de pesar e tristeza, elevou-se pela noite, carregando a memória de Ren rumo às estrelas.

Voltei para a forma humana. Apesar de alguns uivos já haverem cessado, ouvi a música que prosseguia levada pelo vento.

Senti alguém pegar meu pulso. Adne me fitou.

— Posso? — Ela apontou para Ren.

Fiz que sim com a cabeça. Ele ficou de joelhos ao lado de Ren e encobriu o enorme lobo cinza com o corpo. Abraçou-o e enfiou o rosto por entre os pelos do irmão lobo.

Ela escondeu sua tristeza de nós, mas vi que seus ombros sacudiam e desejei poder devolver-lhe o irmão com quem ela esteve por tão pouco tempo. Shay estava afastado de nós. Tristan tinha um dos braços em volta dos ombros do filho e Sarah continuava segurando a mão dele. Me deparei com o olhar de Shay e em seus olhos encontrei a tristeza dele. E uma dúvida.

Era a mesma dúvida que palpitava em meu coração.

A morte de Ren tinha mudado o que eu sentia por Shay?

Fitando seus olhos verde-musgo, encontrei minha resposta.

O amor não surgia circunstancialmente ou alterava-se pelo pesar. O amor simplesmente era. Impetuoso e livre, como o lobo dentro de mim.

Meu amor por Ren tinha sido verdadeiro. Tínhamos um elo, uma história em comum. Perdê-lo deixaria cicatrizes em meu coração para sempre. Mas eu era uma guerreira e as cicatrizes do amor não eram tão distintas das cicatrizes das batalhas.

Sob tantas crises, eu tive uma escolha: seguir meu coração ou deixar Shay para trás, abandonando minha paixão para levar a vida que acreditava ser a que o destino havia me reservado. Cada uma das decisões tomadas havia me aproximado ainda mais dele e me afastado do mundo que eu conhecia.

Essas escolhas haviam nos trazido até aqui. Eu estava agora sobre os escombros de minha vida bem ordenada, olhando para o garoto responsável por toda essa mudança.

E sabia que ainda o amava.

Deixei Adne ajoelhada ao lado do corpo de Ren e dos meus companheiros de matilha e fui até Shay. Ele ergueu os braços para mim e me aconcheguei neles, erguendo as mãos para tocar seu rosto.

— Você não morreu. — Forcei um sorriso. — Eu disse que não ia morrer.

— Eu sei — respondeu ele. — E agora?

— Vivemos. — Trouxe o rosto dele para perto do meu e toquei meus lábios no dele suavemente.

Seus dedos traçaram as marcas deixadas pelas lágrimas em meu rosto.

— Amo você, Calla.

— Sarah!

Desviei os olhos e vi Anika correndo em nossa direção, ou melhor, na direção da mãe de Shay. A Seta abraçou Sarah Doran efusivamente. As duas ficaram dependuradas uma na outra, rindo e chorando ao mesmo tempo. Quando finalmente se separaram, Tristan sorriu para Anika — ele tinha o mesmo sorriso travesso, curvado de Shay.

— Também senti sua falta, Anika — disse ele. Ela o abraçou e quando ele deu um passo para trás, olhou para o compasso de ferro pendurado no pescoço de Anika. — Vejo que você foi promovida.

Anika riu e se voltou para Shay, a quem perguntou:

— Como conseguiu chegar até eles?

— Não sei — respondeu Shay. — Quando empurrei Bosque para a Fenda, ele desapareceu e, de repente, eu estava na frente dos meus pais.

— Onde? — perguntei.

Shay fitou os pais.

— Para mim parecia apenas um quarto vazio e escuro.

— Você entrou no esquecimento. Nem aqui nem ali, entre um e outro — disse Sarah. — Você abriu a cela de nossa prisão.

Anika fez que sim com a cabeça e disse em tom solene para Shay: — Você

realizou a travessia.

Ele franziu a testa.

— O que isso quer dizer?

— Bosque nos aprisionou no vazio entre a terra e o reino das Trevas — disse Tristan. — Nós éramos o portal entre os dois mundos. Quando você o banuiu, conseguiu chegar até nós e nos tirar de lá.

Shay ficou muito quieto. Peguei na mão dele e entrelacei meus dedos nos seus.

— Foi doloroso? — perguntou Anika, que olhava alternadamente para Tristan e Sarah.

— Não — disse Sarah. — Nosso tormento não era físico. Era a separação das pessoas que amamos. Vê-los sem poder fazer nada para protegê-los. Especialmente nosso filho.

— Vocês podiam me ver? — perguntou Shay. — A pintura era como um espelho translúcido?

— Não. — Sarah lhe sorriu um sorriso triste. — Era como se estivéssemos sonhando acordados.

— O passar do tempo não era claro — explicou Tristan. — E não tínhamos como saber se o que víamos era real ou uma invenção de Bosque para nos torturar.

— Calla! Bryn! — Ansel corria em nossa direção, acenando. Bryn deu um grito de alegria e abriu os braços. Mas um enorme lobo marrom e cinza correu na direção dele pela lateral. Meu pai mudou de forma e ergueu Ansel do chão em um abraço forte.

— Pai! — Ansel envolveu seus braços ao redor de nosso pai.

Bryn e eu corremos para eles. Meu pai nos puxou para um abraço coletivo.

Nós quatro permanecemos juntos, segurando um ao outro, enquanto soluçávamos às lágrimas e risadas.

Ansel se desvencilhou, quando Shay se aproximou de nós.

— Ei! Você conseguiu! — disse ele.

Mas Shay estava franzindo a testa.

— O que há de errado? — perguntei.

Os ombros dele estavam tensos.

— Anika disse que ainda não acabou — respondeu ele.

VINTE E NOVE



À medida que a notícia sobre o fim da batalha espalhou-se, Inquisidores foram se reunindo a nossa volta. Alguns estavam aglomerados, cochichando e observando a biblioteca destruída em estado de perplexidade. Alguns se moviam rapidamente, com a mão na massa, no trabalho prático de resgate, reunindo as pilhas de livros espalhadas pelo piso e os levando embora. Alguns haviam se voluntariado para cuidar dos enterros e carregavam solenemente os restos dos mortos-vivos, agora de volta ao seu estado natural.

— Como assim, ainda não acabou? — Arrepiei-me toda.

Anika passou por nós.

— Venham comigo.

Nós a seguimos até o que havia restado da parede da biblioteca. A lareira de pedra, solitária e austera, parecia intocada pela força que havia destruído tanto da mansão.

Inclinei-me para Bryn e sussurrei:

— Chame os demais até aqui. — Uma ansiedade crescente serpenteava por minhas veias.

— Não entendo — disse Shay. — Bosque foi embora. Foi banido. Assim como os monstros dele. — Ele apontou para a escuridão silenciosa da lareira vazia. — A Fenda já era.

— Não já era — disse Anika. — Foi parcialmente fechada.

— Quer dizer que pode ser reaberta? — perguntei.

Ela fez que sim para mim, mas se dirigiu a Shay.

— E é por isso que você precisa vedá-la.

Ele semicerrou os olhos.

— Como?

— A Fenda não pode ser destruída, mas a Cruz Elementar serve como um cadeado, cerrando-a para o nosso mundo.

Relaxe um pouco quando Bryn voltou com meus outros companheiros de matilha,

juntamente com Connor, Adne e Ethan. Anika olhou de relance para os Guardiões e então olhou de modo firme para os Inquisidores. Ethan baixou os olhos, mexendo os dedos nervosamente, e Connor passou a mão pelo cabelo, preocupado.

O que estava acontecendo?

Adne me encarou sem hesitar, mas havia tristeza em seus olhos — uma tristeza recente, que nada tinha a ver com a morte do irmão, uma tristeza que deixou minha nunca arrepiada.

— E se alguém a abrir? — perguntou Shay.

— Você é o único que pode manusear as espadas — Anika tocou as espadas cruzadas esculpidas no emblema de seu cordão. — Ninguém mais será capaz de abri-la.

— Então não passe para o lado negro da força, OK? — disse Connor.

Adne deu uma cotovelada nas costelas de Connor, que olhou feio para ela.

Agora, eu tinha certeza de que estavam escondendo alguma coisa.

Olhei para Anika e falei com firmeza.

— E isso é tudo?

Ela conseguiu me encarar apenas por um instante e então desviou os olhos. Shay também detectou que havia algo errado e perguntou: — O quê?

A tensão sobrecarregou o ambiente. Meus companheiros de matilha olharam aflitos para mim. Cravei as unhas nas palmas da mão. Meu pai rosnava ao meu lado.

— Estão nos traindo? — Ele olhou ameaçadoramente para Anika.

— Não! — Ela se aproximou e assumiu um ar autoritário. — É apenas o que deve ser feito.

— De que droga está falando? — Shay deu um passo à frente.

Os lábios de Anika contraíram-se em uma linha. Connor se posicionou entre o Progenito e a Seta.

— Temos que contar a verdade, Anika — disse ele. — Devemos isso a eles. Devemos bem mais que isso.

Ethan empalideceu, as veias em seu pescoço latejavam. Sabine ergueu o rosto para fitá-lo, confusa. Ele não conseguia encará-la.

Anika se virou e contemplou a lareira vazia, mas aumentou o tom de voz para que todos a escutássemos.

— Quando você baniu o Precursor, ele foi enviado para as Trevas, junto com seus servos. Mas sua corrupção permanece aqui, vivendo graças às formas que os Defensores utilizaram para manipular a terra.

Meu coração endureceu feito pedra. Lembrei-me de Silas olhando para mim como se eu fosse um espécime, chamando a mim e minha gente de aberrações.

Mostrei as presas para as costas de Anika.

— Está falando de nós — disse eu.

— Também — afirmou ela sem se virar. — Os Guardiões são algumas das modificações criadas pelos Defensores ao longo dos séculos vivendo na terra. Outra modificação é o prolongamento de suas vidas.

— Anika — disse Shay. — Se a Fenda for vedada, o que acontecerá com os Guardiões?

Ela se virou lentamente para nós.

— Quando a Cruz Elementar trancar a Fenda, ela restaurará o equilíbrio da natureza, fazendo com que todas as criaturas recobrem sua verdadeira essência.

— O que isso quer dizer? — perguntou Shay, franzindo a testa.

Olhei Anika, atônita pela verdade que se acomodava em meus ossos.

— Quer dizer que seremos lobos — disse eu.

Ela confirmou com a cabeça, cruzando os braços.

— Mas vocês já são lobos — disse Shay, ainda franzindo a testa.

— Não — respondi lentamente. — Seremos apenas lobos. Não mais humanos. — Fitei Anika. — Estou certa?

— Está — disse Anika. — Os Guardiões foram feitos das feras que governavam suas almas, forçados a terem também um corpo humano para assim servirem aos Defensores.

— Não seremos mais capazes de mudar de forma? — perguntou Mason.

— Vocês vão retornar ao que verdadeiramente são — disse Anika.

Sabine lançou um olhar fulminante para Ethan e perguntou: — Você sabia disso?

Os músculos do rosto dele se moveram quando ele foi forçado a encarar os olhos furiosos de Sabine.

— Sabia.

Ela o empurrou.

— Você não me disse nada!

Ele a pegou pelos braços, segurando-a com força e disse: — Me desculpa.

— Por quê? — Ela tremia, olhando-o enfurecida.

— Não achei que sobreviveríamos para ver isso. — Ele sorriu tristemente, enquanto a apertava contra o peito. — Odeio essa ideia também, Sabine. Não quero te perder.

Uma dor profunda formava-se dentro de mim, pois Sabine e Ethan não eram os únicos apaixonados que me preocupavam. Procurei por Ansel e o encontrei trêmulo e pálido. Bryn estava ao lado dele, com olhos arregalados e incrédulos.

Shay olhou para onde eu estava olhando. Deu meia-volta e agitou o punho para Anika.

— Não — disse ele. — Nem pensar.

— Precisa fazer isso.

— Você não pode fazer isso com eles! — Os gritos de Shay chamaram a atenção

dos Inquisidores na biblioteca.

Eles se aproximaram lentamente. Alguns guerreiros nos cercaram, alguns ficaram ao lado Anika com as mãos casualmente próximas de suas armas.

— Merda. — Connor massageou as têmporas. — Anika, não podemos lutar contra estes Guardiões. Eles são nossos amigos. Arriscaram a vida por nós.

— Não temos escolha. — Os olhos de Anika eram severos. — A Fenda deve ser vedada.

— Não! — Ansel passou na frente de Bryn. Tess o segurou, impedindo-o que tocasse Anika. — Esta é minha família! Não posso ficar sozinho.

Tess se inclinou até ele.

— Você vai ficar conosco, Ansel. Tomaremos conta de você.

Ansel começou a chorar intensamente. Meu pai o arrancou dos braços de Tess.

— Ansel — murmurou ele. — Encontre a força dentro de você. Você vai conseguir sobreviver a isso.

Olhei perplexa para o meu pai, sem acreditar no que escutava.

— Você quer que isso aconteça? — perguntei.

— Não é questão de querer, Calla — disse ele, lentamente. — É algo necessário. O mal que os Defensores trouxeram para este mundo não pode voltar.

A voz de Mason me surpreendeu.

— Ele tem razão, Calla.

Ao lado dele, Nev assentia com a cabeça.

— Somos lobos. É o que sempre fomos.

Ansel secou o rosto, com os olhos em Mason, que foi até ele e o puxou para um abraço feroz.

— Sinto muito, cara.

— Não sinta — disse Ansel, sorrindo debilmente. — Meu pai tem razão. Vou sobreviver e precisamos fazer isso.

— Ansel. — Minha voz falhou.

— Está tudo bem, mana. — O sorriso de Ansel continuava hesitante. Seus olhos dirigiram-se para Bryn, cheios de remorso. Senti muito frio, recordando suas palavras no jardim da Academia.

“Tudo o que sou é menos do que eu era. E nunca mais poderei ser mais. Mais cedo ou mais tarde Bryn vai se dar conta disso. E ela irá embora. E será melhor assim.”

Meu corpo estremeceu enquanto eu tentava encontrar uma alternativa. O olhar do meu pai sobre mim era firme. Uma parte de mim sabia que ele tinha razão, assim como Anika. Os Defensores desvirtuavam tudo neste mundo. A Terra devia se livrar de qualquer vestígio de influência deles. Não era a ideia de ser totalmente lobo que me afligia. Tal possibilidade era estranha, mas de alguma forma também era

estimulante. O lado selvagem da vida tocava as partes mais profundas da minha alma. E sabia que meu pai, Mason e Nev já se rendiam a essa realidade.

Mas outra parte de mim desmoronava, derrotada. Havíamos chegado tão longe para perder tanta coisa? Não conseguia imaginar a vida sem Ansel correndo ao meu lado. Ele fazia parte da minha matilha, era meu irmão. Seu lugar era ao nosso lado. E ao lado de Bryn.

Ela chorava, tentando tocar Ansel, embora ele se afastasse dela, balançando a cabeça.

— Esperem. — Sabine escapou do abraço de Ethan e correu na direção de Anika. Os Inquisidores ao lado dela empunharam suas espadas e bloquearam a passagem. Ethan soltou um palavrão e apontou a balestra para eles.

— Ora, por favor. — Sabine revirou os olhos. — Não vou atacar você. Só quero perguntar uma coisa.

Anika ergueu as sobrancelhas.

— Quando Ansel nos contou como os Guardiões eram feitos, ele disse que vocês não fariam isso por ele.

— É verdade — confirmou Anika. — Violaria nosso código de conduta. Não podemos destruir um lobo para criar um Guardião.

Sabine respirou fundo.

— E se vocês não estivessem destruindo um lobo?

Ethan baixou a balestra lentamente e disse:

— Sabine, não.

Ela o ignorou e dirigiu os olhos para Ansel.

— E se fosse algo voluntário?

Eu a olhei, atônita. Ela não podia estar oferecendo o que eu desconfiava que estava. Poderia?

— Não compreendo — disse Anika.

Ansel arregalou os olhos.

— Você faria isso? — perguntou ele.

Ela fez que sim e olhou de volta para Anika.

— Se for possível.

Ethan correu até Sabine e disse:

— Pare com isso. É demais para você.

— A decisão não é sua. — Sabine pôs a mão no peito dele.

Ele fechou suas mãos na dela, mas não a deteve quando ela se virou para Anika.

— Se eu lhe der a minha essência de lobo — disse Sabine, com voz decidida —, você pode dá-la a Ansel?

— Posso. — Anika fitou-a atentamente por um bom tempo. — Mas apenas se você o fizer por livre e espontânea vontade.

Ansel tremia e seu rosto estampava medo e esperança.

— Meu Deus, Sabine — sussurrou Bryn.

Ethan virou Sabine para que o encarasse e disse:

— Espera.

— Você está tão desesperado assim para se ver livre de mim? — Sabine deu um sorriso irônico.

— Claro que não. — Ele cravou os dedos no braço dela, como se temesse deixá-la ir. — Acha que deixaria você partir se tivesse escolha?

— Então por que está argumentando comigo? — perguntou ela.

— Porque não quero que faça isso por mim — disse ele. — Não posso pedir isso a você.

— Não estou fazendo isso por você. — Ela se esticou para beijá-lo delicadamente. — Você é apenas um bônus.

Ethan entrelaçou os dedos nos de Sabine.

— Tem certeza?

— Ter voltado a Vail — disse ela —, fingido que pertencia àquele lugar. Isso me fez lembrar de que nunca seria feliz com aquela vida.

— Aquela vida acabou — intervim. — Os Defensores se foram. — Por mais que quisesse o lobo do meu irmão resgatado, precisava ter certeza de que Sabine poderia encontrar a felicidade longe da matilha.

— Eu sei, Calla — disse ela. — Já fiz a minha escolha.

Nev foi até Sabine e a abraçou.

— É isso mesmo o que quer? — perguntou ele.

Ela fez que sim e apoiou a cabeça no pescoço dele.

— Vamos sentir sua falta — disse Nev, beijando-a no rosto. Sabine se virou e encarou Anika. — Faço por livre e espontânea vontade. Tire o lobo de mim e transforme Ansel em um Guardião outra vez.

Bryn se atirou em Sabine, abraçando-a e soluçando.

— Ah, para com isso. — Sabine rosnou, mas seus olhos também lacrimejavam. — Que drama.

Anika fez um gesto para Tess.

— Precisaremos de um Elixir para essa tarefa.

Tess assentiu com a cabeça e abriu caminho entre os Inquisidores, saindo da biblioteca.

A Seta analisou a matilha reunida.

— Se fizermos isso, vocês aceitam que a Fenda seja vedada?

Meu pai e eu trocamos olhares. Abri a boca para falar, mas Shay foi mais rápido e disse: — Não.

Anika e eu o encaramos, chocadas.

— Por quê? — perguntou Anika.

Shay balançou a cabeça devagar, com um olhar pesaroso para mim.

— Tem mais uma coisa. Algo que preciso saber antes de concordar em fazer isso.

— Anika o fitou, esperando, e Shay prosseguiu: — Os Guardiões voltarão a ser lobos.

Anika fez que sim.

Os olhos de Shay ficaram severos ao se fixarem nos meus.

— E o que vai acontecer comigo? — perguntou ele.

Minha pulsação saltou quando Anika empalideceu. Comecei a tremer ao conceber o motivo da pergunta de Shay. Ele não tinha nascido lobo. Eu o havia transformado. Ao imaginar o resto da vida como loba, Shay estaria ao meu lado. Nunca me passou pela cabeça que, ao deixarmos nossas formas humanas para trás, as origens de Shay pudessem impedi-lo de nos seguir.

Mas será que ele queria nos seguir? Sua objeção devia-se ao fato de que não queria viver o resto da vida como um lobo?

Anika continuou sem respondê-lo.

— Também sou lobo — argumentou ele. — Mas nem sempre fui.

Ela concordou com a cabeça, ainda desconfortável.

— O que vai me acontecer depois que a Fenda estiver selada? — perguntou ele.

Olhei os rostos de meus companheiros Inquisidores. Connor, Ethan e Adne observavam Anika. Não consegui captar nenhuma pista na expressão deles.

Anika agarrou o medalhão pendurado no pescoço e suspirou.

— Sinto muito, Shay.

Shay engoliu em seco.

— Por quê?

— Porque, simplesmente, não sabemos.

TRINTA



— Como assim, vocês não sabem? — Shay trincou os dentes.

Anika se manteve firme, apesar do olhar ameaçador de Shay.

— Não tínhamos como imaginar que você seria transformado em um alfa Guardião.

Ela me olhou e me senti constrangida.

— Você nasceu humano — disse ela. — O mais provável é que permaneça conosco.

— Não como lobo — sussurrou ele. — Tem certeza?

Algo dentro de mim começou a gritar.

— Como pode dizer isso? — interpelou Mason. — Ele é um lobo. É um de nós.

Nev concordou com a cabeça, olhando para Shay.

— Você sempre foi lobo, cara. A mudança foi só um detalhe técnico.

— É verdade? — perguntou Shay para Anika. — Será que poderia me transformar em lobo?

— Quando a Fenda for vedada, você vai se transformar na sua verdadeira essência — disse Anika. — Essa é a única resposta que posso lhe dar.

— Eu... — A voz de Shay falhou.

— Shay. — Sarah aproximou-se dele, colocando o braço sobre os ombros de Shay e envolvendo-o. — Sabe que isso deve ser feito.

Ele fitou a mãe. Os olhos dela eram dóceis, cheios de amor.

Meu coração baqueou, senti um peso enorme no peito. Se Shay permanecesse humano, ele poderia ficar com a mãe. Conhecer os pais que haviam sido roubados dele. Teria uma nova vida.

Mas eu não teria o parceiro que tanto desejei, caçando ao meu lado, liderando nossa matilha.

Shay me fitava, como se meus pensamentos o tivessem atraído.

— Calla?

Esforcei-me para engolir o nó na garganta e disse:

— Anika tem razão.

Ele recuou, como se minhas palavras o tivessem ferido, mas fez que sim com a cabeça. Anika curvou a cabeça e me disse:

— Obrigada.

Shay não disse nada.

— Esperem um segundo — disse Connor. — Se Sabine pôde escolher ser humana, todos os Guardiões não podem fazer o mesmo também?

— Sabine deu sua essência de lobo para Ansel — explicou Anika. — Se os demais optassem pela vida humana, significaria que teríamos que destruir a parte deles que se mantém para sempre lobo.

Estremeci.

— Como os Defensores fizeram com Ansel.

Ela fez que sim.

— Mas vocês seriam humanos — disse Connor. — Então, copo meio cheio em vez de meio vazio, certo?

— Cara — disse Nev. — Obviamente, você nunca foi lobo.

— Sabine preferiu o lado humano — argumentou Connor.

— Para mim é diferente — disse Sabine ao estremecer também. — A vida em matilha nunca representou para mim o que representa para os demais.

— Você viu como Ansel ficou depois que seu lado lobo foi destruído — comentei. — Ele ficou devastado. O lobo é a nossa essência. Não há escolha para nós.

Ethan franziu a testa para Sabine.

— Esse negócio vai machucar você?

— Fisicamente, sim — respondeu ela. — Sei que será doloroso, mas é o que quero. O lobo de Ansel foi arrancado dele de forma violenta. Ele tem estado de luto por uma vida que lhe roubaram. Eu estou escolhendo me tornar apenas humana. É diferente.

— E vocês sentem o mesmo que Ansel? — perguntou Connor. — Preferem ser lobos?

— Somos uma matilha — respondeu Mason. — Nosso lugar é na floresta.

— Mas e a música de vocês? — Adne olhava Nev.

— O que você acha que fazemos quando uivamos? — Nev sorriu.

— Não consigo entender — comentou Connor.

— Não esperava que você entendesse — falei. — Mas se pudesse correr conosco, caçar conosco. Se a lua convocasse você para dentro da floresta à meia-noite... Então você entenderia como nos sentimos.

Connor me olhou, ainda confuso, mas eu observava Shay. Seus olhos estavam sombrios. Caminhei até ficar ao lado dele.

— Mas você entende — sussurrei. — Você entende.

Ele fez que sim. Entrelaçando seus dedos nos meus. Shay me apertou tão forte que doeu.

— Me lembro da noite em que você me transformou. Caçamos sob a luz da lua. Corremos quilômetros e não me cansei. Não há nada igual no mundo.

Fiquei olhando para ele, deixando que as memórias me invadissem. Meu companheiro. Meu alfa. Não queria correr pelos bosques sem ele ao meu lado. Mas o que eu queria perdia o valor em face ao que precisava ser feito. Eu tinha decidido seguir meu coração, ir atrás do meu amor proibido, mas nem eu nem Shay tínhamos escolha agora.

— Sinto muito — murmurei finalmente, apoiando minha cabeça em seu pescoço. — Mas precisamos fazer isso.

— Eu sei — disse ele, e então colocou as mãos em volta do meu queixo e me beijou.

— Anika? — Tess estava ao lado de uma mulher vestida com um robe com um grande capuz azul que reluziu como a superfície do mar quando ela se curvou para a Seta. Uma multidão de Inquisidores e Guardiões curiosos, alguns em forma de lobos, alguns de humanos, havia abarrotado a biblioteca, espremendo-nos.

Anika estendeu a mão para a Elixir.

— Obrigada por ter vindo, Miriam.

Quando Sabine e Ansel se encaminharam para a Elixir, andei pela multidão até alcançar Shay novamente. Quando toquei seu braço, ele me deu um sorriso desanimado e voltou seu olhar rapidamente para a ação que começava próximo a nós.

— Um sacrifício e tanto o que Sabine está fazendo — disse Shay.

— É, sim — concordei. — Acho que ela está certa. Será mais feliz desta forma.

— Mais feliz — repetiu ele em voz baixa.

— Como está se sentindo? — perguntei.

— Não sei mesmo — respondeu ele. — Não sei o que sentir... Talvez seja melhor assim. — Então ele me fitou novamente, desta vez olhando bem nos meus olhos, e perguntou:

— E você?

— Estou com medo. — Peguei na mão dele. Nunca tinha dito isso antes, mas era verdade. Eu estava prestes a perder Shay e estava aterrorizada. — Se tivéssemos alguma escolha...

— Eu sei. — Ele se inclinou e me beijou. — Eu sei, Calla. Não precisa se desculpar. Não quero que faça isso.

Ele me envolveu em seus braços e ficamos observando Miriam instruir Ansel e Sabine a juntarem as mãos. A Elixir pressionou as pontas dos dedos contra as

têmporas. Começou a murmurar algo. Uma torrente silenciosa, mas veloz, começou a fluir de seus lábios.

Sabine arquejou. Ethan avançou na direção dela, mas Connor o deteve.

— Precisa deixar que ela faça isso sozinha — disse Connor.

Ethan trincou os dentes e ficou angustiado ao ver que o arquejo de Sabine transformou-se em um grito.

A respiração de Ansel ficou pesada, e ele não parecia sentir a mesma dor que Sabine. Sabine voltou a gritar. No mesmo instante, Ansel gritou também, mas seu grito tornou-se um uivo. Onde há um minuto havia estado um menino, agora um jovem lobo sacudia o focinho.

— Está feito. — Miriam se curvou para Anika.

— Sabine! — Ethan correu por entre os curiosos para chegar até ela. Sabine permanecia de joelhos e seu corpo tremia.

Ela ergueu a mão.

— Estou bem. Vou ficar bem. — Mas ela não se opôs quando ele a tomou nos braços.

Um lobo cor de bronze correu entre os Inquisidores, atirando-se contra Ansel. Bryn latia e saltava, tocando-o com a pata e lambendo-lhe o focinho. Dois outros lobos saltaram por entre a multidão. Nev e Mason deram mordiscadas e latiram ao rodear Ansel. O grupo reunido logo se tornou uma confusão de rabos balançando.

— Você precisa ir com eles — disse Shay. — Você é a alfa deles.

Virei-me em seus braços.

— Você também.

— Não mais. — Seu sorriso foi interrompido e ele balançou a cabeça. — Se é que algum dia fui.

— Shay...

— Vá. — Ele se desvencilhou e se afastou, desaparecendo em meio à multidão de Inquisidores atrás de nós.

Resignadas com a abrupta divergência de nossos rumos, mudei de forma e corri para me juntar à matilha.

Ansel! Entranhei-me entre Mason e Nev para tocar o focinho em meu irmão.

Não consigo acreditar. Ansel latiu, girando em círculos. *Simplesmente não consigo acreditar.*

Não existiria matilha sem você. Mordi a orelha dele suavemente. *Ninguém é tão divertido como você para eu bancar a chefe.*

Quando Nev de repente soltou um ganido, girei e vi Sabine de pé, próxima de nós. Ela continuava apoiada em Ethan, observando-nos.

Ansel mudou para a forma humana e foi até ela.

— Está se sentindo bem? — perguntou ela, com um sorriso que quase lhe chegou

aos olhos.

Ele fez que sim com a cabeça e perguntou:

— Você está bem?

— Vou ficar — respondeu ela.

Ansel estendeu os braços timidamente para ela. Sabine riu e caiu em seu abraço.

— Obrigado. — Ele a abraçou forte. — Eu lhe devo tudo.

— Faça Bryn feliz — disse Sabine. — Eu meio que gosto dela.

Ansel sorriu, mas então olhou Ethan de modo severo.

— E por falar nisso, se algum dia magoá-la, vou atrás de você.

— Terei isso em mente — disse Ethan, sorrindo.

Anika surgiu ao nosso lado e meu bom humor sumiu. Shay estava ao lado dela, o olhar dele era determinado.

— Chegou a hora — disse Anika.

Peguei Shay pela mão e fomos até a lareira. Meu pai me acompanhou.

— Vou levar a matilha para fora — disse ele. — Não acho boa ideia ficarmos confinados quando a transformação acontecer.

Fiz que sim com a cabeça.

— Entendo se você quiser ficar perto. — Ele fitou Shay. — Mas não espere muito.

— Eu sei.

— Você vai partir antes de tudo acabar? — perguntou Shay, depois que meu pai mudou de forma e trotou rumo à parede demolida. Os demais lobos começaram a segui-lo, reunindo-se no terreno nevado do lado de fora da mansão Rowan.

— Não vou embora — respondi. — Mas vou manter a distância. Os lobos quando se sentem encurralados são perigosos. Se ficar aqui dentro...

Ele me interrompeu.

— Eu entendo.

Nev, Mason, Bryn e Ansel correram pela biblioteca, mudando para a forma humana até parar ao lado de Shay.

— Vocês deveriam ir com meu pai — sugeri. — Não é seguro ficarmos aqui.

— Claro — concordou Mason, que pôs um dos braços ao redor de Shay. — Mas você não achou que iríamos embora sem dizer adeus, né?

— Dizer até logo — balbuciou Ansel, olhando para o chão. — Até logo.

— Estamos torcendo por você, cara. — Nev agarrou na mão de Shay. — Time dos Lobos!

Shay esboçou um sorriso.

— Obrigado.

— Não importa o que aconteça, cuide-se. — Mason puxou-o para um abraço.

— Vou me cuidar — respondeu Shay.

Nev cumprimentou Shay com um breve aceno com a cabeça antes de ele e Mason voltarem para a forma de lobo, deixando-nos com Bryn e Ansel.

Bryn não conseguiu dizer nada. Ficou olhando para mim e Shay, fungando e enxugando os olhos. Ela tentou pronunciar algumas palavras, mas não encontrou fôlego entre os soluços. Finalmente, ela estendeu as mãos, agarrou Shay e o beijou no rosto. Então se transformou em um lobo cor de bronze e correu para longe de nós.

Ansel tinha as mãos enfiadas nos bolsos. Chutou o chão e balançou a cabeça.

— Você merece ficar com a matilha mais do que eu — disse ele.

— Deixa de ser bobo. — Shay abraçou Ansel. — Você está exatamente onde deve estar.

Ansel apertou Shay e murmurou algo tão baixo que não consegui ouvi-lo. Shay sorriu de leve.

— Nos vemos daqui a pouco — disse Ansel a ele. Em seguida ele se distanciou correndo.

Shay me observava atentamente. Ergui a sobrancelha ao notar a peculiar expressão estampada em seu rosto. Ele parecia se esforçar para não rir.

— O que ele disse?

— Ele disse que não posso ficar com os Inquisidores — respondeu Shay, sorrindo. — Porque sou o único capaz de impedir você de pegar no pé dele.

— Não pego no pé dele — neguei, retribuindo o sorriso. — A não ser quando ele merece.

— Shay! — Anika chamou para que fôssemos até a lareira.

— Acho que não dá mais para adiar isso. — Shay começou a se virar. Agarrei seu braço e o virei de volta para mim. Envolvi-o pelo pescoço, moldando meu corpo no seu. Quando o beijei, deixei todo o sentimento que havia reprimido até então fluir em meu abraço. Precisava que Shay soubesse o que eu sentia, o que eu queria, por que tinha tanto medo de deixá-lo ir embora. Ele deslizou as mãos por minhas costas, pressionando meus ombros.

Prolonguei o beijo até precisar me afastar.

Ele contornou meus lábios com os dedos e disse:

— Obrigado por ter me salvado.

— Não salvei você — respondi. — Foi você quem banuiu o Precursor.

Ele se inclinou, tocando seus lábios em minha boca.

— Não estou falando de hoje.

Os olhares dos Inquisidores reunidos estavam todos fixos em Shay, quando caminhamos até Anika.

— Você vai precisar da Cruz Elementar. — Ela apontou para as espadas nas costas de Shay.

— O que tenho que fazer? — perguntou Shay a ela.

— Segure as espadas no alto, de forma a criarem a marca do Progenito — explicou ela. — E diga as seguintes palavras quando estiver terminado: “*obtineo porta*.”

— *Obtineo porta* — murmurou ele.

Uma fátia de luz verde acendeu nas profundezas da lareira, como se uma enorme pálpebra houvesse se aberto sutilmente.

Shay olhou para Anika.

— Ainda está lá, não está?

Ela fez que sim com a cabeça, olhando a estrutura de pedra que retornara à escuridão.

— É por isso que precisa ser feito.

Shay endireitou a postura dos ombros.

Os Inquisidores presentes na biblioteca ficaram em silêncio, observando Shay ir na direção da Fenda escondida.

Shay segurou as espadas e as ergueu para o alto. A espada de terra e ar, ele segurava verticalmente, enquanto a de água e fogo cruzava a outra na horizontal. Ele deu um suspiro demorado e fez uma pausa, virando-se para me fitar.

Eu o acompanhei, com uma das mãos em suas costas, um pouco abaixo de sua nuca, para que meus dedos acariciassem a tatuagem da cruz em sua pele. Ele estremeceu.

— Não sei se vou conseguir.

— Você precisa — falei, mas as batidas do meu coração estavam pesadas e lentas, como se um pedaço de carne estivesse sendo esmagado no chão por um martelo.

— Não posso deixar você, Calla.

Fechei os olhos, ciente do que ele sentia, pois a mesma tristeza dilacerava meu coração. Eu já havia perdido alguém que amava naquele mesmo dia e no próximo minuto perderia outro. Mas o que mais poderíamos fazer?

O mundo criado pelos Defensores havia sido construído com maldade e cobiça. Não era um mundo que pudéssemos tolerar. Ele precisava acabar, não importava o que isso custaria.

Obriguei-me a abrir os olhos e encontrei as íris de Shay, cor de musgo invernal, brilhando suavemente. Inclinei-me para frente e beijei sua tatuagem.

— Eu te amo.

Espalhei os dedos por suas costas, torcendo para que de alguma forma o universo ouvisse minha súplica: que a essência de lobo de Shay prevalecesse à humana. Se isso não acontecesse... eu estaria só.

Tinha minha matilha, mas ficaria com ela? Se Shay não viesse comigo, já imaginava o que aconteceria. Eu me tornaria um lobo solitário, vagando sem rumo.

Meu pai se tornaria o alfa das matilhas como sempre fora.

Talvez fosse assim que as coisas deveriam ser.

— Calla. — Shay franziu as sobrancelhas. Ele notou meus pelos arrepiados nos braços e meus músculos trêmulos.

— Eu te amo — sussurrei uma última vez e me virei lentamente para o ar noturno e os uivos convocatórios de minha matilha. — Vede a Fenda.

TRINTA E UM



Sempre gostei da guerra, mas quando a última batalha termina, o que resta da vida de um guerreiro?

Shay encarou o vazio da lareira. Ele virou as espadas lentamente, enquanto recitava o cântico. E então onde nada havia, a escuridão começou a se mover. Sombras grudaram na Cruz Elementar, agarrando as lâminas, afastando Shay. Quando as espadas deram um giro de noventa graus, Shay ficou petrificado. A escuridão ficou sólida, fixando a espada, mas entre as sombras cor de ébano brilhava uma luz suave, opalescente como estrelas brilhantes.

A luz fluiu pelas espadas e tocou os dedos de Shay, fazendo-me tremer. Como laçarotes brilhantes, enlaçava-o nos braços e peito. Quando a luz passou por seu pescoço e encontrou meus dedos, os tentáculos reluzentes reivindicaram meu corpo também.

A luz ficou ainda mais brilhante até que não consegui enxergar mais nada — nem mesmo Shay, embora ainda sentisse meus dedos no pescoço dele —, nada além do ar tremeluzente ao meu redor. Um ar vivo graças à força.

Achei que fosse doer. Ansel tinha dito que, ao arrancarem fora o seu lobo, a sensação foi a mesma que ser dilacerado e queimado vivo.

Mas não doeu. Nem um pouco. Não houve dor. Apenas uma sensação de leveza, alegria e tonteira, como um voo. Como um fardo que não me pertencia sendo elevado.

De repente descobri a verdade e as luzes ao meu redor explodiram.

Estou livre.

TRINTA E DOIS



Não olhem à importância do mal passado,
mas só à importância do bem futuro

— Thomas Hobbes, *Leviatã*.

Sabine tremia, e se arrependeu de não ter levado com ela o suéter que Ethan havia lhe oferecido. A luz do sol era filtrada pelo andaime que se estendia pela beirada da Mansão Rowan, mas as lonas que protegiam o interior da biblioteca da parte externa não amenizavam o frio de dezembro.

E os aquecedores simplesmente não estavam dando vazão.

Ela fechou mais uma caixa com fita crepe e escreveu as palavras *História — Século XVII* em preto no topo. Quase todos os livros que havia empacotado até o momento pareciam ser de história. História daquelas bem antigas mesmo. Será que não havia nenhum livro interessante por aqui?

— Ainda não acabou? — Ethan entrou na biblioteca. — Por que todos estes livros continuam espalhados?

— Vou fingir que você não disse isso. — Ela carregou a caixa até a pilha crescente que seria levada para a Academia, onde seria catalogada e guardada. — E assim posso continuar a gostar de você.

Ethan riu. Ela foi até ele, esfregando os braços. Ele franziu a testa e tirou sua longa jaqueta de couro, colocando-a sobre os ombros de Sabine.

— Deveria ter trazido o suéter — disse ele.

— É, eu sei — respondeu ela, aconchegando-se no calor deixado pelo corpo de Ethan no interior da jaqueta. — Você tinha razão. Pode se gabar. Da próxima vez eu é que terei razão.

Sabine olhou para a construção do outro lado da biblioteca.

— Sabe que esse lugar ficaria mais quente bem mais rápido se vocês não precisassem encomendar pedras especiais para reconstruir esse lugar.

— Esse lugar faz parte da nossa lista nacional de Lugares Históricos. — Ele deu de ombros. — Pedra especial é obrigatória.

— Que ótimo — disse Sabine. — Meu traseiro está congelando.

— Sêrio? — Ele arregalou os olhos. — Isso seria uma tragédia. Preciso verificar.

Ela deu um berro quando ele avançou em sua direção. Ele corria atrás dela ao redor da pilha de caixas quando um portal tremeluzente se abriu.

— Irra! — Connor saltou para dentro da biblioteca.

Adne veio logo atrás deles, balançando a cabeça.

— Connor, não diga “irra”. Você não é caubói, não importa o quanto deseje ser.

Ela fechou o portal e deu um giro para encará-lo, com as mãos na cintura.

— Perdoe-me se a ofendo, pequena dama — disse ele, fingindo tocar a ponta do chapéu.

Ela fez uma careta, mas logo começou a gargalhar quando ele começou a fazer cócegas nela.

— Para! — grunhiu ela. — Para com isso! Retiro o que disse. Você pode ser um caubói!

Connor pegou-a com um dos braços, sorrindo para Ethan.

— Então, como foi? — perguntou ele. — Você os encontrou?

Sabine desviou o olhar. Connor tinha feito a pergunta que ela não havia conseguido fazer, mas que passava por sua cabeça desde o retorno de Ethan.

Ethan pigarreou ao notar que Sabine tinha ficado tensa.

— É. Não foi difícil. Estavam bem onde pensávamos que estariam.

— Bom e velho território. — Connor deu de ombros. — Faz sentido.

— Mas é meio estranho — disse Adne. — Não acham? Voltar para Haldis depois de tudo o que aconteceu.

— É o território deles — comentou Sabine, fitando-a por um instante e então olhando ao longe novamente. — Eles pertencem àquela montanha.

Ela hesitou e então sua voz tornou-se mais suave ao perguntar:

— Eles parecem estar felizes?

— Parecem de verdade. — Ethan se aproximou dela. Seus dedos tocaram seu braço. — Você devia vir comigo da próxima vez. Para vê-los.

Sabine conseguiu sorrir ao se deparar com a doçura nos olhos dele, embora seu coração estivesse ferido.

— Talvez.

— Sabine...

Ela se virou de frente para ele, ergueu o braço e pousou a palma da mão na garganta de Ethan. Sentiu a pulsação dele palpitar em sua pele por alguns segundos antes de voltar a falar.

— Isso é passado. Estou aqui agora. Com você.

— Não quer vê-los? — perguntou ele, franzindo a testa.

Ela baixou os olhos, não querendo que ele visse a dor em seus olhos. Ele a encontraria certamente. Ele sempre a encontrava, mas, às vezes, Sabine desejava mantê-la velada dos novos companheiros. Era grata pela amizade deles e pelo amor de Ethan. Não queria que o passado arruinasse a esperança que tinha do futuro.

— E quanto à outra matilha? — perguntou ela.

— Foram para o lado oeste da montanha — disse Ethan. — A matilha de Stephen assumiu o controle da antiga matilha Bane. O restante dos Bane opositores foi embora depois da luta.

— É justo.

— Também achei.

— Então a alfa teve seu final feliz — comentou Connor. — Mas e como nosso garoto está se adaptando à nova função?

— Não que eu seja um *expert* no assunto, mas parece estar se dando bem. — Ethan envolveu os braços ao redor de Sabine, que inclinou as costas para ele.

— Me dá um pouco de pena do Tristan e da Sarah — comentou Adne, ao subir na mesa. Ela balançava as pernas para frente e para trás, enquanto meditava. — Eles ficaram aproximadamente dez minutos juntos. E então perderam o filho de novo.

— Eles não perderam o filho — disse Ethan. — Não exatamente.

— Difícilmente vão fazer um piquenique em família na floresta — disse Connor.

— Você consegue falar sério em algum momento? — perguntou Sabine.

Connor lançou um sorriso para ela.

— Não, a não ser que seja absolutamente necessário. — Ele franziu a testa para Adne e perguntou: — Por que se sente mal por eles? Achei que tivesse conversado com a Sarah e, você sabe, explicado sobre Calla.

— E expliquei — confirmou Adne. — E acho que estão se esforçando para ficarem felizes por Shay, mas ainda assim sentem que o perderam.

— Mas fiquei aliviado por ele ter saído correndo da biblioteca quando virou lobo — comentou Connor. — Por que se houvesse atacado Anika, Ethan teria acertado o Progenito pouco depois de ele ter salvado o mundo. Podem imaginar? Que *bizarro*.

— Você realmente não é tão engraçado — disse Adne.

— Sou, sim. — Connor sorriu.

— Sabine? — Adne lhe lançou um olhar suplicante. — Pode me dar uma ajudinha aqui?

Sabine fez língua para Connor.

— Concordo plenamente. — Adne sorriu divertida.

— Ethan também tem direito a voto — interveio Connor. — Ethan?

— Eu me abstenho. — Ethan riu. — Não, esperem. Detesto ter que defender as piadinhas de Connor, mas desta vez ele tem razão. Todos os lobos, inclusive o

Progenito, correram para as montanhas. Acho que isso foi bom. Se tivessem nos atacado, teria sido desagradável.

— Acho que estavam sendo chamados para voltarem para casa — ponderou Adne. — De volta para a natureza. Eles não tinham nenhum motivo para se interessar por nós.

— Vocês acham que eles se lembram? — perguntou Connor. — Quando Shay se transformou em lobo, acham que ele sabia o que estava acontecendo?

— Não há como sabermos — respondeu Adne.

Sabine apertou os braços de Ethan contra seu corpo.

— Que bom que ele se transformou. Shay e Calla foram feitos para ficarem juntos. Desde sempre.

Ethan se curvou e beijou Sabine na cabeça.

— Sei como é isso.

— Aparentemente, a terra também achou que eles deveriam ficar juntos — comentou Adne. — E então, vocês estão prontos? Estou faminta e Anika tem uma tarefa para mim daqui a duas horas. Não quero perder o jantar.

— Qual é exatamente o seu trabalho agora? — perguntou Sabine. — A guerra acabou.

— Você quer dizer *nosso* trabalho. — Adne sorriu para ela. — Agora você faz parte do clube. E não vamos deixar que se esqueça disso.

— Vamos precisar ficar de olho naquilo. — Connor apontou para o que antes tinha sido a lareira da biblioteca.

Uma porta de ferro enorme ocupava a moldura de pedra. A Cruz Elementar estava no centro dela, dando a impressão de que as espadas haviam sido soldadas na barreira de metal.

— Garantir que nenhum malfeitor tente mexer com isso aí.

— Como Logan? — perguntou Sabine.

— Logan — disse Adne — e qualquer outro Defensor que ainda não tenha passado da data de validade humana. Não há muitos deles, mas alguns continuam por aí.

— E nós voltaremos a fazer o que fazíamos antes dessa guerra começar — disse Connor.

— Vocês se lembram de algo que aconteceu há tanto tempo? — perguntou.

— Com certeza alguém escreveu sobre isso em algum lugar. — Connor sorriu.

— Antes de os Defensores e Inquisidores existirem, éramos um grupo só — explicou Adne. — Trabalhávamos para garantir que ninguém maltratasse o terreno da magia ou se metesse com forças que não deveriam ser usadas.

— Éramos chamados de *Conatus* — disse Ethan.

— Por falar em nomes — comentou Connor —, já que não estamos mais à

procura do Progenito, vamos ganhar um novo nome para o nosso grupo?

Ethan deu de ombros.

— Pergunte a Anika.

— Poderíamos ser Conatus novamente — disse Adne.

— Isso foi há seiscentos anos — disse Connor. — Meu voto é não. Além disso, os primeiros Defensores eram Conatus. Compartilhar um nome com um Defensor faria com que me sentisse sujo.

— Tudo bem. — Adne ignorou a provocação. — Só acho que usar o latim acrescentaria mais dignidade a nossa causa. Vamos. Podemos debater o assunto durante o jantar.

Ela começou a tecer o portal.

— Dignidade? — Ethan se afastou de Sabine e sorriu para Adne. — Praticamente ninguém mais fala latim. Seria um saco ter que explicar o significado da palavra toda a vez que a gente conhecesse alguém. Além disso, nenhum grupo do qual Connor faça parte pode ter dignidade.

— Ei! — Connor o empurrou.

Sabine riu. Seu sorriso era totalmente travesso.

— Tenho um nome para a gente — disse ela.

Ethan tocou o rosto de Sabine e ergueu seu queixo com os dedos. Quando ela olhou fundo nos olhos azuis dele, o mundo abriu-se, como sempre acontecia quando ela o olhava nos olhos.

— Tudo bem, linda. Qual o nosso novo nome? — perguntou ele.

— Guardiões.

O sorriso dele ficou mais dócil.

— Talvez demore um pouco para a gente se acostumar. Mas até que combina bem com a situação.

Ele se inclinou e a beijou suavemente.

— Vocês vêm com a gente? — perguntou Connor retornando para o portal. — Ou vamos ter que esperar acabarem o amasso?

— Ai, deixa eles em paz. — Adne o agarrou pela camisa e o empurrou na direção do portal reluzente. — Por que você está tão mal-humorado?

Connor massageou o estômago.

— Estou com fome.

— O jantar está logo ali. — Adne apontou para a passagem luminosa.

— Esperem — disse Sabine. — Eu... quero vê-los. Preciso vê-los. Só mais uma vez.

— Agora? — Connor franziu a testa.

Adne puxou Connor e fechou o portal com dois movimentos rápidos das adagas escocesas.

— Seu estômago pode esperar, Connor.

— Com certeza, precisamos ter uma conversa para que você conheça melhor o meu estômago. — Connor riu.

— Tem certeza? — perguntou Adne.

— Por favor. — O coração de Sabine batia forte, enquanto Adne tecia um novo portal. Ficou sem respirar por um instante, quando a paisagem familiar, nas proximidades de Haldis, ganhou forma do outro lado do portal.

— Está preparada? — Ethan pegou a mão dela e Sabine fez que sim com a cabeça. Só que não era uma questão de estar preparada. Era uma necessidade: ver a matilha, ver que o mundo estava em harmonia novamente.

Connor se dirigiu ao portal, mas Adne o agarrou pelo braço.

— Não — disse ela. — Deixe os dois a sós.

— Nada de jantar nem caça a lobos? — disse Connor. — Que mulher cruel você é.

— Você sempre soube disso. — Adne fez um gesto para que Ethan e Sabine atravessassem o portal.

O formigamento já familiar da passagem pelo portal deu lugar ao frio implacável. O vento rodopiava constante contra o corpo de Sabine; rajadas ocasionais a faziam estremecer. Fechou o casaco de Ethan o quanto ainda era possível.

— O frio está de matar, amor — disse ele, entregando a ela um binóculo. — Não é a minha intenção apressar você...

— Só preciso de alguns minutos — disse ela.

Sabine escalou até o espinhaço onde Adne tinha aberto o portal e se acomodou sob a cobertura de um pinheiro. Ajustou o binóculo nos olhos e perscrutou a caverna Haldis.

Não demorou muito para avistá-los. Os lobos celebravam uma presa recém-abatida. A matilha estava agrupada ao redor de uma enorme carcaça de corça e se divertiam enquanto preparavam o banquete.

Ansel e Bryn corriam atrás um do outro na entrada da caverna, levantando nuvens de neve com as patas. Mason mordida a carne do veado, seu focinho cheio de sangue. Nev se achava sentado ao lado, com a língua dobrada como se Mason tivesse acabado de lhe contar uma piada.

Um lobo branco saiu da caverna. Os olhos dourados de Calla observaram a matilha. Um lobo marrom-dourado surgiu de dentro da floresta para cumprimentá-la. Shay cercou Calla, mordiscando-a até ela dar um latido de protesto. Para Sabine, soou como uma gargalhada.

Os dois alfas corriam juntos até a presa, lambendo e tocando o focinho um do outro. Mason e Nev se levantaram quando ela chegou, baixaram as cabeças e balançaram os rabos. Calla latiu novamente e Ansel e Bryn se juntaram à matilha.

Os lobos estavam reunidos para desfrutarem a caça.

Sabine ficou de pé, satisfeita em ver os amigos em segurança e contentes. Quando se moveu, Calla ergueu a cabeça. Seus olhos estavam fixos na direção de Sabine. Apesar da distância entre elas, Sabine teria jurado que Calla olhava diretamente para ela.

As orelhas do lobo branco mexeram para frente e para trás. Ela ergueu o focinho e uivou. O som invadiu Sabine com uma sensação de doçura misturada com tristeza. Os outros lobos uniram-se ao canto, suas vozes familiares confundindo-se ao vento. Sabine os observou por mais um minuto e então se virou e se afastou com Ethan.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

Ela lhe entregou o binóculo.

— Eles estão felizes. Então, também estou.

— Que bom. — Ethan foi até o portal, mas Sabine hesitou quando o vento tocou-lhe os cabelos, sua carícia gelada chamando-a para a floresta. Virou-se e ouviu o som ecoando na rigorosa brisa invernal. A voz de Nev destacou-se entre as demais no coral dos lobos. Sabine ficou na dúvida se, de alguma forma, eles sabiam que ela estava lá e estariam dizendo adeus ou mesmo pedindo que ela ficasse com eles.

— Sabine? — Ethan esperou sob a luz do portal, observando-a. Ela o pegou pela mão. Os uivos dos lobos ainda ecoavam pela floresta atrás dela, porém Sabine não precisava mais olhar para trás. Com Ethan ao seu lado, entrou no portal de luz rumo ao seu novo mundo.

AGRADECIMENTOS

Um livro é uma jornada — uma série de uma épica jornada — e uma viagem como esta é mais plena com companheiros entusiasmados e talentosos. Tive muita sorte por nunca me faltarem incríveis colegas editores, que acabaram se tornando amigos queridos. Estarei sempre em dívida com a talentosa e incansável InkWell Management. Com Charlie Olsen e Richard Pine por seu apoio e sua orientação, além do entusiasmo em perfeita sintonia com minhas alegrias e, às vezes, com minhas neuroses. Lyndsey Blessing é um furacão quando o assunto é leis internacionais de direito autoral e agradeço a ela por isso! Durante a elaboração do livro, a série Nightshade encontrou lares em vinte e quatro territórios e o número continua crescendo. Obrigada, também, aos maravilhosos editores, tradutores e subagentes ao redor do globo.

O primeiro lar de Nightshade sempre será a Philomel Books. Minha gratidão a Michael Green é cheia de amizade e doçura. Nunca encontrarei as palavras apropriadas para descrever o editor maravilhoso, atencioso e hábil que é Jill Santopolo. Obrigada também a Julia Johnson e Tamra Tuller por todo seu trabalho árduo. Por terem feito meus livros chegarem aos leitores, agradeço às maravilhosas equipes de vendas, marketing e publicidade da Penguin Young Readers: Emily Romero, Lisa DeGroff, Erin Dempsey, Jackie Engel, Casey McIntyre, Caroline Sun, Scottie Bowditch, RasShahn Johnson-Baker, Courtney Wood, Anna Jarzab, os representantes de vendas, e, sobretudo, a Shanta Newlin por tudo o que faz e por ter me salvado nos momentos de apuro. A beleza do livro é resultado do talento de Suza Scalora, Linda McCarthy, Katrina Damkoehler e Amy Wu.

Obrigada também a Jennifer Haller e Don Weisberg pela confiança e gentileza.

Amigos também têm sido meus constantes companheiros de viagem. Obrigada, Lisa Desrochers, por ser uma autora tão dedicada e criativa com quem pude intercambiar apreciações e críticas. Teria fracassado sem o apoio de meus amigos escritores, que também são exemplos para mim, especialmente David Levithan e Heather Brewer. Obrigada também aos meus colegas de trabalho do Macalester College, principalmente, Casey Jarrin, Marlon James, Lynn Hudson e Daylanne English. Aqui vai uma saudação cheia de gratidão aos meus alunos, cuja inteligência e cujo entusiasmo servem de combustível para mim. Obrigada também aos bibliotecários, professores e vendedores de livros que me receberam em seu mundo, cujo amor à literatura renova meu idealismo. Meu livro não iria a lugar nenhum sem a generosidade dos leitores e blogueiros. Não sei como agradecer a vocês por terem embarcado nesta viagem apaixonada com Calla e sua matilha.

Embora esta trilogia haja chegado ao fim, ela teve seu começo um dia. Serei

sempre grata ao apoio impressionante de minha cidade natal, particularmente, à multidão matutina na Golden Glow, que me mantém com os pés no chão. Meu irmão sempre me recorda que ir em busca de nossas paixões já é em si uma recompensa. Meu marido me faz rir e me abraça forte quando mais preciso. E agradeço aos meus pais, a quem dedico este livro, pois antes de haver livros, havia sonhos, sonhos estes que vocês nunca permitiram que esmaecessem na obscuridade. Obrigada.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Duelo ao luar - Nightshade 3

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/345843-duelo_ao_luar

Skoob da autora

<http://www.skoob.com.br/autor/4355-andrea-cremer>

Site da autora

<http://andreacremer.com/>

Trailer do livro

<https://www.youtube.com/watch?v=OLo2npBhWkI>

Goodreads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/3041100.Andrea_Cremer

Twitter da autora

<https://twitter.com/andreacremer>

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Obras da autora publicadas pela Galera Record](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[**AR | Parte I**](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[**ÁGUA | Parte II**](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[QUATORZE](#)

[QUINZE](#)

[**FOGO | Parte III**](#)

[DEZESSEIS](#)

[DEZESSETE](#)

[DEZOITO](#)

[DEZENOVE](#)

[VINTE](#)

[VINTE E UM](#)

[VINTE E DOIS](#)

[VINTE E TRÊS](#)

[VINTE E QUATRO](#)

[VINTE E CINCO](#)

[VINTE E SEIS](#)

[VINTE E SETE](#)

[VINTE E OITO](#)

[VINTE E NOVE](#)

[TRINTA](#)

[TRINTA E UM](#)

[TRINTA E DOIS](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[Colofon](#)

[Saiba mais](#)